

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

DIANINA RAQUEL SILVA RABELO

**UM OLHAR PARA O CÉU E PARA AS PEDRAS: CONHECIMENTO CIENTÍFICO
NO *LAPIDARIO* DE AFONSO X DE CASTELA – TEORIA E PRÁTICA MÉDICA
(SÉCULO XIII)**

GOIÂNIA

2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

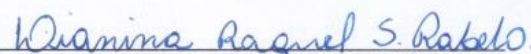
Nome completo do autor: Dianina Raquel Silva Rabelo

Título do trabalho: Um olhar para o céu e para as pedras: conhecimento científico no *Lapidario* de Afonso X de Castela – teoria e prática médica (Século XIII).

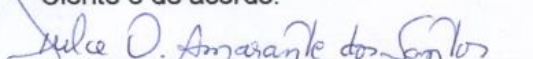
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 29 / 01 / 2020.

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

DIANINA RAQUEL SILVA RABELO

**UM OLHAR PARA O CÉU E PARA AS PEDRAS: CONHECIMENTO CIENTÍFICO
NO *LAPIDARIO* DE AFONSO X DE CASTELA – TEORIA E PRÁTICA MÉDICA
(SÉCULO XIII)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Área de concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: História, Memória e Imaginários Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Oliveira Amarante dos Santos.

Goiânia

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva Rabelo, Dianina Raquel
UM OLHAR PARA O CÉU E PARA AS PEDRAS: [manuscrito] :
CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO LAPIDARIO DE AFONSO X DE
CASTELA – TEORIA E PRÁTICA MÉDICA (SÉCULO XIII) / Dianina
Raquel Silva Rabelo. - 2019.
195 f.: il.

Orientador: Prof. Dulce Oliveira Amarante dos Santos.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2019.
Bibliografia.
Inclui siglas, abreviaturas, lista de figuras.

1. Ciência. 2. Medicina. 3. Astrologia. 4. Magia. 5. Afonso X. I.
Santos, Dulce Oliveira Amarante dos, orient. II. Título.

CDU 94(100)“652”+“653”



PPGH
PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA UFG

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Tese de Doutorado de **Dianina Raquel Silva Rabelo**. Aos 17 (dezesete) dias do mês de dezembro de dois mil e dezenove (2019), com início às 14h30, nas dependências da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Tese de Doutorado de **Dianina Raquel Silva Rabelo**, intitulada “UM OLHAR PARA O CÉU E PARA AS PEDRAS: CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO LAPIDÁRIO DE AFONSO X DE CASTELA – TEORIA E PRÁTICA MÉDICA (SÉCULO XIII)”. A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria nº092/2019-PPGH, de 02 de dezembro de 2019, pelos seguintes Professores Doutores: **Dulce Oliveira Amarante dos Santos (Presidente)**, **Susani Lemos França (UNESP/Franca)**, **Ademir Luis da Silva (UEG)**, **Maria Dailza da Conceição Fagundes (UEG)**, **Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)** e, como Suplentes, **Maria Eurydice de Barros Ribeiro (UnB)**, **Terezinha de Oliveira (UEM)**, **Armenia Maria de Souza (PPGH/UFG)** e **Adriana Vidotte (PPGH/UFG)**. Os Examinadores arguiram na ordem acima citada. Às 18:45 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo sido a candidata aprovada

Profa. Dra. **Susani Lemos França (UNESP)** videoconferência – Ass.: Susani S. J. França

Decisão (aprovada)

Prof. Dr. **Ademir Luis da Silva (UEG)** - Ass.: Ademir Luis da Silva

Decisão (Aprovada)

Prof. Dr. **Maria Dailza da Conceição Fagundes (UEG)** - Ass.: Maria Dailza C. Fagundes

Decisão (Aprovada)

Profa. Dra. **Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)** - Ass.: Ana Teresa Marques Gonçalves

Decisão (APROVADA)

Presidente da Banca Profa. Dra. **Dulce O. A. dos Santos** - Ass.: Dulce O. Amarante dos Santos

Decisão (Aprovada)

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou-a, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Cintila Alves Garcia, secretária do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Vice-Coordenador: [Assinatura]

Prof. Dr. **Jiani Fernando Langaro**

Secretária: [Assinatura]

Cintila Alves Garcia

Dedico esta pesquisa:

Aos meus pais, os quais sempre alimentaram grande admiração por minha dedicação e disciplina intelectual.

Também ao meu esposo, que esteve ao meu lado em todos os momentos de ampliação do estado da arte da pesquisa.

Com imensa gratidão e carinho, à minha grande amiga, companheira e inspiração em História Medieval, Maria Dailza da Conceição Fagundes.

Por fim, às minhas princesinhas Camila e Mariana, que com muito carinho ouviam minhas histórias e estórias da Idade Média.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Dulce Oliveira Amarante dos Santos, pelos ensinamentos no campo do ensino e da pesquisa em História Medieval e Ibérica, sobretudo pela erudição, seleção e manipulação das fontes.

À minha orientadora do Estágio Doutoral, Profa. Dra. Isabel Pérez de Tudela Velasco, pelas aulas e orientações no período de Estágio Doutoral na Universidade Complutense de Madrid, em especial pelos ensinamentos no campo da ciência astronômica medieval.

Às Profas. Dras. Ana Teresa Marques Gonçalves e Susani Silveira Lemos França, pela leitura atenta no exame de qualificação e pelas sugestões e críticas que contribuíram para a finalização desta tese.

À Profa. Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes, pelas leituras atentas e sugestões críticas fundamentais para a finalização da tese e, também, pelo apoio nos momentos cansativos e angustiantes da produção científica.

Ao Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva, pelas leituras e proposições metodológicas importantes para a percepção científica do medievo.

À Profa. Dra. Armênia Maria de Souza, pelas contribuições na minha trajetória pelo ensino e pela pesquisa e, ainda, pelo carinho, apoio e respeito pela área de estudos: a História Medieval.

À Profa. Mirela Adriele da Silva Castro, pelas leituras e correções linguísticas necessárias para a clareza da escrita da tese.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, pela gestão cuidadosa e séria com os assuntos acadêmicos e investigativos das teses dos alunos em geral.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão da bolsa PDSE (Programa de doutorado sanduíche no exterior).

À Universidade Complutense de Madrid, instituição que recebe inúmeros alunos estrangeiros e os acolhe como seus, fornecendo as mesmas condições e ambientes de ensino e pesquisa.

Seguramente esta tese não existiria se não fosse pelas instituições de ensino e pesquisa, professores e orientadores, bem como pela minha família, meus queridos amigos e alunos. Assim, estou em dívida com uma infinidade de instâncias e pessoas, familiares, amigos e alunos, por numerosos motivos, sobretudo com aqueles que compartilham comigo o interesse e o respeito pela área e pelo tema em estudo e que, por isso, tem se convertido com o passar do tempo em companheiros de aprendizagem. Assim, agradeço também:

À minha mãe, quem, pelo imenso amor e carinho, experienciou com tamanha angústia o distanciamento físico e mental durante meu processo de desenvolvimento científico e humano e ainda assim torceu, rezou e foi compreensiva.

Ao meu pai, quem, apesar de não conhecer muitos caminhos do mundo intelectual, possui uma sabedoria e conhecimento admirável e, por isso, também torceu e almejou tanto o resultado deste trabalho.

Às minhas irmãs, pelo carinho e apoio nos momentos necessários.

Ao meu esposo e grande companheiro, Chrystiano Alves de Souza, pelo carinho, apoio e dedicação nas caminhadas e buscas pelos arquivos e bibliotecas de Madrid e cercania, especialmente pela paciência e compreensão tão necessárias para suportar tantas ausências e tantas angústias que o cotidiano da pesquisa às vezes provoca.

Às minhas princesinhas Camila e Mariana, quem me alimentaram constantemente de esperança e alegria e, sobretudo, me responsabilizaram por motivá-las e inspirá-las para os vastos e promissores estudos da História.

Aos meus familiares, sobretudo à minha tia Maria Aparecida Silva de Oliveira, minha sogra Eva Márcia de Souza e meu sogro Jorge Antônio, pelo apoio, carinho, paciência e suporte durante a longa jornada de estudos.

Aos meus queridos alunos Rozineide Pereira Alves de França e Daybson Martoni Junior, os quais são também amigos, filhos e grandes companheiros de trabalho; além do apoio e motivação, me auxiliaram com inúmeras leituras e diálogos, os quais contribuíram para que as ideias se materializassem neste estudo final.

La negra tierra, a los muy infortunados mortales, no sólo engendra el mal, sino también el remedio de cada dolencia. La tierra engendra serpientes, pero también engendra remedio contra ellas. De la tierra procede todo el género de las piedras, y en ellas hay una fuerza infinita y diversa. Cuanto vigor tienen las raíces, tanto tienen las piedras. Grande es la fuerza de la raíz, pero mucho mayor es la de la piedra, ya que, en el instante de nacer, su madre le ha otorgado vigor inagotable y sin vejez. Aquélla, en cambio, muere, floreciente por breve tiempo, y sólo produce fruto mientras vive. Cuando expira ¿qué se puede esperar de una muerta? Entre las plantas puedes hallar abundancia de efectos nocivos y beneficiosos, pero en las piedras difícilmente encontrarías funesto daño. Ciertamente existen tantas piedras como hierbas [...].

Anónimo, *Lapidario Órfico*, século II.

En verdad, queremos conocer las virtudes ocultas de las piedras,
cuya causa escondida produce efectos manifiestos,
para que parezca algo egregio y fuera de lo común.
En efecto, la ciencia lapidaria favorece el hábil tratamiento de
[los médicos,
pues sabe expulsar las enfermedades con la ayuda de las piedras.
Y de ahí, nada menos, nos vienen las ventajas de conocer
[las cosas ciertas,
según atestiguan los autores que hablan de estos
[saberes profundos.
Y a nadie le debe de parecer ni dudoso ni falso
el que sus virtudes estén divinamente infusas dentro de las
[gemas:
Muy grande es la virtud dada a las hierbas, y mucho mayor la de
[las gemas.

Marbodo, bispo de Rennes, *Lapidario*, século XI.

RESUMO

Esta tese tem como proposta analisar a teoria e a prática médica presentes no *Lapidario* afonsino, a partir das matrizes teóricas antigas e dos saberes científicos articulados e disponíveis na época. Nessa obra, produto do conhecimento científico medieval, destacaremos o ambiente de produção deste tratado: o *Scriptorium* afonsino. Essa expressão indica tanto o espaço físico da corte régia quanto o conjunto de colaboradores e suas técnicas de trabalho intelectual de tradução. Esse ambiente, sob a direção e a participação de Afonso X, constituiu-se num *locus* de produção científica, aglutinando homens de saber, cristãos, judeus e muçulmanos, num amplo trabalho de tradução e interpretação de todo um *corpus* científico greco-árabe, bem como de produção científica original. Os campos do saber abordados no *Scriptorium* abarcavam desde a Filosofia e a Teologia até a Matemática, a Medicina e, sobretudo, a Astronomia/Astrologia. Assim, o *Lapidario* consiste no resultado do trabalho de tradução do árabe para o castelhano, realizado pelo físico judeu Yheuda Mosca, o Menor, com a colaboração do clérigo García Perez, homens de saber e grandes conhecedores de línguas, além de Astronomia e de Medicina. Discute-se os saberes científicos recorridos para a elaboração de prescrições médicas com vistas à manutenção e/ou restauração da saúde: uma Medicina prática que, por meio da Mineralogia, dialoga com a Astronomia/Astrologia, bem como com a Magia, especialmente para a catalogação e prescrição de amuletos e talismãs e para a manipulação de medicamentos. Na obra em análise, um tratado de prática médica, o espectro de doenças abordadas é amplo, abarcando desde doenças de pele, doenças agudas e doenças crônicas. Ao longo dos seus tratados, é objeto de preocupação, ocupando amplo espaço e nível de aprofundamento, a melancolia e as doenças a ela associadas, com prescrições tanto preventivas quanto terapêuticas.

Palavras-chave: Ciência. Medicina. Astronomia. Astrologia. Magia. Afonso X.

ABSTRACT

This thesis proposes to analyze the medical theory and practice existing in the Lapidary of Alfonso X of Castile deriving out of the ancient theoretical matrices and the scientific knowledge which were articulated and available at the time. This piece is a product of medieval scientific knowledge; in our work, we will emphasize Alfonso's Scriptorium, which is the production environment of this treatise. This expression discloses both the physical area of the royal court and the body of collaborators and their techniques of the intellectual work of translation. Under Alfonso X's leadership and participation, this environment established a locus of scientific production by bringing together men of knowledge, Christians, Jews, and Muslims, in an extensive work of translation and interpretation of a whole Greek-Arabic scientific corpus, as well as original scientific production. The fields of knowledge comprised in the Scriptorium ranged from philosophy and theology to mathematics, medicine, and astronomy/astrology above all. In this manner, the Lapidary is the result of the translation from Arabic into Castilian by the Jewish physicist Yheuda Mosca, the Minor, with the collaboration of the cleric García Perez and, also, men of great general and language knowledge, as well as astronomy and medicine. We discuss the scientific knowledge used to develop medical prescriptions aimed at health maintenance and/or restoration: a practical medicine that dialogues with astronomy/astrology as well as with magic through mineralogy, especially for prescribing and cataloging amulets and talismans and manipulating medicines. In the work under review, a treatise on medical practice, there is a wide spectrum of diseases, ranging from skin, acute, and chronic diseases. Throughout his treatises, melancholy and associated diseases are matters of concern, embracing a wide space and a comprehensive deepening level, with both preventive and therapeutic prescriptions.

Keywords: Science. Medicine. Astronomy. Astrology. Magic. Alfonso X.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AXL	AFONSO X. <i>Lapidario</i>
AXSP	AFONSO X. <i>Las siete partidas</i>
AC	ARISTÓTELES. <i>Acerca del cielo</i>
AM	ARISTÓTELES. <i>Meteorológicos</i>
BGLM	BERNARDO DE GORDÔNIO. <i>Lilio de la Medicina</i>
BGDC	BERNARDO DE GORDÔNIO. <i>Tractatus de crisi et de diebus ceticis</i> [Tratado sobre a crise e os dias críticos]
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DDMM	DIOSCÓRIDES. <i>Plantas y remedios medicinales: de materia médica</i>
GPEA	GALENO. <i>De las pasiones y los errores del alma</i>
GCML	GALENO. <i>Sobre la composición de los medicamentos según los lugares</i>
GFTC	GALENO. <i>Las facultades del alma siguen los temperamentos del cuerpo</i>
HBLPC	HILDEGARDA DE BINGEN. <i>El Libro de las piedras que curan: sabiduría divina sobre la utilidad de las gemas</i>
ISE	ISIDORO DE SEVILLA. <i>Etimologias</i>
MBRLL	MARBODO, Bispo de Rennes. <i>Lapidario</i>
PHN	PLÍNIO. <i>História Natural</i>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O homem Zodiacal: correspondência entre as partes do corpo e os signos zodiacais	39
Figura 2 – Homem Microcósmico: correlação e correspondências entre o homem e o cosmos	40
Figura 3 – Diagrama cosmológico	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Representação da Melotesia Zodiacal e Planetária.....	37
Quadro 2 – Produção científica afonsina.....	58
Quadro 3 – Temperamentos e tipos humanos segundo o galenismo.....	92
Quadro 4 – Síntese das teorias galenistas.....	95
Quadro 5 – A organização das pedras segundo os graus dos signos do zodíaco	133
Quadro 6 – A organização das pedras segundo as fases dos signos.....	137
Quadro 7 – A organização das pedras segundo a conjunção dos planetas	141
Quadro 8 – A organização das pedras segundo as letras do alfabeto árabe: primeira parte...	143
Quadro 9 – A organização das pedras segundo as letras do alfabeto árabe: segunda parte ...	144
Quadro 10 – Aspectos da Lua em sua ascensão e descida	147
Quadro 11 – Principais indicações preventivas do <i>Lapidario</i> afonsino	150
Quadro 12 – Principais indicações curativas do <i>Lapidario</i> afonsino	152

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – CONHECIMENTO CIENTÍFICO MEDIEVAL: OS LAPIDÁRIOS..	26
1.1 O conhecimento científico na Península Ibérica no século XIII.....	26
1.2 Os lapidários científico-literários	43
<i>1.2.1 Lapidários medievais.....</i>	<i>45</i>
<i>1.2.2 A estrutura dos lapidários</i>	<i>46</i>
1.3 O <i>Scriptorium</i> afonsino de Toledo	54
<i>1.3.1 Os tradutores</i>	<i>60</i>
CAPÍTULO 2 – AS <i>AUCTORITATES</i> ANTIGAS DO <i>LAPIDARIO</i> DE AFONSO X....	64
2.1 Os prólogos do Lapidario de Afonso X.....	65
2.2 As influências teóricas	67
<i>2.2.1 Aristóteles e a Filosofia Natural</i>	<i>68</i>
<i>2.2.2 Ptolomeu e a Astronomia/Astrologia</i>	<i>75</i>
<i>2.2.3 O galenismo e a Medicina.....</i>	<i>89</i>
<i>2.2.3.1 O galenismo e as paixões ou acidentes da alma no <i>Lapidario</i> de Afonso X.....</i>	<i>99</i>
<i>2.2.4 Dioscórides e o galenismo: as matrizes antigas da <i>Farmacopeia</i>.....</i>	<i>107</i>
<i>2.2.5 A Magia Natural e a cosmovisão neoplatônica.....</i>	<i>112</i>
CAPÍTULO 3 – TEORIA E PRÁTICA MÉDICA NO <i>LAPIDARIO</i> DE AFONSO X.	120
3.1 Saúde e doença: o pensamento analógico	120
<i>3.1.1 Pensamento analógico mineral</i>	<i>122</i>
<i>3.1.2 Pensamento analógico astrológico</i>	<i>132</i>
3.2 Prevenção e cura	149
3.3 As melezinas (medicamentos) no Lapidario de Afonso X e o pensamento analógico medieval.....	163
3.4 Medicina, Astronomia/Astrologia e Magia	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
FONTES E REFERÊNCIAS	191

INTRODUÇÃO

A tese aqui apresentada é resultado de uma investigação iniciada na graduação e que integrou o projeto “Caminhos cruzados: magia e ciência nos reinos ibéricos de Leão, Castela e Portugal (século XIII)”, com a análise da astronomia/astrologia e da magia no *Lapidario*¹ de Afonso X (1221-1284). Essa investigação foi ampliada no mestrado com a análise dos aspectos que compunham o imaginário medieval presente nessa obra em relação à cosmovisão dos homens medievais. Resulta, neste momento, numa pesquisa que tem como objetivo a análise do pensamento médico presente nesse lapidário.

Esta tese insere-se na História Social da Medicina e situa-se na linha de pesquisa “História, memória e imaginários sociais”, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. A proposta é, portanto, partir da perspectiva da História Social da Medicina tendo como fios condutores os conceitos de *physis* (natureza) e de ciência em seus diversos diálogos e contatos com os saberes da época, a fim de compreender o pensamento científico presente no *Lapidario* ou *Libro de las Piedras*, de Afonso X. Esse tratado foi uma das obras mais interessantes do *Scriptorium* afonsino, além de ser a primeira obra astrológica cuja tradução do árabe para o castelhano foi ordenada por Afonso X.

Afonso X (1221-1284) está associado a grandes dinastias da Europa, de uma parte ou de outra de sua linhagem: por linha paterna, filho de Fernando III, o Santo (1217-1252), rei de Castela e Leão, bisneto de Afonso VIII, o vencedor das Navas contra os mouros, e neto de Afonso IX de Leão; por linha materna, filho de Beatriz de Suábia, neta dos Imperadores Frederico I, do Ocidente, e de Isaac Angelos, do Oriente, bisneto de Leonor da Inglaterra, que

¹ O *Lapidario* de Afonso X está conservado em dois manuscritos: um deles do século XIII, o manuscrito Ms. H-I-15, localizado na Biblioteca do *Escorial*; e o manuscrito Ms. 1197, uma cópia fragmentária do século XVI, encadernada junto com outra cópia dos *Libros del saber de astronomia* [Livros do Saber de Astronomia], também de Afonso X, localizado na Biblioteca Nacional de Madri. Em 1279, esse manuscrito foi ampliado por meio do *Libro de las formas e imágenes que son en los cielos*, mais conhecido como *Tablas del Lapidario*, conservado também na Biblioteca do *Escorial*, sob o código Ms. H-I-16. Existem também duas edições fac-símiles do códice e, ainda, oito impressões. Hoje, trabalho com uma edição crítica impressa de 1981, bem como com o fac-símile do manuscrito, localizado na Biblioteca Nacional de Madri.

era filha de Leonor da Aquitânia, e, ainda, sobrinho de Frederico II, que se tornou herdeiro dos direitos ao Sacro Império Romano Germânico; por fim, o matrimônio com D. Violante lhe associou ao reino de Aragão.

Afonso X de Leão e Castela viveu no contexto da Reconquista da Península Ibérica do domínio árabe. Infante, já contava com uma expressiva experiência política e militar: em 1244, negociou com Aragão o tratado fronteiriço de Almizra; em 1246, participou da conquista de Jaén; e, em 1248, participou da conquista de Sevilha, dentre outros feitos políticos e militares. Sua juventude foi, portanto, marcada por um clima de grandes vitórias militares, tendo presenciado uma expressiva expansão territorial no reinado de seu pai. Um fator que deve ser somado à sua experiência política é o fato de este rei descender de uma tradição de grandes projetos políticos, como a política expansionista, cujo objetivo último era alcançar o título de Imperador do Sacro Império Romano Germânico. Além de participar de várias batalhas, herdou das campanhas militares de seu pai o domínio completo sobre al-Ândalus, seja por conquista ou pagamento de tributos.

A luta contra os mouros era uma realidade em seu cotidiano. Em contrapartida, depois de séculos de domínio árabe e da presença de muçulmanos, judeus e cristãos no reino castelhano, o contato cultural foi decisivo. Essa região estava marcada, portanto, por uma complexa realidade histórica e social: uma profunda interpenetração entre a cultura ocidental e a cultura oriental. Inserido nesse mundo, a formação intelectual de Afonso X configurou-se pelo contato e pela assimilação da cultura judaico-muçulmana, apesar de se mostrar respeitoso à cultura e à religiosidade latino-cristã.

Em 1240, Afonso X contraiu matrimônio com Violante de Aragão, numa relação política com Jaime I, o Conquistador, com o objetivo de garantir a paz com o reino de Aragão.² Assim, o início de seu reinado em 1252 foi promissor: ele já delineava suas linhas de

² Afonso X tinha por volta de vinte anos e Violante uns sete anos. Houve, portanto, um intervalo de mais ou menos sete anos para que o matrimônio se consumasse. Nesse intervalo, Afonso X teve vários filhos naturais.

atuação política, econômica e jurídica – continuar o projeto expansionista de seu pai e atuar em ações conjunturais, tais como questões legislativas, nobiliárquicas e enfrentamentos de revoltas internas.

Além do âmbito político, econômico e jurídico, Afonso X assumiu o trono com uma imagem de homem refinado, culto e, ainda, com curiosidade e abertura para o conhecimento de todos os saberes. Era, na época, portanto, um rei experiente: aos 30 anos, já tinha formação intelectual sólida e experiências políticas concretas. Acompanhado de um núcleo brilhante de sábios cristãos, mouros e judeus, reunidos em Toledo, foi responsável pelo mecenato de grandes poetas, artistas, músicos e, principalmente, homens de saber. Alcançou importante avanço na Astronomia, corrigiu erros dos antigos sistemas astronômicos, apresentou ao mundo suas inovadoras *Tablas Astronomicas*, mandou traduzir ao castelhano os livros árabes que reuniam significativos avanços em Astronomia e, ainda, protegeu astrônomos e astrólogos em seu reinado (SANCHEZ PEREZ, 1930, p. 60-61). Utilizou seu conhecimento científico e o de diversos intelectuais muçulmanos, judeus e cristãos para realizar uma obra que já havia sido iniciada no século XII: a intensa atividade científica, que se deu principalmente na cidade de Toledo, sob seu mecenato ainda infante, bem como depois de se tornar rei de Castela e Leão.

O conjunto da obra afonsina é constituída e agrupada por:

- 1) obras históricas: *Primera Crónica General* [Primera Crônica Geral] (história da Espanha), *Gran e General Estória* [História Geral] (história universal);
- 2) obras jurídicas: *Las siete partidas* [As sete partidas] (código legal baseado no direito romano e na tradição castelhana), *Fuero real* [Foro real] e *Espéculo*;

A celebração de consumação do matrimônio ocorreu em Valladolid, em 1249, quando Afonso X completara vinte e oito anos e Violante quinze. De seu matrimônio com Violante teve vários filhos: Beatriz (1254-1280), Fernando de la Cerda (1255-1275), Leonor (1256?-1275), Sancho (1258-1295), futuro herdeiro de Afonso X, Constanza (1259?-?), Pedro (1261-1283), Violante (1266?-?) e, finalmente, Jaime (1267-1284).

- 3) obras astronômicas: *Libros del saber de astronomia* [Livros do saber de astronomia] (contêm uma descrição das esferas celestes, das estrelas com suas coordenadas e dos instrumentos astronômicos da época), *Tablas astronómicas alfonsíes* [Tábuas astronômicas alfonsinas] (estudam os movimentos dos planetas e os livros de astronomia);
- 4) obras astrológicas: *Lapidario*, *Oitava esfera* [Oitava esfera] (livro das figuras das estrelas fixas que se localizavam no oitavo céu, ou seja, na oitava esfera), *Libro de los juegos de ajedrez, dados e tablas* [Livro dos jogos de xadrez, dados e tábuas] (livro que explica as regras do jogo de xadrez), *Libro de las estrellas fixas* [Livro das estrelas fixas], *Libro de las armellas* [Livro das armellas], *Azafea e Alcora*.
- 5) obras literárias em galego-português: *Cantigas de Santa Maria* (as quatrocentas e vinte canções de métrica dedicadas a narrar os milagres da Virgem), *Cantigas de escárnio e Calila e Dima* (coleção de fábulas com protagonistas humanos e animais).

A base da cultura castelhana se estruturou no esforço legado pelo bispo Isidoro de Sevilla (560-636). Depois desse teórico, não se encontra no campo científico outra figura que se iguale até que, no século XIII, apareça Afonso X. Seu nome está associado a um conjunto de atividades, algumas de natureza econômica, outras de natureza social. Suas obras literárias, jurídicas e históricas são mais conhecidas. Apesar disso, o maior legado de Afonso X está caracterizado pelo conjunto de suas obras científicas. Precisamente daí procede o adjetivo “Sábio”, com o qual habitualmente ficou conhecido. É justamente a esse aspecto que nossa pesquisa dará enfoque: o conhecimento científico que esse rei e um conjunto de intelectuais produziram a partir de um conjunto de saberes manejados de forma articulada e baseados nas teorias da época.

Para a composição desse *corpus* documental, no período de junho de 2015 a maio de 2016, realizei o Estágio de Doutorado Sanduíche na Espanha, na Universidade

Complutense de Madri, sob a orientação da professora Dra. María Isabel Pérez de Tudela y Velasco. Nesse estágio, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), foi possível adquirir as fontes mencionadas e ampliar o estado da arte sobre a temática, uma vez que a orientadora possui vasto domínio sobre o tema, além do fato de a Universidade contar com grande produção acadêmica sobre astronomia medieval.

Assim, nosso *corpus* documental principal é constituído por alguns tratados medievais, os quais evidenciam um tipo de produção científica sobre o mesmo tema – os minerais, denominados lapidários. Esse termo aplica-se, portanto, a certo gênero de obras em verso ou em prosa, pertencentes à literatura erudita da Antiguidade e da Idade Média. Trata-se, essencialmente, de catálogos de pedras, quase sempre preciosas ou semipreciosas, naturais e fabulosas, nos quais cada nome é seguido de uma exposição sobre o valor medicinal e/ou sobre as virtudes mágicas ou simbólicas das pedras catalogadas. Sua origem remonta à Mesopotâmia e à Pérsia, passando pela Grécia Clássica e mais tarde chegando ao Ocidente Medieval. Além dos lapidários, enciclopédias que abordam, dentre outros temas, os minerais, com o propósito, assim como aqueles, de catalogar cientificamente características e propriedades de um conjunto de pedras, sobretudo as propriedades médicas.

Dentre eles, a fonte principal, como mencionado acima, é o *Lapidario* de Afonso X. Nesse grupo, incluem-se também: o *Lapidario* de Marbodo, bispo de Rennes (1035-1123),³ e *El Libro de las piedras que curan: sabiduría sobre la utilidad de las gemas*, de Hildegarda de Bingen (1098-1179).⁴ Trabalhamos também com *Plantas y remedios*

³ Marbodo nasceu em Anjou, próximo à Angers. Nessa cidade ingressou, muito jovem, como aluno e, mais tarde, como mestre em retórica e direito na escola episcopal de Angers. A partir de 1069, dirigiu essa escola, em que alcançou reconhecimento intelectual. Nesse período, Marbodo esteve em Roma e em seu regresso escreveu várias *Vidas de santos*, corrigindo e adequando outros textos desta natureza já ultrapassados, em sua concepção, para a época. Em 1096, foi eleito bispo de Rennes, na Bretanha, pelo papa Urbano II durante o Concílio de Tours e permaneceu até 1123, quando renunciou ao cargo e se retirou para o mosteiro beneditino de Saint-Aubin, em Angers. Durante seu bispado em Rennes, Marbodo realizou reformas, procurando restabelecer a disciplina eclesiástica, que ele considerava necessária diante do desleixo em que os costumes da Bretanha se encontravam. Foi um poeta, orador, intelectual e grande conhecedor do latim.

⁴ Santa Hildegarda, de família nobre alemã, nasceu em Bermersheim vor der Höhe, região do Vale do Rio Reno, na Alemanha. Com oito anos de idade, foi confiada à abadessa Jutta de Spanheim, no mosteiro das

medicinales: de materia médica, de Dioscórides (50-70 d.C.);⁵ com a *História Natural*, de Plínio, o Velho (23-79 d.C.);⁶ e as *Etimologias*, de Isidoro de Sevilla (560-636),⁷ tendo em vista que essas obras dedicam alguns capítulos à catalogação e análise das propriedades de um conjunto de pedras, assim como porque consistiram na base dos lapidários medievais, seja pelas abordagens sobre as pedras, seja pelos cunhos médico e/ou farmacológico, dentre outros, nelas contidos.⁸ A análise dos lapidários e de obras enciclopédicas que contemplam o estudo de pedras nos proporciona uma aproximação do instrumental científico e, por

beneditinas de Disibodenberg. Posteriormente, se torna monja beneditina e, depois do falecimento de sua preceptora, se converte na nova abadessa do mosteiro. Com grande êxito, mais tarde fundou dois novos mosteiros – o de Rupertsberg, em 1148, e o de Bingen, em 1165. Desde a infância, Hildegarda relata ter tido visões, as quais permaneceram ao longo de sua vida e inspiraram suas obras. Assim, com quarenta e três anos de idade, teve as visões mais importantes, a partir das quais começa o trabalho de escrita, produzindo uma extensa obra, médica, literária e de caráter visionário: *Liber subtilitatum diversarum naturarum creaturarum* ou *Physica e Causae et Curae*, *Libros de las obras divinas*, *Liber civias Domini*, *Liber vitae meritum*, *Liber divinorum*, *Ordo Virtutum*, *Symphonia armonie celestium revelatum*, e outros. Aos 81 anos, Hildegarda faleceu, no convento de Eibingeim, onde passou seus últimos anos.

- ⁵ Pedânio Dioscórides nasceu em Anazarbo, cidade da Sílicia, na Ásia Menor. Estudou medicina em Tarsos e Alexandria. Trabalhando em Roma, se tornou cirurgião do exército romano durante os reinados de Cláudio e Nero, o que lhe permitiu acompanhar as legiões romanas por várias regiões do Império Romano e enriquecer seus conhecimentos acerca das plantas e de suas propriedades medicinais. Foi autor, ainda, de numerosas obras médicas, tais como *Acerca de los remedios venenosos*, *Acerca de los venenos lanzados por fieras* e *Acerca de los remedios simples*.
- ⁶ Plínio, o Velho, nasceu em Como, Norte da Itália, no reinado de Tibério. Estudou em Roma, cursando Direito, e ingressou na carreira política e militar. Tornou-se oficial e chefe das tropas de cavalaria na Germânia e procurador na Espanha, no norte da África e na Gália, o que lhe proporcionou ampliar seu horizonte espacial e cultural, bem como seu conhecimento acerca da natureza. Depois regressou a Roma e se afastou da vida militar devido ao endurecimento da tirania de Nero (54-68 d.C.). No Reinado de Vespasiano (69-79 d.C.), Plínio, o Velho, retomou a atuação política e militar, momento em que esteve mais fixo na corte do imperador. Portanto, em seus momentos livres se dedicava às atividades intelectuais. Foi nesse contexto, contando com certa tranquilidade, que escreveu a *História Natural*. Filósofo e naturalista romano do século I, Plínio, o Velho dedicou grande parte da sua vida à descoberta de conhecimentos sobre a natureza. Em 79, Plínio morreu na trágica erupção do vulcão Vesúvio, responsável pela destruição de Pompeia, Herculano e outras cidades menores ao redor.
- ⁷ Isidoro de Sevilla nasceu nessa cidade, numa família hispano-romana cristã. Foi ali que ingressou como aluno numa escola episcopal, adquirindo uma rigorosa formação intelectual e religiosa. Durante sua juventude se dedicou a estudar várias áreas do conhecimento, inclusive administrativo e político, momento em que sua leitura repousava em autoridades intelectuais como Santo Agostinho, Gregório Magno, Jerónimo, dentre outros (DIAZ Y DIAZ, 2004, p. 106). Mais tarde ingressou nessa escola como mestre, experiência que o tornou orador e formador de eruditos cristãos a serviço da Igreja e da sociedade de seu tempo. Membro de uma família episcopal e nobre, antes de tornar-se bispo exerceu funções eclesiais, como as de diácono e presbítero, bem como atuação político-religiosa, a exemplo da interferência direta na conversão dos reis visigodos ao cristianismo. No ano de 601, tornou-se bispo em Sevilha ao suceder seu irmão Leandro, permanecendo nessa posição até morrer. Isidoro de Sevilla foi um dos maiores pensadores de sua época, sendo canonizado em 1598 e declarado doutor da Igreja em 1722.
- ⁸ Trabalhamos com versões espanholas do *Lapidario*, de Afonso X, da *Materia médica*, de Dioscórides, e do *Libro de las piedras que curan*, de Santa Hildegarda; com uma tradução inglesa da *História Natural*; e com uma tradução espanhola das *Etimologias*.

consequente, do desenvolvimento e alcance da ciência desse período, bem como sua aproximação com os outros saberes produzidos e aceitos na época.

Além dos lapidários e das enciclopédias, que dedicam uma parte ao estudo das pedras, compõem nosso *corpus* alguns escritos de Filosofia Natural de Aristóteles (384-322 a.C.)⁹ e as obras do médico Claudio Galeno (130-200?)¹⁰ acerca da teoria médica humoral e sua prática. Essas produções científicas chegaram ao Ocidente via árabe e são denominados, respectivamente, aristotelismo e galenismo. Faz parte, ainda, desse *corpus* documental, alguns escritos astronômicos de Claudio Ptolomeu (100-174).¹¹ No conjunto, esses escritos constituem a base sobre a qual se estruturou o conhecimento científico medieval ocidental e, por conseguinte, o *Lapidario* de Afonso X.

Essa obra será analisada enquanto produto do conhecimento científico medieval.

Assim, destacaremos os saberes científicos recorridos para a manutenção ou restauração da

⁹ Aristóteles nasceu em 384 a.C., na cidade macedônica de Estagira, na Grécia Setentrional. Filho de um médico da Macedônia, Nicômaco, e de Festis, uma mulher afortunada, descendeu, portanto, de família aristocrática. Em 367 a.C. se mudou para Atenas para estudar com Platão, onde permaneceu por vinte anos. Os principais temas debatidos nesse ambiente e, por conseguinte, estudados por esse filósofo, eram os temas de interesse de Platão: metafísica, ética, lógica, política e epistemologia. Porém, provavelmente teve a oportunidade de se envolver em discussões sobre física e cosmologia. Com a morte de Platão, em 347 a.C., Aristóteles se mudou para a Ásia Menor, onde se casou com Pítias, sobrinha de Hérmiias, tirano de Asso. De volta à Macedônia, em 343 a.C., se tornou tutor de Alexandre, futuro Alexandre, o Grande. Depois de uma longa estância em Atenas, em 355 a.C. Aristóteles retornou a Atenas e fundou o Liceu, escola rival à Academia de Platão, onde escreveu a maioria dos escritos que sobreviveram até o presente, de forma sistematizada posteriormente.

¹⁰ Claudio Galeno nasceu em Pérgamo, na Ásia Menor, quando esta era colônia romana. Estudou medicina em diferentes centros: Pérgamo, sua cidade natal, e Corinto, na Grécia, e em Alexandria, no Egito. Na sua cidade natal, obteve formação em anatomia, cirurgia, terapêutica e, sobretudo, medicina hipocrática, e foi onde se tornou médico de gladiadores e atuou no ensino de aulas públicas. Aprendeu também técnicas de dissecação e vivissecação de animais para o estudo de artérias, nervos e músculos. Depois da morte de seu pai, foi viver em Roma, onde tornou-se médico da corte do imperador Marco Aurélio. Como médico dos gladiadores, realizou uma série de experiências anatomofisiológicas no intestino, no sistema respiratório e no sistema nervoso; fez experiências também no cérebro e na medula. A maioria de seus estudos, no entanto, se baseou na dissecação de animais, uma vez que nesse período era proibida a dissecação de cadáveres humanos. Em Roma escreveu uma vasta obra, da qual oitenta e três livros chegaram até nós.

¹¹ Claudio Ptolomeu nasceu em Ptolemaida, no Egito, entre os séculos I e II da era cristã, no período do imperador Marco Aurélio, quando o Egito era província do Império Romano. Viveu em Alexandria entre 127 e 151, onde se tornou um discípulo da escola de Alexandria. É, portanto, um homem de saber do mundo helenístico: um dos astrônomos mais conhecidos da Antiguidade. Sua obra principal é a *Gran composición matemática de la Astronomía* ou *Sintaxis matemática*, conhecida entre os gregos como *Gran composición* ou *Megale Syntaxis*, finalizada entre os anos de 146 e 147. Foi traduzida ao árabe no ano 817 por encargo do Califa Al-Ma'mūn, conhecida entre os árabes como *Al Magesti*, de onde derivou o nome pelo qual é universalmente conhecida: *Almagesto*. No século XIII, foi traduzida ao latim e ao castelhano pelos colaboradores de Afonso X. São também suas obras: *Las hipoteses de los planetas*, *Geografía*, *Tratado de gnomónica*, *Analemma*, *Tetrabiblos*, dentre outras.

saúde: uma Medicina prática que, para tanto, por meio da Mineralogia, dialogou com a Astronomia/Astrologia, bem como com a Magia, sobretudo para a catalogação e a prescrição de amuletos e talismãs e, não menos importante, para a manipulação de medicamentos.

O *Lapidario* de Afonso X é um conjunto de lapidários, escrito em prosa e o mais extenso que temos em mãos. O tratado é estruturado astronômica e astrologicamente de acordo com os astros e suas influências, descrevendo por volta de 500 pedras.¹² Quanto à estrutura, está constituído de quatro tratados mineralógicos, ordenados de acordo com os signos do zodíaco, as fases dos signos, a conjunção dos planetas e, por último, conforme o alfabeto árabe.¹³ Como é comum nos textos medievais, cada tratado possui um prólogo. Estes são de suma importância para a compreensão dos conteúdos abordados ao longo dos escritos, pois, além de fornecerem dados importantes a respeito da origem e fundamentação teórica da obra, também informam sobre o processo intelectual de tradução e compilação, ou seja, de reelaboração, estabelecem a intenção e a visão do autor sobre seu próprio trabalho, além de revelarem sua visão de mundo, sua concepção de ciência. O prólogo constitui-se, portanto, no ponto de contato entre o autor, o texto e o público (CARDENAS, 1990, p. 90). Os quatro tratados mineralógicos são independentes entre si quanto aos conteúdos e ligados uns aos outros pelos temas abordados (Medicina, Astronomia, Astrologia e Magia), pela tentativa de catalogar as virtudes das pedras e o mecanismo de obtenção de tais virtudes e, por último, pelos próprios prólogos.

Para abordar essas temáticas partimos, primeiro, da concepção de Guriévich (1990), para quem é preciso, para abordar os temas da Idade Média, aplicar a esse período os critérios adequados, estudá-la sob a luz de sua própria lógica e tentar compreendê-la em seu

¹² Falta, no documento, a descrição de 58 pedras. Chegou até nós, portanto, a descrição de 302 pedras.

¹³ *I Tratado* ou *Libro de las piedras según los grados de los signos del zodíaco* [Livro das pedras segundo os graus dos signos do zodíaco], composto por um prólogo e doze capítulos; *II Tratado* ou *Libro de las piedras según las fazes de los signos* [Livro das pedras segundo as fases dos signos], que possui um prólogo e trinta e seis capítulos; *III Tratado* ou *Libro de las piedras según la conjunción de las planetas* [Livro das pedras segundo a conjunção dos planetas], constituído de um prólogo e sessenta e três capítulos; *IV Tratado* ou *Libro de las piedras ordenadas por el ABC* [Livro das pedras ordenadas pelo alfabeto], composto por um prólogo e oito capítulos.

interior. Assim, para analisarmos o processo histórico objeto desta pesquisa, deveremos utilizar as categorias e as estruturas mentais da Idade Média, e não as nossas, já que as categorias adequadas nos oferecem a possibilidade de nos aproximar da concepção de mundo dos homens da Idade Média com mais amplitude (GURIÉVICH, 1990, p. 24-41).

Além de nos aproximarmos da Idade Média a partir de suas categorias mentais, entendemos que a análise de suas produções científicas, objeto desta pesquisa, prescinde de uma abordagem no campo do conhecimento científico, ou seja, da história das ciências. Para tal, partimos da concepção teórica de que não se pode considerar crenças ou teorias obsoletas menos científicas ou acientíficas porque foram descartadas. Ao contrário, considera-se as produções científicas e, por conseguinte, suas contribuições para o contexto histórico no qual foram produzidas, ou seja, historicamente orientadas. Nessa perspectiva histórica leva-se em conta, por exemplo, que embora a dinâmica aristotélica não seja uma teoria utilizada pelos cientistas contemporâneos, ela não é um erro, uma superstição, tampouco menos científica que as que surgiram posteriormente (KUHN, 1962, p. 19-22).

Pretende-se, assim, uma análise da produção do conhecimento científico na Idade Média, no campo da história das ciências, ou seja, epistemologicamente, no sentido francês, as ciências efetivamente existentes, e não uma teoria do conhecimento que tem como função “fundar” a ciência *a priori*; também uma história das ciências que se apresenta como uma história filosófica ou crítica; e, por fim, o ponto de partida para uma reflexão mais geral sobre o vir a ser da razão, sobre a historicidade da racionalidade, porque fazer a história das ciências é sempre se maravilhar diante do poder criativo da racionalidade (BRAUNSTEIN, 2008, p. 16-19).

Nessa perspectiva, este estudo objetiva compreender a importância e o alcance do conhecimento científico medieval para a comunidade científica da época, assim como para a sociedade medieval. Propõe-se, portanto, por meio da história das ciências, compreender a

utilidade do saber, do conhecimento científico produzido nesse período para a própria época: Castela no século XIII.

Esta pesquisa consiste, então, numa proposta de aproximação e análise da forma com que a comunidade científica medieval e, por conseguinte, os homens da Idade Média percebiam e compreendiam a relação entre a Medicina, a Astronomia/Astrologia e a Magia. Para tal, propõe-se principalmente a análise de um tipo de produção científica, os lapidários, considerando outras que constituíram as bases teóricas e científicas sobre as quais foram estruturadas, as quais fornecem uma amplitude do conhecimento científico da época. Dentre essas produções científicas, a fonte principal é o *Lapidario* de Afonso X.

Com referencial teórico no campo do conhecimento científico e, por consequência, da história das ciências, considera-se, nesta pesquisa, a forma de pensamento privilegiada do medievo: o pensamento analógico. Trata-se de um método extensivo que busca similitudes entre seres, coisas e fenômenos, todos numa totalidade que os ultrapassa e é comum a cada elemento. Um pensamento que privilegia a busca de semelhanças sem negar as diferenças entre os elementos comparados, sejam eles sociais, naturais ou supranaturais. Consiste, em vista disso, numa forma de leitura e compreensão do mundo segundo a qual os seus elementos possuem semelhanças funcionais.

Na Idade Média, pensar por analogia significava estabelecer conexões entre o mundo divino e o mundo humano, entre o modelo e suas imagens. Essa era uma concepção cristã segundo a qual as múltiplas criaturas da Criação (fauna, flora, pedras etc.) constituíam signos dispostos por Deus ao homem, devendo ser decifrados e compreendidos (FRANCO JÚNIOR, 2010, p. 93-97).

Assim, por integrarem a natureza e, ao mesmo tempo, serem constituídos pelos mesmos elementos, todas as criaturas se viam passíveis de conexões. É justamente nessa perspectiva que nos lapidários medievais encontra-se a concepção de que por meio das

pedras, por similitude, cientificamente poderiam encontrar um conjunto de práticas médicas com vistas à prevenção e à cura de enfermidades.

Os lapidários medievais possuem, cada um, dentre os elementos que os caracterizam como produções científicas, marcas peculiares, as quais fornecem uma estrutura ao conjunto da obra. O *Lapidario* afonsino é, principalmente, astrológico, o que faz com que as pedras sejam dispostas e analisadas a partir das teorias astrológicas. Nessa perspectiva, esse lapidário, compreendido como produção científica, visava a compreensão da natureza a partir da perspectiva da Filosofia Natural aristotélica e enquanto criação divina. Nesse sentido, nosso objetivo principal nesta pesquisa é analisá-lo em sua relação com os saberes científicos correntes na época, em que na prescrição das pedras prevalece a articulação entre a Medicina, a Astronomia/Astrologia e a Magia, visando a prevenção de doenças e, quando necessário, o tratamento para restabelecer a saúde. Assim, pretende-se identificar e analisar as influências teóricas presentes no *Lapidario* afonsino, estabelecer a relação entre o pensamento analógico e o galenismo medieval com os preceitos preventivos e terapêuticos nele contidos e, por fim, caracterizar e analisar sua prática médica a partir das prescrições das pedras para a prevenção e a cura.

Compreendendo os lapidários enquanto produção científica que visava responder problemas científicos, sobretudo de saúde, elencamos algumas questões norteadoras desta pesquisa: o que é ciência? O que é conhecimento científico? Os homens têm manejado os mesmos parâmetros científicos ao longo do tempo? Os homens da Idade Média produziram conhecimento científico? A produção intelectual desenvolvida no reinado de Afonso X, em Castela, possui caráter científico? Como os lapidários contribuíram para a prevenção e a terapêutica das enfermidades na época? Essas perguntas, aparentemente objetivas, são, na verdade, complexas e suscitam reflexões a serem respondidas nesta tese.

Partimos da hipótese inicial de que a absorção da Astrologia Árabe no Ocidente medieval gera um processo de constituição de uma visão de mundo a partir da Astronomia/Astrologia. Dessa forma, as produções científicas medievais no contexto em análise, dentre elas o *Lapidario* afonsino, consistem na materialização de uma produção científica com tal viés teórico. Por conseguinte, as influências teóricas desta obra também se encontram no âmbito da absorção de tal referencial científico.

Nessa perspectiva, este estudo é construído a partir de outras hipóteses em torno da ideia de que as três ciências (Medicina, Astronomia/Astrologia e Magia), a partir do viés científico da Astrologia Árabe, são articuladas para garantir a manutenção da saúde e/ou tratar doenças. Assim, soma-se às concepções médicas e farmacológicas que consideram as características e propriedades naturais das pedras para a prevenção e cura uma concepção científica que considera um conjunto de influências externas de suma importância para um bom aproveitamento de tais propriedades e, por conseguinte, conceber e realizar práticas preventivas e curativas.

Esta tese tem como eixo norteador a compreensão do *Lapidario* de Afonso X enquanto produção científica que possui caráter médico, astronômico/astrológico e mágico e, dessa maneira, visa, por meio de tais saberes, a prescrição de pedras para a prevenção e o tratamento de diversas enfermidades. Assim, foi estruturada em três capítulos. No primeiro, “Conhecimento científico medieval: os lapidários”, o foco é a caracterização e a análise do trabalho de produção científica em Castela no século XIII, assim como o ambiente intelectual no qual dava-se tal produção, com ênfase aos lapidários medievais. Do mesmo modo, os lapidários, muito popular na Idade Média, serão analisados enquanto um tipo de produção científica e literária que apresenta em sua estrutura o mesmo propósito: catalogar o máximo de informações acerca das pedras, tais como: sua natureza, suas virtudes, suas propriedades curativas. Além disso, analisa a produção científica do *scriptorium* afonsino.

No segundo capítulo, “As *auctoritates* antigas do *Lapidario* de Afonso X”, após a apresentação dos prólogos – que nos escritos medievais, além de apresentar a obra, indicam o seu referencial teórico, propõe-se compreender as matrizes teóricas da Antiguidade e da Idade Média, que influenciaram a produção científica do *Lapidario* afonsino. Explica as conexões estabelecidas entre a Filosofia Natural aristotélica, a Farmacopeia dioscoridiana e galenista, a Magia Natural neoplatônica e o galenismo médico, as quais possibilitaram a composição dessa obra em exame.

O terceiro capítulo, “Teoria e prática médica no *Lapidario* de Afonso X”, centra-se na análise das relações entre saúde e doença e o pensamento analógico presentes no *Lapidario* afonsino. Para tal, delinear-se-á o pensamento analógico mineral e astronômico/astrológico presente na obra para a compreensão de suas práticas preventivas e curativas, assim como a proposição de medicamentos a que esse tratado se dedica. Nessa perspectiva, centra-se a atenção sobre os saberes que se articulam em torno do pensamento analógico para a estruturação da concepção de saúde e doença e, portanto, para as prescrições de práticas preventivas e/ou curativas: a Medicina, a Astronomia/Astrologia e a Magia.

CAPÍTULO 1 – CONHECIMENTO CIENTÍFICO MEDIEVAL: OS LAPIDÁRIOS

1.1 O conhecimento científico na Península Ibérica no século XIII

[...] concepções da natureza aceites no passado não eram, no seu todo, nem menos científicas nem mais idiossincráticas do que as que são aceites hoje em dia.

[...] Teorias antiquadas não deixam, em princípio, de ser científicas pelo fato de terem sido abandonadas.

Thomas S. Kuhn (1962).

O primeiro esforço para a nossa análise acerca da Idade Média é identificar não o que os filósofos da natureza aristotélica precisavam para chegar aos conceitos newtonianos, mas o que nós, newtonianos por educação, necessitamos para chegar aos conceitos da Filosofia Natural aristotélica: partir da natureza como guia. Depois, ter em mente que as palavras, as ideias de Aristóteles nem sempre significaram para ele e para os homens de sua época o mesmo que significam para nós, newtonianos (KUHN, 2008, p. 200-202). Dessa forma, a contribuição científica medieval, também aristotélica, só pode ser compreendida se mensurada pelos conceitos manejados na sua própria época, e não pelos nossos. O que nos propomos, aqui, é justamente compreender as contribuições científicas, o alcance da ciência para o período e o espaço em análise, e não, ao contrário, para o nosso tempo. Ainda, nos propomos a identificar e a compreender os conceitos manejados na época.

Isso porque a preocupação do historiador da ciência é a interpretação das metas, concepções e soluções do passado tal como se deram no passado. Assim, os problemas principais com os quais se enfrenta este historiador da ciência são: quais perguntas faziam os homens sobre o mundo natural numa época determinada? Que respostas podiam dar? Que problemas detectavam os científicos de determinada época? (CROMBIE, 1959, p. 17-19).

O ponto de partida da nossa pesquisa é justamente a ideia de que os filósofos naturais da Idade Média se guiavam pela natureza, produzindo, portanto, um conhecimento científico que tinha como base a observação da natureza, cujo resultado apresentou, para a época, significativas contribuições para o campo científico.

Nessa perspectiva, ocupará nossa atenção a análise das contribuições do conhecimento científico medieval a partir da sua própria lógica, produzida por meio do pensamento lógico, baseado na Filosofia Natural aristotélica e, não menos importante, pelo pensamento analógico, baseado em analogias por meio de similitudes entre seres, coisas e fenômenos, articulados num todo que os ultrapassa e que é comum a cada elemento. Isso porque esses dois tipos de pensamento – o lógico e o analógico – constituíram, sobretudo na Baixa Idade Média, formas complementares de compreensão da natureza e, conseqüentemente, constituíram mecanismos de produção científica.

Na Alta Idade Média, o sistema de ensino caracterizou-se pelas sete artes liberais: o *trivium* (gramática, retórica e dialética) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia), e deu-se no âmbito dos mosteiros e, mais tarde, das escolas catedrálcias urbanas. Esses mosteiros foram responsáveis pela preservação de boa parte das obras da Antiguidade: seus *scriptoria* copiavam e traduziam do grego os textos antigos, assim como sintetizavam obras antigas que julgavam de valor intelectual e, ainda, parafraseavam trechos desses escritos em seus próprios tratados. Esse trabalho consistiu no enciclopedismo, muito praticado na Antiguidade Tardia e na Alta Idade Média.

No caso específico da Península Ibérica, com o domínio árabe a partir do século VIII desenvolveu-se, ademais, uma atividade científica a partir do contato com o legado científico greco-árabe – a produção científica andaluza. Assim, al-Ândalus¹⁴ e os reinos cristãos da Península passaram a ser, ao mesmo tempo, transmissores do conhecimento

¹⁴ al-Ândalus consiste na parte da Península Ibérica que esteve submetida a um domínio político estável por parte dos muçulmanos durante a Idade Média e na qual a língua árabe se difundiu como instrumento de cultura e ciência.

científico greco-árabe e produtores originais. Essa produção andaluza e sua herdeira (a castelhana na Baixa Idade Média), tinham caráter mais prático que teórico e objetivavam, nesse contexto, mais o uso e o consumo que a ampliação do campo do conhecimento.

Afonso X se viu atraído pela produção científica e pela cultura árabe, sem abandonar o interesse pela cultura clássica: Plínio, o Velho (23-79 d.C.), Santo Agostinho (354-430) e Isidoro de Sevilla (560-636) são exemplos de autores presentes em suas temáticas de investigação. A própria perspectiva enciclopédica, característica das produções científicas desses homens de saber, foram utilizadas por ele em suas obras na tentativa de inventariar o máximo de temas científicos.

Com o advento das Escolas de Tradutores de Salerno e Toledo ocorreu uma reintrodução da produção científica greco-árabe e das obras de Aristóteles na Europa Ocidental no final do século XII e início do século XIII. Com isso, o sistema antigo de ensino das sete artes liberais se enriqueceu, transformando-as em veículo de acesso ou auxiliar da Filosofia Natural. Além disso, a lógica, por meio do *Organon* aristotélico, entendida como instrumento de análise aplicável a todos os campos, passou a desempenhar papel significativo no novo currículo. Os temas do antigo *quadrivium* passaram para segundo plano, sendo substituídos, em grande parte, pelas obras de Filosofia Natural aristotélica, tais como: *Física* (*Physica*), *Da alma* (*De anima*), *Do céu* (*De caelo*), *Da geração e da corrupção* (*De generatione et corruptione*) e *Parva naturalia* (GRANT, 2002, p. 50).

Outro centro de produção científica no Ocidente europeu foram os Estudos Gerais (*Studium Generale*). Essa instituição surgiu no século XII, a partir de associações de mestres e estudantes, e era dividida em no máximo quatro escolas (essencialmente Artes, Direito, Medicina e Teologia), em cada uma das quais se matriculavam estudantes com o objetivo de

atingirem o bacharelado ou o grau de mestre.¹⁵ O grau de mestre em artes era requisito prévio para entrar em qualquer uma das escolas superiores de Direito, Medicina e Teologia. Cada uma exigia, ainda, um número adicional de anos de estudo. Os primeiros e mais importantes Estudos Gerais internacionais no período em estudo surgiram em Bolonha, Paris e Oxford. De início, o termo universidade (*universitas*) aplicava-se a um único grupo, que constituía uma associação autônoma legalmente reconhecida. Assim, uma escola de artes era uma universidade, assim como uma escola de medicina ou de teologia; e os mestres e estudantes de cada uma formavam sua própria corporação legal, a universidade. O conjunto de todas essas universidades individuais diferentes, ou associações, constituía os Estudos Gerais. Cada mestre ou estudante era membro da sua universidade ou corporação individual, mas também era membro do *Studium Generale*. O currículo de artes tinha como finalidade formar novos mestres em artes, formar bachareis que pudessem atuar numa corte, numa igreja ou mesmo em alguma função de governo, e fornecer, sobretudo, uma formação teórica e profunda acerca da estrutura e funcionamento da natureza (GRANT, 2002, p. 41-43; 57-59).

A partir do século XIII configurou-se, em toda a Europa cristã, esse espaço institucional por excelência onde se dava a elaboração, a transmissão e a assimilação científicas. Essa instituição foi decisiva para explicar, desde o ponto de vista quantitativo e qualitativo, o desenvolvimento do conhecimento médico na Baixa Idade Média, e fundamental para entender fenômenos socioeconômicos concretos, como a configuração da profissão médica e seu controle social de acordo com requisitos que se mantêm até a atualidade. Ao longo do século XIII, as escolas de Medicina configuraram-se como campo acadêmico sensível às novidades que chegavam por meio de novas obras médicas gregas e árabes e, por conseguinte, provocaram mudanças importantes na produção acadêmica de seus membros (GARCÍA BALLESTER, 1984, p. 91). Esse foi o contexto do aparecimento de uma

¹⁵ Tendo em vista que na Idade Média não havia ciências particulares e especializadas, tais como na atualidade – biologia, física, química etc. –, as áreas de conhecimento eram mais amplas e ancoradas numa mesma base teórica: a Filosofia Natural aristotélica.

escolástica médica que se mostrou eficaz para plantear soluções aos problemas do binômio saúde-doença da época.

Em Castela, porém, uma das características da Medicina do século XIII foi a ausência dessa Medicina escolástica. Isso não quer dizer que não houve Estudos Gerais nesse reino. O Estudo Geral de Palência, fundado por Afonso VIII por volta de 1208 e extinto em meados do século XIII, e o de Valladolid, fundado em 1241 por Afonso IX, não ofertaram a cátedra de Medicina, bem como não se ensinou esse conhecimento no século XIII. O Estudo Geral de Salamanca, fundado também por Afonso IX como Estudo Geral, em 1218, e revitalizado por seu filho, Fernando III e, ainda, Afonso X, em 1254, recebeu, somente nesse último impulso, duas cátedras para o ensino de Medicina, ainda que com escassa dotação econômica.

Uma figura importante, fruto do ambiente universitário, para a compreensão do conhecimento científico na Idade Média é a figura do teólogo-filósofo natural. Esses teólogos-filósofos tinham domínio intelectual tanto em Filosofia Natural quanto em Teologia e, por isso, encontravam-se aptos a inter-relacionar tais áreas do saber. Mesmo os mais conservadores dentre eles reconheciam a autoridade e a funcionalidade da Filosofia Natural aristotélica, concebendo-a como a base para a compreensão da natureza como criação divina (GRANT, 2002, p. 96-98).

Além do espaço universitário havia outros centros de formação e produção científica concomitantes no Ocidente europeu, tais como os *scriptoria*, localizados geralmente em mosteiros ou em palácios, em estreita conexão com a Coroa. Esses ambientes intelectuais desempenharam papel fundamental na produção e circulação de conhecimento científico na Baixa Idade Média. Em Castela, as atividades de cunho científico desenvolvidas na Escola de Tradutores de Toledo, no século XII, e no *scriptorium* de Afonso X, no século XIII, tiveram abrangência e importância internacionais.

Percebe-se, dessa forma, na Baixa Idade Média, o processo de secularização da produção científica, tanto com os Estudos Gerais quanto com os centros de estudos vinculados às cortes reais, sobretudo a partir do século XIII. Esse processo de secularização, porém, não implicou em perda de interesse da crença cristã. Ao contrário, o que ocorreu foi uma ampliação tanto das fontes quanto das temáticas para a busca de conhecimento, especialmente da natureza e, por conseguinte, do homem.

A atividade científica em Castela foi marcada por quatro fatores condicionantes, a saber: a presença muçulmana, o papel excepcional desempenhado pelos judeus, o amadurecimento precoce das línguas peninsulares (vernáculos) e a ausência do ensino de Medicina nos primeiros Estudos Gerais. Os dois primeiros fatores estão associados à realidade cultural da Pensínsula Ibérica: a herança cultural muçulmana em função da presença e do domínio político árabe anterior à Reconquista, o árabe como língua científica e a atuação intelectual dos judeus como leitores e falantes do árabe. Os dois últimos fatores referem-se à realidade histórica peculiar da Pensínsula Ibérica até o século XIII: o desenvolvimento e a produção de conhecimento científico predominantemente à margem do ambiente universitário e, sobretudo, apoiado/mantido pelo mecenato régio.

Esse conhecimento científico refere-se a uma produção ao mesmo tempo de síntese e original, resultado da retomada de conhecimentos enciclopédicos antigos (investigações de síntese/comentário da Antiguidade Tardia acerca de obras de filósofos antigos), das traduções dos livros naturais (*libri naturali*) de Aristóteles do grego para o árabe e de seus comentários árabes dos séculos IX a XI, das traduções do árabe para o latim e castelhano, das obras aristotélicas, dos comentários e interpretações desses escritos e, por último, da produção científica árabe.

Nesse sentido, o *corpus* documental aristotélico em língua latina, juntamente com sua interpretação, assimilação, comentários, adições e a fundamentação teórica em obras de

Medicina e Astrologia produzidas no Ocidente medieval, por exemplo, constituiu o que conhecemos por aristotelismo. Nesse período esse conjunto constituiu-se no principal sistema intelectual da Europa Ocidental, o qual, além de proporcionar os mecanismos de explicação dos fenômenos naturais, funcionou como um filtro por meio do qual o mundo podia ser visto. Assim, a Filosofia Natural aristotélica funcionava como a visão de mundo medieval. O termo aristotelismo não foi utilizado na Idade Média, mas caracterizou a atividade intelectual e científica a partir dos séculos XII e se estendeu até o final da Idade Média (GRANT, 2002, p. 98 e 149).

A principal característica desse conhecimento científico na Alta Idade Média era seu caráter contemplativo, ou seja, dava-se maiormente por meio da observação. Na Baixa Idade Média, entretanto, a natureza, até então considerada criação divina e, portanto, objeto de contemplação simbólica, tornou-se também, por meio da observação sistemática e a partir de explicações lógicas, objeto de interpretação. Era nessa concepção científica que ocorria a observação dos animais, plantas e pedras, bem como dos influxos astrais sobre eles. Exemplo de tais produções científicas são os herbários, bestiários e lapidários, dedicados à catalogação de tais elementos da natureza. Nessas observações, interesse especial adquiriam as aplicações medicinais, que poderiam ser obtidas por tais influências do mundo celeste, apresentadas de forma detalhada sobretudo pelos lapidários.

O conhecimento científico medieval, por meio do filtro aristotélico, conceituou a natureza e sistematizou intelectualmente a estrutura do universo e de seus componentes. Dessa maneira, a estrutura cosmológica medieval era vista a partir da articulação entre o conjunto de obras de Aristóteles, a narrativa da Criação do livro de Gênesis e o conjunto de dogmas da Teologia cristã relativos à divindade, aos anjos e às almas. Assim, na visão medieval, o cosmos era uma esfera material, finita e única, preenchida em toda a sua extensão por matéria. Essa esfera dividia-se em numerosas subesferas, ou orbes, encaixadas umas nas

outras. Dentro dessa esfera e das suas subesferas existiam duas regiões radicalmente distintas: a celeste e a terrestre. A região celeste iniciava-se na superfície convexa da esfera lunar e estendia-se até a esfera das estrelas fixas, mais além, até o céu empíreo. A região terrestre se estendia desde a superfície côncava da esfera lunar até o centro do Universo. Segundo essa perspectiva, a região celeste encontrava-se preenchida por um éter perfeito e, por isso, era incorruptível e capaz de se deslocar num movimento circular uniforme ou ser deslocada por algo. Dessa forma, os orbes concêntricos¹⁶ deslocavam-se ao redor do centro do Universo esférico em movimentos circulares uniformes, levando consigo as estrelas fixas e os sete planetas. Ao contrário da região celeste, a qual permanecia quase imóvel, a região terrestre, região sublunar, era caracterizada por constante mudança e transformação, na medida em que os corpos imperfeitos e corruptíveis surgiam e desapareciam de forma contínua no seu interior. Esses corpos terrestres eram constituídos por quatro elementos, dispostos numa série de quatro orbes concêntricos, cada um dos quais era o lugar natural dos elementos.¹⁷ Cada elemento possuía a capacidade inata para um movimento natural em direção ao seu lugar natural.¹⁸ Por fim, a região celeste, incorruptível, era considerada perfeita e, por conseguinte, mais nobre que a região terrestre. A partir desse princípio, quase unanimemente aceito, entendiam também que um corpo mais nobre poderia influenciar um corpo menos nobre. Dessa forma, consideravam que os corpos celestes incorruptíveis regiam o comportamento dos corpos corruptíveis, orgânicos e inorgânicos da região terrestre (GRANT, 2002, p. 156-1557).

¹⁶ Oito orbes arrastavam corpos celestes: o oitavo levava todas as estrelas fixas e os sete abaixo dele os sete planetas, um em cada esfera.

¹⁷ Em ordem descendente a partir da superfície lunar côncava, o primeiro orbe era o lugar natural do fogo; o segundo, o do ar; o terceiro, o da água; e o quarto, o da terra.

¹⁸ O elemento predominante em qualquer corpo determinava o sentido do movimento natural do corpo, que era sempre dirigido para o lugar natural do elemento predominante. Assim, quando não encontravam nenhum impedimento, os corpos terrenos, pesados por natureza, caíam sempre naturalmente para o centro do Universo, ao passo que os corpos ígneos, considerados absolutamente leves, ascendiam em direção à concavidade lunar. Os elementos intermediários, água e ar, produziam um de dois efeitos, dependendo da sua localização: os corpos aquosos erguiam-se quando estivessem no lugar natural da terra e caíam quando estivessem nos lugares naturais do fogo e do ar, ao passo que os corpos aéreos se erguiam nos lugares naturais da terra e da água e caíam quando localizados na região do fogo.

Essa visão da natureza por meio da Filosofia Natural aristotélica e da compreensão de tal filosofia pelos comentadores árabes era uma novidade no Ocidente Europeu a partir do século XII. Uma visão que se constituiu como resultado do processo de penetração da Astrologia árabe no Ocidente por meio da produção científica andaluza na Pensínsula Ibérica, das traduções árabes dos séculos XII e XIII, sobretudo em Toledo, e do *corpus* científico castelhano afonsino no século XIII. Assim, a partir desse período, a Astronomia/Astrologia tornou-se mais técnica e matemática, e, em virtude disso, compôs uma ciência astral (*scientia astrorum*) no Ocidente europeu, constituindo-se na própria visão da natureza.

Dessa forma, podemos inferir que a Astronomia/Astrologia Ocidental constituiu-se numa forma de concepção da natureza do homem medieval baseada na filosofia aristotélica assimilada pela Astrologia árabe. É nessa perspectiva que García Avilés (2001, p. 145) concebe a *scientia astrorum*, na dupla vertente Astronomia/Astrologia, como elemento catalisador de uma filosofia da natureza com a qual chegou a confundir-se na Baixa Idade Média. Assim, a natureza, concebida, na Alta Idade Média, como objeto de contemplação simbólica, passa, na Baixa Idade Média, a ser apreendida por meio da causalidade dos fenômenos físicos e, em última instância, pela causalidade divina.

Na Idade Média a Astronomia/Astrologia, a Magia, a Medicina e outras áreas afins, eram uma realidade no campo do conhecimento. Essas áreas, estreitamente interligadas, muitas vezes se articulavam e até mesmo se confundiam na busca de conhecimento da natureza ou de processos naturais. Isso porque as distinções entre ciência e Magia, assim como entre Astronomia e Astrologia, ou seja, entre um conhecimento e outro, pertencem mais ao mundo moderno e contemporâneo do que ao mundo medieval. Assim, a crença na influência dos astros e, conseqüentemente, na magia dos talismãs sobre a vida humana, constituía, na Idade Média, uma mesma face do conhecimento científico.

Para a compreensão dessa produção científica é necessário considerar a tênue linha divisória entre tais campos e, por conseguinte, compreender as conexões que, por vezes, eram estabelecidas entre elas. A chave para a análise e a compreensão das conexões estabelecidas entre a Astronomia e a Astrologia, e entre estas e a Medicina e a Magia, se encontra nas categorias microcosmo e macrocosmo. O macrocosmo, considerado como o universo, único e composto de duas regiões, era observado e analisado desde a Antiguidade por astrônomos, astrólogos, médicos e outros inúmeros intelectuais que almejavam compreendê-lo em sua grandeza, riqueza e complexidade. O microcosmo se assemelhava ao homem, que só podia ser compreendido por meio da analogia entre o “pequeno” e o “grande” mundo: não era somente uma parcela do todo, tampouco só um dos elementos do universo, mas sua cópia reduzida. Essa ideia era conhecida no Oriente Antigo e na Grécia Antiga, e gozou de enorme popularidade na Europa medieval a partir do século XII. Nessa analogia considerava-se que o organismo humano e o universo eram compostos dos mesmos elementos: a carne do homem era feita de terra; o sangue, de água; a respiração, de ar; e o calor, do fogo. Ainda, considerava-se que cada parte do corpo humano correspondia a uma parte do universo: sua cabeça, ao céu; o peito, ao ar; o ventre, ao mar; as pernas, à terra; os ossos, às pedras; as veias, aos galhos das árvores; seu cabelo, às ervas; e seus sentidos, aos animais.

Assim, a visão de mundo medieval caracteriza-se por uma perspectiva de totalidade e a partir de observações da natureza, por um lado, pela concepção unitária do cosmo, segundo a qual os movimentos do mundo celeste encontravam ligação com o mundo terrestre; por outro, pela crença na existência de um cosmo criado por Deus e composto por um conjunto de objetos (criaturas) formados pelos mesmos elementos básicos. Por exemplo: o organismo humano e o universo compunham-se dos mesmos elementos (terra, ar, água e fogo) e das mesmas qualidades (frio, seco, úmido e quente).

Ao ver no universo as mesmas qualidades e elementos que possuía em si mesmo, os homens medievais não encontravam oposição entre os componentes, ou seja, as criaturas da natureza. Ao contrário, encontravam possibilidades de conexões entre si mesmo e as plantas, os animais, as pedras etc., cuja maior expressão é a relação entre o microcosmo (o homem) e o macrocosmo (o mundo), na qual numa ínfima partícula estava contida o todo.

É nesse sentido que se configura a atitude dos homens medievais frente à natureza: ainda que se identificasse com ela, não se confundia e tampouco se opunha a ela, ou seja, não se via como uma mera cópia reduzida, nem como um ser integrante da natureza; por similitude, ao descobrir o universo dentro de si, o homem medieval via no mundo uma extensão de si mesmo. Exemplo de tal atitude é a associação estabelecida cotidianamente com a natureza por meio das frequentes imagens de homens-animais e homens-plantas, tais como árvores com cabeça humana, montanhas antropomorfas, criaturas cefalópodes ou de múltiplos braços etc. (GURIÉVICH, 1990, p. 34; 76-80). Dessa forma, não havia, na Idade Média, separação clara entre o homem e a natureza.

É também nessas correlações entre o macrocosmo e o microcosmo que se encontram as conexões entre a Astronomia/Astrologia com a Medicina, cuja maior expressão é a melotesia, uma prática que existia desde a Antiguidade e foi muito difundida na Idade Média. Apoiada na concepção de simpatia universal, ela estabelecia um sistema analógico no qual situava o homem (microcosmo) em estreita ligação com o macrocosmo, considerando, portanto, a ligação entre os órgãos internos e os membros do corpo humano e os elementos do macrocosmo. A melotesia estabelecia duas conexões nesse sistema: uma entre os signos e as partes do corpo humano (melotesia zodiacal) e a outra entre os planetas e as partes e funções do corpo humano (melotesia planetária), constituídas conforme o Quadro mostrado a seguir:

Quadro 1 – Representação da Melotesia Zodiacal e Planetária.

Melotesia Zodiacal	Signos do zodíaco	Compleição dos signos	Partes do corpo humano sob influência dos signos
	Áries	seca e quente	cabeça
	Touro	seca e fria	pescoço
	Gêmeos	quente e úmida	ombros
	Câncer	fria e úmida	peito
	Leão	quente e seca	coração
	Virgem	fria e seca	abdômen
	Libra	quente e úmida	coluna
	Escorpião	fria e úmida	órgãos genitais
	Sagitário	quente e seca	músculos
	Capricórnio	fria e seca	joelhos
	Aquário	quente e úmida	pernas
	Peixes	fria e úmida	pés
Melotesia Planetária	Planetas	Compleição dos planetas	Partes e funções do corpo humano sob influência dos planetas
	Saturno	fria e seca	ouvido direito
			bexiga
			baço
			mucos
	Júpiter	quente e úmida	ossos
			tato
			pulmão
	Marte	quente e seca	esperma
			ouvido esquerdo
			rins
	Sol	quente e seca	veias
			testículos
			olhos
			cérebro
	Vênus	fria e úmida	coração
			tendões
			lado direito
	Mercúrio	compleição equilibrada ¹⁹	olfato
			fígado
carne			
Lua	fria e úmida	língua	
		bile	
		nádegas	
		parte esquerda do corpo	
			paladar
			estômago
			útero

Fonte: Cabanes Jiménez (2006, p. 7); BGCDC, p. 423-427.

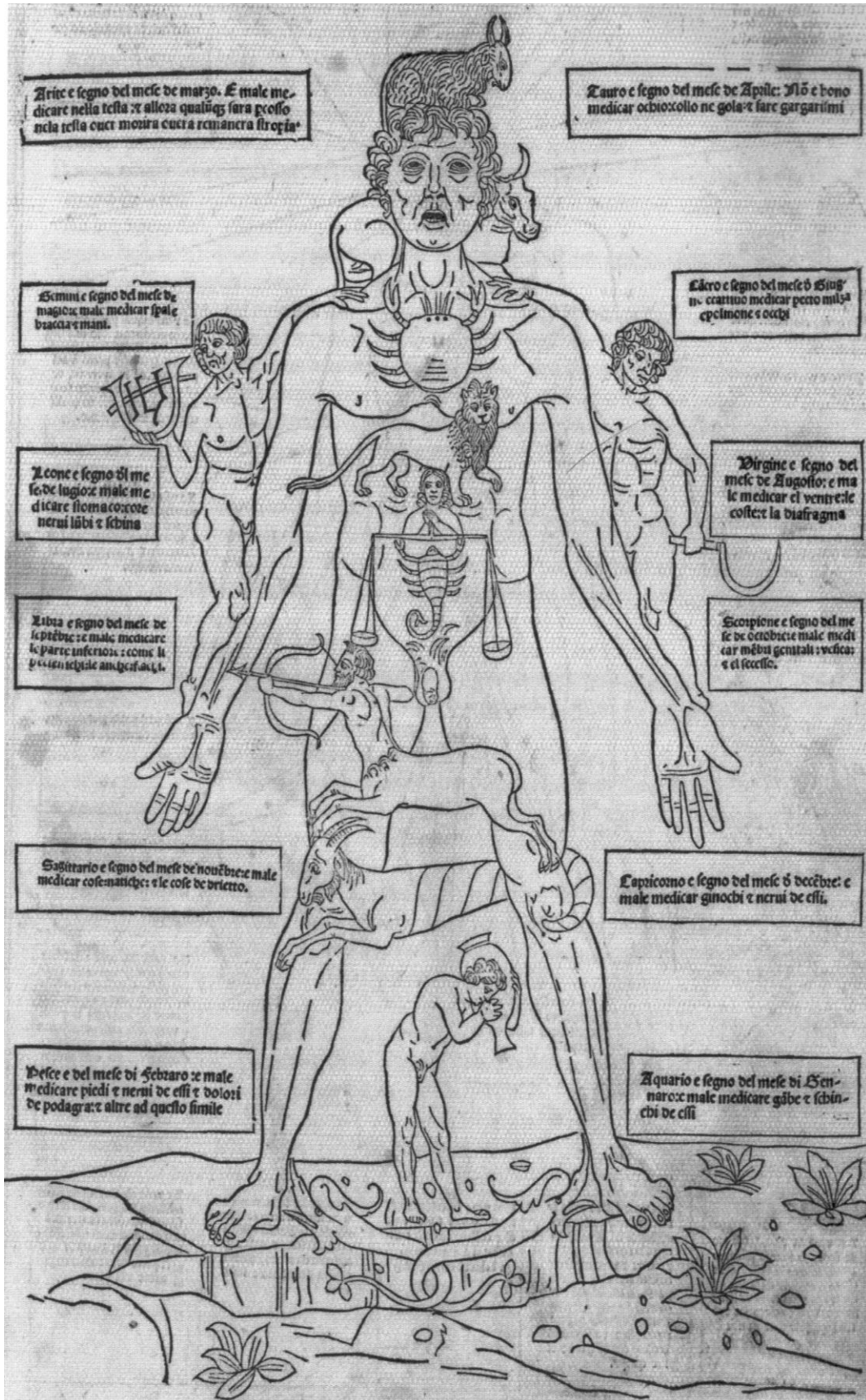
Nesse sistema analógico de paralelismo e simpatia entre os mundos celeste e terrestre, o homem constituía-se, da cabeça aos pés, em objeto de influências astrais, tanto do zodíaco quanto dos planetas, considerando, portanto, a compleição desses astros. Na

¹⁹ Equilíbrio ou harmonia dos humores e de suas qualidades (quente, frio, seco e úmido).

melotesia zodiacal, as pessoas nascidas, por exemplo, sob influência do signo de Leão teriam propensão a sofrer enfermidades mais direcionadas ao coração, pois esse órgão possui a mesma compleição que o signo que o rege. Do mesmo modo, o homem era influenciado pelos planetas. Assim, na melotesia planetária, uma pessoa nascida, por exemplo, sob a influência do planeta Saturno teria propensão a sofrer enfermidades relacionadas ao ouvido direito, bexiga, baço, muco e ossos, ou seja, partes e funções do corpo humano detentoras da mesma compleição desse planeta.

A síntese dessa relação de influências no corpo humano e, por conseguinte, entre a Astrologia e a Medicina, é a figura do homem zodiacal, sistematizada pela primeira vez pelo astrólogo romano denominado Nigidius Figulus (100-44 a.C.) e representada sob diversas formas sobretudo na Baixa Idade Média. A Figura 1 traz um exemplo de tais representações:

Figura 1 – O homem Zodiacal: correspondência entre as partes do corpo e os signos zodiacais



Fonte: Tratado de Medicina, de Jean de Ketham, séc. XV, Metropolitan Museum of Art, New York). In: BILIMOFF, Michèle. *Les remèdes du Moyen Âge* (2011, p. 25).

Na imagem anterior temos a representação de um corpo humano do sexo masculino com os signos posicionados nas partes sobre as quais exercem influências. Assim, os signos são representados em relação com as diferentes partes e funções do corpo humano que, enquanto microcosmo, é representado em relação ao universo ou macrocosmo.

Na mesma perspectiva, a Figura 2, mais esquemática e complexa, revela a concepção das influências astrais sobre o homem, bem como sintetiza a concepção do homem zodiacal e, ademais, microcósmico:

Figura 2 – Homem Microcósmico: correlação e correspondências entre o homem e o cosmos



Fonte: Sloane MS 282, f. 18 (in PAGE, 2006, p. 52).

Nessa imagem temos a figura humana central rodeada pelas esferas dos quatro elementos e planetas, ocupando o lugar da Terra na cosmologia medieval. Cada esfera planetária contém uma breve anotação que a situa cosmológica e astronomicamente e apresenta a relação astrológica em relação ao homem. O comentário que aparece dentro da esfera de Saturno, por exemplo, afirma que esse planeta completa sua órbita em trinta anos, se encontra no sétimo céu e exerce influência sobre o baço. Depois das esferas planetárias está a esfera dos signos do zodíaco, desde cada um dos quais surgem linhas vermelhas que se ligam à parte do corpo humano sobre as quais exercem influência, e linhas pretas mais finas, que se ligam aos planetas regentes (PAGE, 2006, p. 52-53).

É justamente por meio desse sistema analógico que os homens medievais estabeleceram conexões entre os astros e as pedras e, portanto, inventariaram inúmeras possibilidades de utilização, sobretudo para prevenção e tratamento de doenças. Assim, as produções científicas que dispomos desse período acerca desses elementos da natureza (as pedras), ou seja, os lapidários, constituem-se, além de formas de compreensão de tais elementos e de conhecimento da natureza, em tratados práticos de Medicina astrológica.

A perspectiva da unidade cósmica e da correspondência entre todos os elementos do cosmo compõem, na Idade Média, a fundamentação de um conjunto de crenças na Magia. Assim, essa ciência, de cunho erudito, culto e diretamente associada à concepção do homem microcosmo, encontrava-se em estreita conexão com o domínio da Astronomia/Astrologia: na medida em que se podia prever o futuro, crescia o interesse em prevenir certos aspectos resultados de tais previsões e, ademais, interferir em certas circunstâncias. Essa intervenção dava-se por meio da Magia, saber que objetivava a compreensão, a dominação e, por fim, a intervenção na natureza. Desse modo, por exemplo, marcado no nascimento por um planeta infortunado ou por uma constelação negativa, o homem podia alterar seu destino, melhorar

sua sorte por meio desse conhecimento. Ou seja, o homem, por um lado desprovido de imortalidade, passível de inúmeros infortúnios e doenças, era, por outro, na mesma medida parte integrante e a própria natureza de forma compacta, buscando tanto conhecer as forças desta por meio da Astronomia/Astrologia quanto dominá-la por meio da Medicina e da Magia.

A Astrologia presente no *Lapidario* de Afonso X refere-se a um conjunto de interpretações de conjunções astrais, as quais objetivavam compreender o significado da posição dos planetas e das estrelas em determinados momentos, já que tais conjunções anunciavam influências favoráveis ou não às ações humanas. Assim, partindo do pressuposto da Astrologia de anunciar um conjunto de circunstâncias que poderiam ocorrer, favoráveis ou desfavoráveis, cabia ao homem evitar certas ações e, por conseguinte, alterar o curso de suas vidas por meio de outro saber e prática – a Magia –, ou seguir o curso natural dos astros.

As pedras do *Lapidario* afonsino recebiam sua forma, sua natureza e suas virtudes dos signos do zodíaco, dos planetas e das estrelas fixas do oitavo céu. Em virtude disso, as propriedades dessas pedras, tanto preventivas quanto curativas, demonstram conexões entre a Medicina, a Astrologia e a Magia. Além do momento propício (astrológico) para a preparação e manipulação, havia também o mecanismo (mágico) de obtenção da propriedade: os amuletos e os talismãs, fundamentados na Magia Astral, muito em voga na corte afonsina. Ressalta-se, então, que a magia dos talismãs objetivava sobretudo manter ou restaurar a saúde.

Além de um conjunto de princípios básicos da Medicina galenista que compreendia a saúde do corpo – como o equilíbrio dos humores e, ao contrário, a enfermidade como resultado de seu desequilíbrio –, um conjunto de princípios astrológicos se somavam para a compreensão das enfermidades e para a terapêutica.

Outra relação entre a Astrologia/Astronomia e a Medicina encontrava-se na terapêutica das enfermidades. A lua, por exemplo, era considerada o planeta mais importante

para a Medicina, devido, por um lado, à sua proximidade com a Terra e, por outro, à crença de que esse planeta exercia influência no aumento ou na diminuição dos humores, tal como ocorria com as marés. Nesse cenário, um método muito utilizado na Idade Média para corrigir o desequilíbrio humoral – a flebotomia, ou sangria – devia ser praticada em determinados dias lunares. Considerava-se, logo, arriscado sangrar um paciente, bem como realizar nele uma cirurgia, quando a lua se encontrava no signo do zodíaco que regia a parte do corpo lesionada (PAGE, 2006, p. 54).

No campo da terapêutica medicamentosa, os remédios deveriam ser preparados e/ou utilizados em momentos astrologicamente propícios, ou seja, de conjunções astrais, pois esses períodos potencializavam suas propriedades preventivas e curativas. É justamente por isso que o *Lapidario* de Afonso X fornece informações sobre o momento propício para a manipulação e/ou o uso de determinado medicamento: o nome do planeta, da constelação e da estrela ou estrelas que influenciavam determinada pedra.

1.2 Os lapidários científico-literários

As pedras ou rochas são objetos de preocupação e utilização do homem desde época muito remota, em função do papel por elas desempenhado desde a pré-história na fabricação de elementos importantes do cotidiano, como ferramentas de trabalho e armas defensivas. Foram amplamente utilizadas no âmbito do artesanato, da metalurgia, da cerâmica, na fabricação de corantes e pinturas e de objetos preciosos em ornamentação (ourivesaria e joalheria) (PHN, II d.C).

Paralelamente à utilização material, cotidiana das pedras, temos toda a preocupação com a catalogação, com o conhecimento e o aprofundamento sobre esse elemento da natureza. Elas foram caracterizadas, classificadas e investigadas, ocupando

espaço nas abordagens científicas desde a Antiguidade, abrangendo variados campos do saber, como a Mineralogia, a Medicina e a Farmácia, a Astronomia e a Astrologia, e, ainda, a Magia.

Tendo em vista o variado espectro de abordagem das pedras nas produções científicas medievais, questionamos sobre a produção do saber específico acerca desse elemento da natureza na Idade Média até verticalizarmos para nossa principal fonte, o *Lapidario* afonsino.²⁰

Os lapidários, ou seja, o saber produzido sobre as pedras na Antiguidade e na Idade Média, possuem um caráter mineralógico na medida em que tratam sistematicamente as propriedades das pedras, buscando fornecer o máximo de informações sobre elas: catalogação e classificação, local e forma de origem etc. Além disso, dedicam-se à descrição de suas propriedades e à atribuição de diversas virtudes.

Esses tratados organizavam-se em torno de pequenas narrativas com propósitos práticos, sobretudo medicinais. Esses excertos eram divididos em duas ou três partes: uma, dedicada às informações sobre as características físicas e localização; em alguns casos, outra dedicada aos aspectos ou às conexões astrológicas; e a última parte reservada às virtudes, reais ou sobrenaturais. A maior parte desses tratados encontra-se em estado fragmentário.

Os lapidários não só mencionam as pedras preciosas, mas também as comuns, os metais, as cristalizações, os sais e as petrificações, como os fósseis etc. Os critérios de seleção são aqueles que se destacam na natureza, seja por suas propriedades, seja por suas virtudes, ou, ainda, por outro elemento da natureza que levou seus autores a imaginar determinada pedra. Ademais, as pedras dessas narrativas são compreendidas como criaturas da natureza, como os animais e as plantas, que nascem, se reproduzem e morrem.

²⁰ Os homens medievais não possuíam, portanto, os meios para definir precisamente as pedras por sua fórmula química, sua densidade, seu sistema cristalino dotado de dimensões e de uma simetria específica, o que somente foi possível com o conhecimento de química e de cristalografia no contexto da mineralogia moderna. Na impossibilidade de diferenciar as pedras, o conhecimento destas era muito menos acessível que o dos animais e das plantas.

Os lapidários medievais constituíram-se em produções científico-literárias nas quais encontramos marcas culturais de diversas épocas e regiões, assimiladas e ampliadas por outras, sendo eles enriquecidos com os valores de seu tempo.

1.2.1 Lapidários medievais

A primeira enciclopédia, as *Etimologias*, foram escritas por Isidoro de Sevilla por volta de 615, momento em que era bispo dessa cidade. Nela, organizou todo o conhecimento da época, abordando todos os campos do saber antigo. Compõem-se de vinte livros, ao longo dos quais, por meio de mecanismos etimológicos, ou seja, do estudo da forma e da história das palavras, busca conhecer e compreender o universo. O livro XVI é uma narrativa em prosa que cataloga por volta de 200 pedras²¹ e, como a *História Natural*, de Plínio, possui referências medicinais e mágicas²² (ISE, 2004, p. 1094-1153).

A segunda obra com grande difusão na Idade Média foi o lapidário de Marbodo, Bispo de Rennes, na França. Foi escrito por volta de 1080, momento em que Marbodo era arqui-diácono da diocese de Angers. Esse lapidário, em verso e de caráter médico e mágico, tem algumas referências astrológicas e mitológicas. Estrutura-se em quatro partes: um prólogo, sessenta poemas (cada um dedicado a uma pedra), dois epílogos e um capítulo adicional sobre o anel.

Outro lapidário, de caráter científico, médico, mágico e astrológico é o de Santa Hildegarda de Bingen. *El Libro de las piedras que curan: sabiduría divina sobre la utilidad de las gemas* (quarto livro da *Phisica*) faz parte de uma enciclopédia de ciências naturais e medicina: o *Liber subtilitatum diversarum naturarum creaturarum*, escrito entre os anos de

²¹ As pedras estão agrupadas em: produtos procedentes da água, pedras vulgares, pedras relevantes, mármore, pedras preciosas, vidros e metais. No final desse lapidário há uma discussão sobre pesos e medidas.

²² Ressalta-se que a magia presente no livro XVI das *Etimologias* é bastante restrita comparada com os lapidários classificados como mágicos, aparecendo em algumas passagens e, ainda, muito criticada por Isidoro de Sevilla.

1151 e 1158, e foi dividido em duas partes após sua morte, originando, portanto, a *Phisica* e outra obra denominada *Liber Causae et Curae*. Foi o primeiro livro de ciência natural escrito no Sacro Império Romano-Germânico, exercendo grande influência até o final da Idade Média. O quarto livro da *Phisica* compõe o lapidário intitulado *El Libro de las piedras que curan: sabiduría divina sobre la utilidade de las gemas*, que cataloga 25 pedras, preciosas e semipreciosas.

1.2.2 A estrutura dos lapidários

[...] Seguimos todas as veias da terra que vivem nas escavações que realizamos, nos surpreende que às vezes se abra ou trema, como se a indignação não fosse suficiente para levantar esse tipo de castigo dessa santa mãe. Entramos em seu ventre, estamos à procura de riqueza nos troncos dos deuses infernais: não parece que seja bonita, nem agradável, nem suficientemente fértil por onde os pés a pisam. E buscamos essas coisas em razão dos remédios. Mas que sentido tem cavar tanto com finalidades médicas se, de fato, se produz medicamentos em sua superfície, como os cereais, generosos e fáceis para tudo o que é útil.²³

Plínio, o Velho, século I d.C.

Os lapidários se constituem num esforço por obter o máximo de informações sobre as pedras. As bases principais desses conhecimentos mineralógicos e médicos foram as duas obras da Antiguidade, a *História Natural*, de Plínio (conforme a epígrafe que abre este item), e a *Materia médica*, de Dioscórides. O conteúdo de suas narrativas é composto pelas informações das propriedades e das virtudes de suas pedras e estrutura-se a partir de suas

²³ Tradução nossa de: “[...] Persequimur omnes eius fibras vivimusque super excavatam, mirantes dehiscere aliquando aut intremescere illam, ceu vero non hoc indignatione sacrae parentis exprimi possit. imus in viscera et in sede manium opes quaerimus, tamquam parum benigna fertilique qua calcatur; et inter haec minimum remediorum gratia scrutamur, quoto enim cuique fodiendi causa medicina est? quamquam et hoc summa sui parte tribuit ut fruges, larga facilisque in omnibus, quaecumque prosunt. illa nos peremunt, illa nos ad inferos agunt, quae occultavit atque demersit, illa, quae non nascuntur repente, ut mens ad inane evolans reputet, quae deinde futura sit finis omnibus saeculis exhauriendi eam, quo usque penetratura avaritia. quam innocens, quam beata, immo vero etiam delicata esset vita, si nihil aliunde quam supra terras concupisceret, breviterque, nisi quod secum est!” (PHNXXXIII, p. 2 e 4).

principais marcas ou caráter. Considerando-se as especificidades e as características principais de cada texto nota-se certo padrão, rigor e sistematização na composição dessas narrativas. Ainda que abordem as mais variadas formas de utilização cotidiana das pedras, os temas principais do conteúdo da maioria dessas narrativas são medicinais e mágicos. Isso demonstra seu papel prático, ou seja, fazer conhecer as pedras e, por conseguinte, se constituir em espécie de receituário para a manipulação e o uso de medicamentos, bem como elaborar amuletos e talismãs. Esses temas se entrecruzam com outros, como a Astronomia/Astrologia, a Mineralogia etc.

Geralmente a primeira parte das narrativas destinava-se às descrições das propriedades das pedras. Seus nomes poderiam ser formados com a ajuda de um sufixo (*ite* ou *lite*), ligado a uma raiz do nome, a qual indicava uma característica delas. Porém, os nomes mais frequentemente indicavam uma de suas propriedades definidoras, sua essência, sua cor, seu brilho, sua dureza, sua origem geográfica, o animal no qual surgia ou ao qual estavam ligados, ou suas virtudes.

*Nitrum*²⁴ (nitro) é a palavra derivada de seu lugar de origem, pois nasce em Nitria, cidade ou região do Egito. Com o nitro são elaborados remédios e lavadas as manchas dos corpos e dos vestidos [...].²⁵ (ISE, p. 1.098).

XXXII. DA HEMATITA

A **hematita** recebeu do sangue seu nome grego, Pedra criada para servir à natureza humana [...].²⁶ (MBRLL, p. 113).

A cor e, mais raramente, o brilho, são as duas qualidades ópticas interligadas utilizadas sem grandes modificações de um lapidário para outro e que ajudam a identificar e a caracterizar as pedras. A primeira é a característica visual mais evidente e, portanto, mais

²⁴ Os nomes das pedras serão apresentados, tanto nas citações traduzidas quanto ao longo do texto, em negrito, de maneira a facilitar a leitura.

²⁵ Tradução nossa de: “*Nitrum* a loco sumpsit vocabulum; nascitur enim in oppido vel regione Aegypti Nitria, ex quo et medicinae fiunt et sordes corporum vestiumque lavantur [...]” (ISE, p. 1.098).

²⁶ Tradução nossa de “XXXII. DE EMATITE
Sumpsit ematitis Grecum de sanguine nomem,
Nature lapis humane servire creatus, [...]” (MBRLL, p. 113).

explorada nos lapidários. Cada pedra possui um espectro de absorção da luz que lhe dá a cor própria. Porém, na ausência de espectroscópio, a olho nu, muitas pedras parecem ter a mesma cor, o que dificulta uma precisão na identificação da cor e multiplica, portanto, as semelhanças. Os lapidários mencionavam essas semelhanças. Assim, a escala cromática presente nos tratados é muito restrita. As mais mencionadas são: vermelho, preto, verde, azul, amarelo, citrino. Porém, há muitas e genéricas formas de descrever as cores das pedras que as enquadram em alguma variação da escala mencionada. O brilho depende da maneira como a luz é refletida na superfície da pedra e está associado a cor. Assim, a escala dessa característica varia nos lapidários em claro ou escuro. Por exemplo:

XV. Do **jacinto**

Dizem os especialistas que as classes de **jacinto** são três,
Pois os há em grená, citrino e azul.

Acredita-se que todas possuem uma virtude fortificadora,
e afugentam a tristeza e as vãs suspeitas.

Qualquer perito em gemas prefere os grenás.

São de cor vermelha e raramente encontrados.

O azul do **jacinto azul**, que sente a atmosfera constantemente,
é sombria na escuridão, brilhante e clara quando faz sol.

A melhor tonalidade tem aquele que não escurece uma cor

mais intensa (do que o necessário) nem tem um tom fraco que lhe dê
transparência.

Mas a flor púrpura compõe a mistura de cada um dos dois [...].²⁷ (MBRLL,
p. 57-59).

Para descrever as características físicas das pedras, esses textos utilizam mais frequentemente como critérios a dureza, o peso, a forma e a dimensão. Esses critérios são flexíveis. Assim, nem todas as pedras foram descritas a partir de todos eles, talvez por não existir determinada informação ou ainda por não ser importante para determinada a pedra. Outros critérios são utilizados, como temperatura, umidade e tato.

²⁷ Tradução nossa de: “XV. DE IACINTO / Iacinct species docti tres esse locuntur: / Nam sunt granati, sunt citrini, venetique. / Confortative cunti virtutis habentur, / Tristitiamque fugant et vanas suspiciones. / Granatos profert gemmarum quisque peritus. / His rufus color est, et rarius inveniuntur. / Ceruleus veneto, qui protinus aera sentit, / Nubilus obscuro, rutilans clarusque sereno. / Optimus huic tenor est, quem non aut densior equo / Obscurat sucus, aut rarus perspicuum dat. / Sed flos purpureus mixtum componit utroque [...]” (MBRLL, p. 57-59).

A dureza se refere à maneira como a pedra se quebra. O **diamante** é a pedra mais dura, capaz de cortar todas as pedras preciosas. Inversamente, as pedras menos duras podem ser moídas e utilizadas de forma pulverizada:

I- Do Diamante.

A Índia mais longínqua produz a melhor qualidade de diamante,
Nascido e extraído das minas de cristal. 25
Sua origem cristalina o faz refulgente,
mas nem por isso perde a cor do ferro.
Sua dureza extrema não pode ser quebrada.²⁸ (MBRLL, p. 11).

As pedras facilmente pulverizadas são geralmente recomendadas para serem utilizadas na manipulação dos medicamentos, como emplastos ou unguentos, por exemplo, ou, ainda, para serem ingeridas com mel, vinho ou mesmo somente com água. As pedras mais duráveis são mais recomendadas para serem utilizadas como amuletos ou talismãs.

DA PEDRA DENOMINADA MILITITAZ

Do nono grau do signo de Áries é a pedra a que chamam **milititaz**. É, por natureza, quente e seca. Encontra-se nas ilhas de uma terra que tem por nome Cin, num lugar por onde corre um rio denominado Rio do Mel. Essa pedra é leve de peso e muito porosa, e nunca a encontram em formato quadrado. Vermelha é sua cor, mas não muito, pois é em grande parte amarela, e há as que são encontradas todas amarelas. Sua propriedade é tal que, se polida com alguma coisa, sai dela sabor doce como o mel. A arte da física faz disso grande proveito, pois se a derem de beber a um homem que tenha tosse ou outra doença no peito, faz-se grande proveito e sara em seguida [...].²⁹ (AXL, p. 25).

I. DO DIAMANTE

[...] Esta mesma pedra é considerada apta para as artes mágicas; com sua maravilhosa virtude, converte em invencível ao que a utiliza; repele tanto os fantasmas da noite como os sonhos vãos;

²⁸ Tradução nossa de “DE ADAMANTE / Ultima precipuum genus India fert adamantis, / De cristallorum natum sumptumque metallis. / Hunc ita fulgentem cristallina reddit origo, / Ut ferruginei non desinat esse coloris; / Cuius durities solidissima cedere nescit.” (MBRLL, p. 11).

²⁹ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA A QUE DIZEN MILITITAZ
Del noueno grado del signo de Aries es la piedra aque dicen milititaz. Esta es de su natura calient et seca. Et fallan la en las yslas duna tierra que a nombre Cin, en un lugar poro corre un ryo que dicen Ryo dela Miel. Esta piedra es liuiana de peso et muy porosa, et nunqua la fallan si non en figura quadrada. Vermeia es de color, mas non mucho, ca tira una grand partida a color amariella, et dellas ya que las fallan todas amariellas. Et su proprietat es atal que si la pulen con alguna cosa, sale della sabor dulce como miel. Et en el arte de fisica faze esto grand pro, ca si lo dieren a beuer a omne que aya tosse, o otra dolencia en los pechos, al muy grand pro et sana luego [...].” (AXL, p. 25).

afugenta os venenos graves e supera as lutas e disputas;
 cura os loucos e rejeita os cruéis inimigos.
 Essa pedra deve ser usada engastada em prata ou em ouro,
 e apertada com o resplandecente bracelete no antebraço esquerdo.³⁰
 (MBRLL, p. 15).

Isso não quer dizer que pedras duras, como as preciosas, não tenham sido recomendadas para a manipulação de medicamentos, e sim somente como amuletos ou talismãs. Encontramos nessas narrativas pedras – como as preciosas –, recomendadas para uso medicinal na ingestão ou como emplastro. A pedra **safira**, por exemplo, aparece nos lapidários com diversas formas de uso, a saber: no de Dioscórides, é recomendada para ser ingerida no tratamento de picada de escorpião e úlceras internas; no de Marbodo, como amuleto contra maldade, inveja, para a tranquilidade, e também para livrar do cárcere aos que estão presos e a portam, e como emplastro, moída no leite e untada sobre as úlceras, para esfriar o ardor interno; no de Santa Hildegarda de Bingen, é recomendada como amuleto, mas, diferente da maioria, para ser utilizada na boca a fim de obter uma saliva ou umidade, juntamente com a pedra para obtenção de inteligência, para o tratamento de doenças do estômago e para proteção.

A dimensão e a forma referem-se, respectivamente, ao tamanho e à maneira como as pedras são encontradas na natureza. O peso se assemelha à densidade. Geralmente esses critérios são caracterizados ao comparar as pedras com outros elementos da natureza. À exceção, da forma, descrita ora de maneira detalhada, ora imprecisa, a dimensão e o peso são critérios genéricos e relativos:

74- A CADMIA

A **cadmia** melhor é a de Chipre (*Kypría*), chamada de ‘aglomerada’ (*botrytis*), maciça, moderadamente pesada e algumas vezes mais leve, com a

³⁰ “I. DE ADAMANTE / [...] Ad magicas artes idem lapis aptus habetur; / Indomitumque facit mira virtute gerentem; / Et noctis lemures, et somnia vana repellit; / Atra venena fugat, rixas et iurgia vincit; / Insanos curat, duosque reverberat hostes. / Clausus in argento lapis hic, aurove feratur, / Cingat et hinc levum fulgens armilla lacertum.” (MBRLL, p. 15).

superfície racimoide, de cor cinza; quando se rompe, por dentro é cinzenta e ferruginosa [...].³¹ (DDMM, p. 184).

[...] Faremos agora algumas indicações de caráter geral relativas ao reconhecimento de todas as pedras preciosas, seguindo as opiniões dos especialistas. As **gemas** côncavas ou convexas são menos apreciadas que as planas. As alongadas são mais apreciadas; em seguida têm as de forma lenticular; a continuação, as planas e redondas; as angulosas apenas são cotadas [...].³² (DDMM, p. 184).

13. Gemas cristalinas.

[...] 2. **O diamante** é uma pedra indígena, pequena e sem beleza; tem a cor do ferro e o brilho do cristal; no entanto, nunca foi encontrado nenhum que supere o tamanho de uma avelã [...].³³ (ISE, p. 1122).

A localização, ou seja, a proveniência, o lugar de extração ou descoberta, ou, ainda, o local onde encontram-se as melhores pedras é um critério muito utilizado com rigor e precisão. Juntamente com a cor, é um elemento definidor, que permite diferenciar várias espécies portadoras do mesmo nome. Também indica suas características físicas, já que o local de origem, ou seja, a região onde elas surgem, influencia diretamente na sua natureza. O exemplo abaixo refere-se à obra de Hildegarda de Bingen:

12. CALCEDONIA

A calcedônia cresce quando o sol já quase tem-se escondido depois da hora das vésperas, quando o ar ainda está um pouco quente. E a calcedônia traz seu calor mais do ar que do sol, e tem boas virtudes [...].³⁴ (HBLPC, p. 141).

As virtudes que as pedras possuíam ou recebiam, a depender do tratado, constituem o elemento mais importante nas descrições. Elas são específicas a cada pedra.

³¹ Tradução nossa: “74- LA CADMIA / La cadmia mejor es la de Chipre (*Kypría*), llamada ‘arracimada’ (*botryitis*), maciza, medianamente pesada y tirando más ligera, con la superficie racimoide, de color ceniza; cuando se rompe, por dentro es cenicienta y ferruginosa [...].” (DDMM, p. 184).

³² [...] Haremos ahora algunas indicaciones de carácter general relativas al reconocimiento de todas las piedras preciosas, siguiendo las opiniones de los expertos [...]. Las gemas cóncavas o convexas son menos apreciadas que las planas. Las alargadas son más apreciadas; luego las tienen forma lenticular; a continuación las aplanadas y redondas; las angulosas apenas se cotizan [...].” (DDMM, p. 184).

³³ Tradução nossa de: “13. De crystallinis / 2. Adamans Indicus lapis parvus et indecorus, ferrugineum habens colorem et splendorem crystalli, nunquam autem ultra magnitudinem nuclei Avellani repertus [...].” (ISE, p. 1.122).

³⁴ Tradução nossa de: “12. CALCEDONIA [...] / La calcedônia crece cuando el sol ya casi se ha escondido después de la hora de vísperas, cuando el aire todavía está algo caliente. Y la calcedonia trae su calor más del aire que del sol, y tiene buenas virtudes [...].” (HBLPC, p. 141).

Uma informação ou outra poderia faltar nas narrativas, mas as virtudes são mencionadas em todas elas, uma vez que o principal objetivo era descrevê-las, sobretudo as preventivas e as curativas.

76- O cobre queimado

[...] Tem a virtude de adstringir, de secar, de emagrecer, de reprimir, de atrair, de purificar as chagas e de cicatrizá-las, de limpar as dos olhos, de reduzir as carnes supérfluas, de deter as úlceras destrutivas. Bebido com hidromel ou em forma de electuário com mel ou como bochecho, provoca vômitos. É lavado como a cadmia, trocando a água quatro vezes ao dia até que não fique nenhuma impureza. E sua escória, lavada igualmente, tem a mesma virtude, ainda que mais fraca.³⁵ (DDMM, p. 191-192).

DA PEDRA DENOMINADA **PEDRA DE CIN-**

[...] E tem tal virtude que se a penduram no pescoço de quem tem um abcesso chamado esquinência, sara logo; e se a moerem e dela beberem, fará o mesmo. Além disso, tem outra propriedade muito estranha: as moscas fogem do lugar onde ela está; por fim, os daquela terra fazem copos e tigelas dela, nos quais se alimentam. Ainda que não tenham nada como fazerem isso, se a colocarem em óleo de oliva, desfaz-se logo e incorpora-se a ele [...].³⁶ (AXL, p. 28-29).

As pedras exerciam a virtude pelo contato, por ingestão ou por sucção e absorção.

Além disso, mesmo aquelas que possuíam virtudes terapêuticas eram recomendadas para serem usadas como amuletos ou talismãs³⁷ e como emplastos e unguentos.

Os lapidários têm uma função prática: fazer conhecer as pedras e, por conseguinte, proporcionar sua utilização prática nos mais variados aspectos. Muitos produtos eram obtidos a partir de pedras para o uso em metalurgia, em construção, na fabricação de pinturas e vernizes, na cerâmica etc. Muitos são os propósitos presentes nesses tratados que

³⁵ Tradução nossa de: “76- EL COBRE QUEMADO / [...] Tiene virtud de astringir, de desecar, de adelgazar, de reprimir, de atraer, de purificar las llagas y de cicatrizarlas, de limpiar las de los ojos, de reducir las carnes superfluas, de detener las úlceras corruptivas. Bebido con hidromiel o en forma de electuario con miel o como enjuagatorio, provoca vómitos. Se lava como la cadmia, cambiando el agua cuatro veces al día, hasta que no quede ninguna impureza. Y su escoria, lavada igualmente, tiene la misma virtud, aunque más débil.” (DDMM, p. 191-192).

³⁶ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA AQUE LLAMAN PIEDRA DE CIN- / [...] Et a tal uertud que si la cuelgan al cuello daquel que ouiere la postema aque llaman esquinancia, sana luego; et si la molieren et gela dieren a beuer, fara esso mismo. Et demás a otra propriedat mucho estranna, ca fuyen las moscas del logar o ella esta; et por end los daquela tierra fazen uasos et escudiellas della, en que tienen sus comerres. Et aun sin esto faz otra cosa, que si la ponen en olio de oliuas, desfaz se luego et encorpora se con el [...]” (AXL, p. 28-29).

³⁷ Os talismãs potencializam as virtudes das pedras.

ultrapassam o caráter médico: prevenir e curar enfermidades, obter o amor de outra pessoa, alcançar poder, provocar a morte de inimigos, proteger de maus espíritos, alcançar favores de deuses, transformar metais simples em ouro etc. Essas narrativas se constituíram em tratados médicos, muito importantes como receitas de medicamentos. Os físicos, porém, utilizaram as pedras ou produtos a partir delas com bastante cautela devido à sua toxicidade (JAMES-RAOUL, 2010, p. 104-109).

A escrita destas narrativas indica que parte do conhecimento sobre as pedras é obtido a partir das experiências das pessoas e das comunidades, tratando-se ora de experiências vivenciadas pelo autor, ora de relatos que ele ouviu, ora de relatos registrados em fontes consultadas. São, portanto, informações adquiridas pela utilização, crença, ensinamentos, histórias de vida de gerações a gerações. Assim, embora seguindo um padrão nas informações a serem catalogadas, os capítulos destinados a cada pedra são desiguais em tamanho e em conteúdo, dependendo do teor da informação que se obtinha de cada pedra.

XXX. DA GERACHITE

Mas a experiência antiga louva a **gerachite**

Esta, de cor preta, supera em poder a sua cor.

Se alguém a levar à boca, depois de tê-la lavado,

Rápido poderá dizer o que dele pensa o outro.

Nela sempre está presente a virtude imperativa,

pela qual nenhuma mulher pode negar nada a quem lhe peça algo [...].³⁸

(MBRLL, p. 105).

DA PEDRA QUE TEM NOME DE **LEGUYA**. – [...] Encontram-na em Armênia, a Maior, perto da cidade chamada Cequid, e suas minas estão em cima de um monte muito alto, e naquele monte encontram-se muitas ervas e árvores, das quais falou Ceherit, o sábio, em *El agricultura caldea*; e delas contou muitas maravilhas, celestiais e temporais [...].³⁹ (AXL, p. 131).

³⁸ Tradução nossa de: “XXX- DE GERACHITE / At gerachitem vetus expericentia laudat. / Iste colore niger superat virtute colorem: / Quem prius abluto si quis gestaverit ore, / Dicere mox poterit, quid de se cogitet alter. / Huic quoque semper inest impetratoria Virtus, / Qua nequeat mulier quicquam prohibere petenti [...]” (MBRLL, p. 105).

³⁹ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE A NOMBRE LEGUYA.- / [...] Et fallan en la Armenia la Mayor, cerca dela uilla aque llaman Cequid. Et las sus mineras son en cima dun monte mucho alto, et en aquel monte fallan muchas maneras de yerbas et de arboles, de que fablo Ceherit el sabio en *El agricultura caldea*; et conto dellas muchas marauillas, celestiales et temporales [...]” (AXL, p. 131).

1.3 O *Scriptorium* afonsino de Toledo

Os séculos XII e XIII foram marcados, na Península Ibérica, por um intenso trabalho de tradução e compilação de obras gregas do árabe para o latim. Soma-se a esse trabalho de tradução a intensa investigação científica nas mais variadas áreas de conhecimento. Os cristãos até então conheceram uma parcela restrita das obras gregas antigas, uma vez que as dos clássicos gregos e latinos haviam desaparecido quase por completo do mundo ocidental durante a Alta Idade Média. Depois se depararam com traduções, comentários e interpretações árabes de textos clássicos antigos, como os de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), Platão (428 a.C.-347 a.C.), Ptolomeu (100-174), Hipócrates (460 a.C.-377 a.C.), Galeno (130-200?) e Dioscórides (50-70 d.C). Além disso, entraram em contato com obras de árabes medievais: Avicena (980-1037), al-Farabi (872-950), Averróis (1126-1198) e outros. A atividade de tradução e interpretação de textos clássicos, escritos fundamentalmente em árabe, para o latim denominou-se Escola de Tradutores de Toledo e foi realizada conjuntamente por intelectuais muçulmanos, judeus e latinos cristãos especializados, que trabalharam em diversos campos: história, ciência, literatura e legislação.

A Escola de Tradutores de Toledo não se trata de uma escola física, mas de uma infraestrutura sólida no que diz respeito a técnicas e, em especial, à disponibilidade, à circulação e ao repositório de códices. Assim, em Toledo reuniram-se bibliotecas sob os reinados taifas (1031-1086), transformando-se em depósitos dos tesouros da ciência árabe, que passou para as mãos dos cristãos com o domínio da cidade, em 1085 (MARQUÉZ VILLANUEVA, 1994, p. 76-77).

No século XII, Toledo acolheu intelectuais e, sobretudo, tradutores de toda a Europa. Dentre eles se destacaram: Geraldo de Cremona (1114-1187),⁴⁰ Miguel Escoto

⁴⁰ Escritor e um dos maiores tradutores de árabe, grego e latim. Traduziu noventa e duas obras árabes, nas quais se incluem obras de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), Ptolomeu (100-174), Hipócrates (460 a.C.-377 a.C.) e

(1175?-1232),⁴¹ Marcos de Toledo (1191-1234),⁴² Roberto de Chester,⁴³ Adelardo de Bath (1080-1152),⁴⁴ Alfredo de Sareshel,⁴⁵ Daniel de Morley (1140-1210),⁴⁶ Hermann o Aleman.⁴⁷ As traduções ocorriam no âmbito eclesiástico e selecionavam obras eclesiásticas e religiosas, e eram realizadas por equipes de tradutores constituídas por arabistas e latinistas.

A partir desse período, Toledo se tornou a cidade do saber. Era nessa cidade que se poderia aprender, mais do que em qualquer lugar, a filosofia e as ciências da natureza e, sobretudo, o árabe. Em uma carta do clérigo inglês Daniel de Morley dirigida ao bispo de Norwich, descrevendo seu itinerário intelectual, nos deparamos com a ânsia por conhecimentos de um grupo social na Idade Média do século XII, os homens de saber. Nessa epístola, narra sua paixão pelo estudo e a necessidade de sair da Inglaterra. Passou por Paris, onde critica seu ensino. Depois, segue para Toledo, que considera o lugar mais importante da produção intelectual. De lá voltou para a Inglaterra, com muitos livros (LE GOFF, 2016, p. 23).

Foi nesse ambiente que ocorreu um aspecto importante da formação intelectual de Afonso X: humanística, baseada nas sete artes liberais. Porém, diferentemente de seus irmãos,

Galeno (130-200?). O conteúdo das obras traduzidas abarca principalmente a Lógica, a Filosofia Natural, a Astronomia e a Medicina.

⁴¹ Filósofo, médico, alquimista e astrólogo, tradutor para o latim de obras como *Da geração e corrupção*, *Da geração dos animais*, de Aristóteles etc.

⁴² Médico toledano, tradutor para o latim de obras como o *Corão*, um tratado de Hipócrates e quatro de Galeno, bem como vários tratados religiosos muçulmanos e um tratado grego sobre biologia.

⁴³ De origem inglesa, viveu muito tempo no norte da Espanha. Tradutor da primeira versão latina do *Corão* e de textos árabes para o latim na área de alquimia e matemática.

⁴⁴ Filósofo e escolástico inglês do século XII. Ensinou em Paris e Lyon. Tradutor de tratados científicos árabes e gregos de filosofia, astronomia, astrologia e matemática para latim e para versões árabes. Também redigiu tratados originais, sendo o mais importante o *De eodem et diverso*.

⁴⁵ Filósofo escolástico e médico naturalista inglês. Tradutor do árabe para o latim. Traduziu e comentou obras de Aristóteles, tais como *De Generation et corruption*, *Meteorologica*, *De anima* etc. Produziu obras originais, tais como: *De motu cordis* [Sobre os movimentos do coração], *De naturis Rerum* [Sobre a natureza das coisas], *De Educationi Accipitrum* [Sobre o modo de adestrar falcões] etc. De volta à Grã-Bretanha, foi nomeado cônego na catedral de Lichfiel.

⁴⁶ Filósofo escolástico e astrônomo inglês. Estudou em Oxford e Paris. Viajou para Toledo à procura de traduções árabes de filosofia grega. A pedido do bispo e astrônomo João de Norwich, revisou as Tábuas de Toledo e realizou investigações e observações importantes em cosmologia com os conhecimentos árabes sobre os corpos celestes, sua natureza e localização nos vários períodos do ano. Realizou também uma interpretação minuciosa do livro de Adelardo de Bth sobre o astrolábio.

⁴⁷ De origem alemã, foi bispo em Astorga de 1266 a 1272. Traduziu e comentou várias obras de Aristóteles, dentre elas *Ética a Nicômaco* e *Poética*, a *Retórica*, de Averróis etc.

que frequentaram a Universidade de Paris, foi educado por mestres laicos. Assim, na Idade Média, criar e educar a um futuro rei significava, antes de tudo e principalmente, formar um guerreiro e, ao mesmo tempo, um cavaleiro cristão. Além disso, sabia todas as línguas peninsulares: além do galego-português (língua poética) e do latim, dominou o catalão, o árabe e o hebraico, além de algumas línguas estrangeiras, como o francês e o provençal (SALVADOR MARTÍNEZ, 2003, p. 78 e 99).

A produção científica de Afonso X iniciou-se antes mesmo de ele ser proclamado rei, enquanto infante. A tradução do *Lapidario* marcou o início de uma produção científica. Assim, ainda em sua juventude demonstrou grande interesse pela cultura e, especialmente, pelo conhecimento científico.

Fruto do contexto da Reconquista e do espaço da Península Ibérica que abrigou povos de três culturas e religiões, Afonso X via-se entre o Ocidente cristão e o mundo oriental, pois em seu reinado conviveram, por meio da tolerância, judeus, mouros e cristãos, sendo a liberdade de crença também respeitada por ele. A tolerância em seu reinado esteve ligada ao duplo processo histórico da Reconquista e ao repovoamento da Hispania. Era um *modus vivendi* que se instaurou a fim de ocupar e explorar o solo conquistado, no qual pedia-se aos mouros que não emigrassem depois da Reconquista e acolhiam-se comunidades judaicas. Ainda, não se exigia a conversão de judeus e mouros, mas sim que eles fossem súditos leais da Coroa. Nesse sentido, a tolerância se configurava como um estatuto outorgado pelos governantes, que desejavam facilitar a coexistência entre os membros das diferentes religiões (CARDAILLAC, 1992, p. 13).

Com o reinado de Afonso X, a Escola de Tradutores de Toledo saiu do âmbito eclesiástico e se viu incorporada à corte real, constituindo o *Scriptorium* afonsino. Este também remete, assim como a noção de escola de tradutores, ao local onde trabalhava o

copista medieval, individual ou coletivamente, bem como os indivíduos que ali trabalhavam e o método de trabalho utilizado.

O *Scriptorium* afonsino deu ênfase a traduções de obras científicas, em especial de Astronomia e Astrologia, com equipes de tradutores constituídas por arabistas e romanistas. As obras traduzidas correspondem a fontes orientais e, em sua maioria, a fontes andaluzas. A maior novidade em relação à experiência anterior foi a adoção da língua castelhana, além do latim, na tradução das obras científicas. Esse fato não se restringiu à criação de um *corpus* literário em língua vernácula, mas sim à demonstração da hegemonia castelhana por intermédio do uso da língua de Castela nos documentos régios. Tratava-se de um projeto político que ultrapassava os interesses científicos de suas obras. Esse conjunto de sua produção serviu para demonstrar sua hegemonia no âmbito do seu reino e para projetá-lo no cenário internacional da época, quando tentou candidatar-se a imperador do Sacro Império Romano-Germânico.

Tendo em vista que Afonso X herdou de seu pai a chancelaria e, portanto, todo um projeto de governo que já incluía o uso da língua vernácula nos documentos legais, o uso desta língua fornece um elo não só entre a sua chancelaria e a de seu pai, mas também com o *Scriptorium*. Ou seja, as raízes do *Scriptorium* afonsino encontram-se na chancelaria. Ainda, o cunho prático das obras afonsinas aponta para uma ideia de unidade da chancelaria e do *Scriptorium* (CARDENAS, 1990, p. 95).

As traduções davam-se da seguinte forma. Havia uma equipe formada por duas pessoas conhecedoras da matéria a ser traduzida: uma dominava a língua original da obra e a outra a língua de destino da tradução. Ao mesmo tempo, ambos dominavam a língua vulgar – o castelhano (MENÉNDEZ PIDAL, 1951, p. 364).

Além de dar continuidade às escolas tradutoras de Toledo do século XII, Afonso X criou também centros de estudos nas cidades de Sevilha (obras literárias) e Múrcia, onde reuniu destacados homens de saber árabes, judeus e cristãos da época.

Apesar de ser difícil estabelecer uma cronologia precisa do trabalho científico do *Scriptorium* afonsino, pois as obras são, na maioria das vezes, revisadas, ampliadas ou corrigidas, o quadro a seguir apresenta uma cronologia geral das principais obras dessa produção científica e os nomes dos homens de saber envolvidos nesse trabalho.

Quadro 2 – Produção científica afonsina

Títulos	Ano de tradução/compilação	Tradutores/compiladores e elaboradores
<i>Lapidario (I Tratado)</i>	1243-1250	Yhuda Mosca e Garcia Perez
<i>Libro conplido en los iudizios de las estrellas</i>	Início em 1254	Yhuda Mosca, Álvaro de Oviedo e outro colab.
<i>Libro de las estrelas fixas</i>	1256	Yhuda Mosca e Guilherme A.
<i>Libro de la Açafeha</i>	1255-1256	Yhuda Mosca e Guilherme Ânglico
<i>Picatrix</i>	1256-1257	Yhuda Mosca e Rabiçag de Toledo
<i>Tetrabiblos ou Cuadripartito</i>	Depois de 1257	Yhuda Mosca e Rabiçag de Toledo
<i>Libro de la Alcora</i>	1259	Yhuda Mosca, Dom Mossé e João Daspa
<i>Libro de las Cruces</i>	1259	Yhuda Mosca e Juan D'Aspa
<i>Liber Razielis</i>	1260	Juan D'Aspa e outro colaborador
<i>Tablas de Azaquiel</i>	1263	Yhuda Mosca e Guilherme Ânglico
<i>La escala de Mahoma</i>	1264	Abrahan e Buenaventura de Siena
<i>Tablas Alfonsíes</i>	1263-1272	Rabiçag de Toledo e Yhuda Mosca
Tradução latina do <i>Libro conplido en los iudizios de las estrellas</i>	1271-1273	Álvaro de Oviedo
<i>Ochava Esfera</i>	1276	Juan de Mesina e Yhuda Mosca
<i>Libro del saber de Astrología</i>	1276-1278	Rabiçag de Toledo e Shemuel há-Leví
<i>Libro de las formas e de las imágenes</i>	1276-1279	Yhuda Mosca e Rabiçag de Toledo
<i>Libro de Astromagia</i>	1280-1284	?

Fonte: Fernández Fernández (2013, p. 40, 60-70).

Esse conjunto de obras sempre foi questionada no que diz respeito à autoria, ou seja, se Afonso X era realmente o autor de suas obras. Entretanto, a autoria na Idade Média não era tratada no sentido como é concebida atualmente. O rei possuía um extenso número de colaboradores com os quais trabalhava em conjunto na direção e redação das obras, ao mesmo tempo em que ordenava traduções e compilações. Embora não tenha feito todos os manuscritos que levam sua autoria, era mais que um mecenas: procurava, adquiria e

selecionava os livros a serem compilados, ordenava e iniciava os projetos de tradução/compilação, dava instruções, atribuía atividades a cada colaborador, revisava os trabalhos, dava sentido ao manuscrito, compondo-o em conjunto com os colaboradores os prólogos dos tratados. Na Idade Média, esse tipo de participação e trabalho implicava a autoria das obras.

A produção científica astronômica compreendia também as tábuas astronômicas. Essas obras, em conjunto, revelam o acúmulo e o avanço no conhecimento castelhano, marcado por elementos árabes, hispano-árabes e hispânicos. É justamente nessa linha que ela avançou, seja com o acesso, a análise e a propagação dos conteúdos das traduções e compilações, seja pelas atividades práticas do campo da Astronomia, como a correção das tábuas astronômicas conhecidas e a elaboração e difusão das novas. Estas últimas foram utilizadas, do ponto de vista prático, para determinar as posições dos planetas, do sol e da lua em relação a uma posição geográfica, bem como a distâncias entre eles e o cálculo dos eclipses e posições das constelações. As Tábuas Afonsinas, baseadas em observações realizadas em Toledo, foram elaboradas com o objetivo de substituir as Tábuas Toledanas, calculadas no século XI por Azarquiel (1029-1087). Baseando-se na tradição anterior, foram compostas em Toledo entre 1263 e 1270, portanto, para atualizar os dados e corrigir aquilo que Afonso X e seus colaboradores acreditavam estar errado em relação ao cálculo das posições dos planetas. Tiveram impacto e difusão por séculos no campo científico por toda a Europa.

Outra característica marcante desse conjunto foi o recurso à Astrologia e, em menor medida, à Magia. O *Lapidario* e o *Picatrix* são alguns exemplos de obras astrológicas, também de cunho mágico, traduzidas sob seu encargo. Outras obras – como o *Setenario*, o *Libro de ajedrez* [Livro de xadrez] e as obras astrológicas do *Scriptorium* afonsino – evidenciam o interesse e o conhecimento que Afonso X tinha sobre a Astrologia. O rei aceitou e acreditou na concepção da influência dos astros, ainda que tratasse de acomodar as práticas

astrológicas às doutrinas cristãs. Ele esteve aberto a esses conhecimentos, comuns desde a Antiguidade e que justamente na Idade Média ganharam legitimidade em função da aproximação com a Astronomia, um dos campos científicos que buscavam o conhecimento da natureza.

1.3.1 Os tradutores

Houve judeus conhecedores do árabe, mas houve também muçulmanos conversos e alguns cristãos. O predomínio de judeus deu-se, por um lado, pelo fato de que esses povos viveram durante muito tempo sob domínio político árabe em al-Ândalus e, em virtude disso, dominavam o árabe, e, por outro lado, porque os árabes demonstravam pouco interesse em traduzir para outra língua o árabe, devido a uma forte tendência ao monolinguismo inspirado no Alcorão. A importância dos judeus é maiormente evidenciada quando identificamos que em cada uma das obras astronômicas afonsinas (com exceção das retraduições latinas e da versão de 1255 do *Tratado de la Azafea*) aparece um judeu como um dos autores. Do mesmo modo, os judeus são os únicos autores das obras originais afonsinas.

Dentre os judeus há: Yhuda Mosca, o Menor, Rabiçag de Toledo, Abraham Alfaquín, Shemuel há-Leví e Don Moshé. Muçulmano convertido ao cristianismo: Bernardo, o Árabe. Figura entre os cristãos espanhóis: Fernando de Toledo, Garci Pérez, Guillén Arremón d'Aspa e Juan D'Aspa. Dentre os italianos: Juan de Cremona, Juan de Mesina, Pietro de Regio, Egidio Tebaldi de Parmae Boaventura de Siena.

O físico e astrônomo da corte de Afonso X, Yhuda Mosca, o Menor, que, juntamente com o clérigo Garcia Perez, realizaram a tradução do árabe para o castelhano do *Lapidario* (ver Quadro 1). Ele colaborou também, dentre outras atividades científicas, com o judeu Rabiçag de Toledo nas observações astronômicas para a composição das Tábuas

Afonsinas entre 1262 e 1263. Foi um dos principais intelectuais a trabalhar nos textos científicos do *Scriptorium* afonsino, atuando durante toda a sua vida, inclusive sua incorporação deu-se antes de Alfonso X ascender ao trono.

Rabiçag de Toledo (Rabbí Ishaq bem Sid), realizou igualmente observações de eclipses solares em Toledo. Foi um científico conhecedor de Astronomia, provavelmente um dos maiores astrônomos do *Scriptorium*, e importante colaborador desse centro. Encontra-se vinculado às traduções das obras: *Libro de la lámina universal*, *Cánones de al-Batni* e *Tablas de Azarquiel*. Além das traduções, atuou em correções de erros das Tábuas Astronômicas e, ademais, é autor de diversas obras astronômicas: *Libro del astrolábio redeondo*, *Libro de Astrolabio llano*, *Libro del cuadrante com que rectifican*, *Libro de las armellas*, *Libro del relogio de la piedra de la sombra*, *Libro del relogio del agua*, *Libro del relogio de argento vivo*, *Libro del cuadrante sennero* e outras.

Abraham Alfaquín, membro de uma influente família judaica a serviço da corte castelhana, foi físico de Alfonso X e, posteriormente, de seu filho Sancho IV. Além da atuação como tradutor do livro *La Escala de Mahoma* [A Escala de Maomé], revisou o *Libro de la Açafeha* [Livro de açafeha]. Além de membro do *Scriptorium*, foi um dos homens de confiança de Alfonso X.

Shemuel há-Leví aparece vinculado apenas ao *Libro del saber de la Astrología* [Livro do saber de Astrologia], porém, provavelmente trabalhou em outras obras, como na revisão da tradução do *Libro de las figuras y estrellas fixas*, juntamente com outros colaboradores, e como autor do *Libro del relogio de la candela*. O físico Don Mossé figura igualmente entre os colaboradores de origem judaica, tendo participado da tradução do *Libro de la Alcora* [Livro do Alcorão] com o mestre e clérigo João Daspa. O judeu Gilberto, o Ânglico, aparece vinculado às traduções do *Libro de la Açafeha* [Livro de açafeha], entre 1255 e 1256, e das *Tablas de Azaquiel* [Tábuas de Azarquiel], em 1263.

O Mestre Bernardo, o Árabe aparece citado nas obras como cristão novo. Participou da tradução italiana do *Libro del saber de la Astrología* [Livro do saber de Astrologia] e colaborou com Abraão na revisão da tradução do *Libro de la Açafeha* [Livro de açafeha], em 1277.

O Mestre Fernando de Toledo figura entre os colaboradores cristãos do *Scriptorium* afonsino que, como exceção, traduziu sozinho uma primeira versão do *Libro de la Açafeha* [Livro de açafeha] ao castelhano, em 1256.

Os clérigos Guillén Arremón d'Aspa e Garcia Perez participaram apenas de uma atividade tradutora no *Scriptorium*. O primeiro participou da tradução do *Libro de las Estrelas fixas* [Livro das estrelas fixas], juntamente com Yhuda Mosca, e o segundo da tradução do *Lapidario*. Outro clérigo foi Juan D'Aspa, que atuou nas traduções do *Libro de la Alcora* [Livro do Alcorão] junto com Yhuda Mosca e Dom Mossé, bem como do *Libro de las Cruces* [Livro das Cruzes], com Yehudá Mosca, em 1959, além de ter participado da tradução castelhana do *Liber Razielis*.

Álvaro de Oviedo, também clérigo, colaborou na tradução ao castelhano do *Libro conplido en los iudizios de las estrellas* [Livro completo nos iudizios das estrelas] e realizou uma das traduções latinas desse mesmo livro. Além de colaborador do *Scriptorium*, trabalhou no cabildo toledano.

Boaventura de Siena finalizou em 1264 a tradução latina e francesa do livro *La Escala de Mahoma* [A Escala de Maomé]. Atuou, ademais, na chancelaria régia. Outro foi o mestre Juan de Mesina, que colaborou na revisão da tradução do *Libro de las Estrelas fixas* [Livro das estrelas fixas] com Juan de Cremona e Shemuel-há-Leví, em 1276. O mestre Juan de Cremona colaborou na segunda tradução do *Libro de las Estrelas fixas* [Livro das estrelas fixas] e, provavelmente, atuou na chancelaria régia. Egídio de Tebaldis realizou a tradução latina do *Libro conplido en los iudizios de las estrellas* [Livro completo nos iudizios das

estrelas], do *Liber de iudiciis astrologie*, com Pietro de Regio, e do *Cuadripartitum*, de Ptolomeu. Também está associado à tradução latina do *Picatrix*. Atuou também como notário da chancelaria imperial. Pietro de Regio colaborou na tradução latina do *Libro conplido en los iudizios de las estrellas* [Livro completo nos iudizios das estrelas], em conjunto com Egídio de Tebaldis, e trabalhou na chancelaria imperial (FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, 2013, p. 59-72).

Além de tradutores e compiladores, os colaboradores do *Scriptorium* afonsino produziram obras, completas ou em conjunto, e, além disso, ocuparam cargos políticos e administrativos na corte. A maioria dos membros atuava igualmente em outras profissões urbanas: mestres, médicos, notários e clérigos.

CAPÍTULO 2 – AS AUCTORITATES ANTIGAS DO LAPIDARIO DE AFONSO X

O *Lapidario* ou *Libro de las piedras*, de Afonso X, é um tratado prático de Mineralogia, no qual encontram-se as principais teorias que imperavam na época acerca dos minerais, tais como sua origem, natureza, propriedades etc. O aspecto importante dessa obra é seu caráter médico, que faz dela também um autêntico tratado prático de Medicina, em estreita conexão com outros saberes correntes na época: a Astronomia/Astrologia e a Magia, Natural e Astral.

O *I Tratado*, mais extenso, descreve 360 pedras,⁴⁸ que se encontram vinculadas aos 360 graus do zodíaco, 30 em cada um dos 12 signos, em língua castelhana e, às vezes, se refere às designações nas línguas antigas do Oriente Próximo. Em seguida, mostra o local de origem, as propriedades, as virtudes preventivas e curativas das enfermidades, bem como as constelações ou os planetas aos quais as pedras estão vinculadas. As virtudes de suas pedras são advindas dos astros em momentos astrologicamente propícios e, ainda, da vontade divina.

O *II Tratado* está organizado de forma a descrever 36 pedras, estando dividido, como o *I Tratado*, de acordo com o zodíaco. Assim, cada capítulo desse tratado corresponde a uma fase do zodíaco, sendo que cada signo possui três fases, dentro das quais existem figuras que governam e exercem influência sobre as pedras a que estão vinculadas.

O *III Tratado* descreve 63 pedras: quatro atribuídas a Saturno, quatro a Júpiter, quatro a Marte, oito ao Sol, vinte e seis a Vênus, doze a Mercúrio e cinco à Lua. Em cada capítulo é mencionado o nome da pedra e do planeta que a rege, a posição e a imagem do planeta ou de outros corpos celestes que exercem influência, além da virtude da pedra no momento da interferência (AXL, p. 191-204).

⁴⁸ Faltam alguns fólios no manuscrito, que dizem respeito à descrição de 59 pedras.

O *IV Tratado* descreve 94 pedras, de acordo com as constelações e os planetas. Embora no original a sua descrição siga o alfabeto árabe, na tradução afonsina utiliza-se a ordem do alfabeto latino, e apenas na letra inicial.

2.1 Os prólogos do *Lapidario* de Afonso X

O prólogo é um subgênero de texto presente em narrativas de todos os gêneros em língua latina ou vernácula, por todo o período medieval, herança da Antiguidade Clássica, o qual antecede a obra propriamente dita. Desempenha, entre outros, o papel de norteador da leitura do escrito a seguir. Trata-se de uma fonte para a visão do autor, da própria obra, e do público alvo (SANTOS, 2018, p. 63-64).

O primeiro prólogo do *Lapidario* afonsino, mais extenso, foi composto, assim como os outros três, no *Scriptorium* afonsino posteriormente à atividade de tradução, já que menciona Afonso X como rei e considera-se que sua composição tenha sido iniciada ainda quando infante. Apresenta o conjunto da obra fazendo referência ao trabalho investigativo do *Scriptorium* afonsino: atribui a sua autoria ao sábio muçulmano Abolays;⁴⁹ narra a trajetória do manuscrito até chegar às mãos do rei Afonso X; anuncia os tradutores do árabe para o castelhano, o físico judeu da corte Yheuda Mosca o Menor, com a colaboração do clérigo Garcia Perez; faz referência, para a sua composição, a um texto supostamente de Aristóteles, datado do século IV a.C., o qual abordou setecentas pedras e suas respectivas qualidades; por fim, justifica seu caráter científico enumerando três áreas do conhecimento: Astronomia, Mineralogia e Física (Medicina):

[...] Este livro é muito nobre e muito apreciado. E quem dele quiser aproveitar convém que se atente a três coisas. A primeira, que seja

⁴⁹ Muito pouco se sabe sobre esse sábio, ainda que se tenha tentado identificá-lo com Abbul Abbas, naturalista de al-Andalus morto em 1237.

conhecedor de **astronomia**, que saiba conhecer as estrelas, em qual estado estão, e em qual período as pedras possuem maior virtude, segundo a virtude que recebem de Deus. A segunda coisa é que saibam conhecer as pedras e as cores, e os brilhos delas; e, ainda, que saibam certamente os lugares designados onde surgem ou onde se encontram e separar a artificial da natural, e distinguir também as que naturalmente se parecem, conhecendo-as por peso e por dureza, e por outros sinais pelos quais se pode conhecê-las o homem que for entendido nesse saber. A terceira coisa é que seja conhecedor da arte da **física**, que há muito dela encerrada na virtude das pedras, segundo neste livro se mostra. E que saiba nelas trabalhar assim como nele se manda [...].⁵⁰ (AXL, 1981, p. 19, grifo nosso).

Ressalta, ainda, a complexidade da obra, alertando para o conhecimento específico de seu público-alvo: Astronomia, Mineralogia e Física. Além disso, trata também do caráter mágico na utilização das pedras, indicando para o bom uso e para abster-se do mau uso delas.

Os outros prólogos (do segundo, terceiro e quarto) apresentam seus respectivos tratados, dois anônimos e o último atribuído ao árabe Mahomat Aben Quich. O prólogo do *II Tratado, Libro de las piedras según las fazes de los signos* [Livro das pedras segundo as fases dos signos], menor em tamanho, estabelece a conexão com o tratado anterior. Refere-se a Ptolomeu como um dos antigos sábios que foi grande conhecedor da arte de Astronomia, bem como a alguns princípios dessa ciência. Assim, o aspecto astronômico ressaltado nesse prólogo refere-se à ideia de que todas as coisas, vivas ou mortas, incluindo, portanto, pessoas, plantas, animais e minerais, possuíam a propriedade de receber e transmitir poderes do Sol e das estrelas (AXL, p. 178-180). Além disso, introduz as três fases dos signos – começo, meio e fim –, sendo cada uma de dez graus. E assim ocorrem as trinta e seis fases nos doze signos, e trezentos e sessenta graus. O caráter astronômico/astrológico desse tratado associa-se à

⁵⁰ Tradução nossa de: “[...] Et este libro es muy noble et muypreciado. Et qui del se quisiere aprouechar conuiene que pare mientes en tres cosas. La primera, que sea sabidor de astronomia, por que sepa connoscer las estrellas, en qual estado estan, et en qual sazón uiene mayor uertud alas piedras dellas, segund la uertud que reciben de Dios. La segunda cosa es que sepan conosçer las piedras et las colores, et las faiciones dellas; et otrossi que sepan cierta miente los logares sennalados o se crian et o se fallan et estremar la contrafecha dela natural, et departir otrossi las que natural miente se semeian en uno, connosciendo las por peso et por dureza, et por las otras sennales por que se pueden conosçer a omne que fuere entendido en este saber. La tercera cosa es que sea sabidor dela arte de fisica, que iaze mucho del la encerrada en la uertud delas piedras, segund en este libro se muestra. Et que sepa dellas obrar assi como en el manda [...]” (AXL, p. 19).

Magia quando indica que a força e a virtude das pedras provêm de cada imagem, formada em cada fase do signo. Apresenta, por fim, a estrutura de organização das pedras ao longo do tratado, que deve iniciar-se com o primeiro signo do zodíaco: Áries.

No pequeno prólogo do *II Tratado, Libro de las piedras según la conjunción de las planetas* [Livro das pedras segundo a conjunção dos planetas], retoma o tema do *II Tratado* e apresenta o caráter astronômico/astrológico e mágico do texto. Expõe as mudanças efetuadas nas virtudes das pedras de acordo com a posição dos planetas e das imagens do oitavo céu. Do mesmo modo, indica a organização da descrição das pedras a partir do planeta Saturno, considerado o mais alto, até chegar à Lua, o mais baixa (AXL, p. 190). Por fim, atribui tudo a Deus, evidenciando a sua composição no *Scriptorium* afonsino.

No pequeno prólogo do *IV Tratado, Libro de las piedras ordenadas por el ABC* [Livro das pedras ordenadas pelo alfabeto], sintetiza o *III Tratado* e informa duas características do quarto texto: a primeira refere-se às virtudes e às formas das pedras de acordo com as constelações em que são criadas; a cor e o odor que delas aflora quando elas entram em contato com a água; e também como essas pedras são afetadas pelas virtudes dos planetas, que as criam e produzem pelo poder divino (AXL, p. 205). A segunda característica é sua organização por meio do alfabeto árabe no original, e agora ordenadas pelo alfabeto latino.

2.2 As influências teóricas

[...] Somos como anões aos ombros de gigantes, pois podemos ver mais coisas do que eles e mais distantes, não devido à acuidade da nossa vista ou à altura do nosso corpo, mas porque somos mantidos e elevados pela estatura de gigantes [...].

Bernardo de Chartres, século XII.

No prólogo do *I Tratado do Lapidario*, Afonso X ressalta que para obter êxito com a obra é necessário o domínio de três saberes: a Astronomia, a Mineralogia (o conhecimento sobre pedras) e a Física (Medicina). O conhecimento acerca desses saberes tinha como fundamentação teórica as *auctoritates* da Antiguidade que se dedicaram ao conhecimento da natureza, como Aristóteles, Ptolomeu, Galeno, dentre outros. Ainda, de autores de obras enciclopédicas, como, por exemplo, Dioscórides, autoridade no campo da Farmacologia, sobretudo com sua *Materia Médica*.

Assim, o *Lapidario* afonsino será analisado a partir do seu principal referencial teórico, o qual foi assimilado por meio do arcabouço teórico-científico advindo da Astrologia árabe: a Filosofia Natural aristotélica, a Astronomia ptolomaica, o galenismo, a farmacopeia dioscoridiana e a Magia Natural platônica.

2.2.1 Aristóteles e a Filosofia Natural

Aristotil, que fue mas cumplido delos otros filósofos, et el que mas natural miente mostro todas las cosas por razon uerdadera, et las fizo entender complida miente segund son [...].

Afonso X, século XIII.

Aristóteles é citado no prólogo do *Lapidario* afonsino como o mais completo dos homens de saber. Constitui, segundo o autor, o referencial teórico para a abordagem científica e, portanto, para o domínio e conhecimento da natureza.⁵¹ No que diz respeito ao nosso objeto de estudo, a produção científica medieval, nos impõe a necessidade de sistematização da Filosofia Natural aristotélica.

No cosmos de Aristóteles, uma única e gigantesca esfera plena de matéria, eterno, sem princípio nem fim, tudo existiria no seu interior:

⁵¹ A natureza, na região terrestre, consiste na totalidade dos corpos existentes, constituídos por matéria e forma.

A partir, pois, do exposto, pode-se ter a certeza de que o céu, em seu conjunto, não foi engendrado nem pode ser destruído, como alguns dizem, senão que é único e eterno, sem que sua duração total tenha princípio nem fim, e tem e contém em si mesmo a infinitude do tempo, certeza obtida também através da opinião dos que o descrevem de maneira distinta e o pretendem engendrado: pois se se considera que o universo seja desse modo e, ao contrário, não do modo que aqueles dizem que tem sido engendrado, então isso daria também um grande peso à crença em sua imortalidade e eternidade [...].

É necessário que o céu tenha forma esférica: pois essa figura é a mais adequada à entidade celeste e à primeira por natureza [...].⁵² (AC, p. 107, 118 e 138).

No cosmos aristotélico, a região terrestre constituía-se de quatro elementos: terra, água, ar e fogo, ordenados dessa forma pela natureza a partir do centro do cosmo até a superfície lunar côncava. Todos os corpos eram compostos a partir de combinações de dois ou mais elementos e estavam sempre a se constituir.

Dois são os pares de qualidades, contrárias, que, de acordo com a Filosofia Natural aristotélica, dão forma à matéria-prima: quente e frio, seco e úmido. Tendo em vista que nada poderia ser simultaneamente quente e frio, nem seco e úmido, nenhum par de qualidades opostas poderia dar forma à matéria. Ao contrário, a combinação de pares não opostos produziria a matéria: as qualidades, frio e úmido, produziriam água; calor e umidade, ar; calor e seco, fogo; frio e seco, terra. Desse modo, foram obtidos os quatro elementos, fato que levou esse filósofo a concluir que os corpos da região terrestre não são elementos puros, mas misturas, ou compostos, de dois ou mais elementos (GRANT, 2002, p. 64-65).

Essas duas teorias aristotélicas, dos elementos e das qualidades, estão presentes no *I Tratado do Lapidario* de diversas maneiras. Primeiro, na disposição das pedras ao longo do

⁵² Tradução nossa de: “A partir, pues, de lo expuesto puede uno tener la certeza de que el cielo en su conjunto ni ha sido engendrado ni puede ser destruído, como algunos dicen, sino que es uno y eterno, sin que su duración total tenga principio ni fin, y tiene y contiene en sí mismo la infinitud del tiempo, certeza obtenida también a través de la opinión de los que lo describen de manera distinta y lo pretenden engendrado: pues si cabe que el universo sea de ese modo y, en cambio, no del modo que aquéllos dicen que ha sido engendrado, entonces esto daría también un gran peso a la creencia en su inmortalidad y eternidad [...]. Es necesario que el cielo tenga forma esférica: pues esta figura es la más adecuada a la entidad celeste y la primera por naturaleza [...]” (AC, p. 107, 118 e 138).

tratado, uma vez que elas se veem agrupadas aos signos que possuem os mesmos elementos e qualidades. Nessa perspectiva, a descrição da natureza das pedras desse tratado segue a teoria aristotélica dos quatro elementos (fogo, ar, terra, água), associadas às das qualidades (calor, frio, umidade, secura). Assim, cada pedra é descrita em função de suas propriedades básicas, que conferem à sua natureza uma característica específica. Essas propriedades são caracterizadas por combinações de pares de qualidades: quente e seca, fria e seca, quente e úmida ou fria e úmida. Em virtude disso, por exemplo, o ímã, a pérola, a jaspe e outras, ígneas, quentes e secas, estão associadas ao signo de Áries, ígneo, quente e seco; o diamante, a esmeralda, a coral e outras, térreas, frias e secas, estão associadas a Touro, também térreo, frio e seco; o ouro, a pedra da serpente, a pedra do sonho e outras, aéreas, quentes e úmidas, estão associadas a Gêmeos, também aéreo, quente e úmido, e assim sucessivamente ao longo do tratado.

Na atmosfera superior da região terrestre Aristóteles presumia que houvesse cometas, estrelas cadentes e outros fenômenos similares, mutáveis e que só poderiam ocorrer na região terrestre. Se a mudança e a transformação eram os traços característicos da região terrestre, o mínimo de mudança era a marca da região celeste, onde encontravam-se os planetas e as estrelas. A ausência de mudanças era atribuída ao éter celestial, considerado por Aristóteles como o quinto elemento que preenchia essa região, sem deixar espaços vazios.⁵³

Aristóteles entendia que um grau menor de mudança era superior a um grau maior. Dessa forma, ele considerava a região celeste, onde a única mudança era a de lugar, como mais nobre e imensamente superior à terrestre, onde a mudança ininterrupta e constante era a principal característica. Nesse sentido, Aristóteles inferiu que a região celeste, mais nobre, deveria influenciar as mudanças na terrestre, menos nobre e menos perfeita. Esse princípio foi amplamente utilizado pela Astrologia antiga e medieval a fim de interpretar e

⁵³ O éter é uma substância incorruptível que não pode sofrer mudança, exceto a mudança de lugar. Assim, tendo em vista que os planetas e as estrelas eram compostos de éter celestial, eles não podiam submeter-se a nenhuma mudança, exceto a mudança de lugar.

prever as influências da região celeste na terrestre e, sobretudo, na vida dos homens (GRANT, 2002, p. 65-79).

Nos prólogos do *I e II Tratados do Lapidario*, Afonso X, ainda que pelo filtro da doutrina cristã medieval, apresenta essa concepção aristotélica acerca da estreita relação e da hierarquia entre o mundo celeste e o terrestre, ou seja, acerca do princípio básico da Astrologia: o mundo celeste e o terrestre encontram-se como que interligados, conectados e, por conseguinte, as posições e os movimentos de um refletem no outro:

Aristóteles [...] mostrou que todas as coisas do mundo estão como que conectadas e recebem virtudes umas das outras; as mais vis das mais nobres. E essa virtude parece manifestar-se mais em umas, assim como nos animais e nas plantas; e em outras estar mais escondida, assim como nas pedras e nos metais [...].⁵⁴ (AXL, p. 17).

Nessa perspectiva, o *Lapidario*, de Afonso X, afirma que os planetas e as estrelas exercem influência sobre as pedras e, portanto, são responsáveis por fornecer-lhes as virtudes. Ao longo do primeiro tratado, ao finalizar os preceitos referentes a cada signo, aparecem recomendações acerca da importância de se considerar determinada estrela ou planeta que exerce influência nas pedras, tais como a indicação referente ao signo de Gêmeos:

Em todos esses trinta graus que são ditos do signo de Gêmeos é necessário que quem quiser deles se utilizar observe o estado do planeta Mercúrio, que tem autoridade sobre eles, e quando ele estiver em boa situação, pode utilizá-los bem, e quando em mal, o contrário [...].⁵⁵ (AXL, p. 74).

Contudo, embora Aristóteles acreditasse que os corpos terrestres, menos nobres, estivessem sujeitos ao domínio celeste, mais nobre, acreditou também que os corpos terrestres

⁵⁴ Tradução nossa de: “Aristotil [...] mostro que todas las cosas del mundo son como trauadas, et reciben uertud unas dotras; las mas uiles, delas mas nobles. Et esta uertud parece en unas mas manifista, assi como en las animales et en las plantas; et en otras mas asconduda, assi, como en las piedras et en los metales [...]” (AXL, p. 17).

⁵⁵ Tradução nossa de: “En todos estos treynta grados que son dichos, del signo de Gemini, a mester que qui por ellos quisiere obrar, que cate el estado dela planeta Mercúrio, que a sennorio sobrellos; et quando el estudier en buen estamiento, pueden obrar bien, et quando en malo, el contrario.” (AXL, p. 74).

poderiam causar efeitos por si próprios, não sendo, portanto, meras entidades passivas, dependentes de causas celestes. Esse é um princípio da Astrologia medieval: os corpos mais nobres influenciam os menos nobres, daí a importância do conhecimento astrológico sistematizado.

Mas em que campo do conhecimento a Filosofia Natural se inseria? Aristóteles distinguiu três categorias de conhecimento científico: as ciências produtivas, as ciências práticas e as teóricas. As ciências produtivas abarcavam tudo que era relativo à fabricação de objetos úteis, enquanto as ciências práticas abordavam a conduta humana. O restante ficava sob a jurisdição das ciências teóricas, que ele dividiu em três subcategorias: a Metafísica, ou Teologia, que considera as coisas que são imutáveis e, portanto, distintas e separadas da matéria ou do corpo, como Deus e as substâncias espirituais; a Matemática, que também leva em conta coisas que são imutáveis, mas, ao contrário da Metafísica, os objetos da Matemática não têm uma existência separada porque são abstrações feitas a partir dos corpos físicos; a Física, ou Filosofia Natural, ou ainda Ciência Natural, que se ocupa somente de coisas mutáveis, que existem separadamente e possuem em si uma origem inata para o movimento e o repouso. A Filosofia Natural de Aristóteles inclui tanto corpos animados quanto inanimados e é aplicável a todo o mundo físico, ou seja, para ambas as regiões, celeste e terrestre. Dessa forma, os objetos da Metafísica e da Matemática se referiam a elementos que não sofriam mudanças, enquanto a essência da Filosofia Natural era tratar de todos os corpos que sofriam mudança e movimento.

Em relação ao campo científico que nos interessa para a pesquisa – a Filosofia Natural –, como Aristóteles obtinha tais premissas e, por conseguinte, como se dava a prática científica? Em outras palavras, qual era a base do método científico aristotélico? Primeiramente, é essencial, para a compreensão da base científica da Filosofia Natural aristotélica, a percepção sensorial, que era, para ele, a base do conhecimento humano. Esse

filósofo considerava, logo, que a partir da percepção se chegava à indução. A base para o método científico aristotélico e, conseqüentemente, medieval, é, então, a observação. Além disso, Aristóteles deu ênfase, na sua Filosofia Natural, às causas: todos os corpos eram compostos de matéria e forma, a primeira funcionando como princípio passivo e a segunda como princípio ativo. Assim, todas as mudanças possíveis são atribuídas a quatro tipos de causas: material, que é a matéria da qual alguma coisa é feita; formal, que é a essência, ou estrutura interna, de uma coisa tal qual expressa em sua definição; eficiente, que é o agente, ou produtor, da mudança ou da ação, no caso o escultor; final, que é o fim, ou propósito, para o qual uma ação é feita. Ainda, Aristóteles distinguiu quatro tipos de mudanças que as quatro causas poderiam produzir: mudança substancial, quando uma forma suplanta outra na matéria fundamental, como quando o fogo reduz lenha a cinzas; mudança qualitativa, como quando a cor de uma folha é alterada de verde para marrom na mesma matéria fundamental; mudança de quantidade, como quando um corpo cresce ou diminui mantendo, apesar disso, sua identidade; por último, mudança de lugar, quando um corpo sofre mudança enquanto se move de um lugar para outro (GRANT, 2009, p. 59-64).

Tendo em vista que grande parte da Filosofia Natural aristotélica consiste na tentativa de identificar e explicar os princípios de mudança na região terrestre, a observação, princípio básico constituidor do seu método, tornava evidente tais mudanças.

Nessa perspectiva, partindo da base de sua Filosofia Natural – a observação, e, portanto, percebendo as mudanças dos corpos, as semelhanças e diferenças entre eles (por exemplo, entre corpos animados e inanimados), Aristóteles caracteriza a natureza como uma causa, que opera para um propósito, definindo-a, em razão disso, como um princípio de movimento e mudança. Por fim, uma investigação da natureza por meio da Filosofia Natural envolveria um estudo e a análise de tais causas e dos movimentos e mudanças que produzem (GRANT, 2009, p. 62).

Quando fazemos referência, porém, a movimento e mudança na física aristotélica, é necessário ter clareza do significado desses conceitos em termos aristotélicos, e não newtonianos. Assim, o termo movimento refere-se, na física aristotélica, à mudança em geral, não apenas à de um corpo físico. A mudança de posição de um corpo físico é só uma das subcategorias de movimento de Aristóteles. Outras categorias incluem o crescimento, variações na intensidade e transformações mais gerais. Ainda, é preciso entender que enquanto na física newtoniana um corpo é composto de partículas de matéria e suas qualidades resultam do modo como essas partículas são organizadas, das quais se movem e às quais se misturam, na física aristotélica, pelo contrário, quase se pode dispensar a matéria, uma vez que esta é um substrato neutro, presente onde há espaço ou lugar. Dessa forma, a mudança na física aristotélica ocorre pelo câmbio de qualidades, não da matéria, pela supressão de certas qualidades em dada porção de matéria e sua substituição por outras. Portanto, na física qualitativa aristotélica é justamente o fato de conceber o movimento como mudança de qualidade que permite a sua assimilação a todos os outros tipos de mudanças, como, por exemplo, a do estado de doença ao estado de saúde (KUHN, 2008, p. 203-205).

No *Lapidario* em exame essa perspectiva de mudança aristotélica permeia as indicações de suas pedras, pois se acreditava que seu uso como medicamento provocaria uma mudança do estado de doença para o estado de saúde. Assim, são inúmeros os exemplos de cura de doenças presentes ao longo dos tratados: sarna, lepra, câncer, epilepsia, hemorroidas, melancolia etc.

Aristóteles estuda, conseqüentemente, a natureza, ou o cosmo, abarcando os movimentos dos corpos do mundo celeste e do mundo terrestre; os movimentos e as transformações dos quatro elementos da região terrestre, e da geração e dos fenômenos nas regiões superiores da atmosfera, logo abaixo da Lua, e também inclui o estudo dos animais e plantas e minerais.

2.2.2 Ptolomeu e a Astronomia/Astrologia

Ca, segund dixo Ptholomeo, et los otros que fueron sabidores dell arte de Astronomia, toda la fuerça et la uertud que embian los cielos et las estrellas sobre las otras cosas que son so ellas, toda, es que ellas sean apareiadas pora obrar. Las unas, pora recibir, aque llaman materia, et las otras pora obrar aque llaman forma [...].

Afonso X, *Lapidario*.

Ptolomeu é referenciado no prólogo do *II Tratado do Lapidario* afonsino como um especialista no campo da Astronomia. É, para Afonso X, uma referência para a abordagem científica e, por conseguinte, para o conhecimento e o domínio das virtudes das pedras, que só se tornam apreensíveis a partir do pleno conhecimento das forças e virtudes advindas dos corpos celestes. Ainda, a concepção astronômico/astrológica referenciada na epígrafe indica a concepção da *scientia astrorum* (ciência astral) predominante na Baixa Idade Média a partir da assimilação da ciência árabe: uma ciência astral constituída por uma dupla vertente: a Astronomia e a Astrologia, e assentada nas teorias astronômico/astrológicas ptolomaicas.

A epígrafe acima e outras passagens do *Lapidario*, tal como o prólogo inicial,⁵⁶ também indicam que Afonso X, assim como os demais homens do medievo, não estabelecia, pelo menos nos tratados práticos, como a obra em estudo, distinção entre a Astronomia e a Astrologia.⁵⁷ Isso porque, ao mencionar a Astronomia, aborda temas desse saber e da Astrologia de forma indissociável e, sobretudo, sem nenhuma distinção entre elas.

Nessa perspectiva, para a compreensão do conteúdo da teoria e prática médica dessa obra faz-se necessária a sistematização de sua base astronômico-astrológica, cuja

⁵⁶ No prólogo inicial do *Lapidario*, Afonso X ressalta que para aproveitar a obra é necessário que seja conhecedor de Astronomia.

⁵⁷ Embora teoricamente a primeira fosse concebida como o conhecimento dos corpos celestes e de seus movimentos, e a segunda como a interpretação das posições dos corpos celestes e das figuras que formam no céu em detrimento de tais posições dos astros, essa premissa se restringia ao campo teórico.

referência repousa principalmente nas ideias do astrônomo Cláudio Ptolomeu (90-168), uma autoridade no campo da Astronomia na Antiguidade helenística e ao longo da Idade Média.

Em sua principal obra, o *Almagesto*, Ptolomeu sintetiza o conhecimento científico do mundo antigo, sobretudo produzido por Hiparco (190 a.C -120 a.C) e Aristóteles e, seguindo este último, propõe um sistema de mundo geocêntrico: um céu esférico e com movimento característico de uma esfera; com a Terra, considerada em seu conjunto, sensivelmente esférica e situada no centro de todo o céu, fato que a torna o centro do Universo. Compõe ainda esse sistema geocêntrico a ideia de que a Terra não pode experimentar nenhum movimento que a desloque do centro ou que a faça ocupar outro lugar que não seja o centro do Universo; que a Terra é muito pequena considerada em relação ao Universo; que ao redor da Terra imóvel giram os planetas, na ordem admitida pelos astrônomos antigos: por movimentos uniformes e circulares, os quais, para esse astrônomo, constituem uma perfeição da essência das coisas celestes, as quais não permitem desordem.

A partir desses princípios básicos de seu sistema de mundo geocêntrico, bem como de um conjunto de observações, Ptolomeu sistematiza, ainda no *Almagesto*, avançando em outras obras, tais como *Las hipóteses de los planetas*, os movimentos do Sol e da Lua, assim como de outros planetas e estrelas por meio de um conjunto de círculos, em que cada planeta se move percorrendo um pequeno círculo denominado epiciclo e cujo centro se move percorrendo um círculo maior, denominado deferente. Para esse astrônomo, as observações e os cálculos de tais movimentos evidenciavam a existência de variedades de movimentos: um movimento do conjunto das estrelas fixas e errantes, de Oriente a Ocidente ao redor do eixo do cosmos; cada um dos astros errantes se movia de Ocidente a Oriente, segundo órbitas próximas à eclíptica, mas com períodos próprios para cada um, apesar de às vezes variarem de sentido e logo recuperarem o sentido original; as estrelas fixas também apresentavam um movimento comum, muito lento, de Ocidente a Oriente; em relação ao Sol, há duas hipóteses,

mantendo o movimento circular uniforme e dando preferência à primeira: esta, a primeira, numa circunferência excêntrica e a segunda adotando os epiciclos, demonstrando que ambas podem explicar as irregularidades observadas; em relação ao movimento da Lua, considerado complicado, completa a teoria de Hiparco, quem havia proposto uma primeira desigualdade, e explica o movimento peculiar desse planeta a partir das observações já existentes e de suas próprias observações acerca dos eclipses lunares; ainda acerca das estrelas, seguindo Hiparco, sistematiza a descrição das constelações, atribuindo à esfera das estrelas fixas dois movimentos: um de leste a oeste, que corresponde ao movimento diurno, e outro, bem mais lento, ao redor do eixo da eclíptica, de oeste a leste; esse catálogo contém 1.029 estrelas com suas coordenadas eclípticas, agrupadas em 48 constelações e divididas em seis magnitudes segundo sua luminosidade. Ptolomeu apresenta, por fim, a via láctea e as normas para a construção de esferas celestes.

Ptolomeu sistematiza, ademais, explicações para os movimentos dos planetas, seguindo, por um lado, a perspectiva dos movimentos circulares e uniformes e, por outro, as hipóteses da excêntrica e do deferente e epiciclo. Nessa sistematização, estabelece, por exemplo, a localização e as distâncias dos planetas: entre a Lua e as estrelas, e, além disso, mais próximo destas. Assim, Saturno é o planeta mais distante; depois, aproximando-se da Terra, encontra-se Júpiter e Marte, em seguida, o Sol; vistos nas proximidades deste, Mercúrio e Vênus encontram-se mais próximos da Terra, entre o Sol e a Lua.

Avançando em suas teorias astronômicas, na obra *Las hipóteses de los planetas*, Ptolomeu, dentre outras sistematizações, concebe o cosmos limitado por uma “esfera suprema”, que não é a esfera das estrelas fixas. É, sim, uma esfera sem astros, a nona esfera, cuja missão é atuar como esfera motriz da das estrelas fixas: fornecer o movimento diurno, de oriente a ocidente ao redor do eixo do mundo. A esfera das estrelas fixas, por sua vez, possui um movimento muito lento, de ocidente a oriente ao redor de um eixo normal da eclíptica.

Abaixo da esfera das estrelas fixas tem-se o sistema de esferas que definem o movimento de Saturno e a continuação dos outros planetas, materializando o sistema de excêntricas, deferentes e epiciclos.

Além da complexa sistematização matemática acerca da organização do cosmos, Ptolomeu defende um conjunto de influências celestes sobre os corpos terrestres. Essa concepção encontra-se sistematizada em sua obra *Tetrabiblos*, dedicada à Astrologia, na qual concebe a ideia de que a Astronomia se divide em duas partes: uma Astronomia matemática, abordada no *Almagesto*, e uma Astronomia judiciária, sistematizada nessa obra. O *Tetrabiblos* trata, nessa perspectiva, de demonstrar a influência dos corpos celestes sobre o homem e, por conseguinte, a possibilidade de prevêê-las (TORROJA MENENDEZ, 1980, p. 56-73).

No âmbito da Astrologia, por meio do *Tetrabiblos* e do *Centiloquium*, Ptolomeu, também a partir das ideias e teorias aristotélicas, mas afastando-se um pouco dos critérios estritamente racionais, tais como da Astronomia, realiza uma sistematização da Astrologia. Assim, Ptolomeu desenvolve a teoria dos signos, dos planetas, das casas e dos aspectos zodiacais. Em síntese, a concepção do cosmos de Ptolomeu descreve uma Terra estática ao redor da qual giravam as estrelas. Cada casa zodiacal significava um aspecto da vida humana e seu valor dependia do planeta, afortunado ou desafortunado, que estivesse nelas no nascimento (VICENTE GARCÍA, 2006, p. 31).

Com base no exposto, o *Lapidario* afonsino, ao longo de seus *I, II, III e IV Tratados*, aplica as teorias astronômico-astrológicas ptolomaicas: o primeiro tratado, por exemplo, descreve a ação das estrelas e dos signos do zodíaco nas pedras; o segundo descreve o poder dos planetas, que influenciam não só as pessoas, senão todas as coisas, conforme expresso no seu prólogo:

[...] E por fim, quando o sol passa pelas fases dos signos, ou por algum dos outros seis planetas, recebe a pedra virtude dos raios que descendem das

figuras das estrelas, em cujo sentido percorre a fase daquele signo e onde muda o direcionamento das figuras, e assim se mudam e se transformam todas as coisas que recebem virtude delas, tanto as vivas quanto as que não tem alma [...].⁵⁸ (AXL, p. 179).

Além de apresentar a base teórica do *Lapidario* por meio das autoridades antigas, nesse caso Ptolomeu, Afonso X introduz os tratados que o compõem, por meio de seus prólogos, demonstrando o caráter astronômico-astrológico básico da obra: as influências dos corpos celestes sobre os terrestres. Essa ideia encontra-se associada a um princípio importante da ciência astral: as coisas mais nobres e perfeitas influenciam as menos nobres.⁵⁹

Mas como as teorias ptolomaicas, em suas duas vertentes, astronômica e astrológica, operavam no *Lapidario* afonsino? Primeiramente, seguindo a cosmologia medieval, segundo a qual a Terra se aninhava dentro de uma série concêntrica de esferas dos elementos, dos planetas e das estrelas fixas, conforma a figura a seguir:

⁵⁸ Tradução nossa de: “[...] Et por end, quando el sol passa por las fazes delos signos, o alguna delas otras seys planetas, recibe la piedra uertud delos rayos que descende delas figuras delas estrellas, en cuyo derecho corre la faz daquel signo, onde segund se muda el camiamiento delas figuras, assi se mudan et se camian todas las cosas que reciben uertud delas, tan bien las uiuas como las que no an alma [...]” (AXL, p. 179).

⁵⁹ Quanto mais alto, mais nobre.

Figura 3 – Diagrama cosmológico



Fonte: Royal MS 19 1, f. 50 (in PAGE, 2006, p. 36).

De acordo com essa cosmologia, representada na figura, o mundo encontrava-se dividido em dois âmbitos distintos: abaixo do globo lunar e até o centro da Terra encontravam-se as esferas dos quatro elementos e todos os corpos por eles integrados, corruptíveis e móveis; por cima encontrava-se a região celeste, incorruptível, das sete esferas planetárias, do oitavo céu ou esfera das estrelas fixas, do nono céu cristalino e do décimo céu ou *primum mobile*. Este último iniciava os movimentos das demais esferas, ainda que, de acordo com a representação, o movimento cosmológico seja instigado pelos anjos (PAGE, 2006, p. 36-37).

Depois, as teorias ptolomaicas no *Lapidario* afonsino funcionavam a partir de um conjunto articulado de ideias acerca dos processos celestes. Assim, as estrelas se mostram em conjuntos fixos, cuja sucessão de aparição frente a um observador terrestre é cíclica ao longo do tempo e, portanto, passível de previsão. O Sol segue sempre uma linha que, interpretada, é uma circunferência ao redor Terra: a eclíptica. Parte-se desta e do plano definido por ela como o plano básico de toda a mecânica do céu. Sobre essa linha do espaço observam-se conjuntos de estrelas que podem ser identificadas e às quais podem dar-se interpretações mitológicas. Esses conjuntos de estrelas e sua interpretação deram origem aos signos do zodíaco. A numeração sexagesimal fez com que o círculo do zodíaco se dividisse em doze partes e, assim, identificassem doze signos. Na Terra, o ciclo da vida é regido pelo movimento do Sol. Nessa perspectiva, se o Sol é um corpo celeste e tem tanta importância para o curso da vida, as estrelas também devem influenciar na modulação da vida regida pelo Sol. Daí a ideia de que os signos do zodíaco e as estrelas influenciam a vida do homem.

Tomando o círculo zodiacal como o equador do céu, o equador da Terra é um plano inclinado sobre o plano da eclíptica. As interseções de amplos os planos constituem os equinócios. O plano da eclíptica corta o céu em duas partes ou hemisférios. A parte setentrional é totalmente visível em nossas latitudes; a meridional é só parcialmente. O céu gira ao redor do polo Norte celeste.

No sistema astrológico, utilizam-se quatro pontos cardeais: ascendente, descendente, meio céu e fundo do céu. A intersecção da eclíptica com o horizonte se denomina ascendente; a intersecção do plano da eclíptica com o meridiano superior se denomina meio do céu e o ponto diametralmente oposto é o fundo do céu. Assim, quando o *Lapidario* cita o meio céu ou o ascendente ao determinar o momento de maior atividade da virtude de uma estrela se refere a tais pontos: o *Lapidario* atribui a esses dois pontos a atividade máxima das virtudes das pedras (AMORÓS PORTOLÉS, 1982, p. 173-175).

Dessa forma, temos uma ciência astral que se ocupa dos objetos do mundo celeste e de seus movimentos e tenta interpretar as posições destes com o propósito final de identificar influências do mundo celeste no mundo terrestre. Porém, como o próprio prólogo do *II Tratado* ressalta, é necessário que haja determinada predisposição na natureza dos corpos terrestres para receber tais influências:

[...] Por fim, os corpos de uso, que se encontram embaixo, pela mistura que há uns com os outros se fazem todos assim, como uma coisa forte e pesada, e, por fim, são de vil matéria, e amam sempre receber força da virtude dos corpos, altos e nobres, celestiais. E sempre as tem em si, porque não podem ser feitos, nem manter-se sem ela, mas, com tudo isso, a recebem quando estão emparelhados e capacitados para recebê-la completamente.

E o exemplo disso se assemelha ao fato do homem que, quando criança, a alma dele esteja completa o máximo possível a algo que não tem em si forma e se estende de todas as maneiras pelas formas dos corpos nos quais entra, mas, com tudo isso, em razão dos membros da criança não estarem tão completos como deveriam, nem tem aparelhada completamente a matéria temporal para receber a forma celestial, não podem realizar tanto como quando é já tempo de ter toda a sua força completa, então toma a matéria a forma que quer. Uma para receber, e a outra para dar. E por fim, a criança não tem em si tamanha força quando é pequeno como quando é adolescente, nem tanta quanto quando é rapaz, e assim até que chega a ser homem completo.

E isso mesmo ocorre em todas as coisas, não apenas em relação aos animais, mas ainda às plantas, entendidas como árvores e ervas, e às pedras e a todos os metais, assim não tem grande virtude quando nascem como quando estão crescidas. Porque a matéria delas não está aparelhada para receber toda a forma completamente. E por fim, tem mais virtude quando estão naquele estado que devem ter, que quando começam a subir ou quando já estão descendo [...].⁶⁰ (AXL, p. 179).

⁶⁰ Tradução nossa de: “[...] Ende los cuerpos dyuso, son baxos, et por mezclamiento que an unos con otros se hacen todos assi como una cosa fuert et pesada, et por end son de uil materia, et aman siempre recibir fuerça dela uertud delos cuerpos, altos et nobles, celestiales. Et magar siempre la ayan em si, por que no podrien seer fechos, ni mantener se sin ella, pero con tod esso, mas la reciben quando estan apareiados, et son en estado pora recibir la complida miente.

Et el exiemplo desto semeia al fecho del omne, que quando es ninno, el alma del, magar sea complida quanto mas lo pueda ser como cosa que no a en si forma, et se estende por todas las maneras delas formas delos cuerpos en que entra, pero con tod esso, por que los miembros del ninno no son tan complidos como deuen, ni tienen apareiada complida miente la materia temporal pora recibir la forma celestial, por esso no pueden tanto obrar como quando es ya tiempo de auer toda su fuerça complida, ca estonce fala la materia en la forma lo que quiere. La una en recibir, et la outra en dar. Et por end, el ninno no a en si tamanna fuerça quando es pequenno como quando es moço, ni el moço como quando es mancebo, et assi fasta que llega a ser omne complido.

Et esso mismo auiene en todas las otras cosas, no tan sola miente delas animalias, mas aun en las plantas, que se entienden por arboles et yerbas, et en las piedras et en todos los metales, ca no an tan grand uertud quando nacen como quando son naçadas. Por que la materia dellas no es apareiada pora recibir toda la forma complida miente. Et por end, mayor uertud an quando son en aquel estado que deuen auer, que quando comiençan a sobir a ell, o quando uan ya descendiendo [...].” (AXL, p. 179).

Depreende-se desse prólogo certa inclinação dos corpos celestes para influenciar os terrestres. Nessa perspectiva, essa concepção não implica completamente um determinismo celeste sobre os corpos terrestres: estes podem também causar efeitos por si próprios. Além disso, a influência dos astros é uma preponderância, uma tendência, prevalecendo o livre-arbítrio do homem.

Quando abordamos a ciência astral na Idade Média, constituída por duas vertentes, a Astronomia e a Astrologia, conforme já explicitado, faz-se necessária uma maior delimitação teórica de seus campos, uma vez que sobretudo na Baixa Idade Média tais vertentes aparecem inseparáveis nos materiais de Filosofia Natural, bem como partilham as mesmas fontes.

Na Idade Média, a Astronomia atuava em um campo mais teórico e era definida como a ciência que estudava os corpos celestes e seus movimentos; a Astrologia atuava num campo prático e era definida como o saber que analisava as influências que tais corpos celestes exerciam no mundo terrestre sobre os seres na natureza, sobretudo no homem. Assim, a Astrologia se preocupava em identificar a influência dos astros no mundo terrestre. Essa identificação era alcançada por meio de uma série de cálculos e interpretações das posições dos astros e, por conseguinte, do conjunto de figuras que suas posições formavam no céu. Em síntese, ainda que tanto a Astronomia quanto a Astrologia se referissem ao estudo das leis e movimentos dos astros, a última o fazia com a finalidade de calcular e interpretar tais movimentos e posições astrais e, especialmente, com vistas a prever o futuro, ou seja, desvelar o destino dos homens e, por conseguinte, criar possibilidades de intervenção.

A Astronomia e a Astrologia faziam parte das sete artes liberais, pelas quais Afonso X se interessou e, portanto, a tais disciplinas ele e seus colaboradores dedicaram esforços que se concretizaram, como abordado no Capítulo 1, em suas obras astronômico-

astrológicas, bem como na realização de novas tábuas astronômicas com vistas à elaboração de prognósticos mais confiáveis. Nesse sentido, partimos da base de que Astronomia e Astrologia são termos habitualmente sinônimos ao longo de toda a Idade Média e que, portanto, Afonso X acreditou na Astrologia: na advinhação do futuro mediante as estrelas, realizada por quem tem bom conhecimento de Astronomia (SAMSÓ MOYA, 1981, p. 11-12).

Desta forma, a Astronomia e a Astrologia constituem, na Idade Média, ciências indissolúveis pelo fato de que a última se refere justamente ao aspecto prático da primeira, ou seja, da sua aplicação. Ora, o conhecimento da disposição e dos movimentos dos astros não fazia sentido sem o interesse prático de analisar as influências de tais movimentos sobre a natureza. Ainda, seria difícil, talvez impossível, praticar a Astrologia sem ter conhecimento astronômico. Nessa perspectiva, a distinção entre tais saberes refere-se, na Idade Média, mais ao campo teórico que prático.

Nessa via de análise, na Idade Média não se estabelece, na prática, diferença entre a Astronomia e a Astrologia, sendo ambos os termos em geral sinônimos. Os *Libros del saber de Astronomía* [Livros do saber de Astronomia], por exemplo, aparecem nos manuscritos com o título de *Libros del saber de Astrología* [Livros do saber de Astrologia] e seu conteúdo é miscelâneo. De fato, a Astrologia não é mais que a Astronomia aplicada e a única utilidade desta é proporcionar os conhecimentos teóricos necessários para computar posições planetárias graças às quais pode-se levar a cabo um horóscopo (SAMSÓ MOYA, 1984, p. 93).

Assim, autêntica Astronomia aplicada, a Astrologia despertou sempre o interesse do poder político, constituindo matéria de mecenato a partir da qual esperava-se lograr melhorar as previsões astrológicas que permitiam conhecer o futuro e obter, com isso, um tipo de guia para a tomada de decisões (SAMSÓ MOYA, 2007, p. 9-10). No âmbito da saúde,

segue-se a mesma tendência: prever a chegada de determinada doença, melhorar o prognóstico, identificar a forma mais adequada de intervenção terapêutica etc.

A estreita aproximação entre a Astronomia e a Astrologia, ou seja, a concepção de uma ciência astral composta por tais saberes, pode ser evidenciada também em *Las Siete Partidas*, em que, ao legislar acerca das formas de adivinhação na Idade Média, Afonso X define a Astrologia justamente a partir da associação desta com o campo da Astronomia. Ademais, explicita sua visão e atitude perante as variadas vertentes da adivinhação:

Título XXIII. Dos agoueiros e dos adivinhadores de sorte e dos outros adivinhos e dos feiticeiros e dos truões.

Lei I. O que é adivinhação e quantas são as suas maneiras.

Adivinhar significa tanto querer como tomar o poder de Deus para saber as coisas que estão por vir. E são duas as maneiras de adivinhar. A primeira é a que se faz por arte de astronomia, que é uma das sete artes liberais. Esta, segundo o estatuto das leis, não se proíbe usá-la aos que são mestres e a compreendem verdadeiramente porque os juízos e as previsões feitos por essa arte são realizados a partir do curso natural dos planetas e das estrelas e foram embasadas nos livros de Ptolomeu e dos outros especialistas que trabalharam nessa ciência. Mas os outros, que não são, portanto, especialistas, não devem trabalhar com ela, ainda que possam se esforçar em aprendê-la estudando nos livros dos especialistas. A segunda maneira de adivinhar é a dos agoueiros e dos adivinhadores de sorte e dos feiticeiros que examinam agouros de aves e de espirros ou de palavras – os chamados provérbios ou dizer a sorte – ou olham na água ou no cristal ou no espelho ou na espada ou em outra coisa brilhante, fazendo formas de metal ou de outra coisa qualquer, ou adivinhação em cabeça de homem morto ou de besta ou na palma da mão de criança ou de mulher virgem. E esses truões e todos os outros semelhantes a eles são homens danosos e enganadores e nascem de seus feitos grandes males à terra, defendemos que nenhum deles viva em nosso senhorio nem use dele. E, ainda, que ninguém seja ousado de os acolher em suas casas nem encobri-los.⁶¹ (AXSP VII, p. 958-959).

⁶¹ Tradução nossa de: “**Título XXIII. De los agoreros e de los sorteros e de los otros adivinos e de los hechiceros e de los truhanes.**

Ley I. Qué cosa es adivinanza e cuántas maneras son de ella.

Adivinanza tanto quiere decir como querer tomar el poder de Dios para saber las cosas que están por venir. E son dos maneras de adivinanza. La primera es la que se hace por arte de astronomía que es una de las siete artes liberales. Esta, según el fuero de las leyes, no es defendida de usar a los que son maestros e la entienden verdaderamente porque los juicios e los asmamientos que se dan por esta arte son catados por el curso natural de las planetas e de las otras estrellas e fueron tomadas de los libros de Ptolomeo e de los otros sabidores que se trabajaron de esta ciencia. Mas los otros, que no son por tanto sabidores, no deben obrar por ella como quiera que se deben trabajar de aprender e de estudiar en los libros de los sabios. La segunda manera de adivinanza es de los agoreros e de los sorteros e de los hechiceros que catan ageros de aves e de estornudos o de palabras que llaman proverbios o de echar suertes, o catan en agua o en cristal o en espejo o en espada o en otra cosa luciente haciendo hechuras de metal o de otra cosa cualquiera, o adivinanza en cabeza de hombre muerto o de bestia o en palma de niño o de mujer virgen. E estos truhanes e todos los otros semejantes de ellos porque son hombres dañosos e engañadores e nacen de sus hechos muy grandes males a

A partir da legislação, depreendemos que Afonso X apresenta duas vertentes da Astrologia e condena uma delas: a Astrologia supersticiosa, assim como outras formas de adivinhação que não seja pelo curso natural do mundo celeste. Identificamos, ainda, uma hierarquia nas formas de adivinhação, em que a Astrologia é a única forma defendida e permitida. As outras formas de adivinhação (dos agoureiros, adivinhadores de sorte, feiticeiros), bem como formas de encantamento, são condenadas, com penas para quem as realizasse, e suas práticas, portanto, proibidas.

Ao definir as formas de adivinhação e os tipos de encantamentos, Afonso X legisla a favor das práticas astrológicas, uma vez que elas se viam associadas à Astronomia e, ainda, que na sua concepção objetivam alcançar melhorias ao homem a partir do estudo do curso natural dos planetas e das estrelas.

A postura de Afonso X em defesa da Astrologia, quando esta se vê articulada com a Astronomia, é resultado de um processo histórico iniciado a partir do século XII, com a chegada ao Ocidente, via árabe, de um conjunto de obras do Oriente que engloba desde escritos de Aristóteles e Ptolomeu, bem como uma série de textos acerca da Astronomia, Astrologia e Medicina.⁶² Dentre eles destacam-se os tratados de Astrologia, sobretudo os de autoria de Ptolomeu, e as interpretações e comentários desse filósofo, que passam a ser o referencial teórico para a ciência ocidental. Todo o conhecimento científico produzido a partir de então tem como ponto de partida as observações celestes, seja, por exemplo, para a realização das tábuas astronômicas até as prescrições médicas.

Nesse contexto, um elemento que demonstra o processo de incorporação da Astrologia árabe para a cientificidade das produções ocidentais é um conjunto de anedotas produzido constantemente até o século XVI. Percebe-se, nesses escritos, uma valorização e

la tierra, defendemos que ninguno de ellos no more en nuestro señorío ni use de ello. E otrosí que ninguno no sea osado de los acoger en sus casas ni encubrirlos.” (AXSP VII, p. 958-959).

⁶² Esse processo histórico foi analisado no Capítulo 1.

respeito acerca das referências à Astrologia em detrimento de outros saberes, como as ciências ocultas.

No estudo dessas anedotas, Samsó Moya (1971) afirma a necessidade de se observar duas considerações sobre a Astrologia medieval: a oposição entre a figura do astrólogo e a de profetas das ciências ocultas em que se dá a supremacia da Astrologia sobre as ciências ocultas; e a importância da Astrologia para o processo de desenvolvimento da ciência medieval. Para tal, e, ainda, com o intuito de apontar o processo de assimilação da ciência árabe, o autor recorre a três anedotas. Na primeira delas, “*De imaginibus*”, atribuída a Tabit b. Qurra (836-901), recorre-se ao episódio de Falix: este faz uma imagem mágico-astrológica para destruir uma região; o rei oferece grandes recompensas para que o mago/astrólogo anule o encantamento; Falix enterra uma imagem na região; apesar de ter sido persuadido, o rei manda matá-lo a fim de prevenir um perigo semelhante no futuro.

A segunda anedota, atribuída ao Frei Anselmo Turmeda (1354-1424), é uma compilação da *De imaginibus* com algumas variantes: o rei mouro de Mallorca, preocupado com a grande concórdia que reina entre seus súditos, recorre a um conselheiro, que lhe aconselha a semear a discórdia por meio da Astronomia; o conselheiro enterra duas imagens no meio da ilha de Mallorca e outras duas no palácio real; o rei promete grandes recompensas ao conselheiro mago-astrólogo, mas, nesse caso, realiza-se com êxito o encantamento. Como no relato de Falix, o rei de Mallorca não cumpre sua promessa: manda degolar quem enterrou as imagens do palácio e prende o mago no cárcere, onde este posteriormente morre.

A terceira anedota é uma versão latina das Mudakkarat, atribuída a Abu Masar (m. 886), uma narrativa cujo protagonista é um “amigo seu”. Nela, no meio de uma reunião o califa al Mamun encarrega a seus astrólogos de averiguarem a autenticidade das pretensões de um suposto profeta que estava presente. Levantam um horóscopo e decidem que o homem diz a verdade. Na circunstância, só o amigo de Abu Masar permanece em silêncio. Questionado

pelo califa, confessa suas dúvidas e acaba desmascarando o falso profeta, ainda que este, por outro lado, acabe recebendo uma grande recompensa de al-Ma'mun. Abu Masar termina explicando as razões pelas quais o horóscopo em si mesmo já indicava falsidade.

Essa mesma anedota é encontrada em Ibn Qifti, atribuída ao famoso astrônomo y astrólogo Yahyà b. Abi Mansur (m. 832), diretor do grupo de observadores que realizaram as Tábuas Manuníes, e pode ser datada conjeturalmente em novembro de 829. O texto latino ao qual se refere é uma tradução do texto árabe de Ibn Qifti, que também cita como fonte b. Abu Masar, quem conhece a anedota através de Muhammad b. Muà al-Munyyim al-Yalis, por sua vez, a viu do próprio Yahyà b. Abi Mansur. Na tradução latina parece haver uma simplificação: o amigo de Abu Masar é, provavelmente, al-Yalis e a ele se tem atribuído a anedota, omitindo-se o papel de Yhayà b. Abi Mansur. Por outro lado, o texto latino cita como autoridade astrológica a um tal Juan, filho de Almusour, Musur ou Almusoun.

Em síntese: Yahyà, um astrônomo de primeira fila, vive graças a seus horóscopos; al-Mamun, um grande mecenas científico, se rodeia de astrólogos, aos quais encarrega de desmascarar um falso profeta (SAMSÓ MOYA, 1971, p. 215-222).

Tal como nas reflexões das anedotas, a concepção de ciência de Afonso X, assim como dos intelectuais que o cercam, é formada por meio do filtro da Astronomia/Astrologia, que lhe possibilita compreender o mundo terrestre como passível de influências astrais e, por isso, governado pelos movimentos celestes, mas sempre obedecendo a um ordenamento divino.

A partir dessa leitura e interpretação da disposição dos astros e, por conseguinte, do conhecimento astronômico do mundo celeste, o *Lapidario* fornece as posições astrológicas, assim como os elementos necessários para a interpretação dos significados das figuras ou arranjos formados no mundo celeste pela disposição dos planetas e de conjunto de estrelas, os quais o astrólogo acredita influenciar diretamente animais, plantas, pedras e,

sobretudo, o homem. O objetivo é, então, obter momentos propícios para o recebimento de tais influências.

[...] Esta é a regra geral de todos os planetas e das estrelas fixas, e das pedras que se relacionam com elas, e das feras e dos animais, todas têm virtude e força, que recebem de Deus pelas mãos de seus anjos, e por virtude dos céus e das estrelas que neles estão, depois dos quatro elementos, e assim, fazem com que chegue todas as coisas a serem alcançadas por virtude, nascimento, infância e manutenção [...].⁶³ (AXL, p. 178-179).

Assim, identifica-se que, na Idade Média, a Astronomia, em sua relação com a Astrologia, era um saber que proporcionava o conhecimento da natureza e o funcionamento dos seus elementos e permitia, por meio de sua conexão com a Medicina e com a Magia, a interferência/melhoria na vida do homem. O *Lapidario* demonstra, tanto em sua estrutura quanto em sua concepção teórica e conteúdo, que mesmo com algumas peculiaridades no campo teórico esses saberes encontram-se fortemente entrelaçados de diversas formas, compondo, a partir de tal entrelaçamento, a ciência astral.

2.2.3 O galenismo e a Medicina

No *I Tratado do Lapidario* de Afonso X manifestam-se, de maneira continuada e sistemática, nas descrições das pedras ao longo de sua narrativa, as teorias médicas hipocrático-galênicas, que estavam sendo compiladas, traduzidas e investigadas no âmbito da produção científica do *Scriptorium* afonsino.

Admirador e seguidor da medicina hipocrática, Galeno interpretou e sistematizou as teorias de Hipócrates (460-370 a.C) à luz de seu tempo, racionalizando, por exemplo, a

⁶³ Tradução nossa de: “Ca esta es regla general de todas las planetas, et delas estrellas fixas, et delas piedras que se acuerdan con ellas, et delas yeruas et delos animales, ca todas an uertud et fuerça, que reciben de Dios por mano delos sus angeles, et por uertud delos cielos, et delas estrellas que en ellos son, et despues delos quatro elementos, et assi, fasta que llega toda cosa a alcançar, por la uertud, nacimiento, et criança, et mantenencia [...]” (AXL, p. 178-179).

teoria humoral, os aforismos e o prognóstico desse médico (FRENCH, 2003, p. 48-49). A partir dessa sistematização, corrigiu, ampliou e desenvolveu a teoria hipocrática, construindo seu próprio *corpus* médico, o qual se fundamenta também em outras autoridades antigas, como Platão e Aristóteles. A interpretação do seu *corpus* médico se constituiu no galenismo, estruturado primeiramente pela leitura, interpretação e pelos comentários dos árabes no Oriente, e, depois, dos judeus e árabes no Ocidente, sob domínio árabe, e, por fim, incorporado pelo Ocidente medieval. Desse modo, por galenismo compreende-se o conjunto de teorias e supostos doutrinários inspirados nos escritos médicos de Galeno, organizados e sistematizados por filósofos e médicos islâmicos e judeus durante a Idade Média. Nesse cenário, juntamente com a Filosofia Natural aristotélica e a Astronomia ptolomaica, o galenismo compõe a base teórica médica desse tratado do *Lapidario*, estando presente nos demais.

Nessa perspectiva, para a compreensão da teoria médica da obra em estudo, ou seja, o galenismo, sobretudo do primeiro tratado, faz-se necessário definir, primeiramente, o contexto histórico no qual esse conjunto doutrinário foi gestado no âmbito da produção científica medieval ocidental, em que Castela é protagonista: em primeiro lugar, no século XII, a prática médica se fundamentou sobre a Filosofia Natural aristotélica, alcançando um rigor e uma ambição intelectual até então desconhecidos na Europa latina. Esse processo possibilitou a construção de uma *scientia* médica, com seus logros e limitações. O núcleo desse processo ocorreu em Salerno, na Itália, e em Montpellier, na França, expandindo-se mais tarde para outras regiões da Europa. O segundo processo histórico ficou conhecido como escolas de tradutores de Toledo, responsável pela tradução do mais importante *corpus* médico de Galeno. Elementos importantes da doutrina médica grega e romana antiga e árabe medieval foram introduzidos na Europa ocidental, especialmente por meio das escolas

médicas de Salerno, Montpellier e Toledo, nos séculos XI e XII (GARCÍA BALLESTER, 2001, p. 21-28).

Em estreita relação com a Filosofia Natural aristotélica, o galenismo se fundamentou na teoria dos elementos, das qualidades, dos humores e das compleições, bem como na teoria das faculdades naturais. Segundo a teoria humoral, o corpo humano era composto por quatro humores: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra. Essa doutrina está relacionada com a das quatro qualidades: calor, frio, umidade e secura, e à teoria dos quatro elementos: fogo, terra, água e ar. Assim, ao sangue correspondia o fogo e o calor; à fleuma, o ar e o frio; à bile amarela, a água e o úmido; e à bile negra, a terra e a secura. Nessa concepção, os elementos, os humores e as compleições eram analisados a partir das qualidades. Em consequência disso, tudo no universo, incluindo o corpo humano, os alimentos, os medicamentos, as pedras etc., possuíam qualidades predominantes.

Os humores se engendravam no corpo por meio da alimentação, ajudada em grande parte pelo calor inato. Assim, a partir do processo de digestão ocorria a produção dos distintos humores, que fluíam de uma parte a outra no corpo a partir das faculdades que possuíam, escolhendo cada parte o que lhe era próprio para a nutrição. Essas partes são os órgãos. O galenismo identificava, dentre outros, três órgãos principais como elementos constituintes da fisiologia: o cérebro, sede da inteligência e do movimento voluntário; o coração, sede da faculdade vital e do movimento involuntário; e o fígado, sede da alimentação e da produção do sangue. Nesse processo, o sangue era produzido no fígado e percorria todo o corpo por meio das artérias, a fleuma era produzida no cérebro, a bile amarela e a bile negra eram produzidas no fígado (SANTANA HENRÍQUEZ, 2005, p. 23).

A partir da sistematização hipocrática da teoria dos humores, o galenismo, ao conceber que cada pessoa nascia com uma combinação dos humores na qual predominava um deles, estabelecia uma tipologia humana, determinada pelo predomínio de um dos humores no

organismo do indivíduo, a qual visualizava-se na própria fisionomia das pessoas. Essa tipologia, entendida como a natureza do homem e denominada de compleição, deu origem, portanto, aos temperamentos:

Quadro 3 – Temperamentos e tipos humanos segundo o galenismo

Compleições ou Temperamentos	Qualidade predominante	Humor predominante	Tipo humano
sanguíneo	quente e úmido	sangue	caloroso e amável
fleumático	frio e úmido	fleuma	apático e lento
colérico	quente e seco	bile amarela	agressivo e sério
melancólico	frio e seco	bile negra	deprimido e triste

Fonte: Vieira (2012, p. 375).

A partir das sistematizações apresentadas, concebia a saúde como resultado do equilíbrio entre os quatro humores, porém, mesmo em estado de saúde, considerava que havia um predomínio das qualidades, que definiam a compleição e o temperamento das pessoas. A depender da época do ano, contudo, poderia haver não somente um predomínio, mas um excesso de uma das qualidades, o que provocaria um desequilíbrio de algum desses humores, causando as enfermidades.

Assim, os humores tinham suas qualidades. Cada parte do corpo as suas, assim como os alimentos e cada um dos medicamentos, fossem vegetais, animais ou minerais:

[...] Às vezes, com efeito, tem lugar uma discrasia na afecção que se produz na parte mais quente da cabeça, e em algumas ocasiões uma quantidade de humores e vapores se concentra sobre ela, especialmente quando cresce, em todo o corpo, abundância de humores, ao que os seguidores de Erasítrato chamam pletora. Isso se produz nos quatro humores, que crescem de maneira proporcional, ou só no sangue, como quando alguns dos demais humores aumenta, que precisamente são fleuma, bile amarela e negra, e a tal aumento nem pletora nem simplesmente quantidade denominam, senão que, após o aumento, lhe chamam quantidade de fleuma ou de bile amarela ou negra, afirmando que se encontram no corpo [...].⁶⁴ (GCML, p. 43).

⁶⁴ Tradução nossa de: “[...] A veces, en efecto, tiene lugar una discrasia en la afección que se produce en la parte más caliente de la cabeza, y en ocasiones una cantidad de humores y vapores se concentra sobre la misma, especialmente cuando uno hace crecer en todo el cuerpo abundancia de humores, al que los seguidores de Erasítrato llaman pletora. Ésta misma se produce en los cuatro humores que crecen de manera proporcionada o solo en la sangre, como cuando algunos de los demás humores crece, que precisamente son

O *I Tratado do Lapidario afonsino*, ao descrever a natureza das pedras, segue, em estreita conexão com a teoria dos quatro elementos e das qualidades, a teoria humoral e dos temperamentos do galenismo. Assim, a natureza das pedras é descrita a partir da combinação das qualidades essenciais: calor e frio, quente e úmido. Cada uma das duas primeiras se combina com cada uma das duas últimas, dando origem a quatro combinações de qualidade ou compleições: calor e seco, calor e úmido, frio e seco e frio e úmido.

A doutrina galenista dos humores e dos temperamentos leva em consideração também as estações do ano e as idades do homem, fatores que favorecem a predominância de um ou outro humor. Assim, a primavera, em que predominam as qualidades quente e úmida, predispõe a doenças do sangue (quente e úmida); no inverno (frio e úmido), ocorrem problemas relacionados à fleuma (fria e úmida); já o verão, quente e seco, favorece doenças ligadas à bile amarela (quente e seca); e no outono (seco e frio) predominam doenças ligadas à bile negra (seco e frio). Acerca das idades, na infância predominam as doenças por excesso de sangue; na juventude predominam aquelas por excesso da bile amarela; na maturidade as por excesso de fleuma, e, na velhice, por excesso da bile negra.

A saúde foi também definida pelo galenismo a partir de outros conceitos: calor inato, umidade radical e secura, os quais foram utilizados para explicar a natureza da vida e de processos naturais (por exemplo, o envelhecimento) e processos patológicos (por exemplo, as febres). Nessa perspectiva, a vida só seria possível, desde a formação do embrião, mediante certo grau de humidade compatível com o necessário calor vital. Tanto a humidade radical quanto o calor inato seriam variáveis ao longo da vida dos indivíduos, fosse em homens ou mulheres. O físico não podia evitar o processo de envelhecimento e de morte, mas podia pelo

flema, bilis amarilla y negra, y a tal aumento ni plétora ni sencillamente cantidad denominan, sino que tras el aumento, le llaman cantidad de flema o de bilis amarilla o negra, afirmando que se encuentran en el cuerpo [...].” (GCML, p. 43).

menos retardar ou desacelerar o processo de secura ou de dissecação (GARCÍA BALLESTER, 2001, p. 149-150).⁶⁵

O galenismo sintetiza-se da seguinte forma: teoria das “coisas naturais”, das “coisas não naturais” e das “coisas contra a natureza” (*contra natura*). Sob o nome de “coisas naturais” se compreendia todos os elementos internos que compunham o corpo humano e que lhe permitiam subsistir como ser vivo, pois relacionavam-se com a fisiologia e o funcionamento do corpo: os elementos, as compleições, os humores, as partes sólidas do corpo, as operações, as faculdades e os espíritos.

Para o galenismo, a saúde do homem não se restringia ao alcance do equilíbrio de seu corpo ou de cada uma de suas partes, nem pelo conhecimento de sua compleição. A saúde do homem dependia, também, do equilíbrio entre os aspectos internos do corpo, as “coisas naturais”, com o seu entorno físico, social e espiritual, denominado de “coisas não naturais”, que se refere aos seis elementos externos ao corpo humano e com os quais este estava em interação: o ar e o meio ambiente, os alimentos e as bebidas, os exercícios e o descanso, o sono e a vigília, excreções e secreções e as faculdades da alma (alegria, tristeza, raiva, loucura, diversão, amor etc.).

Esses seis elementos externos interagem com o corpo, favorecendo a saúde, mas também poderiam causar doenças: o galenismo utilizou o termo “coisas contra a natureza” referindo-se à concepção de Galeno segundo a qual todos os fatores externos poderiam alterar o funcionamento do corpo, ou seja, eram elementos contrários à natureza. Tratam-se, portanto, das doenças que poderiam ser causadas pelo desequilíbrio humoral produzido por um dos seis elementos das “coisas não naturais”: alimentos em excesso e contrários à

⁶⁵ Esses conceitos, fundamento da base da doutrina galenista, ou seja, as teorias dos elementos, das qualidades, dos humores e da compleição, serviram para que os médicos medievais atuassem na prática médica, com o objetivo de tentar manter a saúde de seus pacientes, bem como, em caso de doenças, buscar a sua cura.

compleição, distúrbios sexuais, paixões da alma (emoções desmedidas), banhos nocivos,⁶⁶ medicamentos em excesso (venenos) e as ações nocivas do sol e do vento.

O *Lapidario* afonsino recomenda pedras e medicamentos para prevenir e curar enfermidades causadas pelo desequilíbrio de alguma das seis coisas não naturais. Por exemplo, no primeiro tratado, o *mármore* em pó, por exemplo, é indicado para tratar queimaduras; a *pedra fartinicen* é recomendada para eliminar febre causada por insolação; a *adehenich pintada*, contra tóxicos mortais; no *IV Tratado*, a pedra *anxoniz* vermelha de polimento branco é indicada para eliminar a tristeza.

Quadro 4 – Síntese das teorias galenistas

Teorias	Classificação
COISAS NATURAIS	Elementos (água, ar, terra e fogo).
	Compleição (envolve os elementos, os humores e as qualidades: sanguínea, colérica, fleumática e melancólica).
	Humores (sangue, fleuma, bile amarela e bile negra).
	Partes sólidas do corpo (órgãos).
	Faculdades (funções biológicas de formação, crescimento, locomoção e nutrição).
	Operações (funções desempenhadas pelas partes sólidas do corpo – os órgãos).
COISAS NÃO NATURAIS	Ar e meio ambiente.
	Comida e bebida.
	Exercícios físicos e descanso.
	Sono e vigília.
	Excreções e secreções.
	Estados mentais (alegria, tristeza, raiva, loucura, diversão, amor etc.).
COISAS CONTRA A NATUREZA (CONTRA NATURA)	Alimentos em excesso e contrários à compleição.
	Distúrbios sexuais.
	Paixões e erros da alma.
	Banhos nocivos.
	Medicamentos em excesso (veneno).
	Ações nocivas do sol e do vento.

Fonte: Informações retiradas de Peña e Girón (2006, p. 15-49).

Com base nos elementos da tabela, a saúde, por exemplo, é entendida como o equilíbrio entre o corpo do indivíduo e o meio ambiente, ou seja, entre as “coisas naturais” e as “coisas não naturais”. Por conseguinte, se um dos elementos das “coisas naturais” do corpo

⁶⁶ No verão, um banho quente era considerado nocivo, como no inverno um banho frio; o mesmo acontecia com a comida e os medicamentos, que deveriam ser utilizados de forma contrária tanto ao ambiente quanto às doenças. Assim, no verão as pessoas deveriam comer alimentos frescos, caminhar por locais ventilados e arejados. Já no inverno, deveriam comer alimentos quentes, como sopas, e se proteger do vento frio. Isso também ocorria com as doenças: doenças frias deveriam ser tratadas com alimentos e medicamentos quentes, e, ao contrário, doenças quentes deveriam ser tratadas com alimentos e medicamentos frios.

do indivíduo se encontrava em desequilíbrio, este se refletia em desequilíbrio com as “coisas não naturais”. Assim, a saúde do homem não se restringia apenas ao alcance do equilíbrio de seu corpo ou de cada uma de suas partes, nem somente pelo conhecimento de sua compleição, mas sim do equilíbrio entre os aspectos internos do corpo, as “coisas naturais”, com o seu entorno físico, social e espiritual, denominado de “coisas não naturais”.

Assim, segundo o galenismo, a saúde e a doença são aspectos da natureza humana que o médico em sua *praxis* identifica e distingue. Para isso, o físico se vale do diagnóstico, observando vários elementos do cotidiano do paciente: a identificação do tipo de alimentação e regime de vida seguido antes da enfermidade, estação do ano, signos atmosféricos passados e presentes, lugar habitual de residência e idade. Depois de conhecer os aspectos individuais e da natureza do indivíduo, procurava identificar o humor predominante; por último, verificava se a doença afetava todo o corpo ou só uma parte. Essa compreensão foi sintetizada a partir, por exemplo, dos preceitos médicos apresentados no texto galênico, *Sobre la composición de los medicamentos según los lugares* [Sobre a composição dos medicamentos segundo os lugares]:

[...] E é preciso encontrar a medida da refrigeração da água de rosas e das camomilas a partir dos hábitos anteriores do corpo e da quantidade de calor interno, e, depois considerar a idade do doente e a temperatura do ar que nos rodeia, especialmente da própria casa na qual jaz o enfermo. Esfriarás o necessário colocando-as em água muito fria. E, não sendo possível isso, cobrirás o copo com neve. Esse remédio ataca a quantidade de humores e vapores na cabeça e alivia bastante [...].⁶⁷ (GCML, p. 47).

Seguindo essa concepção, o médico deveria buscar manter o controle dos fatores internos (“coisas naturais” – centradas no conceito de compleição e de humor) e dos externos

⁶⁷ Tradução nossa de: “[...] Y es preciso hallar la medida de la refrigeración del agua de rosas y de las manzanillas a partir de los hábitos dichos con anterioridad del cuerpo y de la cantidad de calor interno, y tras considerar la edad del enfermo y la temperatura del aire que nos rodea, y no menos la de la propia casa en la que yace el enfermo. Enfriarás cuantas dices poniéndolas en agua muy fría. Y no siendo posible esto, cubres el vaso con nieve. Este remedio ataca la cantidad de humores y vapores en la cabeza, y alivia bastante [...]” (GCML, p. 47).

(“coisas não naturais”) do paciente, a fim de manter a sua saúde ou, em caso de doença, restaurar o equilíbrio de tais fatores.

Dessa forma, a saúde e a doença se definiam, primeiramente, em termos de equilíbrio ou desequilíbrio das qualidades básicas (quente, húmido, seco e frio) e, depois, em termos também de equilíbrio ou desequilíbrio dos humores. Assim, o diagnóstico se obtinha, em parte, por meio da natureza do corpo do paciente, ou seja, da sua compleição.

Considerando esses fatores, o galenismo concebe a terapêutica como a restauração do equilíbrio dos humores e dos aspectos correlatos, tais como os elementos e as qualidades, resulta na eliminação do excesso de determinado humor do organismo, podendo ocorrer de várias formas, como por meio de: dieta, a fim de evitar que, pela alimentação, a doença permanecesse ou progredisse, em que se indica restrição alimentar, às vezes absoluta, e recomendação quanto ao tipo de alimento e forma de preparação e ingestão; purga, através da boca, do nariz, das vias urinárias, a fim de facilitar o excesso do humor causador da doença, o qual, instalado, não se restringe ao intestino, mas, ao contrário, se dispersa pelo corpo; sangria, a fim de eliminar o humor excessivo responsável pela doença; e remédios, aos quais eram atribuídas propriedades digestivas, laxantes, diuréticas etc.

Além disso, fundamenta-se também na ideia básica de que as doenças devem ser tratadas por seus contrários, tanto no regime de vida e nos alimentos como nos medicamentos. Desse modo, se uma doença era de causa fria, o mecanismo terapêutico deveria ser quente, e o mesmo para os demais humores, ou seja, o tratamento precisaria consistir em provocar efeitos contrários aos sintomas:

[...] É necessário que nos demos conta de cada mistura de contrários nas faculdades dos medicamentos: em princípio se mistura pouco de boa classe, e em um segundo e terceiro uso se aumenta o volume deste [...].

Contra a dor de cabeça pelo frio – Molha-se a cabeça com azeite quente de lírio e me sirvo também de umas lãs e panos umedecidos nesse líquido. Outro. Do mesmo modo com azeite de louro. Outro. Utilizo farinha cozida

com hidromel.⁶⁸ Outro. Derrama-se na cabeça folhas mornas em louro, moídas com azeite de lírio [...]. Convém também o banho de vapor com esponjas umedecidas em água quente, que a fazem passar, e especialmente folhas de louro ou de manjerona, ou de cipreste, e filtros de lãs mornas embebidas em azeite de lírio e de vinho, colocados em volta da cabeça, e abrigo, calor, diminuição de alimentos, evacuação do estômago, inclusive sono e tranquilidade, repouso do corpo, bom ânimo [...].⁶⁹ (GCML, p. 95, 41 e 43, grifos do autor).

Além da concepção dos contrários, o método terapêutico do galenismo que aparece no *Lapidario* afonsino constitui-se de preceitos relacionados à dietética, à farmácia e à cirurgia. A dietética era o regime de vida, o modo como o homem, em seu cotidiano (trabalho, alimentação, atividade física, relações sociais etc.), desenvolvia sua relação com o mundo ao seu redor: ar e meio ambiente, comida e bebida, trabalho e descanso, sono e vigília, excreções e secreções, estados de ânimo etc. Por meio da dietética a medicina galênica objetivou regular a vida do homem, bem como oferecer respostas aos seus problemas, tanto em estado de saúde como de doença. Determinou, assim, os efeitos de cada tipo de alimentação, a estação do ano, dias e horas apropriados para a ingestão, influências e virtudes dos distintos tipos de carne, verduras, cereais, bebidas etc., além dos efeitos benéficos dos exercícios para a saúde.

O conceito de dieta era utilizado, tanto no campo filosófico ou literário quanto no científico, para designar o conjunto de hábitos físicos e mentais de um indivíduo (SANTOS; FAGUNDES, 2010, p. 335). Nesses hábitos inclui-se, por exemplo, a alimentação, o sono, o ambiente no qual o indivíduo se encontra, as paixões da alma. Assim, o galenismo considera

⁶⁸ Bebida alcoólica à base de mel e água. Consumida desde a Antiguidade, sua fabricação é anterior à do vinho e à da cerveja.

⁶⁹ Tradução nossa de: “[...] Es necesario que nos demos cuenta de cada mezcla de contrarios en las facultades de los medicamentos, en principio se mezcla poco de buena clase, y en un segundo y un tercer uso se aumenta el volumen de éste [...].

Contra el dolor de cabeza por el frío - Se moja la cabeza con aceite caliente de lirio y me sirvo también de unas lanas y de unos trapos humedecidos en esto. Otro. Del mismo modo con aceite de laurel. Otro. Utilizo harina cocida con aguamiel. Otro. Se vierte en la cabeza hojas tiernas de laurel trituradas con aceite de lirio [...]. Conviene también el baño de vapor mediante esponjas humedecidas en agua caliente que lo hacen salir, y especialmente hojas de laurel o de mejorana, o de ciprés, y fieltros de tiernas lanas empapadas de aceite de lirio y de vino, colocados alrededor de la cabeza, y abrigo, calor, disminución de alimentos, evacuación de vientre, incluso sueño y tranquilidad, repouso del cuerpo, buen ánimo [...].” (GCML, p. 41-43).

de suma importância uma boa alimentação, o descanso, um ambiente saudável, o controle das emoções para a manutenção da saúde e, portanto, para a prevenção de doenças. Parte-se sempre da noção de moderação – comer, beber, dormir, sentir emoções com moderação –, uma vez que tudo em excesso causa males ao corpo, ou seja, provoca o excesso de determinado humor.

Embora a dietética seja necessária para o tratamento de doenças, é sobretudo empregada na medicina preventiva. Em estado de doença, além de uma terapêutica dietética, o galenismo indica uma terapêutica medicamentosa e, em último caso, a cirurgia.

2.2.3.1 O galenismo e as paixões ou acidentes da alma no *Lapidario* de Afonso X

Ao longo do *Lapidario* afonsino nos deparamos com indicações de pedras para o tratamento de enfermidades da alma. Doenças como melancolia, tristeza, medo, inveja, desejo, amor excessivo são tratadas com indicações medicamentosas seguindo-se o mesmo parâmetro do tratamento das demais doenças: eletuários, unguentos, purga, amuletos e talismãs.

Nesse cenário, no tratado em exame, paralelamente à preocupação com o binômio saúde/enfermidade do corpo físico do homem, constata-se a inquietação com o campo emocional. Esse aspecto da saúde foi objeto de teorização e sistematização em vários campos do saber: filosófico, teológico, literário e médico.

No campo filosófico, desde o V século, com o esquema das quatro paixões principais (desejo, medo, alegria e dor) proposto por Santo Agostinho, até o século XIII, momento em que São Tomás de Aquino sistematizou um desenho mais complexo, há tentativas de teorização e ordenação da matéria emocional. No campo teológico, já nos primeiros séculos da organização institucional eclesiástica no Império Romano, os religiosos Evrágio Pontico

(345-399) e João Cassiano (360-435) foram os responsáveis pela composição da lista dos pecados capitais, mais tarde complementada por Gregório Magno (540-604). Essa lista foi mantida por muitos séculos no ensino tradicional dos monges como incentivo à busca da perfeição espiritual e moral na vida religiosa e incluía: vanglória, ira, inveja, tristeza ou acídia, gula, fornicação e avareza (SANTOS, 2011, p. 107-108).

No contexto em análise, como a medicina castelhana do século XIII compreendeu e sistematizou o campo emocional? Como o *Lapidario* aborda as enfermidades associadas ao campo emocional? Para a análise em questão duas referências fazem-se necessárias: a primeira é que, mesmo sendo uma sociedade governada por uma autoridade cristã e, portanto, com uma medicina em estreita conexão com tal religiosidade, e ainda com outras (judaica e muçulmana), em Castela, enquanto os eclesiásticos viam nas emoções a possibilidade de aproximação do pecado, os físicos vislumbravam a possibilidade de acometimento de enfermidades. A segunda referência é que o momento em análise – da presença de uma medicina universitária, escolástica –, como na maioria dos reinos da Europa, em Castela a medicina apresentou uma realidade peculiar: ainda que baseada no galenismo, esteve mais fora do campo universitário e em mãos de minorias judaicas e muçulmanas que escolásticas e acadêmicas. Esse fato implicou em uma medicina mais voltada para o consumo e a prática que para o campo investigativo e de produção e ampliação científica. O *Lapidario* encontra-se nesse campo de conhecimento médico para aplicação preventiva e terapêutica.

Assim, sua fundamentação teórica acerca das doenças ligadas ao campo emocional, ou seja, à alma, encontra-se estruturada principalmente no galenismo.⁷⁰ De acordo com essa doutrina, a alma consistia na capacidade para pensar, sentir emoções e desejar. Para isso, ela possuía faculdades, ou funções, como: sensação, memória, inteligência etc. Essas

⁷⁰ O tratamento da alma no *Lapidário* afonsino, bem como nos demais campos da Medicina, estabeleceu conexões com outros saberes correntes da época, tais como a Astrologia e a Magia, os quais forneciam respostas e possibilidades de abordagem preventiva e terapêutica que, sozinha, a Medicina não poderia lograr.

faculdades eram formadas a partir da mistura dos humores no corpo, e influenciadas pelo clima e pelo regime de vida e de alimentação. Nessa perspectiva, entendia-se que a natureza da alma do homem era diretamente relacionada com a mistura humoral, ou seja, seguia os temperamentos do corpo.

Que as facultades da alma seguem os temperamentos do corpo coloquei à prova e o provei de muitas e distintas maneiras e não uma vez ou duas, senão muitas, e não unicamente eu só, mas também primeiro com meus mestres e depois com os melhores filósofos. E descobri que é sempre verdade e útil para os que querem embelezar suas almas, posto que, tal e como tenho descrito detalhadamente no tratado *Acerca de los caracteres*, produzimos um bom temperamento graças aos alimentos e às bebidas, assim como às atividades cotidianas e como resultado de tal temperamento chegamos a uma excelência da alma, como conta-se que fizeram os discípulos de Pitágoras e Platão e outros entre os antigos.⁷¹ (GFTC, p. 169).

É justamente nessa perspectiva que o galenismo defendia que a natureza da alma não era igual para todas as pessoas. Ao contrário, as almas se diferenciavam umas das outras justamente pelas facultades e, portanto, pelo resultado da mistura e maior proporção de determinado humor no corpo, formando tipos humanos distintos:

[...] Além disso, observando as crianças, percebemos claramente que há grandes diferenças individuais na natureza. Vemos que alguns estão sempre tristes; uns estão dispostos a rir o tempo todo, outros a chorar com o menor pretexto. Assim mesmo, uns compartilham tudo, outros se apossam de tudo; uns se enfurecem de modo violento por causa de coisas sem importância e devido a isso mordem seus amigos, os chutam com o pé, os expulsam lançando pedras ou com paus quando acreditam terem sido tratados de forma injusta; outros são apazíveis e calmos, não se enraivecem nem choram a menos que a injustiça seja grande [...]. (GPEA, p. 42-43).⁷²

⁷¹ Tradução nossa de: “Que las facultades del alma siguen los temperamentos del cuerpo lo he puesto a prueba y lo he examinado de muy distintas maneras y no una vez o dos, sino muchas, y no únicamente yo solo, sino primero con mis maestros y después con los mejores filósofos. Y he descubierto que es siempre verdad y útil para los que quieren embellecer sus almas, puesto que, tal y como lo he descrito detalladamente en el tratado *Acerca de los caracteres*, producimos un buen temperamento gracias a los alimentos y a las bebidas, así como a las actividades cotidianas y a raíz de dicho temperamento llegamos a una excelencia del alma, como se cuenta que hicieron los discípulos de Pitágoras y Platón y otros entre los antiguos.” (GFTC, p. 169).

⁷² Tradução nossa de: “[...] Además, observando los niños, notamos claramente que hay grandes diferencias individuales en la naturaleza. Vemos que algunos siempre están tristes; unos están dispuestos a reír en todo momento, los otros a llorar con el menor pretexto. Asimismo, unos lo comparten todo, otros se adueñan de todo; unos se enfurecen de modo violento a causa de cosas sin importancia, y debido a esto muerden a sus amigos, los golpean con el pie, los alejan lanzando piedras o con palos cuando creen haber sido tratados de

Assim, a alimentação, bem como o regime de vida, de atividades e, ainda, os locais de moradia ou de estadia recomendados, seguindo a teoria dos contrários, são de suma importância para equilibrar a tendência humoral que as pessoas possuem.

A partir dessa concepção, além da noção de que os temperamentos exerciam influência sobre a natureza das pessoas, ou seja, sobre a alma, o galenismo considerava que o funcionamento saudável dessas faculdades dependia da constituição e do bom funcionamento das diversas partes do corpo, sobretudo do cérebro, do coração e do fígado, e, portanto, possuía um aspecto orgânico. Por conseguinte, considerava que as doenças do corpo influenciavam a alma, já que a má mistura dos humores da parte do corpo onde se assentava a alma levava a uma má mistura para ela. Assim, a saúde da alma dependia, em grande medida, da saúde do corpo físico, e, logo, a doença da alma refletia os desequilíbrios manifestados no corpo.

Ademais, tendo em vista que o tipo de alimentação e o regime de vida influenciavam os temperamentos do corpo e que as faculdades da alma refletiam esses temperamentos, o galenismo defendia ser possível interferir nas faculdades da alma, tanto para prevenir ou manter a saúde de suas faculdades quanto para restaurar a saúde.

As enfermidades ou desequilíbrios da alma correspondiam às paixões, ou emoções excessivas, e aos erros, ou opiniões erradas. As paixões da alma possuíam caráter irracional, enquanto os erros possuíam caráter racional: “[...] Por minha parte tenho estabelecido, em primeiro lugar, uma diferença entre erro e paixão, afirmando que o erro é

forma injusta; otros son apacibles y calmados, no se encolerizan ni lloran a menos que la injusticia sea grande [...]” (GPEA, p. 42-43).

resultado de uma falsa opinião, enquanto a paixão é uma faculdade irracional em nós que não segue a razão [...].”⁷³ (GPEA, p. 6).

Assim como a alimentação e o regime de vida poderiam exercer influência nas faculdades da alma e, por conseguinte, prevenir ou, ao contrário, provocar doenças, as pedras do *Lapidario* são recomendadas tanto sob a perspectiva dietética, ou seja, possuem caráter preventivo, como sob a perspectiva curativa.

Algumas paixões eram mais fáceis de serem identificadas, como a ira, a raiva, o medo, a tristeza, a inveja e o desejo excessivo, porém, havia outras, tais como o amor ou o ódio excessivo por qualquer coisa. Portanto, era necessário saber identificá-las e, sobretudo, perceber quando uma pessoa estava em estado de paixão. Ao tratar as faculdades da alma, a própria pessoa poderia tornar-se capaz de realizar essa percepção. O mesmo acontecia com os erros.

A terapêutica das faculdades da alma seguia, na concepção galenista, o mesmo raciocínio da terapêutica do corpo. Assim, da mesma maneira que não era possível evitar doenças no corpo, enquanto alteração dos humores, mas pelo menos preveni-las, ocorria com os erros e emoções excessivas, em que era preciso seguir um regime de vida adequado e preventivo. No tratado *De las pasiones y los errores del alma* [Das paixões e dos erros da alma], Galeno propõe uma dietética da alma, na qual estabelece medidas terapêuticas para dominar as paixões e os erros da alma, bem como para desenvolver a capacidade de percepção e escolhas de formas racionais e harmônicas de vida. Nessa perspectiva, uma pessoa se encontrava em estado de saúde, além dos aspectos analisados referentes ao corpo físico, quando as faculdades racionais e irracionais se encontravam em harmonia. Isso não eliminava o papel das emoções, mas reconhecia a influência delas nas faculdades racionais, daí a necessidade de tal equilíbrio e, especialmente, da vigilância da primeira por meio da

⁷³ Tradução nossa de: “[...] Por mi parte he establecido, en primer lugar, una diferencia entre error y pasión, afirmando que el error es resultado de una falsa opinión, mientras que la pasión es una facultad irracional en nosotros que no sigue a la razón [...]” (GPEA, p. 6).

segunda. Desse modo, a saúde ou a doença dependia de como as faculdades racionais de um indivíduo se relacionavam com suas emoções, o que implicava a necessidade de aprender a usar a capacidade de desejar racionalmente, ou seja, sentir emoções com medida.

O tratamento das faculdades da alma proposto pelo médico no referido tratado consiste em uma dietética da alma, em que, por um lado, buscava-se um esforço e vigilância constante da alma ao longo da vida, com o intuito de fortalecer a alma racional, mas reconhecendo seu componente emocional⁷⁴ e, por outro, diagnosticada uma ou mais doenças da alma, confiar, além do diagnóstico, no treinamento da alma por profissionais já isentos de qualquer paixão e, portanto, capazes de ensinar e orientar outras pessoas no tratamento das paixões e erros da alma.

No *Lapidario* identifica-se esse propósito de manter certa harmonia entre as faculdades racionais e as emoções de forma preventiva. O mecanismo é o uso de pedras, seja como medicamento ou, por exemplo, como um amuleto. As pedras a seguir são indicadas no primeiro tratado para prevenir, respectivamente, o medo e o desejo:

DA PEDRA QUE ENCONTRAM NO MONTE SINAI-

[...] e é tal a virtude que quem a traz consigo não tem medo nem se assusta, ainda que este ande só [...].⁷⁵ (AXL, p. 114).

DA PEDRA [branca] QUE É ENCONTRADA NESTE RIO [Jaret]-

[...] E se a colocarem em copo com água, quem dela beber perde a vontade de ter relações sexuais com mulher por muito tempo; e se a usar muito, faz-lhe perder por toda a sua vida [...].⁷⁶ (AXL, p. 121).

⁷⁴ Essas medidas não eliminam a importância de uma boa alimentação, do sono e do descanso, ao contrário, somam-se para compor um regime de vida que proporcione a saúde física e mental do homem e, sobretudo, para prevenir as doenças da alma.

⁷⁵ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE FALLAN EN MONTE SYNAY- [...] Et a tal uertud, que, qui la trae consigo, no a miedo ni se espanta, magar este o ande sennero [...]” (AXL, p. 114).

⁷⁶ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA [blanca] QUE FALLAN EN ESTE RYO [Jaret]- [...] Et si la pusieren en uaso que este agua, al que della beuiere, fazel perder uoluntad de yazer con mugier por muy grand sazón, et si mucho la husare, fazer gelo a perder por toda su uida [...]” (AXL, p. 121).

Em caso de adoecimento da alma, também indica como terapêutica o uso de pedras. Assim como nos casos preventivos, as pedras são indicadas tanto como medicamentos quanto como amuletos ou talismãs. Dentre uma lista de pedras para o tratamento de enfermidades da alma, a **pedra do galápagos**, por exemplo, é indicada no primeiro tratado para alegrar o espírito e eliminar a tristeza.

Os dois princípios da terapêutica das doenças da alma não eram excludentes. Ao contrário, o homem devia, durante toda a sua vida, vigiar suas faculdades da alma, pois sempre podia se encontrar em situações que lhe exigia controle de suas paixões. E, ainda, mesmo sob a orientação de um profissional conhecedor das paixões e dos erros da alma e, por conseguinte, dos mecanismos de domínio e controle destas, era necessário vigiar a si mesmo e, em caso de se encontrar em erro ou paixão, procurar melhorar a si próprio.

4. Cada pessoa deve exercitar-se, durante toda a sua vida, para chegar a ser um homem em sentido pleno. Se alguém percebe algum defeito que a própria alma mantém, não deveria renunciar a melhorar a si mesmo nem aos cinquenta anos, sempre e quando esse defeito não seja incurável e irreparável. Se o corpo de uma pessoa estiver em mal estado nessa idade, essa pessoa não deveria abandoná-lo à má constituição, mas sim esforçar-se, por todos os meios, para melhorá-lo, ainda que seja impossível ter a boa saúde de Hércules. Assim mesmo, não deveríamos abster-nos de alcançar um melhor estado da alma [...].⁷⁷ (GPEA, p. 11).

Além de vigiar a si mesmo e, quando necessário, contar com a ajuda de um profissional para cuidar das doenças da alma, o galenismo entendia o diagnóstico de tais doenças como difícil e complexo de ser realizado pela própria pessoa, daí considerar que, ao contrário, somente depois de muito exercício o homem seria capaz de identificar e controlar

⁷⁷ Tradução nossa de: “4. Cada uno debe ejercitarse, durante toda su vida, para llegar a ser un hombre en sentido pleno. Si uno percibe algún defecto que la propia alma ha mantenido, no debería renunciar a mejorarse a sí mismo ni a los cincuenta años, siempre y cuando ese defecto no sea incurable e irreparable. Si el cuerpo de uno estuviera en mal estado a esa edad, uno no debería abandonarlo a la mala constitución, sino esforzarse, por todos los medios, por mejorarlo, aunque sea imposible tener la buena salud de Heracles. Asimismo, no deberíamos abstenernos de alcanzar un mejor estado del alma [...].” (GPEA, p. 11).

suas paixões e erros, pois, na maioria das vezes, as pessoas possuíam convicção de que estavam corretas.

Muitas são as situações cotidianas que caracterizavam as paixões ou erros: desde situações simples a atitudes extremas, que provocavam danos irreparáveis. Porém, ainda que o resultado das paixões ou erros fossem reparáveis, deveriam ser evitados, uma vez que, para o galenismo, esses atos eram marcados por certa loucura, eram atos de animais selvagens, enquanto o homem se distinguiu dos animais justamente pela capacidade de raciocinar. Dessa forma, se um indivíduo cometesse tais atos, necessitaria treinar as faculdades da alma e, sobretudo, estar sempre em vigilância para se manter saudável.

Acerca da tristeza, o galenismo considerava que havia diferenças de temperamento entre as pessoas que eram inatas. Essas diferenças reforçavam a necessidade de corrigir, treinar a alma de algumas pessoas, uma vez que, embora umas já nascessem e permanecessem plenas de saúde da alma, ou seja, fossem tranquilas, dispostas e alegres no seu cotidiano e nas relações com outras pessoas, outras se encontravam na maioria das vezes tristes, sempre propícias a chorar, ou se irritavam por motivos banais. Essas últimas necessitavam de atenção, sobretudo porque sem vigilância e cuidado em situações adversas seu estado de tristeza poderia agravar-se.

Na Idade Média, a tristeza era vista como uma enfermidade resultante de um movimento simples do espírito que parte de dentro do organismo e vai para fora e que o paciente manifesta pouco a pouco, ou seja, de forma gradual. O contrário ocorre com a alegria: um movimento simples do espírito que parte de fora do organismo e se interioriza, além de também manifestar-se pouco a pouco (PEÑA; GIRÓN, 2006, p. 176). No *Lapidario*, a tristeza aparece ora como uma enfermidade isolada, ora, assim como a tuberculose, associada à melancolia ou, ainda, a outras enfermidades, tais como excesso de cuidados, sempre associadas a esse movimento que surge no interior do homem.

O *Lapidario* afonsino, como tratado prático de medicina e ao dedicar parte significativa da obra à catalogação de pedras para o tratamento preventivo e curativo das faculdades da alma, demonstra que a sociedade castelhana do século XIII se dedicou à sistematização e à aplicação, no campo medicinal e farmacológico, de medidas preventivas e terapêuticas acerca da saúde e da doença no campo emocional.

2.2.4 *Dioscórides e o galenismo: as matrizes antigas da Farmacopeia*

No final do prólogo do primeiro tratado do *Lapidario*, Afonso X ressalta que para um bom proveito do conteúdo da obra convém ter atenção em três coisas, das quais a terceira “[...] é que seja conhecedor da arte da física [...]”⁷⁸ (AXL, p. 19). Um dos aspectos médicos desse lapidário, sobretudo no seu *I Tratado*, é a farmacopeia, em que as duas principais *auctoritates* clássicas que o fundamentam são Pedáneo Dioscórides (50-70 d.C.) e o galenismo. Dessa forma, torna-se importante sistematizar as principais ideias farmacológicas que fundamentam o tratado em estudo.

Dioscórides foi considerado o primeiro botânico médico e tornou-se renomado com o escrito sobre botânica e farmacologia intitulado *Plantas y remédios medicinales: de materia médica*, a principal e mais extensa obra sobre medicamentos da Antiguidade Ocidental e com grande influência sobre a medicina oriental e medieval.

A *De Materia médica* foi escrita em grego por volta de 65 d.C. e traduzida ao árabe no século IX. É o tratado mais antigo de farmácia, de caráter científico, médico e farmacológico, com algumas referências mágicas. Nessa obra são abordados os produtos provenientes dos três reinos da natureza, dando especial destaque aos medicamentos de origem vegetal. A última parte do quinto livro dessa obra dedica-se aos minerais: além de

⁷⁸ Tradução nossa de: “[...] es que sea sabidor del arte de física [...]” (AXL, p. 19).

descrever o local de origem e onde se encontram as melhores pedras, indica suas características físicas, suas propriedades – farmacológicas e médicas –, a forma de aplicação e, em alguns casos, sua forma de preparação e de conservação. A maioria das substâncias minerais desse lapidário possui virtudes em sua própria estrutura, não dependendo, portanto, de influências externas (DDMM).

A partir de uma perspectiva científica, ou seja, de observações e da experiência acumulada, Dioscórides leva em consideração os lugares e as condições climáticas das substâncias, sobretudo vegetais, para a elaboração dos medicamentos. Assim, por exemplo, para esse médico os medicamentos obtidos de plantas oriundas de lugares que ventam bastante e de grandes altitudes são mais fortes que os medicamentos de plantas de lugares pantanosos. Em relação às substâncias minerais, ressalta os locais onde se originam as melhores pedras; descreve as classes de pedras, ressaltando as melhores; explica, ainda, a utilização apropriada das pedras como medicamentos:

A **cadmia**

A melhor **cadmia** é a de Chipre, chamada aglomerado, maciça, medianamente pesada, mas puxando mais para leve, com a superfície racemiforme, de cor cinza; quando se rompe, por dentro é cinzenta e ferruginosa. A que lhe segue é azulada por fora e por dentro é mais branca, com umas rajas semelhante às da **pedra ônix**. Assim são as que se extraem das minas antigas. Há outra classe, chamada incrustada, com as veias como fitas, pelo qual também a chamaram zonite. Outra se chama *ostrakîtis* [nome provavelmente em grego], sutil e em sua maior parte preta, na superfície é terrosa ou semelhante às ostracodas. A branca é inútil.

As chamadas **aglomeradas** e a **ônix** são úteis para os fármacos oftálmicos; as demais, para emplastos e fármacos secos que tem a virtude de cicatrizar. E a de Chipre é útil para o mesmo; a trazida da Macedônia, da Trácia e da Ibéria, é inútil [...].⁷⁹ (DDMM, p. 184-185).

⁷⁹ Tradução nossa de: “La cadmia

La cadmia mejor es la de Chipre (Kypría), llamada arracimada, maciça, medianamente pesada y tirando más a ligera, con la superficie racimoide, de color ceniza; cuando se rompe, por dentro es cenicienta y ferruginosa. La que le sigue es la azulada por fuera, mientras por dentro es más blanca, con unas vetas de manera semejante a las de la piedra de ónice. Tales son las que se extraen de las minas antiguas. Hay otra clase llamada encostrada, con las venas como cintas, por lo cual también la llamaron zonîtis. Otra se llama ostrakîtis, sutil y en su mayor parte negra, en la superficie es terrosa u ostracoide. La blanca es inservible. Las llamadas arracimadas y de ónice son útiles para los fármacos oftálmicos; las restantes, para emplastos y fármacos secos que tienen virtud de cicatrizar. Y la de Chipre es útil para lo mismo; la traída de Macedonia, de Tracia y de Iberia, es inservible [...].” (DDMM, p. 184-185).

Na *Materia médica*, Dioscórides classifica os medicamentos, sejam eles de origem vegetal, animal ou mineral, ou ainda outras substâncias, como vinho, azeite, perfumes etc., segundo a finalidade: diuréticos, adstringentes, refrigerantes, calmantes etc., como: “116. O gesso: o gesso tem virtude estíptica, opilativa, retentiva de hemorragias e de suor [...]”⁸⁰ (DDMM, p. 226).

Essa classificação dioscoridiana, também galenista, pode ser identificada nas indicações de algumas pedras no *Lapidario* afonsino. Assim, além das qualidades elementares, algumas pedras desse lapidário são descritas a partir da finalidade, ou seja, do efeito específico que suas propriedades produziam: diuréticos, adstringentes, refrigerantes, calmantes, vomitivos, retentivos, cicatrizantes etc., como pode-se verificar na descrição da **pedra almagra**, do oitavo signo de capricórnio, no primeiro tratado: “[...] Retentiva é, e por fim a colocam nas mesinhas que fazem para parar as hemorragias, e também, por ser dessecativa, junta muitas partes que estão soltas [...]”⁸¹ (AXL, p. 152).

Além do campo da medicina, o galenismo incorporou igualmente o da botânica e o da farmacopeia, assim como o da manipulação de medicamentos. A sua farmacopeia estruturou-se em torno do conceito de medicamento. Estes, para essa doutrina, eram substâncias que, ao contrário dos alimentos, produziam alterações no organismo.⁸²

Nessa perspectiva, o galenismo elaborou e recomendou os medicamentos levando em consideração primeiramente os humores e as qualidades, e, depois, partindo da teoria dos *contraria*, ou seja, de que os medicamentos tivessem propriedades opostas às da causa da doença. Assim, esse corpo doutrinário classificou os medicamentos em três grandes grupos

⁸⁰ Tradução nossa de: “116. El yeso

El yeso tiene uirtud estíptica, opilativa, retentiva de hemorragias y de sudor [...]” (DDMM, 1998, p. 226).

⁸¹ Tradução nossa de: “[...] Retentiuua es, et por end la meten en las melezinas que fazem pora las menazones, et otrossi, por razon que es dessecatiua, ayunta mucho las partes que son desayuntadas [...]” (AXL, p. 152).

⁸² O conceito de alteração que o Galenismo utilizou para definir medicamento é um conceito da Filosofia Natural de Aristóteles.

segundo um critério humoral: o primeiro grupo incluía os *simplicia*, aqueles que possuíam apenas uma das quatro qualidades: seco, úmido, quente ou frio; o segundo grupo era o dos *composita*: que possuíam mais de uma qualidade; o terceiro incluía os que atuavam segundo um efeito específico inerente à própria substância, como os purgantes, os vomitivos e outros.

[...] Certamente muitos medicamentos simples e compostos sobre afecções de tal classe foram escritos pelos mais velhos, mas agora me contento em falar dos remédios dos mais jovens, e dos descobertos pelos mais velhos e que foram escritos, e atribuem outros (remédios) a estes. A razão nos ensina, em geral, o objetivo de cada tratamento das doenças, e a experiência, as faculdades da matéria. E esta certamente aumenta a quantidade de remédios conforme avança o tempo e já chega o momento oportuno de escrever os remédios caseiros contra cada afecção, evitando, em princípio, aquelas que são produzidas pelas qualidades, depois de ter executado cada parte segundo sua natureza [...].⁸³ (GCML, p. 39-41).

Tendo em vista que, como abordado anteriormente, as pedras do primeiro tratado encontram-se agrupadas junto aos signos que possuem a mesma natureza, ou seja, compleição, suas propriedades medicamentosas são descritas de acordo com sua natureza. Assim, as pedras desse tratado possuem, primeiramente, duas qualidades medicamentosas opostas: quente e seco, quente e úmido, frio e seco, frio e úmido.⁸⁴ Dessa forma, os remédios ou melezinas produzidos a partir dos minerais do *Lapidario* seguem o segundo e o terceiro grupos de medicamentos galenistas: os *composita* e os de efeitos específicos.

Ainda, o galenismo classificou os medicamentos em três classes: os que atuavam sobre as qualidades elementares; os que atuavam sobre mais de uma qualidade elementar (as *melezinas* doces e amargas que, ao mesmo tempo, eram frias); e os de ação específica –

⁸³ Tradução nossa de: “[...] Ciertamente muchos medicamentos simples y compuestos sobre afecciones de tal clase se escribieron por parte de los más viejos, pero ahora me contento con hablar de los remedios de los más jóvenes, y de los descubiertos por los más viejos y que se han puesto por escrito y atribuyen otros (remédios) a éstos. Pues la razón nos enseña, en general, el objetivo de cada tratamiento de las enfermedades, y la experiencia las facultades de la materia. Y por esta ciertamente aumenta la cantidad de remedios conforme avanza el tiempo y ya llega el momento oportuno con la palabra de escribir los remedios caseros contra cada afección, evitando sólo en principio aquéllas que se producen por las cualidades, tras haber ejecutado cada parte según su naturaleza [...]”. (GCML, p. 39-41).

⁸⁴ Estas propriedades serão analisadas com mais profundidade no Capítulo 3.

cicatrizantes, anti-inflatórios, purgantes, retentivos, adstringentes, diuréticos, refrigerantes, laxantes, calmantes etc.

[...] E é preciso que conheçamos uma afecção deste tipo e não outra, ou uma inflamação, que não só se produz por um golpe ou queda, mas que costuma produzir-se além das causas evidentes, em todas as partes do corpo, devido ao fluxo dos humores. Certamente se o golpe é provocado por uma ferida ou uma contusão, muitos protetores saberão quais os remédios: um, o que trata da ferida, sobre a qual é preciso usar medicamentos cicatrizantes e anti-inflamatórios, colocando-os sobre os lábios da ferida (a úlcera), segundo, o que trata da contusão, e terceiro, o que trata das dores, que, em algumas situações, só podem ser produzidas por golpes nessas mesmas partes, e a maioria também se estende às partes vizinhas [...].

[...] Aos que lhes dói a cabeça pelo calor interior, a pele parece mais seca ao tato em uma primeira impressão e têm os olhos vermelhos. Se reconfortam com a água fria e com os unguentos.

É necessário utilizar, depois de começar, um tratamento repulsivo, que seja a partir dos refrigerantes e adstringentes. Depois disso é necessário misturar algum dos medicamentos calmantes e digestivos com os repulsivos, e deve acrescentar-se algum dos que facilitem o suor, eliminando pouco a pouco os medicamentos repulsivos. Os melhores dos que se tem falado especialmente são todos aqueles que estão compostos de pequenas partes de substâncias [...].⁸⁵ (GCML, p. 39-61).

O método terapêutico farmacológico galenista compreende os seguintes aspectos: qualidade dos medicamentos; quantidade necessária em sua administração, aspecto importante e estreitamente relacionado com as forças do enfermo; modo de preparação e de administração; tempo adequado de aplicação. Em relação ao primeiro aspecto, alertava para a necessidade de um conhecimento aprofundado e seguro para a recomendação e administração

⁸⁵ Tradução nossa de: “[...] Y es preciso que conozcamos una afección de este tipo y no otra, o una inflamación, la cual no sólo se produce por un golpe o una caída, sino que suele producirse, aparte de las causas evidentes, en todas las partes del cuerpo debido al flujo de los humores. Ciertamente si el golpe viene provocado por una herida o una contusión, muchos protectores tendrán la invención de los remedios, uno, el que trata sobre la herida, sobre la que es preciso servirse de medicamentos cicatrizantes y antiinflamatorios, tras acercar antes los labios de la herida (la úlcera), segundo, el que trata sobre la contusión, y tercero, el que trata sobre los dolores, que en ocasiones sólo los golpes se producen en estas mismas partes, y la mayoría también se extiende a las partes vecinas [...].

[...] A los que les duele la cabeza por el calor interior, la piel parece más seca al tacto según la primera idea y tienen los ojos rojos. Se reconfortan con el agua fría y con los unguentos.

Se há de utilizar, tras comenzar, un tratamiento repulsivo, que sea a partir de los refrigerantes y los astringentes. Después de esto es necesario mezclar alguno de los medicamentos calmantes y digestivos con los repulsivos, y debe añadirse alguno de los que faciliten el sudor, eliminando poco a poco los medicamentos repulsivos. Los mejores de los que se han dicho especialmente son todos aquellos que están compuestos de pequeñas partes de sustancias [...].” (GCML, p. 39-61).

dos remédios. Por fim, as formas de utilização eram amplas e variadas: cozimentos, infusões, comprimidos, pílulas, eletuários, pós, colutórios, enxagues, pincelamentos, mastigativos, injeções, emplastros, supositórios, cosméticos etc.

O *Lapidario* afonsino aplica as teorias farmacológicas galenistas, em conjunto com outros domínios científicos, como a Astrologia e a Magia. Saberes que, compreendidos em sua complexidade, proporcionavam aos homens medievais catálogos de medicamentos de base sobretudo mineral.

2.2.5 A Magia Natural e a cosmovisão neoplatônica

[...] Et dixit Platon in otro lugar, de que fablo apartadamiente de las siete maneras desta piedra sobredicha, que quando algun omne la fallare de color negra, sepa que es de Saturno, et su gostamiento es de mala sabor [...].

Afonso X, século XIII.

O *Lapidario* afonsino é marcado por uma cosmovisão neoplatônica que concebe o cosmos como um grande e harmonioso mundo, no qual imagens resultantes de todo um arranjo e movimentação no macrocosmo, composto de corpos nobres, exercem poder e influências no pequeno e vil microcosmo, ou seja, no homem, assim como nos restantes elementos terrenos, como animais, plantas e pedras. Essa cosmovisão está evidenciada na epígrafe que abre este item, em articulação com a concepção aristotélica expressa no prólogo inicial da obra, o qual alerta para o fato de que algumas virtudes se apresentam de forma mais manifesta, como nos animais e plantas, outras de forma mais “escondidas”, como nos metais e pedras. Nessa perspectiva, os mecanismos para obtenção de tais virtudes, ocultas e advindas do mundo celeste, encontram-se no campo da Magia, evidenciando, por um lado, o caráter mágico da obra, e, por outro, seu referencial teórico com viés numa magia de cunho platônico. Nesse contexto, faz-se necessária a sistematização desse aspecto teórico.

O ponto de partida para tal proposta de sistematização é a compreensão do conceito de Magia. Esta, tal como a ciência, longe de se configurar numa camuflagem das leis da natureza, é uma forma de conhecimento e, portanto, possui uma exigência de ordem. Porém, possui suas próprias regras de acordo com seus próprios mecanismos e age onde outros conhecimentos são ineficazes. A Magia possui o seu princípio de casualidade próprio; logo, o pensamento mágico possui uma lógica interna específica e um caráter sistemático em suas relações, uma coerência interna e uma capacidade de extensão. Embora não seja um subproduto da religião e, como esta, utilize procedimentos rituais, invoca forças sobrenaturais e imateriais e possui o objetivo de agir diretamente. A Magia é, por fim, a apropriação da natureza pelo homem, ao contrário da religião, que busca a conciliação de tais forças (GÓMEZ, 2004, p. 693-697).

Nessa perspectiva, qualquer análise acerca da Magia exige a observação de sua própria sistemática, a compreensão de que ela se refere a um tipo de saber coerente e comprometido com o conhecimento que produz e, sobretudo, que o seu campo de ação e objetivo último é a natureza e seu domínio.

Acerca da Magia medieval, o ponto de partida de nossa análise é que ela se constitui num palimpsesto de culturas e épocas distintas: crenças e práticas mágicas da cultura clássica das regiões mediterrânicas se misturam com crenças e práticas dos povos germanos e celtas do norte da Europa; mais tarde os cristãos medievais assimilaram noções sobre a Magia dos judeus que viviam em suas comunidades ou dos mulçumanos de outras terras. Assim, a Magia medieval está associada a um processo de releituras e assimilações de saberes e práticas de diversos povos e culturas, em diversos períodos.

Nesse cenário, torna-se difícil tentar identificar um saber ou prática que dê conta de abarcar a Magia medieval. Ao contrário, o caminho é pensá-la como um conjunto de

saberes e práticas, assim como seus praticantes: monges, físicos, cirurgiões, boticários, parteiras etc.

Nessa linha de análise, longe, também, de um saber homogêneo e fechado em seu tema, a Magia medieval consistiu, por um lado, num conjunto heterogêneo de práticas e, por outro, no ponto de confluência de diversos caminhos da cultura medieval, como, por exemplo, o ponto de intersecção entre a religião e a ciência, entre a cultura erudita e a popular e entre a ficção literária e a vida cotidiana.

Na Idade Média, aqueles que se preocupavam com a definição e a delimitação do campo de atuação da Magia faziam parte da sofisticada elite teológica e intelectual. Assim, identifica-se um cunho erudito e religioso e, portanto, filosófico e teológico na Magia medieval. Em termos gerais, esses intelectuais reconheceram duas formas de magia, a Natural e a Diabólica. A primeira encontrava-se vinculada à ciência, consistindo num ramo dela; a segunda se via associada à religião, tratando-se de uma versão perversa dela. Guilherme de Auvernia (1180-1249), por exemplo, teólogo e bispo de Paris, reconheceu a distinção entre Magia Diabólica e Magia Natural em suas produções científicas; Tomás de Aquino (1225-1274) acreditou nos fenômenos ocultos causados pela influência dos astros e planetas, mas seguiu Santo Agostinho (354-430) ao reservar a denominação Magia para nomear os processos nos quais entendia haver participação demoníaca; Roger Bacon (1214-1292) também acreditou nos misteriosos poderes da natureza, mas ainda, como habitual, usou o termo magia para designar diversos tipos de fraudes e enganoses.

Dessa forma, o que determinava se uma prática era mágica era o tipo de poder invocado. Se essa invocação se baseava na ação divina ou nos poderes manifestos da natureza a ação não era mágica, mas caso utilizasse a ajuda de demônios ou dos poderes ocultos da natureza havia a presença da magia.

De forma geral, até o século XII a Magia, sob suas diversas formas, possuía cunho religioso. É sobretudo a partir desse período, com a absorção da Astrologia Árabe, que o campo da Magia foi perdendo o caráter religioso e adquirindo cunho científico. Desse modo, no século XIII, mais científico que religioso, esse campo, ou seja, a Magia Natural, se ocupava das virtudes ou poderes ocultos da natureza, ou seja, das propriedades que não podiam ser explicadas pela constituição elementar de um objeto, e sim de causas ou emanções do mundo externo, tais como influências provenientes de pontos distintos do planeta. Esses poderes também se baseavam em algumas características simbólicas do objeto que possui tal poder. Nessa perspectiva, a Magia Natural estava relacionada às influências externas à pedra, erva ou mineral. Já a Magia Diabólica, uma derivação perversa da religião, se ocupava de virtudes demoníacas para a resolução de temas humanos (KIECKHEFER, 1992, p. 9-21).

O conceito de Magia Natural tem origem na tradição greco-romana de situar as faculdades e os processos ocultos no interior da natureza. Tais faculdades compunham os textos mágicos, assim como eram compatíveis com as descrições medievais das maravilhas naturais, com a prática médica e com o argumento teológico de que as maravilhas da natureza colocavam em evidência a versatilidade e a magnitude do Criador (GUARDO, 2003, p. 18).

No século XIII, a Magia Natural era uma Magia culta, justamente em função da chegada de um conjunto de obras orientais, juntamente com a ciência greco-árabe. Essa Magia, renascida e culta, tinha como base, por exemplo, o *Introductorium*, de Abumasar, o *Tetrabiblos*, de Ptolomeu, o *Picatrix* etc., ou seja, autênticos manuais mágico-astrológicos (CARDINI, 1982, p. 38).

A Magia Natural, baseada no conhecimento íntimo e profundo das forças da natureza, tinha o intuito sobretudo de penetrar, acessar os segredos da natureza e, por conseguinte, compreendê-los a partir de explicações lógicas. Essa Magia científica está

presente ao longo do *Lapidario* principalmente sob duas formas: a Magia Astral, por meio da obtenção de virtudes a partir do conhecimento e, também, da identificação de imagens celestes astrologicamente calculadas; e um conjunto variado de práticas de cunho mais ritual, que, às vezes, além da Magia Astral, fazia-se necessário para a efetiva obtenção das virtudes das pedras. Todos esses rituais se apresentam, portanto, de forma articulada:

DA PEDRA QUE CHAM ABIETITYZ-

Dos XXVI graus do signo de Áries é a pedra a que chamam **abietityz** [...].

Essa pedra tem tal virtude que se colocam em couro de veado, e a amarram à mulher na coxa esquerda, quando esta está em parto, dá à luz rapidamente e sem perigo, e nascem os filhos sem contratempo se a natureza não errou antes de formá-los.

E a estrela que está no meio das três que estão na cauda de Áries tem poder sobre essa pedra e dela recebe a força e a virtude. Quando está no meio do céu, essa pedra demonstra mais manifestamente suas obras. (AXL, p. 35).⁸⁶

Percebe-se, pela citação, que além da observação dos astros e dos momentos propícios para a obtenção das virtudes da pedra, ou seja, de uma Magia Astral, é necessária a realização de um ritual, também mágico, ou seja, de Magia Natural: colocar a pedra num couro de veado e amarrá-la na coxa esquerda de mulher grávida a fim de garantir o sucesso no parto.

Assim, ao longo do *Lapidario* afonsino nos deparamos com a ideia de que as pedras, preciosas ou não, possuem virtudes mágicas. Em maior número, aparecem recomendadas como talismãs e amuletos, mas há também receitas para manipulações a partir de electuários, emplastros, unguentos etc., acompanhados de rituais mágicos como o descrito.

⁸⁶ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA AQUE LLAMAN ABIETITYZ-

De los XXVI grado del signo de Aries es la piedra aque dicen abyetityz [...]

Et esta piedra a tal uertud que quando la meten em cuero de cueruo, et la atan ala mugier ala coxa siniestra, quando esta de parto, pare luego ligera miente et sin peligro, et nascen los fijos sin occasyon si la natura no era ante em formar los.

Et la estrella que es mediana delas tres que son ala cola de Aries, a poderio sobresta piedra et della recibe la fuerça et la uertud. Et quando es en medio del cielo, muestra esta piedra mas manifiesta miente sus obras.” (AXL, p. 35)

Numa obra de livros lícitos e ilícitos sobre a ciência astral (*scientia astrorum*), finalizada no final da década de 1260, o *Speculum astronomiae*, o dominicano Alberto Magno (1193-1280) elabora e caracteriza uma classificação das ciências mágicas: o primeiro tipo, mais repreensível, é o que emprega incensos e invocações, deriva da magia astral harraniana e se baseia na construção de talismãs em momentos astrologicamente calculados, com os materiais adequados para atrair o espírito dos planetas ou de outros corpos celestes; o segundo age mediante caracteres, exorcismos e nomes mágicos, especialmente angélicos; associadas principalmente a obras relacionadas com Salomão, utiliza nomes de anjos, palavras enigmáticas de reminiscências cabalísticas e, em geral, fórmulas da tradição judaica; o último, o restante das artes mágicas, ainda que derivem seu poder dos corpos celestes, não podem ser enquadradas em nenhuma das duas primeiras classes: elimina os rituais descritos nos dois primeiros tipos de magia para limitar-se a detalhar os materiais necessários para elaborar os talismãs, o momento astrologicamente propício e o propósito desejado (GARCÍA AVILÉS, 1999, p. 85-96).

A partir do exposto, a Magia Astral refere-se a uma ciência das imagens com a qual, a partir da orientação e influência dos astros, objetivava-se identificar as imagens atraís que influenciavam determinadas pedras para sua manipulação ou, ainda, criar talismãs com imagens atraís capturadas em momentos astrologicamente calculados em determinadas pedras, a fim de potencializar suas virtudes. O *Lapidario* afonsino é, portanto, um texto de Magia Astral em articulação com outros rituais de Magia Natural.

Em sua posição de governante e legislador, Afonso X normatiza, por meio das *Siete Partidas*, as práticas associadas à Magia e estabelece, nessa obra, sua postura contrária à Magia Diabólica, em especial a Necromancia:

Sétima Partida.**Título XXIII.****Lei II. Dos que encantam os espíritos ou fazem imagens ou outros feitiços, ou dão ervas para obter o amor dos homens ou das mulheres.**

Necromancia, dizem em latim, é um saber estranho que serve para encantar espíritos maus e quando os homens a praticam trazem grande dano à terra e, especialmente, aos que nela creem. E lhes é exigido algo em troca disso, causando-lhes muitas situações; por causa do horror que lhes advêm porque andam à noite procurando essas coisas em lugares estranhos, alguns deles morrem ou ficam loucos ou desmemoriados. Por isso, defendemos que ninguém seja ousado de trabalhar nem de usar inimiga como esta, porque é coisa que pesa a Deus e traz, portanto, grande dano aos homens. Ainda, defendemos que ninguém seja ousado de fazer imagens de cera, nem de metal, nem outros feitiços para obter o amor dos homens com as mulheres, nem para destruir o amor que alguns tenham entre si. Também defendemos que ninguém seja ousado de dar ervas, nem bebidas a algum homem ou mulher por estar enamorado, pois essas bebidas às vezes levam vem à morte os homens que as tomam e há muitas enfermidades que ficam para sempre (AXL, SP VII, p. 959).⁸⁷

Embora a Magia presente no *Lapidario* afonsino seja em sua maioria a Magia Natural, em sua dupla vertente Astral e nas formas rituais de Magia Natural, e apesar da advertência da legislação contra variadas formas de Magia Diabólica, identifica-se, ainda que em menor medida, a presença dessas formas de Magia, tais como a Necromancia, os Encantamentos etc. Distinguem-se também pedras para a proteção dos efeitos de tais práticas:

DA PEDRA QUERC-

Dos XIX graus do signo de Touro é a pedra que chamam **querc** [...].

Ademais, a usam em anéis e a colocam sobre suas vestes, porque pensam que tem tal virtude que aquele que a traz consigo não pode ser prejudicado por mal olhado, nem pela necromancia, nem por essas coisas que chamam de encantamentos [...].⁸⁸ (AXL, p. 48-49).

⁸⁷ Tradução nossa de: “**Ley II. De los que encantan los espíritus o hacen imágenes u otros hechizos, o dan yerbas para enamoramiento de los hombres o de las mujeres.**

Necromantía dicen en latín es un saber extraño que es para encantar espíritus males e porque los hombres se trabajan a hacer esto viene muy gran daño a la tierra e, señaladamente, a los que creen. E les demandan alguna cosa en esta razón acaesciéndoles muchas ocasiones, por el espanto que reciben andando de noche buscando estas cosas tales en los lugares extraños, de manera que algunos de ellos mueren o fincan locos o desmemoriados. Por esto defendemos que ninguno no sea osado de se trabajar ni de usar de tal enemiga como ésta, porque es cosa que pesa a Dios e viene, por tanto, muy gran daño a los hombres. Otrosí defendemos que ninguno no sea osado de hacer imágenes de cera, ni de metal, ni otros hechizos para enamorar los hombres con las mujeres, ni para departir el amor que algunos hubiesen entre si. E aún defendemos que ninguno no sea osado de dar yerbas, ni brebajes a algún hombre ni a mujer por razón de enamoramiento, pues acaece a las veces que de estos brebajes vienen a muerte los hombres que los toman e han muy grandes enfermedades de que fincan ocasionados para siempre”. (AXL, SP VII, p. 959).

⁸⁸ Tradução nossa de: “**DELA PIEDRA QUERC-**

Delos XIX grados del signo de Tauro es la piedra aque llaaman querc [...]

Assim como outros saberes correntes na época, a Magia medieval, de caráter platônico, constituiu-se, em todas as suas vertentes, formas de conhecimento e, por conseguinte, tentativas de intervenção na natureza, sobretudo no homem. Assim, seu objetivo último era o domínio da natureza. Diferentemente de outros saberes, porém, os mecanismos para isso contavam com as forças ou poderes ocultos da própria natureza ou de intervenções demoníacas. Em relação à Magia Natural, culta, sobretudo em sua forma de Magia Astral, se notou, no contexto em análise – o século XIII, em estreita vinculação com a Astrologia, por meio de seu princípio básico –, a concepção de unicidade do cosmos e do entrelaçamento dos corpos celestes com os corpos terrestres.

Et sin todeso, traen la en sortijas, et ponen la sobre sus pannos, por que tienen, que a tal uertud, que el que la trae consigo, nol puede nozir oio malo nin obra de nigromancia, nin estas cosas aque llaman encantamientos [...].” (AXL, p. 48-49).

CAPÍTULO 3 – TEORIA E PRÁTICA MÉDICA NO *LAPIDARIO* DE AFONSO X

DELA PIEDRA AQUE DIZEN ANETATIZ-

Del dozeno grado del signo de Aries es la piedra a que dizen anetatiz, que quiere decir “piedra sanguina”. De su natura es caliente et seca. Et es de color uermeia et oscura que tira contra sanguino. Et es espessa, que la non passa el uiso, et fuerte, et muy pesada. Et quando la pulen, lo que sale della semeja sangre, en color et en todas sus cualidades.

Et su uertud es atal, que si la cuelgan sobre las postemas que salen a fuera, desfaze las en un dia, et mayor miente si las untan con la polidura que della sale [...].

Afonso X, século XIII.

3.1 Saúde e doença: o pensamento analógico

Analisar a concepção de saúde e doença no *Lapidario* requer compreender o modo de pensar que prevaleceu na Idade Média: a analogia, por meio da qual os homens medievais estabeleceram múltiplas e estreitas relações entre os diferentes níveis de realidade. Identificamos o pensamento analógico desde as denominações das pedras até suas recomendações como remédios.

De acordo com o pensamento analógico medieval, as mais variadas criaturas da Criação (a fauna, a flora, o mundo mineral) constituíam signos dispostos por Deus ao homem, ao qual cabia a tarefa de decifrar e compreender seu significado por uma série de equivalências simbólicas. Nesse sentido, cada criatura possuía um significado, definido por sua cor, sua forma e seu nome (GONTERO-LAUZE, 2016, p. 9-13). É justamente nessa perspectiva que uma semelhança entre os elementos da natureza, tal como entre uma planta ou uma pedra e uma parte do corpo pressupunha a possibilidade de tratamento de determinadas doenças. Por exemplo, as nozes, que pareciam um cérebro, eram frequentemente recomendadas para o tratamento de doenças nesse órgão. Do mesmo modo, a hematita, de cor

vermelha, era indicada para o tratamento de feridas ou doenças associadas ao sangue. Do mesmo modo a pedra do fígado, sugerida no *Lapidario* para tratar essa víscera. Outro exemplo é a pedra **anetatiz** (sanguínea), que, conforme a epígrafe de abertura deste capítulo, é prescrita para o tratamento de feridas. Essa teoria analógica dos signos e sinais era comumente utilizada no domínio da saúde e da doença.

A doutrina médica medieval, baseada na teoria galenista dos humores, é em si a concretização do pensamento analógico desse período. De acordo com essa teoria, a saúde do corpo físico e mental correspondia ao equilíbrio dos quatro humores que circulavam no interior do corpo. Ao contrário, a doença correspondia ao desequilíbrio de um desses humores. Nessa perspectiva, a cura se dava pela busca do equilíbrio humoral, em grande medida pela teoria dos *contraria* ou, em menor medida, por semelhança.

Uma das formas de analogia, presente sobretudo no *I Tratado*, baseia-se nessa doutrina médica dos humores. Assim, as pedras desse tratado encontram-se dispostas de acordo com suas características humorais. Outras formas de analogia encontradas nesse lapidário baseiam-se na Astrologia e na Magia. Dessa forma, identifica-se, ao longo dos quatro tratados, uma associação das pedras com os corpos celestes que, por determinada similitude, exercem influência, fornecendo suas virtudes: os signos do zodíaco, os planetas e as constelações formadas em determinados períodos do ano. Nesse sentido, do mesmo modo que por similitude, partes e funções do corpo encontram-se associados com os astros (melotesia zodiacal e planetária) na Idade Média, as virtudes das pedras do *Lapidario* também possuem tal associação, demandando, também por similitude, formas de Magia para sua obtenção.

A concepção teórica e a prática preventiva e terapêutica do *Lapidario* também são caracterizadas pela analogia. Assim, pela semelhança, por exemplo, frequentemente as pedras brancas, verdes e azuis aparecem nesse lapidário como bons elementos para o tratamento de

doenças nos olhos; as pedras vermelhas, para o tratamento de hemorragias, ferimentos etc., ou seja, doenças associadas ao sangue. Do mesmo modo, pela semelhança entre o formato de uma pedra e uma parte ou órgão do corpo, por exemplo, recomendações terapêuticas são identificadas ao longo do *Lapidario*.

3.1.1 Pensamento analógico mineral

Geleatez dicen en griego ala primera piedra de la g. Esta es blanca a semeiança de leche, et es muy clara, et fallan la en las sepulturas de los antigos. Et la muger que la touiere colgada dessi, acrecientasele la leche [...].

Afonso X, século XIII.

O *Lapidario* estabelece analogias com as pedras a partir de pelo menos cinco aspectos: cor, formato, surgimento/lugar, animais e temas. Primeiramente, o pensamento analógico medieval considera as pedras, assim como as plantas e os animais, como obras da Criação divina e elementos da natureza. Eram também, e sobretudo, a própria natureza.

Nos tratados científicos medievais, as pedras são consideradas criaturas e, por consequência, capazes de experienciar sentimentos como os outros seres vivos (GONTERO-LAUZE, 2016, p. 30). Na *História Natural*, de Plínio e, do mesmo modo, nas *Etimologias*, de Isidoro de Sevilla, por exemplo, identifica-se a distinção de sexo na descrição de algumas pedras, tais como na abordagem das variedades do **rubis** e na exposição da **aetites**, conforme descrições a seguir:

[...] Ainda, em cada variedade há **rubis** machos, de brilho muito intenso, e **rubis** fêmeas, de brilho mais lânguido. Por sua vez, os machos podem ser de chama mais limpa ou mais escura e há alguns cujo brilho está no fundo e

que, na luz do sol, brilham com mais intensidade que os demais [...].⁸⁹ (PHN, 2006, p. 238).

22. As **aetities** são pedras que se encontram nos ninhos das águias. Dizem que há duas, uma macho e outra fêmea, e que sem elas as águias não podem ter crias. Delas, a macho é dura, semelhante a um canário e de cor avermelhada; a fêmea é menor e mais leve. Ambas, unidas, aceleram o parto, mas em alguns casos prejudicam a matriz [útero] caso não se separem rapidamente das parturientes.⁹⁰ (ISE, p. 1.106).

No *Lapidario* de Afonso X, a analogia com as cores é estabelecida ao associar as pedras brancas ao leite e aos olhos, as vermelhas ao sangue, as verdes e azuis aos olhos, etc. Assim, a pedra **geleatez**, do *I Tratado*, por exemplo, clara de tal forma que se assemelha ao leite, é recomendada, por similitude, para aumentar o leite de mulheres: “**GELEATEZ** dizem em grego à pedra da letra g. Ela é branca como leite, muito clara e pode ser encontrada nas sepulturas dos antigos. À mulher que a trouxer pendurada sobre si aumenta-lhe o leite [...]”⁹¹ (AXL, p. 2017). Do mesmo modo, a pedra **cornelina**, do primeiro tratado, é indicada para o tratamento de ferimentos e hemorragias:

DA PEDRA QUE TEM NOME **CORNELINA** – Do sexto grau do signo de Capricórnio é a pedra a que chamam *allaquic*, em grego, e em latim *cornelina*. Esta é de cor vermelha [...] e é boa para estancar o sangue que corre muito, e, principalmente, para as mulheres quando lhes sai mais do que deve [...].⁹² (AXL, p. 151).

⁸⁹ Tradução nossa de: “[...] praetera in omni genere masculi appellantur aciores et feminae languidius refulgentes. in masculis quoque obsevant liquidiores aut flammae nigrioris et quosdam ex alto lucidos ac magis ceteris in sole flagrantes [...]” (PHN, p. 238).

⁹⁰ Tradução nossa de: “22. Aetites lapides reperiuntur in nidis aquilarum. Aiunt binos inveniri, marem et feminam, nec sine his parere aquilas: horum masculus durus, similis gallae, subrutilis; femineus vero pusillus ac mollis. Alligati partus celeritatem faciunt, etiam aliquibus aliquid vulvae excidunt, nisi cito parturientibus auferantur”.

⁹¹ Tradução nossa de: “GELEATEZ dicen en griego ala piedra de la g. Esta es blanca a semeiança de leche, et es muy clara, et fallan la en las sepulturas de los antigos. Et la muger que la touiere colgada dessi, acrescientasele la leche [...]” (AXL, p. 2017).

⁹² Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE A NOMBRE CORNELINA – Del sexto grado del signo de Capricornio es la piedra aque llaman alaaquic en griego, et en latin cornelina. Esta es de color uermeia [...] que es bona pora estancar la sangre que corre mucho, et mayor miente alas mugieres quando les sale mas que no deue [...]” (AXL, p. 151).

A analogia em relação ao formato se dá ao associar as pedras a elementos da natureza que possuem certa semelhança física. Assim, no *Lapidario* em estudo temos a **pedra do fígado** associada a esse órgão, a pedra **caracol do mar** associada ao pulmão etc.

DA PEDRA QUE SE ORIGINA NO CARACOL DO MAR – Do XXV grau do signo de Aquário é a pedra que nasce no espinhaço do caracol do mar. E esta é contada entre as dos animais [...] E sua virtude é tal que, se a moem, e dão dela a beber, serve a todas as enfermidades do pulmão, abrindo os condutos dele [...].⁹³ (AXL, p. 174).

Algumas pedras encontram-se associadas aos astros que as influenciam no momento de seu surgimento, recebendo seus nomes. Assim, tem-se a **pedra que aparece no mar quando Júpiter sobe**, a **pedra que aparece no mar quando Marte se põe**, a **pedra que aparece no mar quando a Lua se põe** etc. Outras pedras são associadas aos lugares de surgimento: a **pedra africana**, a **pedra indiana**, a **pedra árabe**, a **pedra romana** etc. Ainda, por analogia, por surgirem em locais onde há feras venenosas, algumas pedras são, igualmente, tóxicas, como o diamante. Assim, por contato, consiste num tóxico mortal:

[...] Mas esta pedra é assim tóxica em razão daqueles animais venenosos que vivem onde ela nasce. E como essas pedras são sempre quadradas e agudas, cortam aqueles animais e deles recebem veneno; quando os homens a colocam em grande quantidade na boca caem-se lhes os dentes. E fazem algo ainda pior: se a moem até o peso de um dracma com o chumbo que dizemos, e a dão a beber a um homem, este morre [...].⁹⁴ (AXL, p. 39).

Outra analogia presente é a que associa as pedras aos animais nos quais elas são descobertas. A **pedra do galápagos**, por exemplo, é encontrada no ventre desse animal, a

⁹³ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE SE FAZE EN EL CARACOL DELA MAR – Del XXV grado del signo de Aquario es la piedra que se faz en el espinazo del caracol de la mar. Et esta es contada entre las delos animales [...] Et su uertud es atal, que si la muelen, et dan della a beuer, presta a todas las enfermidades del pulmon, abriendo las carreras del [...]” (AXL, p. 174).

⁹⁴ Tradução nossa de: “[...] Pero esta piedra es assi tossigosa, por razon daquelas animálias pozonadas que se criam o ella nasce. Et por que estas piedras son siempre quadradas et agudas, rasan se aquellas animales a ellas et reciben dellas ponçon, assi que quando los omnes las meten en las bocas, si las y mucho tienen, caen se los dientes. Et fazen aun al peor, que si muelen della peso de una dragma con el plomo que dixiemos, et la dan a beuer a algun omne, muere [...]” (AXL, p. 39).

pedra do peixe, na sua cabeça, **a pedra que é encontrada no ventre da andorinha**, como o nome indica, no ventre desse animal.

Algumas pedras do *I Tratado do Lapidario* recebem os nomes a partir de analogias com suas propriedades, qualidades ou virtudes, com o local onde são originadas etc. Assim, por exemplo, a **pedra que atrai o vinho**, a **pedra que atrai os ossos**, a **pedra que atrai o ouro** etc. possuem virtudes de atrair respectivamente essas substâncias; a **pedra que foge do leite**, a **pedra que foge do mel** etc. têm virtudes capazes de repelir essas substâncias; a **pedra do algodão**, o amianto, quando quebrada, se parece com algodão em substância e cor; a **pedra que torna a água sangue**, ao ser pulverizada em recipiente com bastante água, assemelha-se ao sangue em substância e cor, apenas não em sabor; a **pedra do banho** é encontrada em caldeiras de banhos.

No *Lapidario*, identifica-se também uma analogia de temas ligados às propriedades ou às virtudes das pedras. Nesse sentido, o **diamante**, que é a pedra mais dura e, portanto, possui a virtude de quebrar as demais, é associado à força e à invencibilidade. Assim, de acordo com o primeiro tratado, aquele que o leva consigo predispõe-se a disputas e a toda sorte de esforço e ambição. A invencibilidade também é associada ao **diamante** por Marbodo de Rennes em seu texto em verso:

[...] Com sua maravilhosa virtude converte em invencível ao que a utiliza;
Repele tanto aos fantasmas da noite como aos sonhos vãos;
Afugenta os venenos e supera as lutas e disputas;
Cura os loucos e rejeita os cruéis inimigos [...].⁹⁵ (MBRLL, p. 15).

[...] a sua propriedade é tal que o que a traz consigo enfurece-se facilmente, e inclina-se a brigar e a fazer tudo que seja de atrevimento e de esforço [...].⁹⁶ (AXL, p. 39).

⁹⁵ Tradução nossa de: “[...] Indomitumque facit mira virtute gerentem;
Et noctis lemures, et somnia vana repellit;
Atra venena fugat, et somnia vana repellit;
Atra venena fugat, rixas et iurgia vincit;
Insanos curat, duosque reverberat hostes [...]” (MBRLL, p. 15).

⁹⁶ Tradução nossa de: “[...] la su propiedad es atal que, el que la trae consigo ensanna se ayna, et mueue se a baraiar, et a fazer toda cosa que sea de atreuimiento et de esfuerço [...]” (AXL, p. 39).

É do mesmo modo pela força de atração que o ímã atrai outros minerais e, por conseguinte, “vence” todos os metais, pois essa pedra é indicada para fortalecer o coração de quem é fraco e, ainda, para fortalecer mais quem já é forte. Essa fraqueza tratada no documento se refere à melancolia, entendida como uma doença que enfraquece o coração. Assim, por similitude, sendo a pedra altamente atrativa, mais que os outros metais, manifesta sua força ao que a tiver em contato. É por isso que no *Lapidario* essa pedra é definida como a que vence os outros metais e, em virtude disso, possui a virtude de fortalecer o coração de quem a usa.

[...] E a pedra que está no primeiro grau dele [Áries] chamam-lhe **magnitat** em caldeu e em árabe, e em latim **magnetes**, e na língua castelhana **íman** [...] Essa pedra tem naturalmente a virtude de atrair o ferro com grande força. E como parece grande maravilha aos que não conhecem a natureza das propriedades das coisas, essa pedra, que é quente e seca, pode atrair o ferro, que é frio e seco, dizemos que não se deve maravilhar por isso; pois se prestarem atenção nos ditos dos sábios, encontrarão que todas as coisas que atraem umas às outras o fazem de duas maneiras: ou por semelhança ou por oposição [...] E é grande maravilha que o ferro, que vence todos os outros metais por ser mais forte, vence essa pedra por sua propriedade e a faz vir contra si, obediente. E por isso se mostra que essa atração é mais por força de oposição que por semelhança [...] E essa pedra tem em si a virtude que aquele que a tras consigo, se for fraco de coração, lhe dará esforço e, se for esforçado, se esforçará mais [...].⁹⁷ (AXL, p. 20-21).

Ainda no que se refere à atração, o *Lapidario* apresenta outras pedras com essa analogia, tais como a **pedra que atrai o ouro [mercúrio]**, a **pedra que absorve o mel** e a **pedra que arranca a unha**. A primeira, de acordo com o tratado, atrai o ouro e faz com que este o obedeça, assim como o ímã atrai o ferro. É muito utilizada pelos ourífices para a

⁹⁷ Tradução nossa de: “Et la piedra que es en el primero grado del llaman le magnitat en caldeo et en arauigo, et en latin magnetes, et en language castellano aymante [...] Esta piedra a natural miente uertud en si de tirar el fierro con muy grand fuerça. Et pot que semeia grand marauilla alos que non saben la natura delas propiedades delas cosas, que esta piedra, que es caliente et seca, pueda tirar el fierro que es frio et seco, dezimos que se non deuen marauillar por ello; casi bien pareren mientes alos dichos delos sábios, fallaran que todas las cosas que tiran unas a otras, lo fazen en dos maneras; o por semeiante o por el contrario [...] Et es grand marauilla que, el fierro, que uence todos los otros metales por fortaleza que a en si, uence lo esta piedra por su proprietad et faz lo uenir contra si obediente. Et por esto se muestra que este tirar es mas por fuerça de contrariedad que de semeiant [...] Et esta piedra a uertud en si que, aquel que la troxiere consigo, si fuere omne flaco de corazón, dar la esfuerço, et si fuere esforçado, esforçar la mas [...].” (AXL, p. 20-21).

limpeza do ouro e, por meio da atração, separa o ouro de outros metais; no campo da saúde e das doenças, é indicada para o tratamento da melancolia, uma vez que, pela analogia com a força da atração, dá alegria ao coração de quem a olha pela manhã, assim como o mantém alegre por todo o dia.

A **pedra que arranca as unhas**, contada entre as pedras ímãs, ou seja, magnéticas, possui virtude, por sua força atrativa, de atrair unhas que jazem sobre a terra, assim como de quebrar e torcer as unhas dos homens ao passá-las sobre elas. Ainda, caso a pedra seja grande, possui a virtude, por similitude, de arrancar a unha com força.

A **pedra que absorve o mel**, igualmente contada entre os ímãs, colocada perto de mel e açúcar, absorve-os com sua força, de tal modo que quanto maior a quantidade absorvida, mais pesada se torna. Essa pedra possui a virtude, também por similitude, de cuidar da vista de quem a traz consigo, protegendo a pessoa, portanto, de qualquer enfermidade nos olhos.

Outra analogia presente no *Lapidario* é a que relaciona a pedra **hematita**,⁹⁸ muito apreciada na Idade Média, ao sangue. O próprio nome hematita é derivado dessa substância. De acordo com o primeiro tratado, essa pedra é de cor vermelha e, quanto mais escura, ou seja, mais parecida com o sangue, melhor. Assim, a maioria das suas virtudes são medicinais e, ademais, indicadas para tratamentos associados ao sangue.

DA PEDRA QUE DIZEM **SEDINECH** [hematita]-

Do segundo grau do signo de sagitário é a pedra a que dizem *senidech*, que quer dizer **hematita** [...].

De natureza é quente, seca e fácil de quebrar, é de cor vermelha e quanto mais escura, melhor [...].⁹⁹ (AXL, p. 133-134).

⁹⁸ No *Lapidario*, a hematita aparece intitulada de **sedinech**, porém, na sua descrição é explicado que esse nome significa hematita.

⁹⁹ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA AQUE DIZEN SEDINECH- Del segundo grado del signo de sagitario es la piedra aque dicen sedinech, que quier dezir amatites [...] De natura es calient et seca, et ligera de quebrantar, et es de color uermeia, et quanto es mas tinta, tanto es mejor [...]” (AXL, p. 133-134).

Essa analogia também está presente em outros lapidários, como demonstrado abaixo no de Marbodo (MBRLL, p. 113/115), que também a recomenda para o tratamento de diversas enfermidades, sobretudo das associadas ao sangue, na manipulação de remédios, como bebida para estancar hemorragias etc.¹⁰⁰

Do mesmo modo, outras pedras encontram-se associadas ao sangue, tais como a **pedra sanguínea**, a **pedra do sangue** etc. Em todas essas pedras a analogia se dá especialmente por meio da similitude com o próprio sangue, assim como com a substância que elas liberam ao entrar em contato com a água ou, ainda, por absorver o sangue ao entrar em contato com essa substância. Ademais, ocorre também pela cor.

DA PEDRA DO SANGUE-

Do XVIII grau do signo de Libra é a pedra que dizem do sangue. E esse nome tem por sua virtude, porque absorve sangue [...] E se essa pedra for colocada em copo que contenha sangue, absorve-o de acordo com sua quantidade, e a que fica torna-se cor de água [...].¹⁰¹ (AXL, p. 112).

Algumas analogias do *Lapidario* afonsino relacionam as pedras com elementos da natureza, seja pela similitude, pela forma de surgimento, pelas características físicas, pelas virtudes etc. Assim, a **marcassita** em suas três formas (áurea, prateada e acobreada) e a **pedra do fogo** encontram-se associadas ao fogo.¹⁰² A natureza dessas pedras é quente. A primeira, pulverizada ou junto à prata ou ao cobre, torna-se mais quente e adquire as qualidades do fogo: aquece ou queima o que estiver junto. A forma áurea é dourada, muito parecida com o

¹⁰⁰ Tradução nossa de: “*Sumpsit ematites Grecum de sanguine nomen, Nature lapis humane serviré creatus [...] / Suco dilutus, quem punica mala remittunt, / In medicinali velut ad colliria cote, / Vel resolutus aqua, iuvat hos, qui sanguinis ore / Spumas emittunt, et que linit ulcera sanat. / Potatus stringit patitur quem femina fluxum; / Carnes crescentes in vulnere, pulveris huius [...]*” (MBRLL, p. 113/115).

¹⁰¹ Tradução nossa de: “*DELA PIEDRA DELA SANGRE-* Del XVIII grado del signo de Libra es la piedra que dicen dela sangre. Et este nombre a dela uertud della, por que çume la sangre assi [...] Et si esta piedra meten en uaso que este sangre, çume della segund su quantitat, et la que fica, torna la en la color dagua [...]” (AXL, p. 112).

¹⁰² A partir das narrativas, entendemos que essas duas pedras são a pirita, ou seja, a pedra do fogo. Na maioria dos lapidários aparece com este nome: pirita.

fogo. A segunda, a **pedra do fogo**, recebe seu nome, de acordo com o primeiro tratado, a partir de sua virtude:

DA PEDRA DO FOGO-

Do XVI grau do signo de Sagitário é a pedra do fogo. De natureza é quente e seca no terceiro grau [...].

E há nela uma maravilhosa virtude, de onde ela recebe o nome; que se colocarem óleo de qualquer natureza, naquela parte côncava, queima como crisol, e isso dura enquanto aquele óleo estiver nela, que não se consome, nem acaba; mas se coloca sal, em seguida perde aquele brilho [...].¹⁰³ (AXL, p. 112).

Outros lapidários também seguem essa analogia. Marbodo (MBRLL, p. 169),¹⁰⁴ por exemplo, narra que a **pirita** possui a cor amarela próximo a vermelho e, ainda, que seu nome provém do fogo. Ademais, faz uma alerta acerca do manuseio da pedra, em função de sua similitude com esse elemento da natureza.

A **pérola** encontra-se associada ao orvalho. Em vários lapidários, essa analogia se dá pela forma de surgimento dessa pedra preciosa. Os tratados narram, com riqueza de detalhes, todo o processo que ocorre na natureza, necessário para originar uma pedra tão peculiar se comparada às demais pedras preciosas e, ao mesmo tempo, digna de admiração e respeito.

DA PEDRA A QUE DIZEN ALJÓFAR [PÉROLA]

Do décimo primeiro grau do signo de Áries é a pedra a que chamam de aljófar. Ela é, por natureza, quente e seca. E a encontram em muitas partes, que estão no Grande Mar que cerca o mundo ao redor, em umas conchas muito grandes nas quais elas surgem dessa maneira: quando vem os ventos do norte, abrem-se e pegam aquela umidade trazida por eles. E, com aquelas

¹⁰³ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA DEL FUEGO-

Del XVI grado del signo de Sagitário es la piedra del fuego. De natura es calient et seca en el tercero grado [...].

Et a en ella una muy maravillosa uertud, onde ella toma el nombre; que si pusieren oloy de qual natura quier que sea, en aquella parte cauada, faz semeiante que arde como crusuelo, et esto dura mientras aquel oloy fuere en ella, que non se consume, ni la lumbre mingua; mas si sal y echan, luego perde aquel luzimiento [...].” (AXL, p. 112).

¹⁰⁴ “LVI. DE PIRITE

Cui fulvus color est, cui nomen ab igne pirites, / Se vetat astringi, pertractarique recusat. / Tangi vult leviter, pavidaque manu retineri, / Nam, pressus nimium, digitos stringentis adurit.” (MBRLL, p. 169).

gotas de orvalho que nelas caem, fecham-se e vão à noite ao fundo da água; e, quando vem o dia, saem e param-se contra o sol, abrem-se e pegam grande parte do calor dele, e depois descem ao fundo, e isso mesmo fazem à tarde, quando se põe o sol. Quando notam que aquela água está qualhada, aliviam-se; então as ondas do mar empurram as pérolas tão forte que as expulsam à orla. E quando se encolhem, arrastam-nas consigo, e quando se estendem, enviam-nas para fora; e, movendo-as dessa maneira, fazem-se redondas, e formosas, e brilhantes. E quanto maiores são, e mais brancas, e mais claras, mais valem [...].¹⁰⁵ (AXL, p. 26).

Do mesmo modo, há outras analogias abordadas em outros lapidários ou tratados, mesmo não aparecendo no *Lapidario* afonsino. O **ligúrio** ou **pedra do lince**, aparece, por exemplo, dentre outros, nos de Marbodo (MBRLL, p. 87) e de Hildegarda de Bingen (HBLPC, p. 97) e nas *Etimologias*, de Isidoro de Sevilla (ISE, p. 1114 e 1116), associado ao lince nos dois primeiros. Segundo as narrativas desses dois tratados, essa pedra consiste na urina endurecida do lince, tal como demonstrado na citação a seguir, retirada do *Lapidario*, de Marbodo:

XXIV. DO LIGÚRIO

Se converte em pedra, aquilo que destila o ventre do lince.
 Se lhe chama **pedra do lince**, e este cálculo é uma pedra preciosa.
 De fato, se crê que os mesmos lince se dão conta disto,
 pois lutam para cobrir o líquido tão logo quando sai,
 juntando sobre este um monte de areia.
 Isto o fazem por inveja, de modo que não passe a nossos usos [...].¹⁰⁶
 (MBRLL, p. 87).

¹⁰⁵ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA AQUE DIZEN ALJÓFAR-

Del onzeno grado del signo de Aries es la piedra aque llaman aliofar. Esta es de su natura caliente et seca. Et fallan la en muchas partes, que son en la grand mar que çerca el mundo enderredor, en unas conchas muy grandes en que se crien ellas desta guisa: que quando uienen los uientos de Septentrion abren se et cogen aquella humidat que aduzen. Et, con aquellas gotas de rocio que en ellas caen, cierran se et uan de noche al fondo del agua; et, quando uiene el dia, salen et paran se contral sol, et abren se et cogen grand pieça dela calentura del, et despues descenden se al fondo; et esso mismo fazen ala tarde, quando se pone el sol. Et desque entienden que aquella agua es quaiada aliuiian se, assi que las ondas dela mar las empuxan tan fuerte que las echan ala oriella. Et quando se encogen, tiran las consigo, et quando se estienden enuiian las faza fuera. Et trayendo las desta guisa, fazen se redondas, et fremosas, et luzias. Et quanto mayores son, et mas blancas, et mas claras, tanto ualen mas [...].” (AXL, p. 26).

¹⁰⁶ Tradução nossa de: “XXIV. DE LIGVRIO

Vertitur in lapidem quod stillat ab inguine lincis; / Ligurium vocitant, et calculus est pretiosus. / Nam credunt ipsas hoc persentiscere lince, / Que mox egestum certant operire liquorem, / Dum super accumulunt congeste pondus arene; Scilicet invidia, ne nostros cedat in usus [...].” (MBRLL, p. 87).

Dessa forma, alguns tratados consideram que o **ligúrio** é o **âmbar**, tal como os de Marbodo e Hildegarda de Bingen.¹⁰⁷ Outros fazem distinção entre as duas, descrevendo o **âmbar** como uma pedra originada da resina de árvores, tal como as narrativa das *Etimologias*, de Isidoro de Sevilla: “O **âmbar**, ao que os gregos chamam *élektron*, é de cor amarelo de cera. Se diz que é a resina (sucus) de uma árvore, e por isso se denomina *sucinus* [...]”¹⁰⁸ (ISE, p. 1.114/1.116). Já o **ligúrio**, segundo esse mesmo autor: “se chama assim porque se forma com a urina do lince, endurecida com o passar do tempo. Assim como o **âmbar**, é amarelada e atrai as folhas que se encontram perto dele” (ISE, p. 1.116)¹⁰⁹.

Do mesmo modo, a esmeralda encontra-se associada à visão desde os lapidários antigos, tal como no de Teofrasto e de Plínio, assim como nos medievais, como no de Marbodo. Essa analogia se dá pela cor e pela similitude com uma das cores de olhos: verde.

Outra analogia comum nos lapidários é a que associa o **rubi**, ou **carbúnculo**, forma mais antiga de denominar essa pedra, ao carvão.¹¹⁰ Essa analogia se dá pela similitude com um carvão queimando ou com o fogo, tanto pela cor quanto pela temperatura:

XXIII. DO CARBÚNCULO

O **carbúnculo** supera a todas as gemas ardentes,
Porque igual a um carvão aceso, lança raios em todas as direções.
Daí parece que sai a razão de ser de seu nome [...]”¹¹¹ (MBRLL, p. 85).

Há, ademais, a analogia com o sol. Nas *Etimologias*, por exemplo, Isidoro de Sevilla atribui o nome **gema do sol** pela similitude entre o brilho dessa pedra e o sol: “A

¹⁰⁷ Hoje sabe-se que o âmbar não é um mineral, e sim uma resina fóssil. Ainda assim, é muito usado para a confecção de objetos ornamentais.

¹⁰⁸ “Sucus, quem appellant Graeci ηλεκτρον, fulvi cereique coloris, fertur arboris sucus et ob id sucinum appellari. Electrum autem vocari fabulosa argumentario dedit.” (ISE, p. 1.114/1.116).

¹⁰⁹ “Lyncurius vocatus quod fiat ex urina lyncis bestiae tempore indurata. Est autem, sicut et sucinum, fulva, adtrahens spiritu folia propinquantia.” (ISE, p. 1.114).

¹¹⁰ É provável que essa analogia estivesse presente no Lapidario afonsino, porém, o signo ao qual o rubi estaria associado consta de apenas uma pedra, uma vez que parte do tratado se perdeu.

¹¹¹ Tradução nossa de: “XXIII. DE CARBUNCULO
Ardentes gemas superat carbunculus omnes; / Nam velut ignitus rādios iacit undique carbo, / Nominis unde sui casusam traxisse videtur [...]” (MBRLL, p. 85).

‘gema do sol’ é branca. Deve seu nome a que, da mesma forma que o sol, espalha ao seu redor raios resplandecentes” (ISE, 2004, p. 1.118).¹¹² Em Marbodo (MBRLL, p. 101),¹¹³ a pedra **heliotrópio** é a pedra do sol, ou seja, por analogia, é também associada a esse elemento da natureza.

Percebe-se, então, que uma das bases científicas das prescrições das pedras do *Lapidario* afonsino é o pensamento analógico, característico das produções científicas enciclopédicas medievais. Forma de pensamento que, ao considerar as pedras criaturas divinas dispostas na natureza, porém, muitas vezes, signos e sinais a serem decifrados (a cor, o formato, propriedade, virtudes etc.) por similitude, além de forma de compreensão da natureza, foram amplamente utilizadas no campo da farmacopeia com vistas a prevenir e a curar inúmeras enfermidades (GONTERO-LAUZE, 2016, p. 9).

3.1.2 *Pensamento analógico astrológico*

A organização das pedras ao longo do tratado baseia-se na teoria ptolomaica, segundo a qual todos os corpos no mundo estão conectados e os mais altos (mais nobres) influenciam os baixos (mais vis). Assim, todos os seus tratados estão estruturados a partir da concepção astrológica segundo a qual as virtudes das pedras, sejam preventivas ou curativas, advêm de astros e conjunções astrais em momentos propícios. Nessa perspectiva, as pedras encontram-se associadas aos elementos aos quais, por analogia, se conectam astrologicamente, recebendo suas virtudes.

¹¹² Tradução nossa de: “Solis gemma ádios est, traxitque nomen quod ad speciem solis in orbem fulgentis spargit ádios.” (ISE, p. 1.118).

¹¹³ Tradução nossa de: “XXIX. DE ELIOTROPIA

Ex re nomen habens est eliotropia gemma, / Que solis radiis in aque subiecta vatillo, / Sanguineum reddit mutato lumine solem, / Eclipsimque novam terris effundere cogit. / Denique post modicum vas ebullire videbis, / Aspergite foras subite scaturiginis imbrem, / Ut fit cum nimbis distillat turbidus aer. / Se quoque gestanti dat plirima vaticinari [...]” (MBRLL, p. 101).

A partir da analogia da concepção astrológica da unidade cósmica e da associação entre os corpos celestes e os terrestres com o surgimento das virtudes das pedras, outras teorias, também baseadas no pensamento analógico, vão sendo recorridas e utilizadas com a finalidade de catalogar as virtudes ao longo dos tratados do *Lapidario*. Assim, a organização das pedras ao longo do primeiro tratado baseia-se, fundamentalmente, na teoria aristotélica dos elementos e das qualidades, na Astronomia/Astrologia, na teoria médica galenista humoral, na farmacologia galenista e dioscoridiana e, ainda, na Magia Natural. Assim, a disposição das pedras do primeiro tratado é baseada nos seguintes elementos:

Quadro 5 – A organização das pedras segundo os graus dos signos do zodíaco

Signos	Natureza dos signos	Compleição dos signos	Exemplos de pedras	Natureza das doenças	Virtudes das pedras	Estrelas das conjunções
Áries	Ígnea	Quente e seca.	Ímã, pérola, jaspe, sanguínea, sal amoníaco etc.	Fria e úmida.	Pérola: aliviar o tremor do coração, clarear a vista, fortalecer os nervos etc.	Sal amoníaco: as duas estrelas que estão juntas, em que uma brilha e a outra não, ambas na cabeça de Algol.
Touro	Térrea	Fria e seca.	Diamante, esmeralda, coral, artacam etc.	Quente e úmida.	Esmeralda: antídoto contra todos os tóxicos mortais e feridas ou picadas de bestas venenosas etc.	Diamante: a estrela ardente que está na coxa de Perseu e outra que está sobre a cabeça dessa figura.
Gêmeos	Aérea	Quente e úmida.	Ouro, pedra da serpente, pedra do sonho, pedra que atrai o vinho, pedra do fígado etc.	Fria e seca.	Pedra dos sonhos: anestésico em cirurgias etc.	Pedra do fígado: a estrela que está na ponta da orelha dianteira da Ursa Maior.
Câncer	Aquática	Fria e úmida.	Pedra que atrai a prata, o chumbo, o mercúrio etc.	Quente e seca.	Prata: aliviar as enfermidades fleumáticas etc.	Chumbo: a estrela brilhante que está na popa da Nau.

(continua)

(continuação Quadro 5)

Signos	Natureza dos signos	Compleição dos signos	Exemplos de pedras	Natureza das doenças	Virtudes das pedras	Estrelas das conjunções
Leão	Ígnea	Quente e seca.	Enxofre.	Fria e úmida.	Enxofre: curar sarna, coceira e tosse.	Enxofre: a estrela que está na asa da Jarra, que está apontada na direção oposta a meio-dia.
Virgem	Térrea	Fria e seca.	Pedra que aparece no mar quando Mercúrio se põe, pedra que arranca as unhas, mármore, pedra que atrai o vinagre etc.	Quente e úmida.	Mármore: limpeza dos dentes, evitar vômito; tratar queimaduras etc.	Mármore: a estrela que está no final do pé do corvo.
Libra	Aérea	Quente e úmida.	Espuma do mar, pedra que aparece no mar quando Vênus se põe, pedra do peixe, pedra do sangue, marcassita etc.	Fria e seca.	Pedra que aparece no mar quando Vênus se põe: curar lepra etc.	Pedra do peixe: a estrela brilhante que está na coroa setentrional denominada Elfeca.
Escorpião	Aquática	Fria e úmida.	Cristal, pedra que aparece no mar quando Marte se põe etc.	Quente e seca.	Pedra que aparece no mar quando Marte se põe: antitérmico etc.	Pedra que aparece no mar quando Marte se põe: a estrela mediana das três brilhantes que estão no corpo de Escorpião.
Sagitário	Ígnea	Quente e seca	Cobre, pedra do banho, amatista, pedra que se encontra na pele do touro, pedra do fogo etc.	Fria e úmida.	Sedinech [hematita]: curar doenças nos olhos; curar retenção de urina etc.	Pedra do fogo: as duas estrelas, a azul e a que está no olho da dianteira das três que estão na cabeça de Sagitário.
Capricórnio	Térrea	Fria e seca.	Espanhola, cornalina, lápis lazúli, çulun etc.	Quente e úmida.	Lápis lazuli: curar melancolia etc.	Lápis lazúli: a última estrela das duas que estão no ventre de Capricórnio.
Aquário	Aérea	Quente e úmida.	Pedra da esponja, romana, pedra que atrai o sal, pedra que surge no caracol do mar etc.	Fria e seca.	Romana: curar doenças do intestino etc.	Romana: a estrela que está no joelho esquerdo da Galinha.

(continua)

(conclusão Quadro 5)

Signos	Natureza dos signos	Compleição dos signos	Exemplos de pedras	Natureza das doenças	Virtudes das pedras	Estrelas das conjunções
Peixes	Aquática	Fria e úmida.	<i>Rezcuiden, yethbeniel</i> ¹¹⁴ etc.	Quente e seca.	<i>Yethbeniel</i> : prevenir doenças no estômago e no intestino etc.	<i>Yethbeniel</i> : a estrela meridional das duas que estão no ventre do peixe posterior na figura de Peixes.

Fonte: AXL, *I Tratado*, p. 17-177.

Conforme demonstrado no Quadro 5, a lógica seguida para a sistematização das pedras, no primeiro tratado, parte inicialmente da organização dos elementos e das qualidades das pedras, que, nessa perspectiva, são agrupadas aos signos zodiacais detentores dos mesmos elementos e qualidades. Nesse cenário, **artícam** e **çulum**, por exemplo, térreas, de natureza fria e seca, encontram-se associadas, respectivamente, aos signos de Touro e Capricórnio, que também possuem essa compleição e estão ligados ao elemento terra. Essa estrutura mostra a materialização da teoria aristotélica e sua conexão com a Astronomia e a Astrologia.

A teoria aristotélica dos elementos e das qualidades está estreitamente vinculada à teoria humoral sistematizada pelo galenismo. Assim, o conjunto de duas qualidades caracteriza, além da natureza, a compleição das pedras. Ao longo desse documento, nos deparamos com descrições da natureza das pedras que, mesmo possuindo compleição e cores iguais, possuem qualidades predominantes, o que determina um temperamento.

É nesse sentido que a pedra *yzf* [**jaspe**], de natureza quente e seca e de cor verde, ao ser comparada com a esmerada, fria e seca, também verde, destaca-se, na descrição, que mesmo possuindo semelhanças, como a cor, se diferenciam em relação à natureza, à compleição e, ainda, possuem temperamento próprio:

DA PEDRA CHAMADA **YZF**.

Do vigésimo grau do signo de Áries é a pedra que dizem **yzf**, e é a que chamamos jaspe. Essa pedra é de natureza quente e seca. E as há de muitas

¹¹⁴ Não há tradução para os nomes dessas pedras.

maneiras, mas as melhores são cinco. A primeira delas é de cor prasme verde e alguns homens pensam que é esmeralda não fina, porque não há de cor tão clara como ela. E nisso erram em seu pensar, pois essa pedra prasme tem sua própria natureza, que não se parece nada com a esmeralda; a mesma coisa acontece com o jaspe verde, que se assemelha à prasme e nem por isso possui a mesma natureza, nem a mesma compleição, nem as propriedades dela, segundo será mostrado neste livro [...].¹¹⁵ (AXL, p. 70-71).

Apoiando-se nesse sistema teórico e recorrendo também ao galenismo, esse tratado sistematiza parte de sua concepção acerca da saúde e das doenças. Assim, uma das perspectivas teóricas para a prescrição sobre o uso das pedras é feita observando a natureza das pedras e das enfermidades, que variam entre os pares opostos úmida e seca, por um lado, e quente e fria, por outro. Com base, em sua maioria, na teoria galênica dos *contraria*, a pedra **çulum**, por exemplo, de natureza fria e seca, é indicada para o tratamento de doenças de natureza quente e úmida:

DA PEDRA A QUE CHAMAM DE ÇULUN.

Do décimo terceiro grau do signo de Capricórnio é a pedra a que chamam de **çulum**. Tem esse nome de um monte que está na terra a que chamam de cicopes, que quer dizer castrados pelo frio. Esse monte é grande e muito alto e tem nome de Çulun [...] de natureza é fria e seca no terceiro grau. E quando é queimada, fazem dela remédio muito bom que retém e esfria muito; e, por fim, é boa para os postemas quentes, sobretudo para aquele a que chamam de carbúnculo, pois, esfriando-o, impede-se que se faça postema [...].¹¹⁶ (AXL, p. 155).

Paralelamente à analogia das teorias aristotélica e galenista acerca das qualidades e da natureza das pedras em sua relação com a saúde e as doenças, as virtudes das pedras

¹¹⁵ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA AQUE LLAMAN YZF.

Del ueynteno grado del signo de Aries es la piedra aque dizen yzf, et es aque nos llamamos iaspio. Esta piedra es de su natura caliente et seca. Et es otrossi de muchas guisas, pero las meiores son cinco. La primera destas es de color de prasme uerde, que cudan algunos omnes que es esmeralda non fina porque no a la color tan clara como ella. Et en esto yerran en su cudar, ca esta piedra su natura a por sipse que non tanne nada ala esmeralda, et esso mismo es del iaspio uerde, que semeia ala prasme et non es por esso de su natura nin de su compllixion nin a las propiedades que ella, segund se mostrara adelante en este libro [...]” (AXL, p. 70-71).

¹¹⁶ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA AQUE LLAMAN ÇULUN – Del trezeno grado del signo de Capricornio es la piedra aque llaman çulun. Et este nombre a dun monte que es en la tierra aque dizen Cicopes, que quier dezir castrados de frio. Este mont es grand et muy alto, et a nombre Curun [...] De natura es fria et seca en el tercero grado. Et quando es quemada, fazen della melezina muy bona que retiene et esfria mucho; et por end es bona pora las postemas calientes, et sennalada miente a aquella que llaman carbonclo, ca en esfriando la mucho, arriedra que no se faga postema.” (AXL, p. 155).

desse tratado, bem como dos demais, encontram-se, por analogia, principalmente no âmbito da Magia Astral e da Magia Natural, uma vez que são oriundas, influenciadas e/ou potencializadas pelos astros e só podem ser identificadas e obtidas por meio da Astronomia (para localizar os astros que influenciam as pedras), da Astrologia (para calcular os períodos propícios das influências) e da Magia (para a obtenção das virtudes). Dessa forma, as pedras recebem as virtudes das estrelas localizadas nas imagens que se formam a partir de determinadas conjunções astrais, seja zodiacal ou planetária. E, ainda, a partir de cálculos astrológicos, essas virtudes podem ser potencializadas. Logo, de acordo com esse tratado, a pedra *artícam*, por exemplo, recebe suas virtudes da estrela dianteira das quatro que estão na linha direita no espinhaço da imagem de Órion. Quando essa estrela está no meio do céu, as virtudes da referida pedra são mais eficazes.

Assim como o *I Tratado do Lapidario* afonsino, o segundo contém, em sua sistematização, três elementos em comum: os signos, as conjunções das estrelas e as virtudes das pedras, porém, além desses aspectos, está organizado também considerando as fases dos signos, os planetas em tais fases e os ascendentes. Exceto a teoria dos elementos e das qualidades, a organização das pedras ao longo do *II Tratado* baseia-se, do mesmo modo que o I, principalmente na Astronomia, na Astrologia e na Magia Natural. Assim, a disposição das pedras é baseada, nele, nos seguintes elementos:

Quadro 6 – A organização das pedras segundo as fases dos signos

Signos	Fases dos signos	Planetas nas fases dos signos	Ascendentes	Figuras	Exemplos de pedras	Exemplos de virtudes das pedras
Áries	1ª Fase	Marte	Sol	Figura de homem negro que tem os olhos para fora, tem vestimenta árabe e na sua mão um enxadão.	Sanguínea.	Tornar atrevido e orgulhoso [...].

(continua)

(continuação Quadro 6)

Signos	Fases dos signos	Planetas nas fases dos signos	Ascendentes	Figuras	Exemplos de pedras	Exemplos de virtudes das pedras
Áries (continuação)	2ª Fase	Sol	Júpiter e Vênus	Figura de mulher de um pé.	Bizedi.	Ser amado e honrado pelos reis [...].
	3ª Fase	Sol	Lua e Vênus	Figura de homem bravo com uma vara na mão direita.	Alaquec.	Tornar-se amado pelos homens e pelos alcaides [...].
Touro	1ª Fase	Vênus	Lua e Júpiter	Figura de mulher com cabelos crespos e com um filho em sua frente.	Dehenich.	Ser muito amado pelas mulheres [...].
	2ª Fase	Mercúrio	Vênus e Júpiter	Figura de homem que parece camelo e que tem nos dedos unhas que parecem as de vaca.	Zumbedie.	Perder o desejo de dormir com mulher [...].
	3ª Fase	Saturno	Marte	Figura de homem negro, com dentes para fora e corpo de elefante, com um bezerro na sua frente e um cão atrás.	Zebech.	Provocar destruição de um local, assim como desacordo entre habitantes [...].
Gêmeos	1ª Fase	Mercúrio	Lua e Marte	Figura de dois bezeros.	Esmeralda.	Perder o sentido [...].
	2ª Fase	Vênus		Figura de homem em pé, vestido de armadura, com um elmo na cabeça, tendo na mão esquerda uma balestra e na mão direita uma flecha.	Pedra do azul.	Tornar-se aventureiro em viagens [...].
	3ª Fase	Saturno	Lua	Figura de um homem vestido com armadura, que tem balestra e caixa com flechas.	Diamante.	Fazer amar a caça [...].
Câncer	1ª Fase	Lua		Figura de homem que tem a cabeça e os dedos tortos, pendurados sobre folhas de figueira.	Cristal.	Tornar-se bom navegador e se proteger sempre do perigo da navegação [...].
	2ª Fase	Marte	Júpiter	Figura de mulher bela de rosto e que tem na cabeça coroa de folha de murta etc.	Alaquec.	Eliminar chuva ou neve que causa dano [...].
	3ª Fase	Júpiter	Lua	Figura de homem que tem a mão semelhante à cobra e os pés de galápagos, e tendo em si colares.	Yacoth.	Ser bom navegador no mar [...].

(continua)

(continuação Quadro 6)

Signos	Fases dos signos	Planetas nas fases dos signos	Ascendentes	Figuras	Exemplos de pedras	Exemplos de virtudes das pedras
Leão	1ª Fase	Vênus	Lua	Figura de homem que tem coroa na cabeça e arco na mão como se fosse atirar.	Iargonça branca.	Tornar um homem poderoso diante de outros vis e tolos [...].
	2ª Fase	Sol	Júpiter	Figura de homem que está vestido; diante dele, um osso e, atrás, um cão.	Rubi.	Tornar-se benquisto dos reis [...].
	3ª Fase	Marte	Lua e Sol	Figura de homem feio de cara feia, que tem carne na boca, como se fosse comer, e na mão um jarro de água.	Aliança.	Causar dano a determinado lugar [...].
Virgem	1ª Fase	Mercúrio	Júpiter e lua	Figura de mulher concubina coberta com vestimenta árabe e, em sua mão, uma roman.	Zaverger.	Tornar afortunado em escrita e na fala [...].
	2ª Fase	Saturno	Sol	Figura de homem vestido de armadura.	Aliança.	Tornar-se malquisto pelos homens [...].
	3ª Fase	Vênus	Lua	Figura de homem grande, com vestimenta árabe, e na sua frente uma mulher que tem na mão uma azeiteira.	Coral.	Aumentar o amor entre casais etc.
Libra	1ª Fase	Vênus	Sol e Júpiter	Figura de homem que tem na mão direita uma lança.	Cristal.	Tornar-se amado pelas mulheres etc.
	2ª Fase	Saturno	Sol	Figura de homem todo negro.	Almagnitaz	Tornar-se malquisto pelas mulheres ...
	3ª Fase	Mercúrio	Sol e Júpiter	Figura de cavaleiro em um jumento e na frente dele um osso.	Esmeril.	Gostar de fofocações más e sujas [...].
Escorpião	1ª Fase	Marte	Sol e Lua	Figura de homem com lança na mão direita e, na esquerda, cabeça humana.	Cornelina.	Tornar-se triste e cruel [...].
	2ª Fase	Júpiter	Lua	Figura de cavaleiro sobre um cavalo, que tem na mão direita um escorpião.	Stopaza.	Fazer juntar, num espaço, répteis venenosos.
	3ª Fase	Lua	Vênus	Figura de um cavalo correndo.	Aliança.	Ter mulher por força [...].

(continuação)

(conclusão do Quadro 6)

Signos	Fases dos signos	Planetas nas fases dos signos	Ascendentes	Figuras	Exemplos de pedras	Exemplos de virtudes das pedras
Sagitário	1ª Fase	Júpiter	Lua e Vênus	Figura de três homens que estão um atrás do outro.	Cornalina.	Ser amado pelos homens [...].
	2ª Fase	Marte	Lua e Júpiter	Figura de homem que leva duas vacas, um macaco e um osso na frente.	Pedra do sangue.	Ser malquisto pelos homens [...].
	3ª Fase	Júpiter	Lua e vênus	Figura de homem sentado, que tem um capacete de armadura estreito na cabeça.	Iargonça amarela.	Ser amado por reis e grandes nobres [...].
Capricórnio	1ª Fase	Saturno	Lua e Júpiter	Figura de homem que tem na mão direita um talo de planta e na esquerda uma ave.	Almagnicia	Tornar-se aventureiro em caça [...].
	2ª Fase	Vênus	Júpiter	Figura de homem que tem na sua frente um macaco.	Coral.	Fazer aumentar o leite de gado [...].
	3ª Fase	Mercúrio	Lua e Júpiter	Figura de homem com livro na mão, como se o abrisse e fechasse para lê-lo.	Esmeralda.	Tornar-se benquisto por alcaides das cidades [...].
Aquário	1ª Fase	Saturno	Lua	Figura de homem com a cabeça cortada e, na mão, algo parecido a um pano.	Turquesa.	Levar comerciante à falência.
	2ª Fase	Mercúrio	Sol e Lua	Figura de homem que descansa deitado.	Esmeril.	Fazer atrair e ser amado por rapazes
	3ª Fase	Vênus	Sol e Lua	Figura de uma bela concubina, [...].	Coral.	Fazer mulher ser amada e benquista por outras.
Peixes	1ª Fase	Júpiter	Lua e Vênus	Figura de homem com dois corpos, fazendo sinal com os dedos.	Iargonça vermelha.	Tornar-se bom navegador [...].
	2ª Fase	Lua	Júpiter e Vênus	Figura de homem que tem em sua mão uma flor.	Iargonça amarela.	Tornar-se orgulhoso [...].
	3ª Fase	Marte	Sol, Lua e Júpiter	Figura de homem com uma ave na mão e se move como se fosse pegar um corvo que está à frente do seu pé.	Coral.	Tornar-se bem-aventureiro em caça [...].

Fonte: AXL, *II Tratado*, p. 178-189.

Dessa forma, a sistematização das pedras desse tratado segue, primeiramente, de acordo com a Astronomia, o movimento do sol pelas fases dos signos e diante de outros

planetas. Depois, baseia-se na Astrologia, considerando-se que em cada fase dos signos, diante do sol ou de outros planetas com os quais eles se posicionam, as pedras recebem virtudes das figuras das estrelas que se posicionam diante de cada fase do signo. Assim, à medida que mudam os signos, altera-se a conjunção de planetas e estrelas no oitavo céu, bem como em ascendente, e, portanto, mudam-se as virtudes das pedras. Nesse sentido, por exemplo, a pedra **jargonça amarela**, do signo de sagitário, quando Júpiter está posicionado no terceiro grau e tendo a Lua e Vênus em ascendente, recebe influência da figura de um homem sentado e que usa uma espécie de touca na cabeça.

Tendo em vista que as virtudes das pedras desse tratado encontram-se principalmente no campo da Astronomia/Astrologia e da Magia Natural, sua preocupação maior é fornecer as posições astronômicas dos astros e os momentos astrológicos mais influentes sobre as pedras para, então, descrever as virtudes que elas recebem a partir de tais influências.

O *III Tratado* apresenta, em sua sistematização, dois elementos em comum com os tratados anteriores: as figuras formadas a partir de conjunções astrais e as virtudes das pedras. Além desses aspectos, porém, está organizado também, sobretudo, considerando-se o estado dos planetas. A organização das pedras baseia-se principalmente na Astronomia/Astrologia e na Magia Natural. Dessa forma, a disposição das pedras do *III Tratado* está embasada nos seguintes elementos:

Quadro 7 – A organização das pedras segundo a conjunção dos planetas

Planetas	Exemplos de pedras	Conjunções	Figuras	Exemplos de virtudes das pedras
Saturno	2ª: feyruzech	Sol	Figura de homem que está em pé em cima de uma cama alta.	Curar pedra na bexiga e nos rins, fazer estancar sangue quando há hemorragias em mulheres depois do parto [...].

(continua)

(conclusão Quadro 7)

Planetas	Exemplos de pedras	Conjunções	Figuras	Exemplos de virtudes das pedras
Júpiter	3 ^a : parideira	Lua	Figura de homem coberto num lenço e cavaleiro sobre um dragão, tendo em sua mão direita uma lança.	Curar febre forte, [...].
Marte	3 ^a : alaaquec	Sol e Lua	Figura de Leão.	Fazer estancar sangue de forma rápida, [...].
Sol	3 ^a : sanguínea	Sol	Figuras de letras que aqui são escritas [em branco no documento].	Curar epilepsia.
	6 ^a : bizedi	Sol	Figura de um homem em pé, que tem em sua mão direita uma haste de lança.	Sarar dores do fígado e do estômago.
Vênus	2 ^a : jacinto branca	Lua	Figura de mulher que tem na mão direita uma maçã e na esquerda um pente.	Tornar-se alegre e benquisto pelas mulheres.
	4 ^a : crystal	Lua	Figura de cobra que tem sobre si um escorpião e na sua frente um jarro.	Serve para toda ferida de cobra ou escorpião ou outra besta envenenada.
	8 ^a : crystal	Saturno e Marte	Figura de mulher em pé, com os braços abertos, na mão direita uma maçã e na esquerda um pente.	Curar melancolia e esforçar o coração [...].
	17 ^a : cornalina	Vênus	Figura de cabeça de zebra e sobre ela cabeça de mosca.	Curar dor no estômago.
Mercúrio	5 ^a : esmeralda	Saturno e Marte	Figura de concubino com barba, na mão direita vara e na esquerda carta como se fosse ler.	Melhorar o entendimento e a memória [...].
	6 ^a : prasme	Vênus	Figura de Escorpião.	Ajudar na realização de parto sem dano para a mãe e para o bebê.
	10 ^a : sanguínea	Mercúrio	Figura de Mercúrio	Curar melancolia.
	12 ^a : coral	Mercúrio	Figura dessas letras [Mercúrio].	Curar epilepsia [...].
Lua	3 ^a : bezahar	Sol e Júpiter	Figura dessas letras [Sol e Júpiter].	Aguçar a memória.
	4 ^a : bezahar	Lua	Figura de Escorpião [Sol e Júpiter].	Curar e tirar a dor de ferida de escorpião.

Fonte: AXL, *III Tratado*, p. 190-204.

Conforme o Quadro 7, no *III Tratado* a sistematização das pedras parte inicialmente da observação, de acordo com a Astronomia, dos movimentos e posições dos planetas. Depois, baseia-se na Astrologia, considerando-se que as virtudes das pedras mudam muitas vezes de acordo com o estado dos planetas e das figuras localizadas no oitavo céu. Assim, as pedras encontram-se vinculadas, por um lado, aos planetas, que exercem influências mais fortes sobre elas, e, por outro, às conjunções por eles formadas com outros

planetas, dependendo de sua posição. É justamente a partir dessas conjunções que formam figuras no oitavo céu, as quais enviam virtudes às pedras do tratado. Nesse sentido, por exemplo, o **crystal**, quando Vênus se encontra em conjunção com a Lua, recebe a virtude de tratar ferida de cobra ou escorpião ou outra besta envenenada. Ainda, essa virtude é potencializada pelo posicionamento de tal conjunção em relação ao oitavo céu, onde encontra-se a figura de cobra que tem sobre si um escorpião e na sua frente um jarro.

O último tratado organiza primeiramente as pedras de acordo com o alfabeto árabe. Ressalta-se que este tratado apresenta dois grupos de elementos sistematizadores para a organização das pedras: sistematiza sete formas da pedra **anxoniz**, ocupando a maior parte do IV Tratado, de acordo com a constelação de planetas no momento de seu surgimento, sua cor por natureza e, também, a cor que adquire ao ser imersa em água ou polida; depois, a sistematização se dá pela cor das pedras. A organização das pedras baseia-se, assim como o segundo e o *III Tratado*, principalmente na Astronomia, na Astrologia e na Magia Natural. Dessa forma, a disposição das pedras do IV Tratado baseia-se nos seguintes elementos:¹¹⁷

Quadro 8 – A organização das pedras segundo as letras do alfabeto árabe: primeira parte

Exemplos de pedras	Exemplos de cor	Exemplos de cor de acordo com a imersão em água ou polimento	Planeta ou constelações	Exemplos de virtudes	
Anxoniz		Branca	Vênus	Antídoto.	
		Verde	Lua	Prevenir de ataque de animais ferozes e de intoxicação por eles.	
		Branca		Antídoto.	
		Amarela		Prevenir de cansaço advindo de qualquer tipo de trabalho e previne de qualquer enfermidade.	
		Preta		Possui todas as virtudes dos demais polimentos.	
	Parda			Júpiter	
		Branca		Vênus	
		Preta		Saturno	
		Azul		Mercúrio	
		Vermelha		Marte	
	Verde		Lua		
	Branca				

¹¹⁷ Tendo em vista as duas formas de organização das pedras ao longo do *IV Tratado*, faz-se necessária a elaboração de dois quadros para a apresentação dos elementos sistematizadores do referido tratado.

		Preta			
		Vermelha			
		Verde			
		Azul			
	Vermelha			Marte	Indicada para o sangue.
		Branca		Vênus	Fornecer alegria.
		Preta		Saturno	Aumentar a eficácia dos medicamentos.
		Vermelha		Marte	Fornecer alegria.
		Parda		Júpiter	
		Azul		Mercúrio	Eliminar todo tipo de cuidados e de maus pensamentos.
		Amarela		Sol	
		Verde		Lua	Prevenir hemorragia, anestésico.
	Amarela			Sol	Amenizar as enfermidades.
		Amarela		Sol	Antídoto preventivo.
	Branca			Vênus	Ajudar a engravidar.
		Branca		Vênus	Tratar abscessos.
		Parda		Vênus e Júpiter	Eliminar dor no coração, [...].
		Verde		Lua e Vênus	Ajudar a engravidar.
		Preta		Vênus e Saturno	
		Azul			Auxiliar no tratamento de cólera vermelha.
		Preta			Antídoto.
	Azul			Mercúrio	Eliminar dor no coração e dor causada pela cólera vermelha.
		Branca		Vênus	Acalmar os zelos e os corações de homens e mulheres; eliminar a tristeza; prevenir a tristeza e o cuidado.
		Verde		Mercúrio e Lua	Aumentar a eficácia na aplicação de atividades medicinais.
		Branca			Prevenção de tristeza
	Verde			Lua	Tratamento de doenças de crianças.
		Parda		Lua e Mercúrio	Aumentar/ garantir a eficácia do trabalho dos profissionais da Medicina.
		Preta		Lua e Sol	Aumentar/ garantir a eficácia dos remédios; curar hidropisia e tísica
		Verde			Tratar abscessos.
		Preta			Garantir a eficácia dos medicamentos
Parda				Garantir a eficácia do trabalho dos profissionais da Medicina.	

Fonte: AXL, *IV Tratado*, p. 205-228.

Quadro 9 – A organização das pedras segundo as letras do alfabeto árabe: segunda parte

Exemplos de pedras	Cor	Virtudes
Azintaz	Branca	Serve para inchaço do baço, desinchando e eliminando a dor; antídoto.
Ameidicariz	Azul	Serve para dor no fígado.

(continua)

(conclusão Quadro 9)

Exemplos de pedras	Cor	Virtudes
Amboziz		Serve para eliminar dor na garganta.
Aytofiquioz	Preta	Curar qualquer tipo de postema.
Berloz	Branca	Curar enfermidades dos olhos.
Batraciz	Dourada	Eliminar dor nos pulmões.
Bazd		Eliminar dor causada pela gota.
Geleatiz	Preta e branca	Antídoto.
Didriez	De muitas cores e com linhas brancas, vermelhas e pretas.	Eliminar dor nos olhos.
Hadit		Eliminar febre quartã.
Tanibotum	Preta	Eliminar tristeza.
Toriz	Branca	Secar o leite de mulher, anticonceptiva [...].
Yonuoloyz	De muitas cores	Anestésico.
Yenetatiz		Eliminar dor no fígado.
Yalentorioz		Eliminar cuidados e tristeza.
Caharabe		Proteger o feto, tratar queimadura e tratar hemorragia no fígado.
Nefitiz		Contra tóxicos.
Çalninecoz	Branca	Eliminar melancolia, eliminar excesso de pensamentos.
Eycrit		Eliminar dor de cabeça.
Anbruz	Muitas cores (amarela, vermelha etc.)	Ajudar o procedimento do parto, evitar aborto involuntário [...].
Feniz		Antídoto, anestésico para dor no estômago.
Ararmeni	Verde e azul	Verde: prevenir a hidropisia.
Kaffis		Antídoto.
Rroam	Muitas cores (preta, amarela, vermelha e parda)	Anticoncepcional.
Caieris	Chumbo	Tratar a lepra.
Zthelice	Rosa	Curar loucura.
Ztheyceyn	Branca	Estancar hemorragia.

Fonte: AXL, *II Tratado*, p. 205-228.

Pela análise dos dois quadros anteriores, observa-se que a lógica para a sistematização das pedras no *IV Tratado* é o alfabeto árabe. Assim, o Tratado inicia-se com a descrição da pedra **anxoniz** que, conforme o Quadro 8, é apresentada de acordo com suas cores, respectivos polimentos e respectivas conjunções astrais que exercem influência sobre as pedras, ou seja, que fornecem as suas virtudes. Essa pedra, por exemplo, em sua cor natural verde e influenciada pela Lua, recebe virtudes propícias ao tratamento de doenças de crianças, mas, em sua cor natural também verde, com polimento preto e influenciada pela conjunção da Lua com o Sol, recebe a virtude de curar hidropisia e tísica.¹¹⁸

¹¹⁸ Essas enfermidades serão tratadas no item 3.2.

As demais pedras deste tratado são descritas levando-se em consideração suas cores e virtudes. Nessa parte do tratado não se indica o astro ou conjunções astrais responsáveis por fornecer as virtudes às pedras. Assim, por exemplo, a pedra **azintaz**, de cor branca, ao ser misturada com vinagre e bebida o peso de um dracma, recebe a virtude de tratar o baço, desinchando e eliminando a dor, bem como a virtude de antídoto.

A análise dos elementos presentes nos quadros dos quatro tratados, como demonstrado, requer a compreensão de que no universo aristotélico geocêntrico medieval, os movimentos das estrelas e dos planetas geravam as mudanças experimentadas na Terra. A partir dessa concepção de certa influência dos corpos superiores (mais nobres) sobre os corpos inferiores (mais vis) e, por conseguinte, da concepção de unidade cósmica, entendia-se que os homens, os animais, as plantas e os minerais recebiam influência das estrelas e dos planetas. Nessa visão, acreditavam que a Lua e o Sol exerciam influência mais forte. O Sol exercia sua influência por ele mesmo, sem depender da Lua ou de outras estrelas. Já a Lua dependia do Sol: as influências dela ocorriam em função da luz que recebia do Sol e, por conseguinte, das formas que adquiria de acordo com o grau de sua distância longitudinal dele. Assim, a influência do Sol nos corpos inferiores é evidente na medida em que cria as quatro estações. Também pode ser vista na geração de animais e plantas. A influência da Lua no mundo terrestre é evidente sobretudo nas coisas molhadas, como no mar, por meio das marés, e no fluxo regular da menstruação. Também pode ser vista nas mudanças na atmosfera e, por conseguinte, no direcionamento dos ventos de acordo com as conjunções da Lua com o Sol.

A influência desses dois astros era concebida também no âmbito da saúde e da doença. Nessa perspectiva, acreditava-se que o movimento e a influência do sol geravam doenças crônicas e o movimento da lua dava origem a doenças agudas. Tal concepção era corrente no período e, portanto, presente em lapidários, como o de Afonso X, em obras farmacológicas e, sobretudo, em obras médicas, como o *Tractatus de crisi et de diebus*

creticis [Tratado de crise e dias críticos], de 1295, do físico e mestre da Faculdade de Medicina da Universidade de Montpellier, Bernardo de Gordônio (1258-1318), baseado nas obras de Hipócrates e Galeno e que articula as temáticas médicas dessas *auctoritates* com a Astrologia erudita, derivada dos árabes.

De acordo com essa obra, uma enfermidade se desenvolvia em quatro fases: princípio, aumento, apogeu e declinação. No final do apogeu ocorria uma crise (alteração súbita no curso de uma doença). Em relação às doenças agudas, acreditava-se que uma crise ocorria em dias fixos e determinados pelas fases da lua, concepção sob a qual estruturou-se a doutrina dos dias críticos (quando uma crise ocorre ou pode-se esperar que ocorra). Dessa forma, as doenças agudas podiam ter um ritmo temporal previsível. Segundo Bernardo de Gordônio, a Lua tem quatro aspectos ao subir e quatro ao descer, conforme a sistematização a seguir:

Quadro 10 – Aspectos da Lua em sua ascensão e descida

Aspectos da lua		Período
Ascensão	sextil	4° dia
	quadrado	7° dia
	trino	11° dia
	oposição	14° dia
Descida	trino	17° dia
	quadrado	20° dia
	sextil	24° dia
	conjunção	27° dia

Fonte: BGCDC, p. 415.

Conforme a disposição acima, em seu trajeto, a cada quarto a Lua recebe esses aspectos, nos quais exerce mais influência nas doenças agudas, sendo que nos dias que sucedem tais aspectos sua influência é mais forte numa crise. Ademais, os dias em que a Lua se encontra em diâmetro, quadrado ou conjunção são críticos, uma vez que sua influência é mais forte ainda, e os outros, em sextil e trino, são indicativos de crise. Por fim, a posição em diâmetro é mais forte que em quadrado e a posição em quadrado é mais forte que em sextil e

trino. Nessa perspectiva, a Lua exerce influência mais forte em intervalos de sete dias e mais fraca no ponto médio desse período.

Essas noções, por um lado, eram utilizadas nos prognósticos, e, por outro, constituíam a base do método de previsões utilizado pelos astrônomos. Dessa forma, quando nos períodos mais influentes, a lua exercia um domínio afortunado e a doença evoluía de forma significativa para o bem; ao contrário, quando exercia uma influência desafortunada, a doença se agravava significativamente. Nesse cenário, nos períodos de menos influentes, se a lua exercia uma influência afortunada a melhora era lenta, e, ao contrário, se desafortunada, a doença tinha uma piora sutil, ou seja, sem importância.

Além das posições da lua em relação ao sol, a Medicina levava em consideração o círculo do zodíaco, ou seja, as mudanças para a restauração da saúde ou para a doença ocorriam também em função do signo do zodíaco e do grau no qual a Lua se encontrava nas formas de maior influência. Para identificar uma mudança como afortunada ou desafortunada era necessário, ainda, ademais de considerar o signo e o grau no qual a Lua se encontrava, saber se havia um planeta afortunado naquele signo, ou seja, que emitia boa sorte: Júpiter, Sol, Lua, Mercúrio ou Vênus; ou um planeta desafortunado: Saturno ou Marte (BGCDC, p. 423-425).

As previsões astrológicas, além de servirem para prever a chegada de determinada doença, eram utilizadas para prever a sua evolução – positiva ou negativamente – e, assim, identificar os dias críticos das doenças agudas. No *Lapidario* afonsino identifica-se, ao longo de seus tratados, um interesse em catalogar, com riqueza de detalhes, os períodos de mais influência dos astros sobre as pedras e, por conseguinte, sobre seu uso terapêutico. O intuito é, além de obter mecanismos terapêuticos, sobretudo potencializá-los, seja para a prevenção ou o tratamento.

3.2 Prevenção e cura

A prática médica do *Lapidario* consiste num conjunto de práticas preventivas e curativas. O espectro de doenças a ser evitado ou tratado é amplo e variado, abordando desde enfermidades mais simples, como afecções de pele, até doenças mais complexas, como, por exemplo, hemorroidas, lepra e câncer. Nas prescrições tanto preventivas quanto curativas considerava-se a conexão entre a Medicina, a Astrologia e a Magia.

As indicações preventivas e curativas encontram-se dispostas conjuntamente ao longo dos tratados e ora uma pedra é indicada para prevenção, ora para cura, ora para ambas práticas. A pedra **buluxiquimen**, por exemplo, do primeiro tratado, é indicada como amuleto para prevenir postema na cabeça e como eletuário para curar essa afecção. Além disso, algumas vezes a mesma pedra é indicada sob mais de uma forma terapêutica. A pedra **gaciuz**, por exemplo, também do primeiro tratado, é indicada para ser tomada pulverizada ou como amuleto para eliminar dor no intestino, sendo a primeira opção, segundo o tratado, mais eficaz que a segunda.

A prática preventiva, assim como em outros tratados médicos medievais, é caracterizada pela utilização de amuletos – por meio do contato com as pedras – e talismãs – em contato com pedras com imagens celestes gravadas em sua superfície.

As indicações preventivas abarcam desde a higiene física, cuidados com a pele, cabelo e dentes, antídotos, passando por cuidados ginecológicos e oftalmológicos até doenças de pele, prevenção de infecção, doenças agudas e, em menor medida, doenças crônicas. Assim, as principais indicações preventivas consistem em:

Quadro 11 – Principais indicações preventivas do *Lapidario* afonsino

Tratado	Indicações preventivas
<i>I Tratado</i>	Limpeza e fortalecimento de dentes, dentaduras e olhos.
	Limpeza do corpo.
	Evitar o enfraquecimento dos cabelos.
	Reforçar a vista.
	Tônico cardíaco.
	Fortalecer os nervos.
	Aumentar o leite materno.
	Regulação da menstruação.
	Anticonceptivo.
	Prevenção de aborto involuntário.
	Antídoto.
	Eliminar a força de escorpião e cobras de ferir.
	Evitar ejaculação noturna.
	Evitar incontinência urinária noturna.
	Prevenção de sarna.
	Prevenção de vômito.
	Prevenção de diarreia.
	Evitar hemorragia.
	Prevenção de infecção em feridas.
	Prevenção de icterícia.
	Prevenção de esquecimento causado pela idade.
	Prevenção de doenças nos olhos.
	Prevenção de dor no estômago e no intestino.
	Prevenção de ruído na cabeça.
	Prevenção de abscesso na cabeça.
	Prevenção de gota nos pés e articulações.
	Prevenção de doenças no baço.
	Prevenção de enxaqueca.
Prevenção de enfermidades do peito.	
Prevenção de caduquice.	
Prevenção de epilepsia.	
Prevenção de melancolia.	
<i>II Tratado</i>	Não há indicação.
<i>III Tratado</i>	Tônico cardíaco. Aguçar a memória.
<i>IV Tratado</i>	Prevenção de ataque de animais ferozes e de intoxicação.
	Prevenção de cansaço advindo de qualquer tipo de trabalho e de qualquer enfermidade.
	Prevenção de hemorragia.
	Antídoto preventivo.
	Proteção do feto.
	Prevenção de hidropisia.
	Prevenção de tristeza. Prevenção de tristeza e cuidados.

Fonte: AXL, *II Tratado*, p. 205-228.

A partir dos dados do Quadro 11, percebe-se que as indicações preventivas, ou seja, a prática preventiva com a utilização de pedras, são em sua maioria para os cuidados diários com a higiene do corpo e para a prevenção de doenças de pele e doenças agudas, tais como sarna, ferimentos, dores, febres etc. Porém, identificam-se também indicações

preventivas específicas, tais como oftalmológicas e ginecológicas, as quais abarcam, respectivamente, desde o fortalecimento dos olhos até a prevenção de doenças em tal órgão, bem como desde a regulação menstrual até a ação anticoncepcional e, em caso de gravidez, cuidados com o feto. Ainda, mesmo que em menor medida, indica-se também pedras para a prevenção de doenças crônicas, como a epilepsia e a melancolia.

Essa classificação das enfermidades em crônicas e agudas encontra-se nas *Etimologias*, de Isidoro de Sevilla, que sintetiza o pensamento médico antigo e classifica as doenças em três grupos: doenças agudas, doenças crônicas e doenças que aparecem na superfície do corpo:

[...] Por esses quatro humores se regem os homens sãos; por eles padecem os enfermos, pois, quando tem aumentado mais que o natural, produzem as enfermidades. O sangue e a bÍlis são a origem das doenças agudas, que os gregos chamam ὀξεία. Por sua parte, a fleuma e a melancolia produzem enfermidades longas, chamadas χρόνια entre os gregos.

6. Sobre as doenças agudas

1. A ὀξεία é a enfermidade aguda, que ou se passa rápido ou te mata imediatamente, como a pleurisia, ou pleurite, e o frenesi. Entre os gregos, ὀξύ significa agudo, rápido [...]

7. Sobre as enfermidades crônicas

1. Se chama crônica a enfermidade prolongada que dura longo tempo, como a gota e a tuberculose. Entre os gregos Χρόνος significa tempo [...]

8. Enfermidades que aparecem na superfície do corpo.

[...] 10. A sarna e a lepra são enfermidades da pele acompanhadas de prurido e descamação, ainda que na sarna a aspereza da pele e a descamação são mais benignas. Precisamente daqui recebe seu nome, porque desprende como sujeira [...].¹¹⁹ (ISE, p. 476/478/787).

¹¹⁹ Tradução nossa de: “[...] Ex his quattuor humoribus reguntur sani, ex ipsis laeduntur infirmi. Dum enim amplius extra cursum naturae creverint, aegritudines faciunt. Ex sanguine autem et felle acutae passiones nascuntur, quas Graeci ὀξεία vocant. Ex phlegmate vero et melancholia veteres causae procedunt, quas Graeci χρόνια dicunt.

6. De acutis morbis

1. Ὁξεία est acutus morbus qui aut cito transit aut celerius interficit, ut pleurisis, phrenesis. Ὄξύ enim acutum apud Graecos et velocem significat.

7. De chronicis morbis

1. Chronia est prolixus morbus qui multis temporibus remoratur, ut podagra, pthisis. Χρόνος enim apud Graecos tempus dicitur [...]

8. De morbis qui in superficie corporis videntur

[...] 10. Scabies et lepra. Vtraque passio asperitas cutis cum pruritu et squamatione, sed scabies tenuis asperitas et squamatio est. Hinc denique nomen accepit, quae ita veluti purgamenta amittat. Nam scabies quae squamiae. 11. Lepra vero asperitas cutis squamosa lepidae herbae similis, unde et nomen sumpsit: cuius color nunc in nigredinem vertitur, nunc in alborem, nunc in ruborem. In corpore hominis ita lepra dinoscitur: si variatim inter sanas cutis partes color diversus appareat, aut si ita se ubique diffundat, ut omnia unius coloris quamvis adulteri faciat [...].” (ISE, p. 476/478/787).

Na perspectiva isidoriana, assim como nos escritos médicos medievais, as doenças agudas estavam associadas ao desequilíbrio do sangue e da bÍlis amarela, as doenças crônicas, ao desequilíbrio da fleuma e da bÍlis negra, e as doenças que aparecem na superfície do corpo eram afeções causadas por ação externa ao corpo.

Além dessa classificação geral de enfermidades agudas, crônicas e de pele, pode-se identificar, nas prescrições curativas presentes no *Lapidario*, outros problemas mais específicos, que se apresentam sob amplo e variado espectro e sem seguir uma classificação rígida, abordando desde dores em geral, ginecológicas, infantis, oftálmicas e ação específica etc. Assim, embora o texto afonsino não separe as pedras por tipos de doenças, é possível identificar as indicações para as enfermidades que na Idade Média eram comumente classificadas, conforme quadro a seguir:

Quadro 12 – Principais indicações curativas do *Lapidario* afonsino

Tratado	Tipo de indicações	Indicações Curativas
<i>I Tratado</i>	Ação específica	Laxante.
		Revulsivo.
		Vomitivo.
		Adstringente.
		Dessecante.
		Cicatrizante.
		Purgante.
		Retentiva.
		Abortivo.
		Anestésico local.
	Indicação geral	Curar doenças em geral.
	Antídoto	Antídoto para tratar picada de cobra e cão raivoso.
		Antídoto para picada de serpente.
		Aliviar picada de escorpião.
		Eliminar dor de picada de escorpião.
		Curar picada de escorpião.
		Curar mordida de cão raivoso.
		Curar picadas de vespa, aranha, etc.
		Curar picada de cobra.
	Doenças de pele	Eliminar insolações.
		Curar unhas quebradiças.
		Curar lepra.
		Tratar queimaduras.
		Curar micose e perda de cabelos.
		Eliminar rugas do rosto e rachaduras dos pés.
		Matar piolhos.
		Eliminar piolhos.
Curar verrugas.		

		Eliminar suor.
		Tirar odor do suor.
		Secar o suor do rosto.
		Curar a sarna.
		Curar sarna e coceira.
		Curar queda de cabelo.
		Eliminar caspa do couro cabeludo.
		Fazer nascer cabelo.
		Tratamento capilar.
		Eliminar cabelos grisalhos.
	Doenças agudas	Eliminar dor de cabeça.
		Eliminar ruído e dor de cabeça.
		Curar dor de estômago.
		Tratamento de dor de estômago.
		Curar cólica e dor na barriga.
		Eliminar dor na bexiga.
		Curar dor no intestino.
		Curar febres altas, icterícia e dor ciática.
		Cortar hemorragia.
		Coagular o sangue.
		Cortar hemorragia nasal.
		Curar tosse e expectoração de sangue.
		Curar feridas
		Curar e cicatrizar feridas.
		Eliminar ferida na boca.
		Sarar feridas do intestino.
		Supurar doenças ou feridas.
		Curar feridas das gengivas.
		Sarar as gengivas.
		Curar feridas, especialmente na boca.
		Curar feridas dos pés causadas por sapatos.
		Curar abscessos quentes.
		Sarar abscessos duros.
		Curar ruído da cabeça.
		Eliminar enfermidades dos dentes.
		Sarar as amígdalas.
		Eliminar soluço.
		Eliminar gagueira.
		Sarar coriza.
		Sarar vertigem.
		Cortar desmaio.
		Eliminar cansaço.
		Curar os pulmões.
		Curar enfermidades do pulmão.
		Curar doenças do peito.
		Curar tremor do coração.
		Curar doenças das orelhas.
		Eliminar surdez.
		Curar úlcera do estômago.
		Curar doenças do fígado.
		Indicada para pedra de fígado.
		Desfazer pedra na barriga.
	Curar enfermidades do baço.	
	Aliviar a hidropisia e o mal no fígado e baço.	
	Sarar enfermidades dos rins e bexiga.	
	Curar incontinência urinária.	
	Curar retenção de urina, pedra da bexiga e do rim.	
	Quebrar pedras nos rins.	

		Curar intestinos.
		Curar varizes.
		Matar lombrigas intestinais.
		Curar fraturas nos ossos.
		Sarar membros aleijados.
		Curar hidropisia.
		Sarar gota artrítica.
		Curar pleurisia.
		Curar reumatismo.
	Doenças crônicas	Curar lepra.
		Curar varíola.
		Curar icterícia negra.
		Curar hemorroidas.
		Curar doenças derivadas do humor da melancolia.
		Curar tristeza e melancolia.
		Sarar câncer.
		Curar feridas cancerosas.
	Sarar paralítico.	
	Doenças oftalmológicas	Clarear a visão.
		Curar catarata.
		Curar lacrimejamento.
		Sarar coceira nos olhos.
		Curar doenças do interior dos olhos.
		Curar dor nos olhos.
	Eliminar dor e inflamação nos olhos.	
	Doenças ginecológicas	Curar umidade vaginal.
Curar doenças das mamas de mulheres.		
Regular a menstruação.		
Curar câncer de mulheres.		
Cortar hemorragia do fluxo menstrual.		
Sarar e fechar as feridas da mulher.		
Doenças masculinas	Curar doenças dos genitais.	
Doenças infantis	Eliminar baba ao dormir e baba de crianças.	
<i>II Tratado</i>	Não há indicação	Não há indicação.
<i>III Tratado</i>	Antídoto	Diminuir a dor de picada de escorpião e curar a ferida causada pela picada.
		Tratar ferimentos de picada de cobra, escorpião ou outras bestas envenenadas.
	Doenças agudas	Sarar febre.
		Sarar dor no estômago.
		Sarar dor no fígado e no estômago.
		Eliminar dor causada pela gota.
	Doenças crônicas	Estancar sangue em hemorragia.
Sarar epilepsia.		
Eliminar maus pensamentos.		
Doenças ginecológicas	Curar melancolia e fortalecer o coração.	
Doenças infantis	Sarar epilepsia e loucura.	
Doenças ginecológicas	Tratar enfermidades da “natura” da mulher.	
Doenças infantis	Tratar enfermidades de crianças.	
<i>IV Tratado</i>	Indicação geral	Sarar enfermidades em geral.
	Antídoto	Sarar mordida de cão raivoso.
	Doenças de pele	Sarar lepra.
	Doenças agudas	Sarar febre e febre quartã.
		Eliminar dor de cabeça.
		Tratar dor nos pulmões.
Aliviar dores que surgem no coração e pela cólera vermelha.		
	Tratar dor no fígado.	

		Tratar inchaço e dor no baço.
		Tratar dor de garganta.
		Tratar queimadura.
		Estancar sangue em veia estourada.
		Tratar hemorragia do fígado.
		Tratar feridas.
		Tratar abscesso.
		Tratar abscesso agudo.
		Sarar abscesso.
		Cicatrizar fratura.
		Aliviar hidropisia.
	Doenças crônicas	Sarar epilepsia.
		Curar tuberculose.
		Acalmar o coração e eliminar tristeza.
		Sarar loucura.
Tratar tristeza e cuidados (perfeccionismo).		
Doenças ginecológicas	Eliminar melancolia e maus pensamentos.	
	Eliminar hemorragia menstrual.	
	Eliminar dor de mulher durante o parto.	

Fonte: AXL, *II Tratado*, p. 205-228.

A partir dos dados do Quadro 12, observa-se que a prática curativa com pedras é reservada, em sua maioria, às doenças agudas, tais como dores, febres, ferimentos e abscessos, hemorragias etc., e para doenças crônicas, tais como melancolia, hemorroidas, epilepsia etc., porém, identifica-se também indicações para ação específica – vomitivos, purgantes e cicatrizantes – e para terapêuticas mais especializadas – oftalmológicas, ginecológicas, doenças infantis etc.

Além disso, essa classificação nos fornece uma variedade de possibilidades terapêuticas curativas caracterizadas, em sua maioria, pela utilização de medicamentos em forma de eletuários, unguentos, emplastos etc. Identifica-se, contudo, ao longo dos tratados, indicações de amuletos e talismãs para o tratamento de doenças, tanto de pele como agudas e crônicas.

Outra terapêutica curativa, comum na Idade Média, presente na obra em análise e, portanto, realizada com a utilização de pedras, é a sangria, que consistia na retirada de sangue do paciente como princípio terapêutico. A fundamentação doutrinal da sangria encontra-se na concepção galênica da enfermidade como desequilíbrio dos humores. Assim, a principal

função dessa terapêutica era evacuar o excesso de sangue e de humores produzidos pelo corpo, a fim de prevenir doenças e, sobretudo, para resgatar a saúde em caso de enfermidade.

O primeiro tratado indica a **pedra que chupa o sangue** para efetuar a retirada de sangue de qualquer animal vivo. Essa indicação funciona como uma sangria, fazendo-se, de acordo com a prescrição, um corte na pele e colocando a pedra sobre tal corte. Retira-se sangue do corpo vivo, conforme descrição a seguir:

DA PEDRA QUE CHUPA SANGUE-

Do décimo sexto grau do signo de Áries é a **pedra que chupa o sangue**. Essa é, por sua natureza, quente e seca. E encontram-na em alguns lugares do Oriente. Sua cor é verde e há nela uma mancha vermelha [...]

Sua propriedade é tal que, se cortam o couro de qualquer animal e a colocam ali, atrai o sangue com muita força, e isso faz-se no corpo vivo, mas sem separar o sangue. Quem quiser saber a quantidade do sangue que retira, deve pesá-la quando tiver absorvido e depois colocá-la em água quente e sairá dela todo aquele sangue retirado e ficará como era antes; pese-a então outra vez e saberá a quantidade de sangue que retirou [...].¹²⁰ (AXL, p. 219).

A sangria era realizada de três formas distintas: por meio da flebotomia, em que se amarrava uma atadura em volta do braço do paciente com o propósito de visualizar bem a veia e, em seguida, abrir a veia exposta com uma lanceta, por meio de ventosas e de sanguessugas. A flebotomia constituiu, durante a Idade Média, o método mais habitual de sangria.

A frequente utilização da flebotomia como prática terapêutica na Idade Média deu origem a um tipo de literatura médica, dividida em três grupos: o primeiro trata dos textos da Alta Idade Média, denominado *Epístolas de sangría*, de caráter prático, sem enunciados teóricos e com elementos astrológicos relacionados à sangria; o segundo são epígrafes

¹²⁰ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE CHUPA SANGRE-

Del dizeseseno grado del signo de Aries es la piedra que chupa la sangre. Esta es de su natura caliente et seca. Et fallan la en algunos logares, en las partes de Oriente. Su color es uerde et a en ella una mancha uermeia [...]

Su propiedad es atal, que si rompen el cuero a qual animal quier et la ponen alli, tira la sangre por muy grand fuerça. Et esto faze en el cuerpo uiuo, mas non estando la sangre apartada miente. Et qui quisiere saber la quantitat dela sangre que tira, deu ela pesar quando la ouiere tirada, et despues meta la en agua caliente, et saldra della toda aquella que a tirado, et ficara como ante se era; et pese la estonce outra vez, et sabra la quantitat dela sangre que tiro [...].” (AXL, p. 219).

dedicadas à flebotomia nos tratados médicos gerais; por fim, o terceiro, do século XIII, são monografias dedicadas à evacuação hemática redigida por autores acadêmicos escolásticos. Os conteúdos médicos dessa literatura apresentam uma base teórica fundamentada na medicina clássica grega, sistematizada pelo galenismo e formulada de forma detalhada pelos médicos latinos medievais, tais como: a *Epístola hipocrática de flebotomia*, texto pseudohipocrático, o *De curandi ratione per venae sectionem*, de Galeno, e o *Canon*, de Avicena.

Dessa forma, a prática da flebotomia ao longo da Idade Média transitou desde a classe da cirurgia à da medicação, dependendo da perspectiva de sua definição. Por exemplo, as *Epístolas* e alguns escritos de flebotomia da área de Salerno definem a sangria como uma correta incisão das veias, com efeito automático na efusão de sangue. Nessa perspectiva, a flebotomia pertencia ao campo da cirurgia; Avicena a definiu como evacuação universal. Já nessa concepção a flebotomia pertencia ao campo da medicação como um evacuante, e não como cirurgia. Como evacuante, a função da sangria é evacuar o excesso de humores produzidos no corpo. Na passagem do século XIII para o XIV, as duas perspectivas de interpretação da flebotomia tendiam a se unir. Arnaldo de Vilanova, por exemplo, definiu-a como uma incisão das veias que evacua o sangue e os humores que com ela correm pelas veias. Aqui temos a concepção cirúrgica e evacuante para a flebotomia. Essa última é uma característica dos medicamentos, classificados, por exemplo, pelo galenismo, como, dentre outras categorias, evacuantes universais (GIL-SOTRES, 1986, p. 3-12).

A flebotomia era tema de preocupação do galenismo e, portanto, consistia numa terapêutica medieval, uma vez que, por exemplo, o tempo de duração e os momentos mais propícios eram de suma importância e decisivos para a restauração da saúde, prevenção ou, em caso de erro, a morte do paciente. Galeno recomendava a sangria para pacientes mais estáveis, havendo, portanto, restrição a pacientes frágeis, crianças e idosos:

Conforme a razão, Arquígenes mencionava que no início da afecção se faz uso de tais medicamentos e do vinagre por si só, não se alimentando de outra coisa nem por meio da força da faculdade, e uma mistura de água de rosas ou de água com este. E mudamos já as explicações de Arquígenes que aparecem em seguida. Caso se prolongue, a abstinência final de comida é conveniente, e logo uma flebotomia a partir do cotovelo e uma evacuação do ventre por meio um clister sólido. Sobre esses remédios já falei antes quando considerei as explicações de Apolônio, ao renunciar a abstinência nas causas biliares, assim como a flebotomia nas crianças e nos idosos que tem a faculdade débil, aconselhando a evacuação mediante o clister não só devido à evacuação destes, que se concentram nos intestinos, senão também à revulsão dos que o tem na cabeça. E por isso Arquígenes escreveu adequadamente sobre eles e não falou simplesmente da evacuação do ventre por meio do clister, senão que o aplicou sólido [...].¹²¹ (GCML, p. 91).

A prática terapêutica da flebotomia ao longo da Idade Média se configurou como um lugar de encontro para médicos, cirurgiões e barbeiros. Geralmente era recomendada pelos médicos, a exceção dos casos em que essa terapêutica era indicada como um tratamento cirúrgico, sendo então sugerida por um cirurgião. Era, em sua maioria, realizada por cirurgiões e barbeiros, já que era uma terapêutica prática (GIL-SOTRES, 1986, p. 13-14).

Outra terapêutica curativa utilizada na Idade Média, também presente na obra em análise, consiste na cirurgia, realizada por meio de procedimentos grosseiros e desprovidos de técnicas complexas e sistematizadas de assepsia e anestesia. Porém, recorria-se a ervas, pedras ou medicamentos para diminuir a dor durante os procedimentos terapêuticos, sobretudo cirúrgicos. Vista pelos físicos como um ofício inferior e manual, a cirurgia era realizada pelos

¹²¹ Tradução nossa de: “[...] Conforme a la razón, Arquígenes al principio de la afección mencionada se sirve de tales medicamentos, y el mismo vinagre solo por sí mismo, no alimentándose de otra cosa ni allí por medio de la fortaleza de la facultad, y una mezcla de agua de rosas o de agua con éste. Y cambiamos ya a las explicaciones de Arquígenes que siguen a continuación. Si se prolonga, la abstinencia final de comida es conveniente, y luego una flebotomía a partir del codo y una evacuación de vientre mediante un sólido clister. Sobre estos remedios ya hablé antes cuando consideré las explicaciones de Apolonio, al renunciar a la abstinencia en las causas biliosas, así como la flebotomía en los niños y en los ancianos que tienen la facultad débil, aconsejando la evacuación mediante el clister, no sólo debido a la evacuación de éstos que se concentran en los intestinos sino también a la revulsión de los que lo llevan a la cabeza. Y por esto, Arquígenes escribió adecuadamente sobre ésta en aquellos, y no habló simplemente de la evacuación de vientre por medio del clister sino que lo aplicó sólido [...]” (GCML, p. 91).

cirurgiões ou outros **sanadores** que, muitas vezes, atuavam em outras atividades, como os barbeiros.¹²²

O *Lapidario* recomenda algumas pedras, como anestésicos ou como auxílio medicamentoso para a realização de cirurgias, bem como para diminuir a dor causada por enfermidades, conforme descrições a seguir, referentes às pedras denominadas **pedra que atrai os ossos** e **pedra do sono**, ambas do *I Tratado*:

DA PEDRA QUE ATRAI OS OSSOS-

Do sétimo grau do signo de Touro é a pedra que atrai os ossos [...]. E por isso é boa na arte da cirurgia, para atrair os ossos que estão quebrados nos corpos dos homens, por machucado ou fratura, pois os atrai muito rapidamente, fazendo dela emplastro ou colocando-a sobre o machucado naquele lugar quebrado [...].¹²³ (AXL, p. 42).

DA PEDRA DO SONO-

Do oitavo grau do signo de Gêmeos é a pedra do sono. De natureza é quente e úmida [...]. E os físicos e os cirurgiões usam dela nos que querem dividir e cortar, para que não sintam dor. E isso mesmo faz aos que não podem sofrer grande dor de alguma enfermidade que tenham [...].¹²⁴ (AXL, p. 61-62).

Assim, não há uma estrutura fixa para abordar as doenças, assim como seus sintomas e causas. O que há em comum em todos os tratados são as indicações preventivas e terapêuticas. Em algumas descrições das pedras mencionam-se as causas e sintomas, mas na maioria das vezes há maior preocupação em descrever apenas propriedades, virtudes,

¹²² Na Idade Média, havia uma separação entre a clínica e a cirurgia. A clínica estava reservada aos físicos, teoricamente profissionalizados para a atuação, enquanto a cirurgia era exercida por cirurgiões, barbeiros, práticos itinerantes especializados em uma operação específica, indivíduos que tinham somente uma formação prática. Essa separação se tornou mais forte na Baixa Idade Média, com a formação universitária do físico, uma vez que ele se afastava progressivamente das atividades manuais, enquanto o cirurgião, bem como o barbeiro, o boticário, dentre outros, permaneceram com uma formação prática, adquirida por meio de um mestre, como as outras profissões manuais.

¹²³ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE TIRA LOS HUESOS- Del seteno grado del signo de Tauro es la piedra que tira los huesos [...]. Et por ende es bona en la arte de cirugia, para tirar delos huesos que son quebrados en los cuerpos delos omnes, por llaga, o por quebrantura, ca esto los tira muy ligera miente fazendo della emplastro et poniendol sobre la llaga en aquel lugar quebrantado [...]” (AXL, p. 42).

¹²⁴ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA DEL SUENNO- Del octavo grado del signo de Gemini es la piedra del suenno. De natura es calient et humida [...]. Et los físicos et los cirurgianos husan dela en los que quieren fender o taiar por que non sientan la dolor. Et esso mismo faz alos que non pueden sufrir la grand dolor de alguna enfermedat que ayan [...]” (AXL, p. 61-62).

indicação (preventiva e/ou curativa), forma terapêutica (medicamento, amuleto, talismã, recipiente etc.) e influências astrais. Embora ao longo dos quatro tratados do *Lapidario* se abordem diversas doenças, selecionou-se para a análise a seguir a doença mais explorada na prática preventiva e terapêutica, o que demonstra uma preocupação especial na obra: a melancolia.

A melancolia, doença crônica que ocupa maior espaço e detalhamento de suas características e sintomas, aparece ao longo dos quatro tratados do *Lapidario*, em maior número no primeiro e no último. As prescrições das pedras são tanto para prevenir quanto para tratar essa doença e outras a ela associadas. Essa enfermidade, seguindo o galenismo, encontra-se associada à teoria humoral e, portanto, consiste, por um lado, num caráter humano (o melancólico), devido a certo predomínio da bile negra, e, por outro, numa enfermidade causada pelo desequilíbrio desse humor.

Além disso, a melancolia e as doenças a ela associadas aparecem de diversas formas e abarcam tanto uma tendência humoral quanto um estado já de enfermidade: por um lado, designa pessoas como fracas de coração, tristes, medrosas ou melancólicas; por outro, faz referência às enfermidades instaladas, como melancolia e outras a ela associadas – abscessos, câncer, tuberculose, excesso de pensamentos, cuidado (perfeccionismo) etc. Assim, por exemplo, a pedra **sanguínea**, do primeiro tratado, fortalece o coração de quem é fraco e fornece mais força para quem já forte. Do mesmo modo a pedra **bizedi**, do *II Tratado*, torna atrevido e orgulhoso aquele que a leva consigo. Nesses casos, as pedras são indicadas para uma tendência humoral melancólica. Já as pedras **maduz**, **zexet** e outras são prescritas para tratar a melancolia enquanto enfermidade.

Além disso, a melancolia desencadeia outras enfermidades, conforme atestado nas descrições a seguir:

DA PEDRA QUE TEM NOME ZEXEGT-

[...] E quando a moem e a misturam com água, e untam com ela o membro que possui abcesso ou outra enfermidade qualquer que venha por motivo de melancolia, sara muito rápido [...].¹²⁵ (AXL, p. 83).

DA PEDRA A QUE DIZEM MADUZ-

Do XXX grau do signo de Gêmeos é a pedra a que dizem maduz. Essa pedra é conhecida, para quem não sabe, por bezoar [...]
Mas esta pedra tem tal virtude que quem a traz consigo elimina os cuidados que crescem por melancolia e sem motivo. E moída, entra em todos os eletuários feitos para isso [...].¹²⁶ (AXL, p. 74).

Muitas vezes as pedras indicadas para a prevenção ou o tratamento da melancolia servem, ao mesmo tempo, para tratar também outras doenças desencadeadas ou associadas a ela. Percebe-se, então, que, juntamente com ela, outras doenças acometem ao mesmo tempo o indivíduo, conforme verifica-se na prescrição da **pedra de çad**, do IV Tratado:

DA III PEDRA DA ÇAD-

A terceira pedra de çad é chamada de **calninecoz** em grego, e em árabe **hyhel** [...].

E sua virtude é tal que, se um homem a carregar, no qual sobra melancolia, na hora em que Lua estiver em conjunção com o Sol, elimina-a. E isso mesmo faz com quem tem muitos pensamentos.¹²⁷ (AXL, p. 225).

Do mesmo modo, a tristeza aparece frequentemente associada aos cuidados, ou seja, ao perfeccionismo, conforme as descrições das pedras **tanibotum** e **yalenorinioz**, ambas do *IV Tratado*:

¹²⁵ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE A NOMBRE ZEXEGT-
[...] Et quando la muelen, et la mezclan con agua, et untan con ella el miembro en que a postema, o otra enfermedat qual quier que uenga por razon de malanconia, sana mucho ayna [...]” (AXL, p. 83).

¹²⁶ Tradução nossa de: “DA PEDRA A QUE DIZEM MADUZ-
Del XXX grado del signo de Gemini es la piedra aque dicen maduz. Esta piedra meten, a qui la no connosce, por bezahar [...].
Pero esta piedra a tal uertud, que al que la trae consigo, tuell el los cudados quel crescen por malanconia et sin razon. Et molida, entra en todos los lectuarios que fazen pora esto [...]” (AXL, p. 74).

¹²⁷ Tradução nossa de: “DELA III PIEDRA DELA ÇAD-
La piedra terciã de la çad dicen çalninecoz en griego, et en arauigo hyhel [...].
Et su uirtud es atal, que, si la colgaren algun omne, en que sobeie melenconia, ala hora que la Luna fuere en coniuncion con el Sol, tollerge lo ha. Et esso mismo faze al que a muchos pensamientos.” (AXL, p. 225).

Tnibotum coboz dizem em grego à quarta pedra da letra t. E é preta para esverdeado. E serve contra a tristeza, e aos cuidados, trazendo-a o homem consigo.¹²⁸ (AXL, p. 220).

DA TERCEIRA PEDRA DA LETRA Y-

Yalenorinioz, em grego, é a terceira **pedra da letra y**. E é preta para esverdeado. E serve contra os cuidados e às tristezas, trazendo-a o homem consigo [...].¹²⁹ (AXL, p. 221).

Assim, as pedras são indicadas, por um lado, visando fortalecer o coração de quem é fraco, fortalecer mais quem já é forte, confortar o espírito, obter ânimo, deixar de ser vergonhoso, tornar-se atrevido em disputas de armas, fornecer autoconfiança, tornar-se amado e temido e, por outro, para eliminar a própria melancolia, a tristeza, o medo, dar alegria ao coração, eliminar perfeccionismos (denominados ao longo do documento de cuidados), excesso de pensamentos etc.

Ambos os casos (tendência humoral e melancolia ou doenças associadas) encontram-se na obra associados ao humor melancólico, seguindo a perspectiva da teoria humoral galenista, caracterizando um predomínio da bile negra, no primeiro caso, e excesso ou falta desse humor, no segundo.

Em obras médicas, como o *Lilio de la Medicina*, de Bernardo de Gordônio, a melancolia também se vê associada à teoria humoral e, nessa perspectiva, ao desequilíbrio da bile negra e em estreita relação com outras enfermidades associadas às faculdades da alma. Essa doença é causada pelo humor melancólico, prejudicando o cérebro, perturbando o espírito, obscurecendo a alma, corrompendo à vontade e às vezes prejudicando a memória. Dependendo da diversidade, da quantidade e dos lugares dos humores, engendram-se diversas enfermidades e corrupções da alma: alienação da vontade, corrupção, loucura, mania, melancolia, hipocondria etc. Para esse físico, a melancolia acomete, na maioria das vezes, aos

¹²⁸ Tradução nossa de: “Tanibotum coboz dicen en griego ala quarta piedra de la t. Et es negra commo que tira a uerdor. Et presta ala tristeza, et alos cuydados, trayendo la omne consigo.” (AXL, p. 220).

¹²⁹ Tradução nossa de: “DE LA TERCERA PIEDRA DE LA Y- Yalenorinioz en griego a la terceira piedra de la y. Et es prieta que tira a uerde. Et presta a los cuydados et a las tristicias, trayendo la omne consigo [...]” (AXL, p. 221).

coléricos, aos magros e àqueles que tem o coração e o fígado quentes, e se engendra de humores queimados. Suas causas são imediatas (a corrupção do humor melancólico) e antecedentes, as quais multiplicam a melancolia por si ou por acidente: temor, tristeza, cuidado etc. Alguns sintomas são gerais, outros específicos, uns menos visíveis, outros manifestos, outros, ainda, descobertos (BGLM, p. 503-505).

3.3 As melezinas (medicamentos) no *Lapidario* de Afonso X e o pensamento analógico medieval

[...] De guisa que no a otro remédio si no la piedra aque dizen bezahar, que es contra los tossicos mortales [...].

Afonso X, século XIII.

A epígrafe demonstra o quão as pedras eram recomendadas como medicamentos nos escritos farmacológicos medievais e, do mesmo modo, a promessa de sua eficácia. As prescrições das pedras no texto afonsino enquanto medicamento baseiam-se num conjunto de teorias, sobretudo galenistas, desde a teoria humoral, as qualidades, a teoria dos *contraria* e, ainda, observando-se os seguintes aspectos: composição, definição de medicamento, classificação em simples e compostos, ação específica, ato e potência, formas, etc. Ademais, a concepção de medicamento é estruturada a partir do pensamento analógico medieval.

As prescrições de pedras como medicamentos são extensas em sua quantidade e indicação e, em alguns casos, variadas em sua composição. Enquanto outros escritos medievais, sobretudo os médicos, recorrem em sua maioria a plantas e, em menor medida, aos outros reinos da natureza, no *Lapidario* (como o próprio nome indica) a base dos medicamentos são os minerais (metais, pedras preciosas, pedras comuns, fósseis vegetais e animais etc.) e, em menor medida, recorre a substâncias ou partes de animais (leite de mulher, urina de cabra, couro de cordeiro, sangue quente de cabra etc.) e plantas ou substâncias de

vegetais (assafétida, mirra, mel, vinho, azeite de oliva, vinagre etc.) para sua elaboração. Por um lado, o uso dos minerais é recomendado tanto pelo valor material, no caso das pedras preciosas, quanto simbólico, por sua beleza, raridade ou difícil acesso, e, também, pela praticidade da ação terapêutica, uma vez que ao longo dos tratados encontram-se prescrições em que apenas o contato com a pedra, por exemplo, a **pedra da serpente**, poderia prevenir e tratar a doença do ruído na cabeça. Por outro, os minerais, por sua toxicidade e difícil absorção, eram utilizados com cautela, pois, como demonstrado em várias passagens da narrativa, poderiam causar mais dano que benefício.

No medievo, o remédio devia mover-se numa zona intermediária. Nessa perspectiva, os ideais eram produzidos pelos vegetais, os quais, numa zona média, produziam uma alteração interna, ou seja, no organismo do paciente, mas não tinham ação destrutiva (SANTANA HENRÍQUEZ, 2005, p. 28). Além dos vegetais, o galenismo utilizou, em menor medida, parte de animais e minerais.

[...] Suco de louro com vinagre e arruda [...]
 [...] Quatro dracmas¹³⁰ de cobre. Quatro dracmas de pedra-pomes crua [...]
 [...] Outro. Rabo de cavalo com arruda dissolvida em azeite e vinagre. Se utiliza suco de rabo de cavalo por refrescar no primeiro momento [...].¹³¹
 (GCML, p. 93/139/93).

Na Medicina medieval, uma substância podia alterar-se e converter-se em substância do corpo, sendo considerado alimento. Também podia alterar o humor, as virtudes do corpo, a compleição, o calor inato, a humidade radical, ou seja, era capaz de modificar partes constituintes do corpo, sendo considerado medicamento. Quando a alteração do corpo era profunda denominava-se veneno.

¹³⁰ Antiga unidade de peso, utilizada até hoje em alguns países, que equivale a 1,772 gramas.

¹³¹ Tradução nossa de: “[...] Zumo de laurel con vinagre y ruda [...].
 [...] Cuatro dracmas de cobre. Cuatro dracmas de piedra pómez cruda [...]
 [...] Otro. Cola de caballo con ruda disuelta con aceite y vinagre. Se utiliza zumo de cola de caballo que refresca en el primer discurso [...]” (GCML, p. 93/139/93).

Dessa forma, uma substância era considerada alimento, medicamento ou veneno em função da alteração que provocava no corpo do paciente. É nessa perspectiva que na descrição de algumas pedras ao longo de sua narrativa alertava para o cuidado com a quantidade de substâncias minerais durante a preparação de medicamentos, como o exemplo da pedra **marmunia**: “[...] E se for muito o que dela beber, mata-o [...]” (AXL, p. 93).¹³² Dessa forma, em grande quantidade se torna veneno. Percebe-se, portanto, na obra, a distinção galenista entre remédio e veneno, com base na quantidade e noção de alteração.

Os remédios, em sua maioria no *I* e no *IV Tratado*, assim como os escritos médicos medievais, consistem em substâncias que produzem mudança no organismo a fim de restabelecer a saúde por meio da restauração do equilíbrio humoral. Assim, fundamentados na teoria galenista humoral, tratam de forma direta os humores corrompidos, em excesso ou em falta. Na maioria apenas um humor encontra-se corrompido, porém, em alguns casos todos se veem em estado de corrupção:

DA PEDRA CHAMADA MECELUCAN.

Dos XXIII graus do signo de Gêmeos é a pedra a que chamam **mecelucan**, que quer dizer tanto em caldeu, tratando-se de um ferro de solda natural. [...] De natureza é quente e úmida, e forte em ambas as compleições [...] Seu nome dá-se segundo sua virtude e aquele que o tem, ou dele faça uso, nunca perde o fluxo do ventre, E se usa o pó dela, ou das poliduras, em cristel, ocorre o mesmo, pois purga os humores. E se derem dela para beber uma medida de um dracma, tira os humores cada um por si; primeiramente a fleuma, depois a melancolia, em seguida a cólera, e, por último, o sangue [...].¹³³ (AXL, p. 70-71).

¹³² Tradução nossa de: “[...] Et si mucho fuere lo que beuiere della, matar la [...]” (AXL, p. 93).

¹³³ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE ES LLAMADA MECELUCAN.

Delos XXIII grados del signo de Gemini es la piedra que dizen mecelucan, que quiere dezir tanto en caldeu, como soluedor de natura. De natura es caliente et humida, et fuert en amas estas dos complixiones [...] Su nombre es segund su uertud, ca el qui la a, en quanto la tiene consigo, nunca pierde fluxu del uientre. Et si meten del poluo della, o delas poliduras, en cristel, faz esso mismo, ca purga las humores. Et si dieren della a beuer peso de una dragma, saca las humores cadauna por si; primera miente la flema, desy la malanconia, despues la colera, et a postremas la sangre. Et si en sacando estas humores faze menazon, non sana ende tan ayna si non con la piedra de que auemos dicho, aque llaman leturican, ca lo que aquesta suelue, retiene la otra; et lo que la otra retiene, suelue esta [...]” (AXL, p. 70-71).

Os remédios produzidos a partir das indicações presentes nos tratados são em sua maioria compostos, e em menor quantidade simples. Nessa perspectiva, todas as pedras do *I Tratado* e algumas do *IV* possuem quatro qualidades elementares (quente e úmida, quente e seca, fria e úmida, fria e seca). Nesse sentido, a indicação terapêutica medicamentosa das pedras desse tratado também obedece a suas qualidades e, por isso, os medicamentos preparados a partir delas são compostos. Ademais, as indicações terapêuticas medicamentosas seguem a teoria galenista dos *contraria*. Assim, o **enxofre**, no *I Tratado*, de natureza quente e seca, é indicado como eletuário para o tratamento de doenças de natureza fria e úmida, como a tosse. Já a **pedra que aparece no mar quando Vênus se põe**, também do primeiro tratado, de natureza quente e úmida, é indicada como unguento para o tratamento da lepra, doença de natureza fria e seca. Do mesmo modo, a pedra *articam*, também do *I Tratado*, de natureza fria e seca, é recomendada como eletuário para o tratamento de abscessos quentes, por sua qualidade oposta refrescante:

DA PEDRA A QUE CHAMAM DE ARTICAM.

Do XXV grau do signo de Touro é a pedra a que chamam de *articam* em caldeu; alguns a chamam de **artiqui**, e os gregos a chamam de **astra**. Acham-na na terra chamada Ártica [...].

De natureza é fria e seca, e quando o homem a coloca na língua, pega-a. Se a moem e a amassam com água morna e a colocam sobre os apostemas quentes, esfria-os e os ajuda a sarar. O mesmo faz com as chagas e as feridas que tenham muito calor, pois, esfriando-as, acalma a dor e tira a carne excessiva que ali cresce [...].¹³⁴ (AXL, p. 53).

Além de atuar nas qualidades elementares, algumas indicações medicamentosas são caracterizadas por possuírem qualidades secundárias, ou seja, ao mesmo tempo em que são frias também possuem a qualidade doce e amarga. A pedra **calcant**, por exemplo, de

¹³⁴ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA AQUE LLAMAN ARTICAM – Delos XXV grados del signo de Tauro es la piedra aque dizen articam en caldeo, et algunos ya quel dizen artiqui, et los griegos le dizen astra. Et fallan la en la tierra aque llaman Artica [...]

De natura es fria et seca, et quando la omne pone en la lengua, pega se en ella. Et si la muelen et la amassan con agua tibia, et la ponen sobre la postema caliente, esfria las et ayuda a sanar dellas. Esso mismo faz en las llagas, et en las feridas que son mucho escalentadas, ca esfriando las, faze quedar la dolor dellas, et demas tuelle la carne sobeiana que y cresce.” (AXL, p. 53).

natureza fria e seca, atua com a qualidade amarga. Além disso, alguns medicamentos são obtidos com o acréscimo de substâncias para adoçar ou diminuir o sabor amargo, aumentar sua eficácia ou obter a forma medicamentosa, como no caso da pedra **goliztiz**, como demonstrado a seguir:

DA PEDRA A QUE DIZEM GOLITIZ-

Do sétimo grau do signo de Áries é a pedra que dizem **goliztiz** [...]

De natureza é quente e seca [...]

[...] E na arte da física tem esta virtude: se pegarem dela a quantidade de dois grãos de cevada, moerem-na, misturarem-na com água doce e a colocarem nas partes do que nasce com a enfermidade que denominam demônio [epilepsia], curará da primeira vez, ou, no mais tardar, na segunda [...].¹³⁵ (AXL, p. 24).

Em alguns casos, determinadas pedras são indicadas para potencializar, ou seja, aumentar a eficácia dos medicamentos, tal como a pedra **anxoniz**, do IV Tratado, em sua terceira forma, vermelha de natureza e preta após imersão em água, que, segundo a narrativa, assim atua: “[...] se a moerem, e colocarem dela nos remédios que fazem para os doentes, mostrar-se-à mais rápido neles sua melhora [...]” (AXL, p. 208).

Além de simples e compostos, alguns medicamentos são classificados com base na ação ou nos efeitos específicos, num amplo espectro: cicatrizantes, anti-inflamatórios, adstringentes, purgantes, vomitivos, hipnóticos, antídotos etc. Nesse cenário, algumas propriedades das pedras, sobretudo no *I Tratado*, são descritas a partir das ações específicas, também evidenciadas nas descrições a seguir das pedras **cumen** e **sedinech**:

DA PEDRA QUE TEM NOME CUMEN- [...] E se alguém bebe dela o peso de um dracma, purga muito a fleuma [...].¹³⁶ (AXL, p. 129).

¹³⁵ Tradução nossa de: “DE LA PIEDRA A QUE DICEN GOLIZTIZ.

Del septimo grado del signo de Aries es la piedra que dizen goliztiz [...]

De natura es calient et seca [...]

[...] Y en el arte de física tiene esta virtud: que si tomaren de ella peso de dos granos de cabada y la molieren y la mezclaren con agua dulce y la metieren en las partes del que nace con la enfermedad a que llaman demonio, sanará de la primera vez, o, al más tarde, a la segunda [...].” (AXL, p. 24).

¹³⁶ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE A NOMBRE CUMEN-

DA PEDRA QUE DIZEN SEDINECH [AMATISTA]- [...] Pedra muito conhecida. E sua propriedade é que tem força retentiva com nitidez, e por isso a amam [...].¹³⁷ (AXL, p. 133-134).

Soma-se às classificações anteriores a noção galenista de ato e potência, juntamente com a concepção de graus de ação de cada medicamento. Nessa linha, por exemplo, a qualidade de quente pertence tanto ao fogo como à pimenta, assim como a qualidade de frio pertence tanto à água quanto ao ferro. O fogo e a água possuem a qualidade em ato, enquanto a pimenta e o ferro a possuem apenas em potência (GARCIA BALLESTER, 1972, p. 237). A maioria das indicações medicamentosas das pedras do *Lapidario*, sobretudo no *I Tratado*, apresenta as qualidades pelo ato, ou seja, a partir do par de qualidades opostas, como, por exemplo, quente e seca. Logo, com tais qualidades em ato, ou seja, sua própria natureza, é indicada como medicamento para o tratamento de doenças frias e úmidas. Porém, em alguns casos, trazem qualidades pela potência, como o exemplo da pedra **faruquid**, também do primeiro tratado, que, colocada em água, produz o efeito de um banho quente. Isso ocorre não somente por sua natureza, quente, pois, colocada em água, que possui natureza fria, poderia ter seu calor anulado, mas sim pela potência que possui para o calor.

DA PEDRA A QUE DIZEM FARUQUID-

Del XXIX grau do signo de Sagitário é a pedra que dizem **faruquiz** [...] De natureza é quente e seca. Se a colocarem em água, e deixarem-na ali por um tempo, faz bem a todas aquelas coisas a que favorece a água dos banhos quentes para o homem que nela se banha [...].¹³⁸ (ALX, p. 148).

[...] Et si alguno beue della peso de una dragma, purga mucho la flema [...].” (AXL, p. 129).

¹³⁷ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA A QUE DIZEN SEDINECH- [...] Piedra es muy connoçuda. Et la su propiedat es que a en si fuerça retentiua con agudez, et por esto la aman [...].” (AXL, p. 133-134).

¹³⁸ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA AQUE DIZEN FARUQUID- Del XXIX grado del signo de Sagitario es la piedra aque dizen faruquiz [...] De natura es calient et seca. Et si la echaren en agua, et yoguiere y algun tiempo, tiene pro a todas aquellas cosas que el agua delos bannos calientes do suyo tienen al omne que se banna en ella [...].” (AXL, p. 148).

Algumas descrições de pedras do *Lapidario* afonsino, sobretudo no *I Tratado*, apresentam a concepção galenista dos graus dos medicamentos de forma vaga, utilizando apenas expressões como muito forte, forte, não muito etc. Outras descrições de pedras mostram claramente três fases diferenciadas dos graus em suas indicações terapêuticas. Essas receitas ou recomendações assinalam a intensidade, ou seja, o grau, como uma qualidade interna da pedra: “**DA PEDRA QUE É ANOXATIR [sal amoníaco]**- Dos trinta graus do signo de Áries é a pedra que dizem em árabe **anoxatir**, e em latim **sal amoníaco**. Esta pedra é por natureza quente e seca no fim do terceiro grau [...].”¹³⁹ (AXL, p. 37).

As formas medicamentosas do *Lapidario* consistem principalmente em: cozimentos, eletuários, infusões, unguentos, emplastos, pós, inalações etc. Geralmente, indica a pulverização e/ou a diluição em algum líquido, tais como água, vinagre, álcool, vinho, óleo etc. Ainda, prescreve a limadura ou a escória de pedras que é liberada ao ser colocada em algum líquido, assim como o líquido que sai da pedra ao ser colocada em água. Recomenda-se também comer ou beber em vasilhas feitas por determinadas pedras como tratamento.

As prescrições medicamentosas ora as indicam para o tratamento de uma única doença, como a pedra **lameña** [quarta variedade da pedra espuma do mar], do primeiro tratado, indicada como unguento apenas para tratar ferimentos nos seios de mulher; ora fazem indicação para mais de uma doença, tal como a pedra **milititaz**, também do primeiro tratado, recomendada como eletuário para tratar tosse e outras doenças do peito. Além disso, às vezes as doenças a serem prevenidas ou tratadas pela mesma pedra são de natureza muito distintas, como a **ametista**, do primeiro tratado, indicada para tratar doenças dos olhos, retenção de urina e hemorragia. Como a **ametista**, a pedra **carabe**, do *I Tratado*, tem propriedade retentiva e secativa, corta hemorragia do nariz ou de qualquer outra parte do corpo; também

¹³⁹ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE ES ANNOXATIR- Delos treynta grados del signo de Aries es la piedra aque dicen en arauigo anoxatir, et en latin sal armoniaco. Esta piedra es de su natura calient et seca en la fin del tercero grado [...].” (AXL, p. 37).

impede vômito; ainda, sara coriza, tremor do coração e dor do estômago; por fim, serve igualmente para tratar determinada região do corpo em caso de queda ou fratura de osso.

Essa pedra, a **carabe**, ainda que em sua preparação como medicamento não contasse grande quantidade de componentes, funciona como polifármaco, ou seja, possui um espectro de indicação extenso e variado, servindo, por consequência, para o tratamento de diversas doenças. Do mesmo modo, a pedra **batocita** possui amplo espectro de indicação:

DA PEDRA QUE TEM NOME BATOCITA-

Do XXVII grau do signo de Gêmeos é a pedra que dizem **batocita**, que quer dizer, em caldeu, **vedador de cabelos grisalhos**. Por sua natureza é quente e úmida [...].

E sua virtude é tal que quem a traz consigo terá cabelos grisalhos mais tarde. E se a moerem e a fizerem destilar e molharem o pente na água que dela sair e com ele pentear a cabeça, impede que nasçam mais cabelos grisalhos; a cor dos nascidos por tintura também dura muito tempo. Esta água tem outra virtude: que se derem dela a beber a homem que tenha dor em qualquer lugar do ventre, sara logo. E nesse fato tem grande virtude, como na teriaca, e principalmente se a dor é de natureza fria. E se dão os pós dela a beber com alguma coisa, faz o mesmo, mas não tanto como em água [...].¹⁴⁰ (AXL, p. 72).

Verifica-se, no *Lapidario*, prescrições de uma única pedra, **batocita**, para diversos tratamentos: evitar o embranquecimento dos cabelos, serve para tingir os cabelos brancos, eliminar dor na barriga etc. Nessa perspectiva, a **batocita** é uma espécie de panaceia¹⁴¹ comparada à teriaca ou teriaca, um medicamento composto, originado na Antiguidade, muito popular na Idade Média e utilizada até o final do século XIX. Consiste num célebre remédio e é um bom exemplo da associação de múltiplos componentes: vegetais, minerais e animais,

¹⁴⁰ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE A NOMBRE BATOCITA- Del XXVII grado del signo de Gemini es la piedra quel dizen batocita, que quier dezir en caldeo tanto como uedador de canas. De su natura es calient et humida [...]

Et su uertud es atal, que el que la trae consigo, ante que ancanesca, uedar la quel non uengan las canas si no a muy luengo tiempo ademas. Et si la molieren, et la fizieren estillar, et moiaren el peyne en el agua que della saliere, et peynaren la cabeça con el, uieda que no nascan y mas canas, et tinne las que son nacidas de tintura que dura muy grand tiempo. Et aquesta agua a otra uertud; que si dieren della a beuer a omne que aya dolor en qual quier logar del uientre, sana luego. Et en este fecho a tan grand uertud como en la triaca, et mayor miente, si la dolor es de natura fria. Et si dan los poluos della a beuer destemprados con alguna cosa, faz esso mismo, mas no tanto como con el agua [...].” (AXL, p. 72).

¹⁴¹ Remédio que cura quaisquer doenças.

misturados, acrescentados e modificados ao longo dos séculos. Isso ocorre não somente a partir de medicamentos compostos, mas também simples ou, ainda, como outras formas de terapêutica, tais como seu uso em forma de amuletos ou talismãs. A pedra **siphe**, do *I Tratado*, por exemplo, colocada sobre o estômago ou intestino elimina a dor nessas regiões do corpo.

O *Lapidario* de Marbodo também contém pedras com amplo espectro de indicação médica, assim como uma variedade de formas terapêuticas, a exemplo da hematita:

A virtude adstringente que existe nela é provada por muitas coisas:
 pois, passada por cima, sara tanto a aspereza das pálpebras
 como as vistas cansadas, eliminando a opacidade,
 caso se misture uma clara de ovo com um fragmento dela.
 Dissolvida no suco de romã,
 E trabalhada numa pedra para preparar remédios, como se fosse fazer um
 unguento,
 ou bem dissolvida em água, ajuda aqueles que vomitam espumas de sangue,
 e sara as úlceras que a provocam.
 Caso a beba, encerra o fluxo de sangue que a mulher elimina.
 A força que tem o pó desta pedra
 detém o crescimento das carnes numa ferida,
 e retém a diarreia que flui excessivamente,
 Caso dissolvida em vinho velho e bebida com frequência,
 Cura maravilhosamente a picada de serpente ou a ferida produzida pela
 áspide,
 Misturada com mel, pode sarar os olhos que doem.
 Contam que, caso a beba, dissolve a pedra da vesícula.
 É conhecida por sua cor ferruginosa ou avermelhada.
 A África a exporta, mas também os etíopes e os árabes.¹⁴² (MBRLL, p. 113 e
 115).

Em relação à **teriaga**, para a sua obtenção, eram reunidos, entre 56, mais tarde 74 componentes dentre os quais identifica-se o sulfato de ferro, betume, terra sigilada, vinho, mel e, em alguns períodos, até parte de animais, como de cobra, entre outros, e sempre o ópio

¹⁴² Tradução nossa de: “XXXII. DE EMATITE

[...] Stiptica cui virtus per multa probatur inesse: / Nam palpebrarum superillitus asperitatem, / Et visus hebetes, pulsa caligine, sanat, / Eius fragmento si glarea maixta sit ovi. / Suco dilutus, quem punica mala remittunt, / In medicinali velut ad colliria code, / Vel resolutus aqua, iuvat hos, qui sanguinis ore / Spumas emittunt, et que linit ulcera sanat / Sumpsit ematites Grecum de sanguine nomen, / Nature lapis humane servire creatus, / Stiptica cui virtus per multa probatur, inesse: / Nam palpebrarum superillitus asperitatem, / Et visus hebetes, pulsar caligine, sanat, / Eius fragmentus, quem punica mala remittunt, / In medicinali velut ad colliria code, / Vel resolutus aqua, iuvat hos, qui sanguinis ore / Spumas emittunt, et que linit ulcera sanat.” (MBRLL, p. 113 e 115).

(ópium). Esse polifármaco era considerado tão importante e universal que no século XIII os boticários que o preparavam deveriam fazê-lo num lugar público, após a verificação dos ingredientes a serem utilizados (BILIMOFF, 2011, p. 98).

Na perspectiva galenista, a **teriaga** foi indicada para o tratamento de diversas doenças: cefaleia crônica, vertigem, surdez e vista fraca, epilepsia, asma, tosse, enfermidades do peito e do estômago, indigestões, dor crônica no intestino grosso, enfermidades hepáticas, retenção de urina na bexiga, gota, reumatismo, icterícia etc. Dentre suas prescrições medicamentosas destaca-se também o seu uso, desde a Antiguidade, conforme a *De theriaca ad Pisonen*, atribuída a Galeno, contra picada de animais venenosos, ou seja, como antídoto, em forma de unguento e comprimido (MARTÍNEZ MANZANO, 2004, p. 130-133).

Além das teorias médicas explicitadas, muitas das prescrições das pedras enquanto medicamento eram indicadas a partir do pensamento analógico medieval, observando-se a semelhança ou dessemelhança conforme a cor, forma etc.

DA PEDRA A QUE CHAMAM ZAROCAN-

Do primeiro grau do signo de Gêmeos é a pedra a que dizem **zarocan**. Esta pedra é de cor branca, muito alva, de tal forma que se assemelha a um osso bem raspado. E tem em si algo de claridade, mas não tanto a tal ponto de ser transparente. Leve é de peso, e muito suave de tato, mas é forte e dura de quebrar. De natureza é quente e úmida. E há muitas minas dela pelo mundo, mas as melhores são as da terra da Barbária e da Espanha. E são encontradas nas margens do mar e dos rios.

A virtude desta pedra é tal que faz aumentar muito o leite das mulheres que a trazem consigo. E isso mesmo a outro animal qualquer. E por fim, os bárbaros fazem suas mulheres usarem-na no pescoço, como usam a pérola. E serve também para isso mesmo quando a colocam em eletuários e a comem [...].¹⁴³ (AXL, p. 57).

¹⁴³ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA AQUE LLAMAN ZAROCAN-

Del primero grado del signo de Gemini es la piedra aque dicen zarocan. Esta es de color blanca de clara blancor, assi que semeia huesso bien raydo. Et a en si ya quanta de claridat, pero no tanto que la passe el uiso. Liuiana es de peso, et muy lezne de tiento, pero es fuerte et dura de quebrantar. De natura es caliente et humida. Et a muchas mineras della por el mundo, mas las meiores son las de tierra de Barbaria et de Espanna. Et son falladas en las riberas dela mar et delos ryos.

La uertud desta piedra es atal, que faze crescer mucho la leche alas mugieres que la traen. Et esso mismo faze a otro animal qualquer. Et por end, los bárbaros la fazen traer a sus mugieres alos cuellos, segund traen el aliofar. Et priesta otrossi pora esto mismo quando la meten en lectuarios et la dan a comer [...].” (AXL, p. 57).

Assim, identifica-se, na citação anterior, a prescrição medicamentosa da pedra **zarocan** por intermédio da analogia: a pedra indicada é bastante branca e, portanto, por analogia com a cor, se assemelha ao leite. Nessa perspectiva, é prescrita para aumentar o leite, seja como amuleto, seja como medicamento. Na forma medicamentosa, é indicada como eletuário. Identificamos também a recomendação da **pedra do azul** [lápiz lazuli]: “**DA PEDRA DO AZUL-** Do XXII grau do signo de Capricórnio é a **pedra do azul** [...] E sua virtude é tal que, se colocam o pó dela nos olhos, serve muito [...]”¹⁴⁴ (AXL, p. 207). Ainda pela analogia com a cor, nesse caso, azul, essa pedra é associada por similitude aos olhos e prescrita no *Lapidario* para tratamento de enfermidades nesse órgão. Sua forma medicamentosa é pulverizada.

Outro tipo de prescrição medicamentosa identificada é a analogia pela forma, a qual se dá considerando a similitude entre a pedra e o órgão, parte do corpo ou função a ser tratada:

DA PEDRA DO FÍGADO-

Do XXVIII grau do signo de Gêmeos é a **pedra do fígado**. De cor vermelha um pouco para o lado do preto, se assemelha ao fígado em cor e forma, pois numa extremidade é redonda e na outra cavada, e não há claridade nenhuma. É forte e dura de quebrar, e pesada, mas quando quebrada, sai dela água de sua cor. De natureza é quente e úmida; e encontram-na em minas que há em terras do Egito, nuns lugares que são muito povoados, a que dizem Lexuncaz, e é terra onde há muitos leões e outras bestas ferozes.

E a virtude dela é tal que, se a colocarem sobre o fígado que esteja enfermo, sara; e se beberem da água que sai dela, faz outro tal e cura. Geralmente sara todo mal do fígado e abre os condutos dele, por usá-la ou por bebê-la [...].¹⁴⁵ (AXL, p. 72-73).

¹⁴⁴ Tradução nossa de: “DE LA PIEDRA DEL AZUL- Del XXII grado del signo de Capricornio es la piedra del azul [...] Et su uertud es atal, que, si ponen los poluos della en los oios, presta mucho [...]” (AXL, p. 207).

¹⁴⁵ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA DEL FIGADO- Del XXVIII grado del signo de Gemini es la piedra del figado. Esta es de color uermeia que tira un poco contra negro, et semeia al figado en color et en faycion, ca del un cabo es redonda et del otro como cauada; et no a claridat ninguna [...] Et la uertud della es atal, que si la colgaren sobrel figado que sea enfermo, sana; et si beuieren del agua que della sale, faz otro tal et guaresce. Et general miente sana a todo mal del figado, et abre las carreras del por colgar la o por beuer la [...]” (AXL, p. 72-73).

A **pedra do fígado** possui a cor e o formato semelhante ao fígado humano, e, portanto, é indicada, por analogia com a cor e a forma, para o tratamento dessa víscera tanto como amuleto quanto como medicamento. Em sua forma medicamentosa, é recomendada como eletuário para tratar o fígado enfermo, curando-o de todo o mal que o acomete. Também abre os condutos desse órgão.

3.4 Medicina, Astronomia/Astrologia e Magia

DELA PIEDRA A QUE LLAMAM ALAAQUEC-
Alaaquec a nombre la segunda piedra de Mars
 [...]

Et otrossi a otra uertud esta piedra; que trayendo la sobre ferida, o sobre otro logar qual quier onde sala angre, faz la luego estancar. Et esto faz ella mayor miente, seyendo Mars en su exaltation et en el ascendente, et bien reçebudo dela Luna. Et que descenda sobresta piedra la uertud de figura de leon [...].

Et aun en esta piedra alaaquec a outra uertud, que, el que la touiere consigo en la hora de Mars, et en su ascendente, et en la tercera faz de Escorpion, et bien reçebudo del Sol, et en bon catamiento de Iupiter, sera ualient et atreuudo et ardit, maguer sea medroso por natura, et no aura miedo de rey nil faran mal ladrones, ni otros omnes malos, ni bestias malas.

Pero esto faz ella mas complida miente, descendiendo sobresta piedra la uertud de figura de omne con corona en su cabeça, et teniendo en la mano diestra una espada desnuda en que sean escriptas las letras dela figura de Mars.

Afonso X, séc. XIII.

A pedra **alaaquec**, mencionada na epígrafe é indicada para o tratamento de feridas ou hemorragias, pois sua aplicação ajuda a estancar o sangue. Porém, segundo a obra, seu uso terapêutico só é eficaz se considerar o fato de que essa pedra está associada ao planeta Marte e com período de mais influência em ascendente. Ainda, deve-se considerar que a virtude pode ser potencializada observando-se a imagem astral formada por conjunções de estrelas, que,

nesse caso, é a de homem com coroa na cabeça e tendo na mão destra uma espada, na qual, por sua vez, consta uma inscrição – as letras de Marte.

Como podemos depreender da epígrafe, esta pedra, assim como as demais distribuídas ao longo da obra, não possui propriedades curativas em sua própria estrutura. Ao contrário, recebe suas propriedades ou virtudes medicinais de influências externas: de corpos celestes e imagens astrais, em determinados momentos. Dessa forma, é necessário, por um lado, identificar tais períodos e as influências exercidas e, por outro, que haver um veículo ou mecanismo para a efetiva obtenção de tais virtudes: a elaboração de amuletos, talismãs ou, ademais, outros rituais executados em momentos e com materiais propícios, tais como couro de carneiro ou de veado, fio de seda vermelha etc.

Do mesmo modo, nos deparamos com passagens que fazem referência a esses astros que exercem influência sobre determinada pedra ou conjunto de pedras. Um exemplo são as descrições das pedras **baran**, do *I Tratado*, e **ademuz**, do *III Tratado*:

DA PEDRA QUE TEM NOME DE BARAN

[...] E a estrela que está no músculo do braço esquerdo da imagem de Touro, tem poder sobre esta pedra e dela recebe a força e a virtude. E quando esta estrela estiver em ascendente, mostrará esta pedra perfeitamente suas obras.¹⁴⁶ (AXL, p. 46).

DA PEDRA QUE TEM NOME ADEMUZ EM GREGO-

Saturno tem poder sobre a pedra que tem nome *ademuz* em grego e *almez* em árabe, e **diamante** em nossa linguagem. E desta é já dito no primeiro grau de Touro. E se, quando Saturno é bem recebido pela Lua, e em seu ascendente, e em sua hora, alguém tomar esta pedra [...].¹⁴⁷ (AXL, p. 190).

¹⁴⁶ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE A NOMBRE BARAN

[...] Et la estrella que es en el muslo del braço siniestro dela ymagen de Tauro, a sennorio sobresta piedra et della recibe la fuerça et la uertud. Et quando esta estrella fuere en el ascendente, mostrara esta piedra mas manifiesta miente sus obras.” (AXL, p. 46).

¹⁴⁷ Tradução nossa de: “DELA PIEDRA QUE A NOMBRE ADEMUZ EN GRIEGO-

Saturno a poder sobre la piedra que a nombre ademuz en griego et almez en arauigo, et en nuesro lenguaie diamant. Et desta es ya dicho en el primero grado de Tauro. Et si, quando Saturno es bien reçebedo dela Luna, et en su ascendente, et en su hora, tomare alguno esta piedra [...].” (AXL, p. 190).

Ainda, por exemplo, no final das descrições de cada grupo de trinta pedras de cada signo do zodíaco, no *I Tratado*, são descritos os planetas que exercem influência sobre as pedras relacionadas a tais signos. Ou seja, além das pedras encontrarem-se vinculadas aos signos, são regidas, ou seja, são influenciadas pelos planetas, como a recomendação abaixo, referente ao signo de Sagitário: “Essas são as trinta maneiras de pedras segundo os trinta graus do signo de Sagitário. Por fim, é necessário que se com isso quiser trabalhar, preste atenção ao planeta Júpiter, que seja bem recebido daquela estrela com a qual fizer sua obra [...]”¹⁴⁸ (AXL, p. 149).

Somando-se a esses exemplos, encontramos também ressalvas sobre saberes que fornecem conhecimento acerca do momento propício para aproveitar melhor as virtudes das pedras dos tratados. Esse conhecimento é a Astrologia, ciência pela qual, em vinculação com a Astronomia, obtinha-se, na Idade Média, os períodos de maior influência de determinados astros sobre as pedras, assim como o momento de surgimento de determinada virtude. No prólogo do *II Tratado*, por exemplo, temos uma ressalva de que para utilizar os saberes contidos na obra, ou seja, as indicações medicinais das pedras, é necessário considerar as premissas de “saberes nobres e antigos”, ou seja, científicos, tais como os da Filosofia Natural, que explicava a composição e a formação das coisas, e da ciência astral, na dupla vertente Astronomia/Astrologia:

E por fim, todo homem que com esses saberes nobres e antigos quiser trabalhar deve prestar atenção nessas razões que são ditas, pois por elas entenderá e conhecerá as coisas como são feitas e compostas, e conectadas umas com as outras, e em que tempo lhes cresce a virtude e tem mais força para trabalhar. E segundo este, poderão melhor ajudar quem naquilo que tiverem interesse, e mais completamente [...].¹⁴⁹ (AXL, p. 179).

¹⁴⁸ Tradução nossa de: “Dichas son las treynta maneras de piedras según los treynta grados del signo de Sagitario. Ende a mester que desto quisiere obrar, que pare mientes ala planeta Iupiter, que sea bien recebuda daquela estrella con que fiziere su obra [...]” (AXL, 1981, p. 149).

¹⁴⁹ Tradução nossa de: “Et por end, tod omne que destes saberes nobles et antigos se quisiere trabaiair, a mester que pare mientes en estas razones que son dichas, ca por ellas entendra et uerna a connoscimiento delas cosas como son fechas et compuestas, et trauadas unas con otras, et en que tiempo les crece la uertud et an mayor

Nessa visão, a Astronomia fornecia o conhecimento dos corpos celestes, bem como suas posições, e sua outra face, a Astrologia, informava as influências exercidas por esses corpos celestes sobre as coisas terrenas. Assim, a partir da observação dos astros e da interpretação de suas posições, podia-se, por exemplo, prever o início de uma doença e analisar seu percurso, determinar o melhor momento para realizar uma sangria etc. Permitia, também, identificar o momento em que os astros se encontravam na posição mais favorável para administrar determinado medicamento ou para realizar determinada terapêutica. E, ainda, para utilizar amuletos médicos ou para confeccionar talismãs a fim de prevenir doenças.

Para a efetivação de tal controle, ou seja, da relação entre o céu e a Terra, os saberes astronômico-astrológicos precisavam, porém, se articular com outro saber: a Magia. Por isso, como no exemplo da epígrafe, a obtenção das virtudes das pedras insere-se nesse outro campo que, no *Lapidario*, se apresenta principalmente sob a forma de Magia Natural. No caso da pedra mencionada na epígrafe, trata-se de Magia Natural do tipo Astral. Nessa perspectiva, para a obtenção das virtudes, bem como para a sua potencialização, exigem-se mecanismos mágicos. No exemplo em questão, a obtenção da virtude se dá pelo contato com a pedra sobre a ferida, devendo ser utilizada conforme as recomendações descritas.

Nessa perspectiva, determinados os momentos propícios – e os astros que influenciam determinada pedra, seja para prevenir doenças, fazer uma sangria, preparar ou administrar um medicamento, enfim, para realizar determinada terapêutica –, o *Lapidario* afonsino dedica diversas passagens de seus tratados aos mecanismos de obtenção das virtudes das pedras, as quais, externamente à estrutura da pedra e, ainda, advindas dos astros, exigem um mecanismo mágico. Em sua maioria, são imagens astrais que devem ser capturadas em momentos astrologicamente calculados, tanto para a obtenção quanto para a potencialização

fuerça dobrar. Et segund aquesto, se podran mejor ayudar dellos en aquello que ouieren mester, et mas complida miente [...].” (AXL, p. 179).

das virtudes. Essas imagens são formadas por constelações de estrelas nos graus do zodíaco, no caso do primeiro tratado, por figuras formadas nas fases dos signos, de acordo com o *II Tratado*, a partir de conjunções de planetas, conforme o *III Tratado* ou, também, por constelações de estrelas e pela forma que adquirem as pedras no momento de seu surgimento, no caso do *IV Tratado*.

Embora a maioria das virtudes das pedras dessa obra, prescritas sob formas variadas, como amuletos, talismãs, eletuários, unguentos ou emplastros, resultem apenas das influências de determinados astros ou figuras astrais, demandando, portanto, somente a observação dos corpos e imagens astrais que exercem influência e o momento propício para a manipulação das pedras, há outras virtudes que, para sua efetiva obtenção, exigem outros rituais. A pedra **lubi**, do *I Tratado*, por exemplo, além das imagens astrais, exige um ritual mágico para a obtenção da sua virtude:

DA PEDRA QUE TEM NOME LUBI-

[...] E tem outra virtude esta pedra, que se a atam com fio de seda vermelha ao pescoço de mulher que esteja grávida, de maneira a que toque no ventre, guarda a criatura até o tempo do parto para que não receba mal nem dano se não for por força. E a estrela cardeal que está na ponta da mão direita de Perseu, o que leva a cabeça do Algol, tem poder sobre esta pedra e dela recebe sua virtude. E quando está em ascendente, mostra esta pedra mais manifestamente suas obras.¹⁵⁰ (AXL, p. 36).

Aqui, além de considerar as influências astrais exercidas sobre a pedra, esta deve ser utilizada amarrada com um fio de seda vermelha no pescoço da mulher grávida, a fim de prevenir aborto. Assim, outros rituais de Magia Natural estão presentes no *Lapidario afonsino*, em articulação com os da Magia Astral, ou seja, com as imagens astrais formadas em momentos astrologicamente propícios.

¹⁵⁰ Tradução nossa de: “[...] Et a otra uertud esta piedra, que si la atan con filo de seda uermeia al pescueço, a mugier que sea prennada, de guisa quel tanga al uientre, guarda la criatura fastal tiempo del parimiento que non reciba mal, nin danno, si non fuere por fuerça. Et la estrella cardena que es en cabo dela mano diestra de persyo, el que lieua la cabeça d’algol, a fuerça sobreta piedra et della recibe su uertud. Et quando es en el ascendente, muestra esta piedra mas manifiesta miente sus obras.” (AXL, p. 36).

Da mesma forma, a **pedra que encontram no ventre da andorinha**, do *I Tratado*, além da observação dos corpos celestes que exercem influência sobre ela, exige alguns rituais mágicos para a efetiva obtenção da sua virtude: primeiramente, a pedra deve ser originada de um pássaro; porém, não serve qualquer pássaro: é necessário que seja uma andorinha, a primeira do ano e, ainda, gerada quando a lua está na fase crescente; depois, assim que a andorinha nasce, deve-se abri-la pelo ventre e pegar as duas pedras que se encontram ali, que geralmente são uma verde e a outra branca, e as colocar em couro de veado ou de bezerro; deve-se, ademais, amarrar essas duas pedras com fio de seda vermelha ao pescoço do homem endemoniado [epilético]; por fim, é necessário que as pedras originadas sejam de andorinha fêmea.¹⁵¹

Na medida em que as virtudes em análise se encontram no âmbito da natureza, mas advém de fontes externas às pedras, e, portanto, as prescrições para seu uso constituem procedimentos que funcionam como mecanismos de obtenção das forças ou poderes ocultos da natureza, que consistem em rituais mágicos. Assim, a identificação ou o conhecimento dos corpos celestes e das imagens astrais a partir dos quais se originam as virtudes das pedras e suas formas de utilização (unguento, amuleto, talismã etc.), assim como a realização de determinados rituais para a obtenção de certas virtudes constituem, cada uma a seu modo, práticas de Magia Natural.

¹⁵¹ “DA PEDRA QUE ENCONTRAM NO VENTRE DA ANDORINHA-

[...] E é uma das mais apreciadas pedras que há entre todas aquelas que se fazem nos animais. Quem a quiser encontrar, deve pegar o primeiro pássaro que faz a andorinha no ano e observar se é lua crescente quando o fazê-lo; e depois que sair do ovo deve abrir pelo ventre, e encontrará ali duas pedrinhas pequenas, cada uma de uma cor. E na maioria das vezes encontram uma verde e a outra branca, mas encontram-nas também de muitas cores. E são ásperas de tato, e duras de quebrar, e pequenas de forma. E são de natureza quente e úmida.

E sua virtude é tal que se pegam estas duas pedras e as colocam em couro de veado ou de bezerro, e as amarram com fio de seda vermelha ao pescoço do homem endemoniado [epilético], sara em seguida; mas não faz esta virtude se não estiverem ambas pedras juntas, ou se não forem de uma andorinha macho [...].

E a estrela, que está no músculo do braço esquerdo do Gêmeo dianteiro, tem poder sobre esta pedra, e dela recebe sua virtude. E quando ela está em ascendente, mostra esta pedra mais completamente suas obras.” (AXL, tradução nossa).

Além dos exemplos apresentados, vários são os procedimentos do *Lapidario* afonsino que se encontram no âmbito da Magia Natural e, por conseguinte, são característicos do medievo: por um lado, a observação dos signos e planetas que exercem influência sobre as respectivas partes e funções do corpo humano, as posições de estrelas ou conjunto de estrelas e figuras astrais que potencializavam as pedras etc.; por outro, a mistura de urina ou fezes de determinados animais com as pedras, a utilização de couro, também de certos animais, como veado ou cão, a utilização de unha de gato, amarração na pedra com tecidos, geralmente de seda vermelha etc. São, no conjunto, práticas baseadas na concepção analógica entre o macrocosmo (o cosmos ou a natureza) e o microcosmo (o homem), segundo a qual todos os elementos na natureza encontravam-se como que interligados ou conectados, desde os corpos celestes às plantas, animais e pedras, e que exercem, principalmente, influências uns sobre os outros, os mais nobres nos menos nobres.

Nessa perspectiva, no *Lapidario* afonsino, por analogia e, por conseguinte, por uma forma de magia simpática, em função de alguma similitude que determinado corpo celeste, planta ou parte de animal apresentasse com o ser humano, estes tornavam passíveis de usos mágicos e médicos juntamente com as pedras.

As práticas médicas científicas presentes na obra em análise se encontram vinculadas com outros saberes também científicos – a Astronomia/Astrologia e a Magia, de tal forma que a prescrição de amuletos e talismãs, bem como sua terapêutica medicamentosa, só funcionam se os três saberes são levados em consideração. E, logo, tais saberes, longe de se divergirem e se contraporem, somam-se e se articulam, por meio do pensamento analógico, com vistas à manutenção e/ou restauração da saúde. Por exemplo, por meio da Astrologia e da Magia abriu-se ao físico medieval uma nova perspectiva para realizar o diagnóstico de seu paciente e encontrar os signos ou corpos astrais que indicavam o melhor momento para a

prescrição de medidas preventivas ou para a prescrição de medicamentos, ou, ademais, para a realização de determinada terapêutica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria e a prática médica no *Lapidario* de Afonso X foram analisadas no âmbito da produção do conhecimento científico desenvolvida em Castela e por meio das conexões nele estabelecidas entre os saberes mineralógicos, médicos, astronômico/astrológicos e mágicos. A compreensão desse tratado como conhecimento científico vincula-se à contextualização do ambiente no qual foi produzido: o *Scriptorium* afonsino no século XIII, diferente do espaço habitual para o período, ou seja, os *Estudos Gerais*, que se encontravam em pleno desenvolvimento.

O interesse pelo campo científico compôs a trajetória intelectual de Afonso X desde muito cedo, fato comprovado pelo encargo da tradução do *Lapidario*, que se deu quando ainda era príncipe. Os adjetivos logrados, de Sábio, Astrólogo e Mago, por exemplo, indicam os campos de atuação e, sobretudo, o nível de envolvimento com tais campos do conhecimento. Do mesmo modo, demonstram a maturidade que a experiência no campo científico corrente na sua época lhe forneceu, tal como a percepção da importância de rodear-se de um círculo intelectual constituído de homens de saber. Afonso X soube acolhê-los e constituir um ambiente intelectual no âmbito da corte, o *Scriptorium* afonsino. Este, ao mesmo tempo um centro de tradução e interpretação de obras greco-árabes e um grupo de intelectuais com um método de trabalho próprio, deu continuidade a um trabalho intelectual que já vinha sendo desenvolvido em Toledo com as *Escolas de Tradutores*, mas também se constituiu num ambiente de produção científica original, principalmente no campo das ciências da natureza, designação atual dessa área.

Afonso X foi sem dúvida um mecenas, impulsionador e protagonista de um “empreendimento” científico-cultural promovido na sua corte. Foi, então, um homem das letras e um cientista ativo, a exemplo das suas cantigas e da enciclopédia astronômica,

composta por traduções e produções originais no âmbito do *Scriptorium* e, ainda, pelas observações astronômicas realizadas em Toledo e Segóvia, as quais resultaram nas *Tablas Alfonsíes* [Tábuas Afonsinas]. Estas consistem num marco importante da ciência astronômica medieval: além da assimilação da ciência greco-árabe, iniciou-se um trabalho de produção original.

A análise da atividade científica do *Scriptorium* afonsino, considerada a relação entre o processo de tradução de obras greco-árabes não somente para o latim, como costume até então, mas também, e principalmente, para o castelhano (documentos da chancelaria afonsina), aponta a importância da adoção do castelhano como língua oficial e nacional e do desenvolvimento científico para o projeto político de Afonso X. Nesse sentido, estabelece-se uma relação entre o empreendimento científico-cultural de Afonso X com seu projeto político.

O esforço tradutor/compilador, assim como o desenvolvimento científico destacado no campo da Astronomia/Astrologia no *Scriptorium* afonsino não teria o alcance demonstrado pelas fontes senão pela presença do grupo de colaboradores formado por Afonso X. Dentre os membros desse grupo destaca-se a figura dos judeus como conhecedores da cultura e ciência árabe. Estes, antes dos árabes, foram os responsáveis pela introdução da ciência árabe em Castela e, mais tarde, na Europa ocidental. Assim, o *Lapidario* afonsino foi traduzido num contexto em que Castela era formada por nacionalidades distintas e por uma encruzilhada de culturas, mas com propósitos convergentes: um espírito intelectual, científico, investigador. Foi, por isso, um período decisivo para o desenvolvimento científico de Castela.

No século XIII, Toledo, onde se localizava a sede da corte afonsina, bem como do *Scriptorium*, se tornou uma cidade do saber: enquanto para aprofundar-se no campo da Teologia se deveria recorrer à Paris, e, para adentrar-se ao mundo jurídico, à Bolonha, os homens de saber que se interessassem pelas ciências da natureza teriam de se mudar para

Toledo. Por essa cidade passaram homens de saber de diversas localidades da Europa: o alemão Hermann de Caríntia, o inglês Roberto de Chester, o italiano Gerardo de Cremona, entre outros.

A atividade científica, tradutora e de produção original desenvolvida em Toledo no âmbito do *Scriptorium* afonsino, embora desenvolvida no ambiente da corte régia e, em razão disso, à margem do ambiente universitário, constituiu um importante suporte teórico para as universidades a partir do século XIII, as quais podiam contar, a partir desse período, com um conjunto de obras científicas, sobretudo nas áreas de Astronomia/Astrologia, Matemática e Medicina.

A partir da análise do conjunto da produção científica afonsina, podemos depreender que Afonso X abarcou vários campos do saber, contudo, demonstrou mais interesse pelo binômio Astronomia/Astrologia. Esse interesse do rei se insere no contexto das traduções das obras científicas greco-árabes e, por conseguinte, do processo de absorção da Astrologia árabe na Península Ibérica. Tal processo tem como resultado a constituição de uma *scientia astrorum* (ciência astral) no âmbito do *Scriptorium* afonsino, na dupla vertente Astronomia/Astrologia, como base científica para as produções científicas medievais.

Com tal processo, de grande aceitação em Castela a partir do século XII, ocorre também a absorção de outro saber, igualmente de expressão científico-cultural, a Magia, estreitamente conectada com a Astrologia erudita. Assim, a Magia sistematizada e praticada com predominância na corte afonsina e, por conseguinte, presente no *Lapidario*, consiste numa ciência culta e articulada com outros saberes, sobretudo com a Astrologia e a Medicina.

Nessa perspectiva, depreendemos que os homens medievais, principalmente os homens de saber, e sobretudo na Baixa Idade Média, manejavam a Astronomia e a Astrologia de forma indissociável, ainda que considerando os campos de atuação de cada uma: na primeira, uma abordagem teórica e científica do céu, que identificava e analisava cada

elemento celeste com o propósito de conhecer a natureza, e, na segunda, uma abordagem mais prática e científica, que calculava cada posição dos corpos celestes com o propósito de, ao identificar as influências do mundo celeste sobre o mundo terrestre, poder intervir no futuro em benefício próprio. As duas possuíam profundo interesse pelo conhecimento dos astros; ambas possuíam o mesmo objeto de investigação: as relações entre o mundo celeste e o mundo terrestre.

É nesse sentido que, na prática, na Idade Média e, portanto, no *Lapidario*, não há distinção alguma entre a Astronomia e a Astrologia, ou seja, elas eram concebidas e manejadas como um saber mais amplo: a *scientia astrorum* (ciência astral). No campo da saúde, foi muito utilizada para prever e/ou tratar enfermidades, em conexão com outros saberes, como a Magia.

O *Lapidario* em exame constitui a materialização da cientificidade baseada na Astrologia, fato que pode ser evidenciado pela visão de mundo contida na obra, a qual se estrutura a partir desse saber. Assim, compreende que a Astronomia/Astrologia, associada às leis naturais, corresponde ao estudo dos corpos celestes (posição, movimentos e características) com objetivos claros: a leitura e a interpretação da disposição dos astros com vistas a compreender os processos naturais, sobretudo as influências do mundo celeste sobre o mundo terrestre.

Dessa forma, o conhecimento astronômico/astrológico desempenhou papel fundamental na Idade Média e, do mesmo modo, constituiu objeto de estudo e produção científica no *Scriptorium* afonsino, uma vez que todos os aspectos da vida eram contemplados por suas interpretações, desde questões cotidianas, políticas, até os cuidados com a manutenção e a restauração da saúde. É nesse sentido que a concepção astronômico/astrológica do *Lapidario* concebe estreitas relações entre o macrocosmo e o microcosmo, ou seja, considera que o que ocorre no cosmos afeta diretamente os homens.

Assim, de acordo com essa teoria astronômico/astrológica, a partir do conhecimento da disposição dos corpos celestes, era possível obter explicações acerca das mudanças no mundo sublunar ou terrestre. Formava, portanto, parte da imagem do mundo que tinham, sobretudo, os homens de saber no medievo. Em outras palavras, visão de mundo que concebia que uma observação precisa das mudanças celestes proporcionavam um conhecimento também preciso das mudanças terrestres, incluindo os estados de saúde e de enfermidade.

Enquanto produção científica, o *Lapidario* afonsino permite compreender as principais ideias que compunham o conhecimento científico medieval, sobretudo no campo das ciências da natureza. Assim, identifica-se todo um esforço científico para catalogar as virtudes das pedras, sistematizar desde os mecanismos de obtenção de tais virtudes até as formas de preparação, manipulação e uso preventivo e/ou terapêutico das pedras, seguindo uma lógica interna, também sistemática e coerente. São justamente as matrizes teórico-científicas que fornecem o caráter científico ao esforço de catalogação das pedras e à sistematização dos conteúdos acerca de tais elementos. Nessa perspectiva, como produção científica, visava fornecer o máximo de informações sistematizadas, visando o uso prático de seu conteúdo: confecção de amuletos e talismãs preventivos e curativos, realização de sangrias com o uso de pedras, medicamentos nas mais variadas formas etc., por meio de uma relação complexa entre os saberes científicos correntes na época e, portanto, a partir das teorias médicas, astronômico-astrológicas e mágicas.

O *Lapidario* afonsino constitui, então, um marco do conhecimento científico medieval. Como a maioria das produções científicas do Ocidente na Baixa Idade Média, essa é uma obra mágico-astrológica, em que sua base científica se estrutura a partir do conhecimento da organização celeste e, por conseguinte, da disposição dos corpos astrais, bem como da crença na influência que tais corpos se inclinavam a exercer nos corpos do mundo celeste. É nessa perspectiva que as virtudes das suas pedras advêm dos corpos celestes

e, em virtude disso, as prescrições contidas na obra, sejam preventivas ou curativas, dependem das influências exercidas pelos astros. Do mesmo modo, é nesse sentido que se identifica todo um esforço na sistematização dos mecanismos de interferência e/ou domínio da natureza, por meio da crença num saber culto: a Magia. Assim, esse saber, em articulação com a Astronomia/Astrologia, ou seja, por meio da observação dos astros e da interpretação das suas posições, era utilizado sobretudo para explicar processos naturais que os homens, por meio das outras ciências, até então não eram capazes de explicar. Visava, justamente a partir dessas explicações, interferir na natureza, principalmente para preservar ou restaurar a saúde.

É nessa perspectiva que, a partir da analogia entre o mundo celeste e o terrestre, ou seja, de uma concepção platônica da natureza, estrutura-se no *Lapidario* todo um pensamento mineralógico de caráter médico, astronômico/astrológico e mágico. É justamente essa concepção de uma analogia entre o mundo celeste e o mundo terrestre a peculiaridade do *Lapidario* afonsino. É também sua marca, ou seja, seu caráter: astrológico e mágico.

Tendo em vista esse caráter mágico-astrológico do *Lapidario*, a crença nas propriedades preventivas e curativas das pedras presentes nele baseia-se na ideia de simpatia universal, ou seja, de determinada influência dos astros sobre o corpo humano, concepção que deu origem à prática médica denominada melotesia, existente desde a Antiguidade e chave articuladora de tais saberes. É justamente nessa perspectiva que esse tratado concebe a possibilidade de, por um lado, catalogar os momentos astrológicos propícios para o aproveitamento das virtudes preventivas e curativas de suas pedras e, por conseguinte, dos medicamentos e, por outro, potencializar tais virtudes. E, assim, a finalidade última do *Lapidario* afonsino é expor as qualidades que as pedras adquirem por influência dos signos do zodíaco e de suas fases, dos planetas, das constelações e das posições das estrelas.

A análise do caráter mágico-astrológico do *Lapidario* afonsino aponta a concepção de natureza nele presente, sendo compreendida como criação divina e como objeto

de processos naturais. Assim, se encontra nessa obra a concepção, ainda que sob a ótica cristã da criação e ordenamento do mundo, da existência de leis naturais que, em consonância com a vontade divina, regem todos os elementos da natureza, seguindo, como analisado ao longo deste estudo, as influências dos mais nobres, mais altos, sobre os mais vis, mais baixos. Nessa concepção de natureza, especial interesse adquirem as aplicações preventivas e/ou curativas que poderiam, com o uso de pedras (elementos da natureza e da criação divina) e a partir das influências do mundo celeste, fornecer possibilidades de tratamento e prevenção de doenças.

A prática médica no *Lapidario* afonsino caracteriza-se por um conjunto de diferentes aplicações práticas das pedras tanto para a prevenção quanto a cura de doenças envolvendo desde amuletos e talismãs até as prescrições medicamentosas. As enfermidades a serem prevenidas ou tratadas consistiam basicamente em três grupos: doenças de pele, agudas e crônicas.

Dentre as doenças presentes no *Lapidario* nos chamou a atenção o espaço e o nível de detalhamento e aprofundamento dedicado à melancolia. Ao longo de quase toda a obra, sobretudo no *I e IV Tratados*, nos deparamos com indicações de pedras tanto preventivas quanto curativas para tal doença. Do mesmo modo nos chamou a atenção a variedade de indicações, desde eletuários, unguentos, amuletos, talismãs etc., assim como o detalhamento da descrição da doença, de seus sintomas ou, ainda, da associação com outras enfermidades.

A análise da teoria e prática médica no *Lapidario* afonsino como produção científica do medievo apontou a presença do modo predominante de pensar do período: o pensamento analógico, por meio do qual, ao considerar determinadas similitudes, ou seja, semelhanças funcionais entre os elementos da natureza, criam-se possibilidades de inúmeras conexões entre tais elementos. Assim, seguindo-se o pensamento analógico, a partir do qual um conjunto de analogias são estabelecidas para as prescrições das pedras, identificamos,

como analisado ao longo deste estudo, analogias com a cor, o formato, os lugares de surgimento, as virtudes, os planetas etc., as quais, no conjunto, revelam uma concepção científica em conformidade com a concepção cristã, característica da Baixa Idade Média, segundo a qual as pedras, assim como os animais, as plantas, os planetas etc., símbolos dispostos por Deus na natureza que dependem da interpretação sistematizada do homem, são seres da natureza, criados por Deus e regidos por leis naturais. Nessa perspectiva, é a partir de ideias como todos são seres da natureza, esses seres são ao mesmo tempo a própria natureza, ainda que em menor proporção, ou seja, em miniatura (o microcosmo), e os seres da natureza são compostos pelos mesmos elementos básicos e influenciados uns pelos outros etc., que são estabelecidas as conexões entre os seres da natureza. Essas analogias são estabelecidas no *Lapidario* afonsino entre as pedras e os demais elementos da natureza em consonância com a Medicina, a Astronomia/Astrologia e a Magia, saberes que, por sua vez, se encontram articulados na obra.

O resultado de tais analogias e da articulação entre esses saberes e, por conseguinte, das conexões que se dão a partir de tal articulação é justamente a concretização da teoria e da prática médica desse tratado. Assim, por meio do galenismo, estabelece-se, na obra, toda uma concepção de saúde e doença, bem como toda uma sistematização acerca das qualidades das pedras e das formas de manipulá-las, considerando-se as qualidades das pedras, bem como das doenças. Porém, tendo em vista que as virtudes das pedras são oriundas de fontes externas a elas, seja do ponto de vista preventivo ou curativo, faz-se necessário, além da consideração da teoria galenista de saúde e doença e, por conseguinte, das qualidades das pedras para as prescrições médicas, todo um complexo conhecimento da localização e das formas de influência de tais virtudes, além dos mecanismos para obtê-las. Conforme analisado ao longo desta pesquisa, tais conhecimentos encontram-se na Astronomia/Astrologia, por meio da localização dos astros no mundo celeste, de onde se originam as virtudes das pedras

em questão, e da identificação das influências por eles estabelecidas, e, ainda, na Magia, que fornece os mecanismos de obtenção: amuletos, talismãs e/ou outros rituais, seja para a efetivação ou potencialização de tais virtudes.

Dessa forma, a partir de toda uma concepção científica de natureza, obra da criação divina que possui leis próprias, por meio do pensamento analógico, esses três saberes são articulados no *Lapidario*, resultando numa produção científica com vistas à manutenção e, quando necessário, à restauração da saúde.

Assim, as técnicas astrológicas complementaram, mais que substituíram, a Medicina galenista, permitindo aos médicos prever os momentos mais propícios para prescrever e administrar medicamentos, sangrar enfermos, praticar a cirurgia e, também, prever o desenvolvimento de uma enfermidade. É nesse âmbito que se insere o *Lapidario* de Afonso X: um tratado de minerais e, ademais, instrumento de uma Medicina astrológica.

Trabalhar com esses tratados das pedras ou lapidários foi um grande desafio metodológico, pois buscamos conceitos que dessem conta desse universo múltiplo de conhecimentos mineralógicos, astronômicos/ astrológicos, médicos e mágicos. Entretanto, um olhar atento para além do *Lapidario* afonsino, ou seja, para outras produções científicas que apontam um eixo comum – o estudo das pedras –, ampliou a nossa compreensão acerca da produção do conhecimento científico medieval. Os lapidários constituem, então, testemunhos do universo científico medieval, reveladores de uma concepção científica sem especialização e que, portanto, dialoga com todos os conhecimentos científicos correntes. O *Lapidario* de Afonso X, ao, além de dialogar com os mais variados campos do conhecimento científico, fazer da Astronomia/Astrologia sua coluna dorsal, bem como estabelecer uma concatenada articulação desse campo científico com outros não menos importantes para o universo científico medieval – a Magia e a Medicina – torna-se ímpar entre os lapidários medievais e, por conseguinte, motivou esta pesquisa.

FONTES E REFERÊNCIAS

FONTES IMPRESSAS

AFONSO X. *Lapidario (según el manuscrito escurialense H. I. 15)*. Introducción, edición, notas y vocabulario de Sagrado Rodríguez M. Montalvo. Madrid: Gredos, 1981.

AFONSO X. *Las siete partidas*. Introducción y edición dirigida por José Sánchez-Arcilla Bernal). Madrid: Editorial Reus, 2004.

ARISTÓTELES. *Acerca del cielo*. Introducción, traducción y notas de Miguel Candel. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

ARISTÓTELES. *Meteorológicos*. Introducción, traducción y notas de Miguel Candel. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

BERNARDO DE GORDONIO. *Lilio de la Medicina*. Introducción, traducción, notas e índices de Brian Dutton e María Nieves Sánchez. Madrid: Arco/libros, 1993.

BERNARDO DE GORDONIO. Tractatus de crisi et de diebus creticis. In: ALONSO GUARDO, A. (Org.). *Los pronósticos médicos en la Medicina Medieval: el Tractatus de Crisi et de Diebus Creticis de Bernardo de Gordonio*. Lingüística y Filología. Valladolid, España: Universidad de Valladolid, 2003.

DIOSCÓRIDES. *Plantas y remedios medicinales: de materia médica*. V. I a V. Introducción, traducción, notas e índices de Manuela García Valdés. Madrid: Gredos, 1998.

GALENO. *De las pasiones y los errores del alma*. Traducción y prólogo por Liliana Cecilia Molina González. Antioquia: Editorial Universidad de Antioquia, 2013.

GALENO. *Las facultades del alma siguen los temperamentos del cuerpo*. Introducción, traducción y notas de Juana Zaragoza Gras. Madrid: Gredos, 2008.

GALENO. *Sobre la composición de los medicamentos según los lugares*. Libro II. Introducción, traducción, notas e índices por Germán Santana Henríquez. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de las Palmas de Gran Canaria Servicio de Publicaciones, 2005.

Lapidario Órfico. Traducción, introducción y notas de Carmem Calvo Delcán. Madrid: Gredos, 1990.

HILDEGARDA DE BINGEN. *El Libro de las piedras que curan: sabiduría divina sobre la utilidad de las gemas*. Edición preparada por Francisco J. Arellano. Madrid: Libros Libres, 2012.

ISIDORO de SEVILLA. *Etimologías*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2004.

MARBODO, Bispo de Rennes. *Liber Lapidum/Lapidario*. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 2005.

PLINY. *Natural History*. Books 33-37. Cambridge/London: Harvard University Press, 2006.

REFERÊNCIAS

AMORÓS PORTOLÉS, José Luis. Ciência no *Lapidário*. In: BREY MARÍÑO, María; AMORÓS PORTOLÉS, José Luis. *El primer Lapidario de Alfonso X El Sabio*: El código y su texto. Madrid: Edilan, 1982. p. 167-198.

BILIMOFF, Michèle. *Les Remèdes du Moyen Âge*. Rennes: Editions OUEST-FRANCE, 2011.

BRAUNSTEIN, J. F. Introduction. In: BRAUNSTEIN, J. F. *L'histoire des sciences: Méthodes, styles et controverses*. Paris: Librairie Philosophique, 2008. p. 7-19.

CABANES JIMÉNEZ, P. La medicina en la Historia Medieval cristiana. *Espéculo (UCM) – Revista de Estudios literarios*, p. 1-17, 2006. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero32/medicime.html>. Acesso em: 08/03/2015.

CARDAILLAC, Louis. Um minarete em vez de campanário. In: *Toledo, séculos XII-XIII: muçulmanos, cristãos e judeus: o saber e a tolerância*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. p. 11-14.

CARDENAS, Antony J. Alfonso's Scriptorium and Chancery: role of the Prologue in Bonding the Translatio Studii to the Translatio Potestatis. In: BURNS, Robert I S. J. *Emperor of culture*. [S.l.]: The library of iberian resources online, 1990. p. 90-108, 232-239. Disponível em: <http://libro.uca.edu/alfonso10/emperor.htm>. Acesso em: 15/10/2017.

CARDINI, Franco. *Magia, brujeria y superstición en el Occidente Medieval*. Barcelona: Península, 1982.

CROMBIE, A. A. *Historia de la Ciencia: de San Agustín a Galileo*. Madrid: Alianza Editorial, 1959. (La Ciencia en la Edad Media: siglos V al XIII, v. 1).

DIAZ Y DIAZ, Manuel C. Introdução Geral. In: *Etimologías*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2004. p. 3-254.

FAGUNDES, Maria Dailza da Conceição. *Saber médico e poder: as relações entre Arnaldo de Vilanova e a coroa aragonesa (séculos XIII-XIV)*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Laura. *Arte y ciencia en el scriptorium de Afonso X El Sabio*. Sevilla: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla/El Puerto de Santa María (Cádiz): Cátedra Afonso X El Sabio, 2013.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Os três dedos de Adão: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2010.

FRENCH, Roger. *Medicine before Science: the business of medicine from the Middle Ages to the Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

GARCÍA AVILÉS, Alejandro. Afonso X y la tradición de la magia astral. In: DOMINGUEZ RODRIGUES, A.; MONTOYA MARTINEZ, J. (Coords.). *Scriptorium alfonsí, de los libros de astrología a las "Cantigas de Santa María"*. Madrid: Ed. Complutense, 1999. p. 83-104.

GARCIA AVILÉS, Alejandro. *El tiempo y los astros: arte, ciencia y religión en la Alta Edad Media*. Murcia: Universidad de Murcia, 2001.

GARCÍA BALLESTER, Luis. *Galeno*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1972.

GARCÍA BALLESTER, Luis. *La búsqueda de la salud: sanadores y enfermos en la España medieval*. Barcelona: Península, 2001.

GARCÍA BALLESTER, Luis. La circulación de las ideas médicas en la Castilla de Alfonso X el Sabio. *Revista de Occidente*, n. 43, p. 85-107, 1984.

GIL-SOTRES, Pedro. Scripta Minora de flebotomía en la tradición médica del siglo XIII. *Cuadernos de Historia de la Medicina*, n. 1, p. 1-111, 1986.

GÓMEZ, Diana Ceballos. Magie. In: LECOURT, Dominique. *Dictionnaire de la pensée médicale*. Paris: Quadrige, 2004.

GONTERO-LAUZE, Valérie. *Les Pierres du Moyen Âge: Anthologie des lapidaires médiévaux*. Paris: Les Belles Lettres, 2016.

GRANT, Edward. *Os fundamentos da Ciência Moderna na Idade Média*. Trad. de Carlos Grifo Babo. Porto: Porto Editora, 2002.

GRANT, Edward. *História da Filosofia Natural: do Mundo Antigo ao século XIX*. São Paulo: Madras, 2009.

GUARDO, Alberto Alonso. Los pronósticos médicos en la medicina medieval: El "Tractatus de Crisi et de Diebus Creticis" de Bernardo de Gordonio. *Lingüística y Filología*, n. 54. Valladolid, Spain: Universidad de Valladolid, 2003.

GURIÉVICH, Arón J. *Las categorías de la cultura medieval*. Madrid: Taurus Humanidades, 1990.

JAMES-RAOUL, Danièle. L'écriture des lapidaires français du Moyen Âge. In: JAMES-RAOUL, Danièle; THOMASSETT, Claude (Coord.). *La pierre dans le monde médiéval*. Paris: Presses de l'université Paris-Sorbonne, 2010. p. 101-132.

KIECKHEFER, Richard. *La Magia en la Edad Media*. Barcelona: Crítica, 1992.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1962.

KUHN, Thomas En quoi consistent les révolutions scientifiques? In: BRAUNSTEIN, Jean-François. *L'histoire des sciences: méthodes, styles et controverses*. Paris: Librairie Philosophique, 2008. p. 197-224.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2016.

MARQUÉZ VILLANUEVA, Francisco. *El concepto cultural alfonsí*. Madrid: Mahfre, 1994.

MARTÍNEZ MANZANO, Tereza. El tratado sobre la teriaca del Salm. *Revista de filología clásica y hebrea*, n. 167, p. 107-148, 2004.

MENÉNDEZ PIDAL, Gonzalo. Como trabajaron las escuelas alfonsíes. *Nueva Revista de filología hispánica*, n. 5, p. 363-380, 1951.

PAGE, Sophie. *La Astrología en los manuscritos medievales*. Madrid: AyN Ediciones, 2006.

PAGE, Sophie. *La Magia en los manuscritos medievales*. Madrid: AyN Ediciones, 2006.

PEÑA, Carmen; GIRÓN, Fernando. *La prevención de la enfermedad en la España Bajo Medieval*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2006.

SALVADOR MARTÍNEZ, H. *Afonso X, el sabio: una biografía*. Madrid: Ediciones, 2003.

SAMSÓ MOYA, Julio. *Afonso X y los orígenes de la astrología hispánica: D. Discurso de Recepción leído el día 2 de abril de 1.981 en la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona por el Dr. Julio Samsó Moya y Discurso de Contestación por el Académico de Numero I Dr. Joan Vernet Gines*. Barcelona: Real Academia de Buenas Letras de Barcelona, 1981.

SAMSÓ MOYA, Julio. Dos notas sobre Astrología Medieval. *Al-Andalus: Revista de las Escuelas de Estudios Árabes de Madrid y Granada*, v. XXXVI, p. 215-222, 1971.

SAMSÓ MOYA, Julio. El papel de la Península Ibérica en la transmisión de la ciencia árabe a Europa. *Encuentro islamo-cristiano*, n. 427, p. 1-17, nov. 2007.

SAMSÓ MOYA, Julio. La Astronomía de Alfonso X. *Revista Investigación y ciencia*, n. 99, p. 91-103, dic. 1984.

SANCHEZ PEREZ, José A. Afonso X: el Sabio y el Astrólogo. *Revista Investigación y Progreso*, v. 5, p. 60-61, 1930.

SANTANA HENRÍQUEZ, Germán. Introducción. In: GALENO. *Sobre la composición de los medicamentos según los lugares*. Libro II. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de las Palmas de Gran Canaria Servicio de Publicaciones, 2005.

SANTANA HENRÍQUEZ, Germán. *Introducción Lapidario Órfico*. Madrid: Gredos, 1990.

SANTOS, Dulce O. Amarante dos. A retórica nos prólogos da escrita científica ibérica (século XIII). In: RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros; FRANÇA, Susani Silveira Lemos (Orgs.). *A escrita da História de um lado a outro do Atlântico*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. p. 61-80.

SANTOS, Dulce O. Amarante dos. Paixões da alma, melancolia e medicina (séculos XIII-XV). In: MACEDO, José Rivair (Org.). *A Idade Média Portuguesa e o Brasil: reminiscências, transformações, ressignificações*. Porto Alegre: Vidrágua, 2011. p. 107-119.

SANTOS, Dulce O. Amarante dos; FAGUNDES, Maria Dailza da Conceição. Saúde e dietética na medicina preventiva medieval: o regimento de saúde de Pedro Hispano (século XIII). *História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 333-342, abr.-jun. 2010.

TORROJA MENÉNDEZ, Jose M. *El sistema del mundo desde la antigüedad hasta Afonso X el Sabio*. Madrid: Instituto de España, 1980.

VICENTE GARCIA, Luis Miguel. *Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española*. Madrid: Ediciones de Laberinto, 2006.

VIEIRA, Raymundo Manno. *Raízes históricas da Medicina Ocidental*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2012.